



Susan não quer
saber do amor

SARAH HAYWOOD

mirinseca

DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade poderá
enfim evoluir a um novo nível."

Susan não quer
saber do amor

Sarah Haywood

Tradução de Ana Rodrigues



Copyright © Sarah Haywood 2018

Publicado originalmente na Grã-Bretanha, em 2018, pela Two Roads, um selo da John Murray Press.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

TÍTULO ORIGINAL

The Cactus

PREPARAÇÃO

Stella Carneiro

REVISÃO

Carolina Vaz

Clara Alves

Milena Vargas

IMAGENS DE MIOLO

[Freepik.com](https://www.freepik.com)

IMAGEM DE CAPA

Hsiao-Ron Cheng

DIREÇÃO DE ARTE

Gigi Lau

DESIGN DE CAPA

Mary Luna

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Henrique Diniz

REVISÃO DE E-BOOK

Manoela Alves

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-65-5560-167-1

Edição digital: 2021

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

 intrinseca.com.br

 [@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)

 Facebook [editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)

 [@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)

 [intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Sumário

Dedicatória

Agosto

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Setembro

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Outubro

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Novembro

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Dezembro

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Janeiro

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Fevereiro

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Março

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

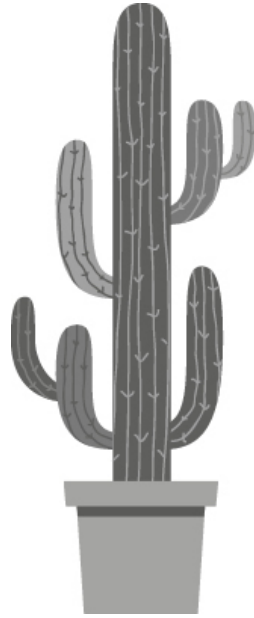
[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)

Para Simon, Gabriel e Felix

Agosto



1

Não sou o tipo de mulher que guarda rancor, fica remoendo problemas ou questionando os motivos de outras pessoas agirem da forma que agem. Também não me sinto impelida a ganhar uma discussão a qualquer custo. Mas, como acontece com todas as regras, é claro que há exceções. Não vou ficar parada sem fazer nada vendo uma pessoa sendo explorada por outra, e o mesmo vale para quando sou *eu* que estou sendo explorada — farei tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que a justiça prevaleça. Não é de surpreender, então, que os acontecimentos deste mês não tenham me deixado outra escolha a não ser tomar uma atitude decisiva e imediata.

Foi o meu irmão, Edward, que me deu a notícia de que a nossa mãe tinha morrido. Embora fossem só cinco e meia da manhã, eu já estava acordada — debruçada diante do vaso sanitário, me perguntando se deveria forçar o vômito ou suportar o enjoo. Colocar para fora alivia o desconforto por alguns minutos, mas ele logo volta. Por isso, após uma análise do custo-benefício, decidi que a melhor opção seria aguentar. Enquanto eu examinava meu reflexo nauseado no espelho, o telefone tocou na cozinha. Era tão raro alguém ligar para o telefone fixo que na mesma hora pressenti que devia ser alguma emergência relacionada à minha mãe. No entanto, terminou não sendo uma emergência. Na verdade, não havia

qualquer razão para o meu irmão ligar tão cedo a não ser me pegar desprevenida.

— Suze, sou eu, o Ed. Tenho uma notícia para te dar, e não é boa. Talvez seja melhor você se sentar.

— O que aconteceu?

— Não sei como falar isso, Suze. Sinto dizer...

— Edward, respire fundo. Ela está no hospital?

— Suze, ela morreu. Faleceu ontem à noite. Quando cheguei em casa já eram umas duas da manhã, estava na casa de um amigo, tomando cerveja. A luz do quarto da mamãe ainda estava acesa quando eu cheguei, então bati na porta e dei uma olhada lá dentro. Soube na hora pelo jeito como ela estava caída. A médica já veio e disse que foi um AVC violento. Ainda não consigo acreditar.

Engoli a bile que subiu pela garganta e me sentei à mesa da cozinha. Demorei um instante juntando alguns farelos de torrada em uma pilha, com a lateral da mão.

— Suze... Suze?

— A mamãe *tinha* setenta e oito anos — falei, depois de algum tempo —, e já *tinha* tido dois AVCs. Isso não é exatamente uma surpresa total. — Hesitei. Sabia que deveria dizer algo gentil, mas esse não era meu primeiro instinto no que dizia respeito ao meu irmão. — Mas imagino que deve ter sido muito desagradável encontrá-la — acrescentei. — Desculpe, não tenho tempo para falar mais agora, preciso me arrumar para o trabalho. Ligo para você depois. E... Edward?

— Sim, Suze?

— Por favor, não me chame de Suze.



Eu não esperava me descobrir órfã aos quarenta e cinco anos, uma idade em que a maioria das pessoas ainda tem o pai e a mãe vivos, mas a minha mãe e o meu pai já tinham mais de trinta anos quando eu nasci, e o meu pai padecia de uma certa fraqueza de caráter que abreviou a sua vida. Não vi a minha mãe com a frequência que deveria em seus últimos anos. Sou funcionária pública, trabalho em desenvolvimento de projetos (analisando inúmeros dados complexos e gerando relatórios de desempenho detalhados), e sinto que, quando não estou passando longas horas me digladiando com números grandes em letras pequenas, fico sem saber o que fazer.

Outro motivo para a pouca frequência das visitas era que Edward tinha voltado a morar com a minha mãe, e ele e eu enxergamos a vida de forma diferente — para dizer o mínimo. Na verdade, fazemos o possível para não cruzarmos o caminho um do outro. O meu irmão tem apenas dois anos a menos do que eu, mas parece ser trinta anos mais novo no que se refere ao desenvolvimento emocional e psicológico — que no caso dele parou na adolescência. E isso não se deve a nenhuma condição mental diagnosticada, mas ao fato de ele ser acomodado e não ter a menor força de vontade. Enquanto eu trabalhei duro para construir uma carreira sólida e um estilo de vida estável, Edward colecionava empregos inúteis, relacionamentos vazios e apartamentos decrepitos. Não é surpresa que ele tenha precisado voltar para a casa da minha mãe mesmo já tendo passado dos quarenta anos.



É um choque receber a notícia da morte de um parente próximo, mesmo que ele seja velho e já não esteja bem de saúde, e descobri

que precisava passar vários minutos sentada quieta, organizando as ideias. Mas como eu estava em Londres e o corpo da minha mãe, em Birmingham, não havia muito que eu pudesse fazer em termos práticos. Por isso, decidi ir trabalhar e seguir normalmente com o dia, ou o mais normal na medida do possível, com aquele enjoo que se recusava a ir embora. Não contaria a ninguém no escritório sobre a morte da minha mãe. Já podia imaginar a orgia de suspiros e cuidados exagerados, de abraços pegajosos e expressões de tristeza pela perda de alguém que eles nunca haviam conhecido e que nem sequer sabiam que existia. Esse tipo de cena não fazia mesmo o meu estilo.

Quando saí da estação de metrô perto do prédio onde eu trabalhava, senti a força da onda de calor, que havia chegado a um nível capaz de amolecer o asfalto fresco do lado de fora da saída. O barulho dos carros que se arrastavam pelo trânsito engarrafado parecia amplificado, e a intensidade brutal da luz do sol atingiu com tudo as minhas retinas. Quando já estava relativamente protegida na minha mesa de trabalho, que fica no canto mais calmo de um escritório de conceito aberto, liguei o ventilador e o ajustei bem na direção do meu rosto. Então, já me sentindo mais recuperada, passei alguns minutos, como faço toda manhã, checando como estavam os cactos que tenho distribuídos na frente da minha mesa. Examinei-os para ver se não havia nada apodrecido, ou qualquer parte que parecesse seca ou murcha, tirei o pó deles com um pincel macio e me certifiquei de que os níveis de umidade no composto estavam corretos, e os posicionei de maneira que ficassem expostos de forma uniforme ao sol. Depois disso, abri um arquivo e torci para que lidar com aquele relatório particularmente desafiador, que eu

precisava entregar ao meu chefe de departamento no fim da semana seguinte, me ajudasse a empurrar para o fundo da mente o que tinha acontecido no início da manhã.

O meu trabalho pode não ser dos mais empolgantes para alguém formado em Direito, mas combina comigo. A maioria dos meus colegas de curso foram estagiar com advogados e promotores, mas eu fui atraída pela estabilidade de uma carreira no serviço público: as faixas salariais previsíveis, ainda que não muito generosas, a aposentadoria decente e o fato de que eu não estaria sujeita aos caprichos dos sócios seniores, ou dos conselheiros, de uma firma de Direito. Embora eu não precise de diploma para exercer meu trabalho e não tenha o tipo de experiência que viveria caso houvesse optado por uma qualificação profissional, meu amplo conhecimento da lei e do funcionamento da burocracia governamental era incrivelmente útil sempre que eu precisava fazer uma queixa.

Se não fosse a presença de colegas de trabalho, a vida no escritório seria tolerável. Naquele dia, no entanto, eu me vi tendo que lidar com uma lista de aborrecimentos e estresses ainda maior do que o normal. Por exemplo, não eram nem dez e meia da manhã quando o cheiro das sobras de um delivery de comida chinesa — que um dos meus colegas gosta de aquecer no micro-ondas da minúscula cozinha e comer no meio da manhã — se esgueirou até a minha mesa. Senti a bile subindo pela garganta e precisei tomar algo gelado, em abundância, para evitar uma corrida emergencial ao banheiro. Fui até o bebedouro, onde tive a infelicidade de encontrar Tom, um assistente administrativo muito animado, que tinha começado a trabalhar conosco recentemente e que, naquele

momento, ainda exibia na vasta barba as evidências da baguete que comera no café da manhã. Ele seria a próxima fonte de irritação.

— Oi, Susan, justamente a pessoa que eu estava procurando. Eu criei um grupo do escritório no Facebook, para organizar idas ao pub e compartilhar as novidades. Me adiciona lá que eu coloco você no grupo.

— Você é novo aqui, não é? — consegui dizer, enquanto enchia o meu copo de água. — Todo mundo sabe que eu não tenho Facebook.

— Nossa, sério? Como você fica sabendo como as pessoas estão? Tem Instagram, ou WhatsApp? Posso criar grupos lá também.

— Não estou *em* nada. Em geral ligar, ou mandar uma mensagem, funciona.

— Sim, funciona para, sei lá, falar com a sua *mãe* ou coisa parecida, mas como você mantém contato com seus antigos colegas da escola e da faculdade? Como organiza a sua vida social?

Eu não estava com paciência para aquilo. Por algum motivo, meus olhos estavam ardendo — talvez fosse a luz forte do escritório. Expliquei bruscamente a Tom que eu não tinha o menor interesse em manter contato com pessoas com quem havia me relacionado brevemente muitos anos antes e que gostava de levar a vida de forma bastante simples. Se ele sentisse vontade de me informar das idas do pessoal do escritório ao pub, ou de alguma informação importante relacionada ao trabalho, deveria me mandar um e-mail. Também poderia ter sugerido que ele caminhasse os quinze passos que separavam a mesa dele da minha, mas prefiro não encorajar esse tipo de atitude.

Logo depois da uma da tarde, eu estava jogando fora o sanduíche de pão branco com manteiga que tinha esperado conseguir tolerar e me esforçando mais uma vez para não pensar em coisas indesejadas, mas fiquei irritada ao ver Lydia — uma colega de trinta e poucos anos, que tinha ficado solteira recentemente — perambulando pelo escritório. A cada minuto, mais ou menos, ela checava uma pulseira. Eu precisava começar a analisar uma tabela que havia imprimido antes do rápido intervalo que fizera, mas a tarefa estava se tornando impossível com a minha colega andando de um lado para outro.

— Lydia, você está sendo irritante *de propósito*? — perguntei, furiosa, na quarta vez que ela passou pela minha mesa.

Ela me disse que tinha ganhado de aniversário um monitor de atividade física e estava dando os dez mil passos que precisava dar diariamente. Tinha que entrar em forma, agora que estava de volta “na pista” — não eram exatamente aquelas palavras que eu escolheria para descrever nosso status compartilhado de solteirice. Na quinta vez que ela passou, perguntei por que não caminhava do lado de fora, como uma pessoa normal. Ao que parecia, aquilo não era uma possibilidade — Lydia tinha um encontro às cegas naquela noite e não queria ficar coberta de suor e poeira por andar na rua. Na sexta vez, ela disse que eu parecia tão interessada na caminhada que talvez quisesse me juntar a ela. Passei a oportunidade. Na volta número sete, eu estava prestes a esganar a mulher. Precisava desesperadamente de silêncio e paz para me concentrar em sobreviver àquele dia pavoroso. Sugeri que Lydia experimentasse subir e descer as escadas, assim eliminaria os quilos em excesso do traseiro na metade do tempo.

— Já entendi, Susan. — Lydia bufou, mudando o trajeto e atravessando as portas vaivém. Tenho certeza de que não devo ter sido a única a soltar um suspiro de alívio.



Era meio da tarde e Tom — competindo com Lydia pelo título de colega mais irritante do dia — parou do lado da minha mesa. Tentei ignorá-lo, mas ele parecia decidido a ficar em pé ali e esperar até que eu olhasse para ele.

— No mês que vem vou fazer uma maratona de pubs para arrecadar fundos para a caridade e estava pensando se você não gostaria de contribuir — falou ele. — Posso mandar o link para a doação direto para o seu e-mail, já que você não pretende se juntar tão cedo ao século XXI.

— Qual é a caridade? — perguntei, e abaixei a caneta.

— Ainda não decidi. Só sei que preciso fazer alguma coisa significativa com a minha vida. Talvez eu doe para os pandas... adoro pandas... ou talvez para combater o aquecimento global, que é um negócio que realmente vem me preocupando. Mas há tantas causas ótimas. Por onde se deve começar? — Ele fez uma expressão de tristeza exagerada.

— Ouvi dizer que a Associação de Combate ao Acidente Vascular Cerebral faz um trabalho muito bom — comentei.

Não sei por quê, mas meus olhos começaram a arder de novo.

— Pode ser, mas não é muito sexy. E, de qualquer forma, acho que um amigo meu raspou a barba pelas vítimas de AVC no mês passado. Quero fazer alguma coisa diferente.

— Bem, volte a me procurar quando tiver se decidido — falei, e girei a cadeira para longe dele.

Todo mundo do escritório estava levantando fundos ultimamente. Antes, eram só uma ou duas ações por ano, mas agora parecia que tínhamos um fluxo constante de doações disso, eventos beneficentes daquilo... caminhando, correndo, pedalando, nadando, fazendo montanhismo ou trilhas, atravessando a lama. Não estou reclamando, veja bem. Aprovo totalmente que as pessoas usem sua energia para o bem de outros em vez de para si próprias — bem, se você deixar de lado os benefícios para a saúde que vêm junto e a imagem de virtuoso. Mas, dito isso, as interações pessoais que pareciam ser parte integrante dessas coisas *realmente* tinham um impacto negativo na produtividade do escritório. Resolvi dar uma palavrinha com a minha gerente direta, Trudy, embora não estivesse com muita vontade de fazer isso. Teria sido melhor não ter me dado ao trabalho... ela se revelou outra fonte de problemas.

Trudy se juntara ao departamento no mesmo dia, e no mesmo nível, que eu, há mais tempo do que gosto de pensar. A princípio, ela ficava me perturbando para tomarmos uma xícara de café juntas na hora do almoço, ou uma taça de vinho depois do trabalho, mas logo percebeu que era inútil. Desde então, Trudy se dedicou com afinco a escalar até alturas vertiginosas os cargos de gestão, ao mesmo tempo em que tirou quatro licenças-maternidade. Fotos dos produtos finais desses interlúdios tinham destaque em sua mesa, com toda a glória dos dentes proeminentes e rostos sardentos.

Enquanto Trudy permanecia recostada na cadeira com um sorriso indulgente, expliquei como faria sentido, em termos de produtividade, ter um horário, todo mês, em que as pessoas

poderiam promover seus trabalhos beneficentes, arregimentar participantes e recolher doações. Trudy, que, eu presumo, estava tentando ser engraçada, disse que faria mais sentido, em termos de eficiência, termos um horário todo mês em que eu pudesse fazer, de uma vez, todas as minhas sugestões para aumentar a produtividade. Ela deu uma risadinha. Eu não. Talvez Trudy tenha percebido a minha insatisfação, já que a sua expressão passou de divertimento a preocupação. Ela perguntou se estava tudo bem comigo, se eu teria pegado a gripe que estava rondando o escritório. Quando me ofereceu sua caixa de lenços, pedi licença e saí da sala.



Seis e meia da noite. O único som era o zumbido distante do aspirador de pó, que ia ficando cada vez mais alto conforme se aproximava do escritório agora vazio, e os pensamentos insubordinados lutavam para voltar à tona. Estava desligando o computador e guardando o celular na bolsa quando a nossa faxineira romena, Constanta, abriu a porta e entrou bufando. Eu me preparei para o nosso diálogo de sempre.

— Boa noite, Susan. Como está hoje?

— Excelente — menti. — E você?

— Tudo ótimo. Estou sempre ótima. Você é a última pessoa aqui?

— Como sempre.

— Ah, você trabalha duro, Susan, como eu. Não é como outros vagabundos por aí.

Ela se aproximou da minha mesa e se inclinou em um sussurro conspiratório, seu hálito quente no meu rosto.

— Aquele ali. Ele deixa lenços de papel sujos no chão. Lenços de papel cheios de ranho e de melecas. Eca. E aquela outra. Ela deixa xícaras largadas pela mesa, com marcas grossas e oleosas de batom. Por que não leva as xícaras de volta para a cozinha? A mulher tem metade de um armário cheio de xícaras. Eu costumava limpar a mesa dela, agora não me dou mais o trabalho. Não sou mãe dela. Crianças. — Ela endireitou o corpo. — Então, Susan, ainda não arranjou marido?

Se fosse qualquer outra pessoa, eu a mandaria cuidar da própria vida, mas Constanta e eu tínhamos a mesma conversa todo dia, e eu já decorara as minhas falas. Disse a ela que devia estar brincando.

— Uma moça muito sensata. Homens! A gente se mata para ganhar dinheiro, então chega em casa e começa a se matar de trabalhar lá também. E o que eles fazem quando terminam de trabalhar? Colocam os pés para cima e ficam esperando ser mimados, ou se mandam para só Deus sabe onde, com o dinheiro que ganharam, e voltam para casa de bolsos vazios. O meu próprio marido, Gheorghe, desapareceu como fumaça... *puf*. E me deixou com quatro filhas para criar. Estão todas casadas agora, e os maridos delas também são uns inúteis. Faço faxina em três lugares para poder mandar dinheiro para as minhas meninas. E digo para esconderem embaixo das tábuas do piso.

— Elas têm sorte de ter uma mãe como você — disse, já pronta para ir embora, enquanto checava se o meu cartão do metrô estava no bolso e desligava o ventilador. Eu parei; as palavras soaram diferente naquele dia.

Constanta estava sorrindo.

— Somos iguais, você e eu. Sabemos o que queremos da vida e sabemos como conseguir. Não nos importamos com o que as pessoas pensam. Você é uma boa pessoa, Susan.

Ela se adiantou para apertar a minha bochecha, mas então se lembrou de que eu sempre evitava aquele tipo de contato e atravessou a sala para ligar o aspirador de pó. Ao sair do prédio, fui novamente atingida pelo calor que irradiava do pavimento, e fiquei satisfeita por ter conseguido manter as defesas de pé o dia inteiro, apesar da ofensiva intensa dos meus colegas de trabalho. Ninguém jamais teria adivinhado o que havia acontecido naquela manhã. Mas a verdade é que eu não tenho problemas em esconder os meus sentimentos dos outros. Você vai ver: é um talento meu.



Ao chegar em casa, liguei para Edward. Era estranho falar com ele duas vezes em um único dia, e de forma tão civilizada para variar. As circunstâncias forçavam que deixássemos de lado nossas consideráveis diferenças e trabalhássemos juntos, ao menos até o funeral passar e a questão dos bens estar resolvida. Edward me informou que o corpo já havia sido levado, e que ele agendara o funeral provisoriamente para a sexta-feira da semana seguinte. Uma cremação, avisou. Eu não tinha qualquer objeção àquilo — nunca consegui entender o motivo de alguém querer que o corpo de um membro da família apodrecesse na terra úmida, ou por que gostariam de um túmulo para visitar com frequência, como se a alma do falecido fosse ficar encarapitada na lápide esperando por uma visita e um bom papo. Ótimo, então, eu e o meu irmão estávamos de acordo.

— Não imagino que ela tenha deixado um testamento — continuei. — A mamãe nunca mencionou nada. As únicas providências a tomar serão vender a casa e checar alguns investimentos, para dividirmos o valor entre nós. Eu me encarrego disso.

Uma pausa.

— Na verdade, ela fez um testamento, Suze. Algumas semanas atrás. Mamãe escutou em um programa de rádio qualquer que todo mundo deveria fazer um testamento. Eu disse que não achava necessário, mas você sabe como ela era.

Houve um tom defensivo na voz dele, ou isso era só uma impressão minha ao ver as coisas em retrospectiva?

— Sério? Ela não comentou nada comigo.

Edward já havia entrado em contato com os advogados para informar a eles da morte de mamãe, o que achei uma atitude prática impressionante vinda do meu irmão, cujos talentos executivos geralmente não vão além de apostas combinadas ou de pedir uma pizza.

— Eles me disseram que vão pegar o testamento e entrar em contato com a gente. Estou deixando tudo nas mãos deles. Não entendo nada dessas coisas.

Eu estaria cheia de trabalho a semana toda, por isso fui forçada a ir contra o meu bom senso e confiar em Edward. Dei a ele instruções detalhadas em relação ao registro de óbito e uma lista de locais adequados para o velório, e o orientei para que checasse a agenda de endereços da mamãe para encontrar contatos de amigos que deveriam ser avisados. Edward bufou quando perguntei se ele era capaz de fazer tudo aquilo.



Eram nove da noite quando desliguei o telefone. Eu não tinha comido nada o dia todo, exceto dois biscoitos no café da manhã, e estava me sentindo tonta. Preparei uma porção pequena de arroz e me sentei diante da mesa da cozinha para tentar controlar a náusea crescente. As portas francesas que davam para o jardim no pátio estavam abertas, deixando entrar os uivos do bebê recém-nascido do andar de cima e o fedor da lata de lixo do apartamento do lado. Para deixar claro: moro em um apartamento térreo de uma casa vitoriana no sul de Londres. Morei aqui de aluguel por mais de dez anos, até o proprietário decidir vender o apartamento — a essa altura, eu já tinha conseguido economizar o suficiente do meu modesto salário de funcionária pública para pagar a entrada. Então, agora sou a proprietária, ou para ser mais específica, a detentora de uma hipoteca colossal.

Enquanto eu reunia forças para levar o garfo à boca, fiquei olhando para Winston, o gato do vizinho, laranja e robusto, que se limpava meticulosamente em cima das lajotas de cerâmica do meu pátio. Não costumo ser muito fã de gatos — não me agrada o modo como se esgueiram para baixo de carros estacionados, ou como fogem por entre as grades quando tentamos ser amigáveis. Mas Winston é uma exceção. Ele fica parado quando a gente se aproxima e tolera carinhos até certo ponto, quando então boceja, se espreguiça e se afasta lentamente. Winston não se deixa intimidar por ninguém e não sente nenhuma necessidade de agradar. Ele parece “O gato que andava sozinho”, de Kipling, uma das minhas histórias favoritas na infância. Eu me lembro do meu pai, em seus momentos mais lúcidos, me colocando sentada em seu colo e lendo

essa história para mim de um volume surrado de *Histórias assim*. Observando Winston, eu me perguntei onde aquele livro estaria agora. Provavelmente jogado em uma caixa no sótão, o que me fez pensar no trabalho que eu e Edward teríamos para limpar a casa antes de vendê-la. Pensar naquilo, no estado em que eu estava, era desanimador.



Quando, alguns dias depois, decidi ligar para Edward e checar como ele estava se saindo com a lista de tarefas que eu dera, o telefone tocou por um tempo longuíssimo. Já estava prestes a desligar quando uma voz que não era a de meu irmão murmurou:

— A...lô?

Hesitei, me desculpei por ter ligado para o número errado e desliguei, antes de me dar conta de que eu havia ligado para o número de mamãe salvo na discagem rápida do celular. Liguei de volta na mesma hora. E, de novo, aquela voz sonolenta atendeu.

— Acabei de ligar. Essa é a casa dos Green? De Patricia Green... a falecida Patricia Green... e do filho dela, Edward?

— É, sim.

— Aqui é a Susan, irmã do Edward. Gostaria de falar com ele agora mesmo.

— Ah, Susan. Sim, ahn, certo. Vou só checar se ele está por aqui.

Alguns murmúrios, seguido pela voz do meu irmão ao telefone, em um tom de animação forçada.

— Oi, Suze, como vai?

— Edward, quem é esse homem e por que ele está atendendo o telefone da mamãe?

— Ah, é o Rob. Eu disse que ele podia ficar aqui por algumas semanas até conseguir se ajeitar. Ele acabou de voltar de viagem. É um cara incrível.

— Não estou nem aí se ele é incrível. Não quero estranhos hospedados na casa de mamãe. Mande ele embora. A mamãe morreu há cinco minutos e a casa está cheia das coisas de valor dela.

— Escute, Suze...

— *Susan.*

— Escute, conheço o Rob desde a faculdade. Você já até se encontrou com ele algumas vezes, anos atrás. Ele está precisando de ajuda. Rob me apoiou quando eu estava passando por um momento difícil, e agora é a minha vez de apoiá-lo. Não vou mandar ele embora... o cara não tem para onde ir.

A lealdade do meu irmão aos amigos de bebedeira é realmente admirável.

Decidi deixar para resolver o assunto pessoalmente, quando estivesse em Birmingham. Não demoraria muito para colocar aquele Rob para fora de casa. Voltei a conversa para a questão mais premente dos planos para o funeral. Edward me disse que eu ficaria feliz em saber que o velório já estava organizado — ele alugara o salão dos fundos de um pub chamado The Bull's Head.

— Podemos levar a comida se quisermos, e abrir uma conta no bar — disse ele com orgulho na voz.

Expliquei que aquilo era absolutamente inapropriado e que ele teria que cancelar.

— Mamãe só bebia chá. Ela ficaria horrorizada só de pensar que depois do seu funeral os amigos dela se reuniriam em um pub.

— Bobagem. A mamãe não era completamente abstinência. Ela gostava de um bom xerez ou de meio copo de cerveja com limonada de vez em quando. E ia ficar feliz de saber que as pessoas estariam se divertindo no seu velório, que é o que vão fazer no The Bull's Head. Mamãe não ia querer xícaras de chá de porcelana e conversas educadas.

— Isso é *exatamente* o que ela gostaria. Esse é o tipo de pessoa que ela era. A mamãe não era mulher de ficar tomando canecos de cerveja em um bar qualquer.

— Bem, mas é assim que vai ser, Suze, e todos vamos nos divertir e contar histórias divertidas sobre ela e também ficar um pouco bêbados. E se você não gostar, o problema é seu.

2

Decidir a roupa adequada para usar em determinada ocasião é simples. Primeiro, você precisa se conhecer. Sou pequena e magra, por isso, fico melhor em roupas elegantes e ajustadas ao corpo. Em segundo lugar, certifique-se de que qualquer peça que você compre combine com tudo que já está no seu armário. Eu faço isso comprando apenas roupas cinza-escuras ou pretas, para contrastar com os meus cabelos loiros. Por fim, dê uma olhada de vez em quando nas páginas de moda no jornal. Não sou contrária a fazer mudanças nas minhas compras se algo da moda faz sentido. Você talvez ache isso uma perda de tempo, uma frivolidade, algo que não é digno de uma mulher séria. No entanto, é exatamente por eu não ter tempo para gastar me preocupando com a minha aparência, e mesmo assim estar sempre vestida apropriadamente, que desenvolvi esse modus operandi simples. E, é claro, quando aplicamos essas técnicas organizacionais a outros aspectos da vida cotidiana, como eu tento fazer, reduzimos consideravelmente a possibilidade de sermos pegos de surpresa por circunstâncias inesperadas.

Alisei o tubinho preto simples, que estava esticado na minha cama, com a parte de trás voltada para cima, coloquei uma folha de papel de seda tamanho A4 no meio dele e dobrei-o com todo cuidado, em seguida embrulhando o vestido em outro pedaço de papel de seda e guardando-o no fundo da minha mala. Fiz o mesmo

procedimento com o meu cardigã preto de caxemira. Coloquei papel de seda dentro de um par de sapatos pretos de verniz, de salto alto, guardei cada um em um saquinho especial para sapatos e coloquei-os na lateral da mala. A previsão do tempo para Birmingham era de que os dois próximos dias seriam secos e quentes, mas, como eu não gostava de me arriscar, repeti o exercício de embrulhar em papel de seda um trench coat cinza leve, uma camiseta cinza-escura e um suéter fino de algodão cinza. Então, enrolei a minha roupa de baixo e encaixei-a nos espaços restantes.

Enquanto trancava a porta da frente e me virava com a mala de rodinhas em direção à estação de metrô de Clapham North, o carteiro me entregou uma pilha de correspondência, a maioria catálogos de lojas que não me recordo de jamais ter visitado e ofertas para que eu mude de provedor de internet. Enfieei a maior parte na caixa de correio, para ser reciclada quando eu voltasse, e fiquei com as duas únicas cartas. Quando, meia hora mais tarde, o vagão abafado foi diminuindo de velocidade até parar, logo depois da estação de Leicester Square, eu não tinha motivos para pensar que ele não voltaria a se mover logo. Peguei um lenço de papel para secar a testa e abri um dos botões superiores do meu vestido preto leve, de algodão. Afastei os cabelos da nuca, mas o ar estava abafado demais para que surgisse qualquer tipo de brisa refrescante. Meu hálito parecia exalar um ar quente de secador de cabelos. Nem o transporte de gado deveria ser permitido naquelas condições, muito menos o de seres humanos.

“Pedimos desculpas pelo atraso deste vagão”, disse a voz do condutor, em estalos, pelo alto-falante. “Avisarei assim que tiver alguma informação.”

Quando olhei ao redor, a primeira impressão que tive foi de que um enxame de borboletas tinha ficado preso no vagão conosco — muitos dos meus companheiros de viagem usavam seus tíquetes para se abanarem, um ato provavelmente mais simbólico do que eficiente. Agradei por ter conseguido me sentar logo que embarquei, ao contrário de mais da metade dos ocupantes do vagão, que estavam apertados nos espaços perto das portas. Vi meu reflexo na janela escura do lado oposto. A minha recente incapacidade de manter a comida no estômago tivera consequências: estava com uma palidez mortífera, o rosto fino e os olhos fundos. Se meu apetite não retornasse logo, não demoraria para estar esquelética. Eu me perguntei se aquilo seria normal no meu estado.

O tempo passava como lava escorrendo, e a temperatura continuava a subir. As pessoas se remexiam em seus assentos, desgrudando a roupa da pele úmida e descalçando os sapatos. Pensei em como seria humilhante se eu vomitasse no meio daquela situação, e a ideia fez com que eu me sentisse ainda mais nauseada.

— Nenhum maldito sinal de celular, como sempre — grunhi o fisiculturista ao meu lado, que tinha filetes de suor escorrendo pelas pernas expostas até os mocassins moles de couro.

Ele bateu com o dedo na tela do celular, sem qualquer resultado, e resmungou que teria sido mais rápido ir a pé.

"Pedimos desculpas novamente pelo atraso", veio o anúncio. *"Fiquem certos de que os atualizarei assim que for possível."*

Dois senhoras grisalhas sentadas à minha frente seguravam a alça das malas de mão com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

— Agora mesmo que não vamos chegar na hora.

— Talvez a gente não consiga nem chegar.

— Do que você está falando?

— Todo mundo está pensando a mesma coisa. Coisas terríveis vêm acontecendo nas cidades grandes hoje em dia. Talvez seja um ataque terrorista. Por isso eles não estão falando nada, não querem que a gente entre em pânico. Quem sabe encontraram um pacote suspeito, ou podem ter recebido um aviso de que há um homem-bomba no metrô.

— Ai, meu Deus, Jan, não fale essas coisas. — A mulher levou a mão à boca.

Não tenho o costume de interagir com estranhos, ainda mais no transporte público, mas me sinto compelida a ajudar sempre que posso, mesmo que seja um sacrifício para mim. Eu me inclinei para a frente.

— Perdão, mas não pude evitar ouvir a conversa de vocês. Moro aqui em Londres, e esses atrasos acontecem o tempo todo. Normalmente não por tanto tempo, mas garanto que não há nada com que se preocupar.

— Como pode ter certeza? — perguntou a pessimista, irritada. — Não pode. Você sabe tanto quanto nós. Só quero sair deste vagão *agora*.

Muitas vezes me pergunto por que me dou o trabalho.

"Mais uma vez pedimos desculpas pelo longo atraso. Acabo de ser informado de que o trem à frente enguiçou nos arredores da estação de Tottenham Court Road. Os engenheiros estão no local resolvendo o problema, e esperamos retomar a viagem em breve."

O anúncio pareceu acabar de vez com a paciência geral, e todo mundo começou a falar ao mesmo tempo.

— Tenho que estar em Euston em quinze minutos para pegar um trem.

— Eu deveria encontrar um grupo de estudantes estrangeiros no Museu Britânico em meia hora.

— Vou perder o início do filme se não voltarmos logo a andar.

— Isso está ficando meio claustrofóbico.

— Estou morrendo de vontade de ir ao banheiro.

Eu poderia ter falado: “A minha mãe morreu, o funeral dela é amanhã, não durmo há dias e estou com vontade de vomitar.” Eu jamais faria isso, é claro, não sou o tipo de pessoa que busca a pena dos outros.

— Sabe que mês passado precisaram fazer uma evacuação de emergência em um trem? — falou a mulher negra elegante sentada do meu outro lado, baixando a revista que estava lendo. — Ficou por horas parado entre duas estações. Todo mundo teve que sair pela porta do condutor e andar por quilômetros pelos trilhos, praticamente no escuro. Aposto que teremos que fazer o mesmo.

Houve um murmúrio geral de desconforto, durante o qual um homem magro de bermuda, que tirara a camisa e a amarrara na cintura, entrou no nosso setor do vagão. Ele segurava um celular no alto e virou-o na nossa direção.

— O que acha do atraso, amigo? — perguntou o homem ao fisiculturista ao meu lado, dando um close na câmera. Em resposta, o homem colocou o jornal na frente do rosto.

Fui o alvo seguinte.

— O que *você* acha do atraso, moça?

— Você está filmando isso?

— Sim, é claro. Se isso terminar sendo um incidente mais grave, posso vender a gravação para a TV ou para os jornais. Mesmo que não seja algo tão sério, alguém ainda pode se interessar. Se não, vou jogar no YouTube de qualquer maneira. Vai poder se ver na internet, moça.

— Desligue essa coisa, por favor. Não tenho a menor vontade de aparecer no jornal, *ou* no YouTube.

— Exatamente — disse a mulher sentada ao meu lado. — Também não quero aparecer na TV. Meu cabelo não está feito, não me preparei para isso. — Várias cabeças assentiram.

— Escute, filho — falou o fisiculturista —, estou pedindo com toda a educação, mas com veemência, para você parar de filmar. Agora.

— Ou o quê? Vai me obrigar?

— Se você quiser que chegue a esse ponto, sim, eu vou.

— Calma — falei, fazendo um esforço corajoso para recuperar as forças. — Tenho certeza de que isso não vai ser necessário. Se esse rapaz tiver algum bom senso, vai parar antes de arranjar problemas. Só gostaria de lembrar a você — eu me virei para o rapaz magro com o celular — que isso é uma violação do nosso direito de privacidade. Não consentimos em sermos filmados. Poderíamos processar você por infringir a Lei de Direitos Humanos. Tem certeza de que pode pagar indenizações a todos nós?

Tudo bobagem, é claro.

— Não tem como isso ser verdade — falou ele, não parecendo mais tão seguro. — E todas aquelas pessoas que vemos nos noticiários, em guerras e coisas assim?

— A filmagem que você vê nos noticiários é feita na esfera pública. Estamos todos aqui em uma situação pessoal e privada. É totalmente diferente aos olhos da lei.

O homem hesitou, resmungou alguma coisa baixinho, desligou o celular e guardou no bolso da bermuda. Então, se afastou pisando firme. É impressionante como as pessoas podem ser intimidadas pela mera menção da lei. Meus companheiros de vagão pareceram aliviados, mas o incidente não ajudou em nada o meu próprio bem-estar. Procurei na bolsa e encontrei uma sacola de supermercado, que seria a minha única opção caso eu não conseguisse controlar a náusea por muito mais tempo. Abaixei a cabeça e tentei bloquear o falatório banal ao meu redor.

De repente, ouvimos o barulho do motor sendo ligado, então um assvio e uma sacudidela e o trem se colocou aos poucos em movimento. Alguns soltaram gritinhos baixos de comemoração e aplausos esparsos. Em um ou dois minutos estávamos na estação de Tottenham Court Road, onde o vagão esvaziou um pouco, e logo eu estava em Euston. Tinha perdido o meu trem para Birmingham, é claro, e depois de uma discussão no guichê, para a qual eu não estava com a menor energia, não tive alternativa a não ser comprar uma passagem para o próximo, que sairia em pouco menos de uma hora. A empresa de trem teria notícias minhas em breve.



Na plataforma, diante dos painéis eletrônicos de informação, esperei junto com os outros passageiros pela mensagem “embarque imediato” e o anúncio do número da plataforma, como galgos na linha de largada. Detesto a indignidade de ter que disparar em

direção ao trem para pegar um lugar, mas, na ausência de uma reserva, não havia o que ser feito a não ser abrir caminho aos empurrões pela rampa, passando pelos vagões da primeira classe quase vazios. Já a bordo, eu me acomodei, ofegante e suada, em um assento na janela e coloquei o casaco e a bolsa no assento ao lado, para desencorajar qualquer proximidade física indesejada. Essa estratégia só funcionou até a estação Milton Keynes — quando uma mulher jovem e rechonchuda, usando calça de ginástica cinza e uma camiseta rosa justa, se tornou minha companheira de viagem. As coxas dela transbordaram para o meu assento e, toda vez que o trem balançava, o que acontecia com frequência, a carne dela pressionava contra a minha. Eu me coleí o máximo possível à janela.

Enquanto contemplava o progresso constante do Grand Union Canal, às vezes nos afastando dele, às vezes indo rapidamente em sua direção, eu me lembrei das duas cartas. Peguei a bolsa do chão e as encontrei. Pude notar que a letra dos endereços era a mesma, uma carta tinha sido postada na terça-feira, outra na quarta. Abri a mais antiga primeiro. Era da firma de advocacia que Edward mencionara ao telefone. O remetente, um sr. Howard Brinkworth, oferecia os pêsames pela perda recente de minha mãe. Ele informava que ela o nomeara executor do testamento e que, sendo assim, pretendia pedir uma avaliação dos bens deixados e dar entrada no inventário — e que me escreveria em breve com detalhes do testamento. Fiquei muito surpresa por minha mãe ter procurado um advogado para servir como testamenteiro, um papel que eu teria sido capaz de assumir facilmente. Guardei a primeira carta no envelope e voltei a atenção para a segunda. Depois do preâmbulo de sempre, o sr. Brinkworth foi direto ao ponto:

Sob os termos do testamento, sua falecida mãe deixou para o seu irmão, o sr. Edward Green, o usufruto da casa da família (Blackthorn Road, 22). Isso significa que o sr. Green tem direito a viver na casa pelo tempo que desejar — a venda acontecerá, com a receita sendo dividida igualmente entre vocês dois, apenas depois que ele desocupar a casa, ou na eventualidade da morte dele.

Os demais bens da sua mãe, que consistem em contas bancárias, mobília e objetos pessoais, serão divididos em partes iguais entre o sr. Green e a senhorita.

— Ah, mãe, pelo amor de Deus! — eu me peguei dizendo em voz alta.

A mulher rechonchuda ao meu lado permaneceu inerte, ouvindo alguma coisa nos fones de ouvido, mas vários outros passageiros se viraram nos assentos para ver se aquilo seria o início de algum passatempo interessante. Como não encontraram nenhuma perspectiva de uma discussão ou de uma briga, deram as costas novamente, desapontados. Coloquei a carta de volta no envelope, com cuidado, dobrei os dois envelopes ao meio, e voltei a dobrar ao meio, então torci os dois juntos com a maior força que consegui. Enfiei-os no fundo da bolsa, que voltei a colocar junto aos meus pés. O que poderia ter passado na cabeça de mamãe para deixar que Edward ficasse com a casa pelo tempo que ele quisesse? Era *inconcebível* que aquilo tivesse sido ideia dela.

A minha companheira de viagem agora abriu um saco de salgadinhos de queijo e cebola e fiquei enjoada com aquele cheiro forte, misturado ainda ao cheiro dos produtos químicos do banheiro do trem, próximo dali. Tomei um gole da garrafa de água e tentei

organizar as ideias. Talvez o estado mental de mamãe, depois dos dois primeiros AVCs, fosse pior do que eu tinha pensado. Ou talvez ela tivesse piorado desde a última vez em que eu a vira, e apenas fingisse lucidez toda vez que nos falávamos ao telefone. Aquilo a teria deixado vulnerável à pressão de Edward. Eu precisaria agir com rapidez se não quisesse me ver privada indefinidamente da herança a que tinha direito — e de que eu tanto precisava agora.

3

Eu havia construído sozinha a vida ideal para mim em Londres. Tinha uma casa que era adequada às minhas necessidades atuais, um emprego apropriado às minhas habilidades e fácil acesso a estímulos culturais. A não ser pelas minhas horas de trabalho, tenho controle total sobre todos os aspectos da minha existência. Até pouco tempo, eu também tinha o que talvez pudesse ser considerado vagamente como um “parceiro”, mas era um relacionamento apenas de conveniência para nós dois — um arranjo que trazia os benefícios do contato íntimo com o sexo oposto, mas sem qualquer bagagem emocional. Assim que descobri que o acaso, o destino, o azar — o que seja — havia comprometido seriamente o meu status, coloquei um fim no relacionamento de forma rápida e decisiva. Meu mundo permanece estéril, mesmo que essa descrição possa parecer um pouco irônica nas atuais circunstâncias.

Em contrapartida, conforme meu táxi se afastava da estação de New Street e seguia em direção a Blackthorn Road, eu experimentava a inquietude que sempre surgia quando voltava para lá. Talvez essa sensação fosse fruto da minha fobia quase patológica à vida suburbana, a sua mediocridade sedutora e a impressionante obsessão com o mundano. Talvez, mais do que isso, fosse resultado das lembranças que o lugar despertava, lembranças de um passado que eu preferiria esquecer. Tenho a sensação perturbadora de que a

minha vida cuidadosamente construída em Londres é apenas um sonho de uma garota infeliz, sonho do qual estão prestes a me acordar. É irracional, eu sei.

Ao ver as ruas conhecidas passando pela janela do táxi, me lembro da última Páscoa. Eu tinha chegado a Birmingham bem na hora de participar do típico chá da tarde de sábado com mamãe — composto de sanduíches de presunto, salada de frutas e pão de ló. Concordei com relutância em acompanhá-la à igreja no dia seguinte. Que eu soubesse, mamãe nunca tivera qualquer fé religiosa, mas nos últimos dois anos havia começado a frequentar a St. Stephen's, uma igreja pela qual eu passara em frente inúmeras vezes quando era criança. Eu me perguntei se os recentes derrames sofridos haviam feito minha mãe pensar sobre a própria mortalidade e se isso a impelira a tentar se garantir com Deus. Ou talvez ela estivesse começando a perder o domínio de suas faculdades mentais e se tornando mais suscetível à influência de outras pessoas — Margaret e Stan estavam tentando fazer a minha mãe atravessar o umbral da St. Stephen's desde que se tornaram vizinhos dela.

— Você vai gostar, Susan — garantiu mamãe, enquanto vestia o cardigã fino e pegava um lenço limpo na gaveta da cozinha. — Fiquei nervosa antes de ir pela primeira vez, mas de cara eu me senti muito confortável. Me faz lembrar de quando eu frequentava a igreja quando era mais jovem. Você vai ter a mesma sensação, não tenho dúvida.

— Não íamos à igreja quando eu era criança, mãe — retruquei, indo em direção ao hall de entrada para pegar o meu casaco, pendurado em um gancho perto da porta. — Você nunca nos levou.

Você e papai eram ateus. “Você colhe o que planta”, não é o que diz na Bíblia?

Minha mãe se juntou a mim no hall de entrada, procurando pelas chaves na bolsa. Vi que estavam em cima da mesa e entreguei a ela.

— Tenho certeza de que levei vocês à igreja, sim, quando eram pequenos. E nunca fui ateia, Susan. Seu pai talvez, mas eu não. Sempre tive fé, mas a vida é tão corrida que algumas coisas acabam sendo deixadas de lado. E talvez tivesse sido bom para o seu pai acreditar em algo. Enfim, fico feliz por você estar vindo comigo... não consigo convencer Teddy a tentar.

— Isso não me surpreende. Ele não sai da cama antes do meio-dia. E espiritualidade nunca foi exatamente a praia dele. Mãe, você não está esquecendo alguma coisa?

Ergui o casaco dela como se fosse um garçom em um restaurante. Ela se virou da porta da frente e enfiou os braços nas mangas.

— Ele pensa mais profundamente nas coisas do que você imagina, Susan. Seu irmão é um rapaz muito sensível. A religião pode ser de grande alívio quando se está perturbado ou aflito. Pode lhe dar muita força.

— A única coisa que aflige Edward é uma preguiça e apatia agudas — falei, seguindo mamãe para fora da casa.

— Susan, escute o que eu digo. — Ela parou no meio do caminho de pedras irregulares que levava à calçada e se virou para mim. — Teddy precisa de apoio. Se alguma coisa acontecer comigo, quero ter certeza de que você vai ficar de olho nele e se certificar de que o seu irmão se mantenha no caminho certo.

— Ele tem quarenta e três anos, é um adulto. Não precisa que a irmã mais velha tome conta dele. Não que Teddy algum dia tenha escutado um conselho meu, de qualquer forma. Só faz o que quer. Posso até achar que ele é um inútil, mas foi o caminho que escolheu para a própria vida. E ele está muito satisfeito em ser um fracassado.

Fechei o portão de ferro forjado decorado da casa e descemos a Blackthorn Road, passando pelas outras casas geminadas estilo anos 1960 e por algumas não geminadas mais discretas. Mamãe não conseguia acompanhar o meu passo.

— Ele não é como você, Susan — disse ela depois de algum tempo. — Você sempre foi tão sensata, tão competente. Nunca tive um instante de preocupação com você. Mas Teddy... ele saiu com um temperamento artístico, como o seu pai. A menor bobagem pode desestabilizá-lo.

Chegamos ao prédio baixo e sólido da igreja entre a nossa rua e a rua principal. Margaret e Stan, que estavam à espreita sob o pórtico, nos viram e acenaram.

— Feliz Páscoa, Patricia — disseram juntos, radiantes, e se revezaram para beijar o rosto empoadado de mamãe.

— E feliz Páscoa, Susan — continuou Margaret, vindo na minha direção. Recuei um passo e estendi a mão.

Quando entramos na igreja, comecei a ser interrogada sobre os detalhes da minha vida em Londres. Por sorte, a cerimônia religiosa estava prestes a começar e consegui me enfiar no banco antes de mamãe, usando-a como uma barreira entre mim e a determinada Margaret. A cerimônia até que foi tranquila: os hinos eram animados, o vigário bastante direto e, o mais importante, acabou

rápido. Depois disso, Margaret e Stan voltaram conosco, fazendo uma caminhada de menos de um quilômetro parecer ter vinte. Margaret debateu intensamente com mamãe sobre qual seria o melhor tipo de batata para ser assada, enquanto Stan me brindou com os problemas que estavam tendo com a nova caldeira. Depois de nos despedirmos, quando mamãe já se encaminhava para a porta, Margaret me segurou pelo braço.

— O que você está achando da sua mãe? Estamos um pouco preocupados com ela — sussurrou. — Parece estar ficando meio esquecida... nem sempre se lembra do que falamos para ela, ou de coisas que combinamos.

Não achei surpreendente que mamãe esquecesse o que Margaret e Stan lhe diziam — os tópicos de conversa deles não eram exatamente cativantes. E a incapacidade de se lembrar de compromissos combinados com eles podia ter sido apenas um ato de conveniência. No entanto, eu havia percebido, sim, que mamãe estava cada vez mais distraída, embora não tivesse qualquer intenção de admitir isso para os vizinhos.

— Achei ela ótima. Talvez *você* que esteja ficando confusa.

Preparei um assado de carne com batata e vegetais, almoço clássico de domingo, enquanto mamãe colocava a mesa. Edward dera um jeito de passar o fim de semana fora, o que não era surpresa alguma — embora mamãe acreditasse que ele tinha recebido um convite que não pôde recusar —, por isso, éramos só nós duas. Durante o almoço, ela me contou sobre o novo pavimento na entrada de carros do número vinte e cinco, que ela aprovava, e dos eventos suspeitos acontecendo no número dezoito, que ela desaprovava. Depois disso, lavei a louça e mamãe secou, então

chamei um táxi, que chegou mais depressa do que o esperado. Dei um beijo rápido em sua bochecha antes de sair apressada. A última visão que eu tive da minha mãe — para o resto da vida, como se provou — foi dela se abaixando para pegar uma embalagem vazia de uma barra de chocolate, que havia voado até a porta.



Fiquei na dúvida se deveria tocar a campainha ou simplesmente entrar. Quando mamãe estava viva, eu tocava primeiro por educação e só usava a minha chave caso ela parecesse estar no jardim ou ocupada. No entanto, tocar a campainha naquelas novas circunstâncias teria dado a impressão de que eu estava fazendo concessões para as quais não estava preparada. Entrei direto. Logo ouvi música tocando na cozinha, a um volume que eu jamais ouvira durante o reinado de mamãe. Era uma música que reconheci dos meus longínquos tempos de adolescente: “London Calling”, do The Clash. Abrindo a porta da cozinha, já estava me preparando para confrontar Edward sobre o testamento de nossa mãe, e fiquei desconcertada ao ver um homem debruçado sobre um iPad, nu a não ser por uma pequena toalha branca enrolada na cintura. Ele estava mexendo o corpo de um lado para o outro, os cotovelos acompanhando o ritmo da música. Seu cabelo, que chegava na altura do queixo e parecia lã molhada, estava caído para a frente, escondendo seu rosto. Fiz o que as pessoas costumam fazer em uma situação como essa e tossi. Ele endireitou o corpo e levantou os olhos com a expressão surpresa de um homem pego no ato.

Agora que ele estava com o corpo erguido, não pude deixar de notar como era absurdamente alto. Algumas pessoas talvez

achassem uma altura daquelas atraente, mas, no que me diz respeito, qualquer coisa acima de um metro e oitenta é excessiva e parece uma tentativa de chamar a atenção. Também não me escapou que ele parecia surpreendentemente musculoso para alguém tão esguio. E também tenho consciência de que isso pode ser considerado um atributo positivo, mas, se quiser a *minha* opinião, eu diria que é apenas uma prova de que aquela pessoa passa tempo demais concentrada no físico e deixa de lado o intelecto. A cor da pele dele sugeria muito tempo ocioso em um passado recente, o nariz longo e reto se sobrepunha aos outros traços do rosto, e ele tinha o que se costuma chamar de linhas de sorriso irradiando do canto dos olhos, provavelmente resultado de ficar estreitando os olhos ao sol. Me ocorreu que o homem não era totalmente desconhecido.

Quando viu quem eu era, seu rosto relaxou.

— Oi, Suze, meus pêsames pela sua mãe, ela era uma pessoa maravilhosa, uma verdadeira santa. Ed acabou de sair para ir ao mercado. Eu lhe ofereceria uma xícara de chá, mas estamos sem leite. — Ele afastou o cabelo do rosto e ficou parado ali, sem um pingão de vergonha por estar de penetra na casa de uma senhora que falecera recentemente. — Aliás, sinto muito pelo meu estado de quase nudez. Acabei de chegar do trabalho.

— Você deve ser o Rob. Acho que nunca nos vimos antes.

— Ah, já, sim, nos encontramos algumas vezes, quando você estava saindo com o Phil. Foi antes, você sabe, do acidente. Então deve fazer um tempo. — Ele pegou a chaleira e encheu de água na pia. — Vi que tem chá de ervas, se for do seu gosto.

— Eu sei o que a minha mãe guarda nos armários. E pode deixar que eu faço o meu próprio chá quando a água ferver. Não precisa ter trabalho.

— Tudo bem, Suze, como achar melhor.

— Por favor, não me chame de Suze. Meu nome é Susan. A única pessoa que me chama de Suze é Edward, que tem os próprios motivos escusos para isso.

— Ah, tudo bem. Que seja.

Tenho certeza de que consegue imaginar como eu me senti, voltando para a casa da minha mãe — a casa da minha infância — pela primeira vez desde a morte dela e descobrindo que o lugar tinha sido invadido por um hóspede indesejado. Não só indesejado, como ainda ocupando duas vezes mais espaço do que poderia ser considerado apropriado. Pedi licença e fui até a sala. Só fazia uma semana que mamãe tinha morrido, mas o aposento já parecia pertencer mais a uma gangue de estudantes bagunceiros do que a uma senhora distinta. As cortinas listradas estavam fechadas até a metade, em vez de presas com cuidado pelas alças franjadas, como se o esforço para abri-las por completo fosse excessivo. As almofadas espalhadas pelo sofá de tecido sintético verde-oliva estavam todas amassadas em um lado, obviamente tendo sido usadas como travesseiro, em vez de afofadas e colocadas a intervalos regulares, apoiadas no encosto do sofá. Havia jornais espalhados pelo carpete e latas de cerveja deixando marcas na mesinha de centro de mogno. O toque final era um cinzeiro — de vidro âmbar, que eu me lembrava de ver o meu pai usando —, cheio não só de guimbas de cigarro, mas também das guimbas suspeitas criadas com papel de seda vindo de um maço de Rizla rasgado.

Enquanto eu ficava ali, parada, olhando o estrago, Rob entrou, agora usando um roupão de banho.

— Vou dar uma limpada rápida na sala — disse ele, e começou a jogar papéis e latas em um saco de lixo, além de recolher o cinzeiro.

— Eu agradeceria se fizesse a gentileza de não fumar na casa da minha mãe — falei, fazendo um esforço para manter a voz calma e baixa. — Ela odiava cigarros, não suportava ficar perto de ninguém fumando. A minha mãe tinha muito orgulho desta casa, e veja só o estado em que está.

— Eu mesmo não fumo, só de vez em quando, um... você sabe. Ficamos acordados até um pouco mais tarde ontem, assistindo a um filme de terror antigo, hoje de manhã fui visitar um cliente e...

Indignada com o estado da sala e desconcertada com a presença do amigo de Edward, passei por ele, peguei a minha mala e subi. A porta do quarto de mamãe estava entreaberta. Coloquei a mala no chão e entrei no quarto. Na mesma hora, fui atingida pelo aroma familiar: uma mistura de cânfora, sachês de lavanda e colônia de lírios-do-vale. Felizmente, tinham removido os lençóis da cama, mas a não ser por isso o quarto estava exatamente como imagino que estivesse na noite em que ela morreu. Ainda havia um copo com água até a metade na mesinha de cabeceira, junto com o porta-comprimidos, uma revista da National Trust e os óculos de leitura dela.

Comecei a me sentir zozza, por isso me sentei na beirada da cadeira de vime em cujo encosto estava jogado o roupão já gasto de chenile rosa, abandonado como a pele descartada de um animal. O quarto era dominado pelo conjunto de seis peças de madeira de bordo, de que ela tanto se orgulhava. Eu me lembro de mamãe

contando que os móveis tinham custado o equivalente a mais de três meses de salário do meu pai, nos anos 1960. Em cima da cômoda havia um porta-retratos prateado com a foto de nós quatro parados na frente de um motor de tração. Fui até lá e peguei-o. Eu devia ter uns nove anos na foto, portanto Edward estaria com sete. Meus pais estavam no meio — eu segurava a mão do meu pai, e Edward, a da minha mãe. Estávamos todos sorrindo, como uma família normal, sem problemas.

Devolvi o porta-retratos à cômoda de mamãe, perto de uma tigela com um *pot-pourri* aromático, e fui até a janela saliente atrás dela. Afastei a cortina de tecido fino e vi o carro de minha mãe, um Polo azul-marinho, se aproximando e estacionando na vaga. Por um instante, senti uma onda de culpa diante da ideia de ser pega por mamãe bisbilhotando seu quarto, mas então lembrei.

Continuei na janela e observei Edward sair do carro, se espreguiçar, subir o jeans preto e se esticar até o banco do passageiro para pegar a jaqueta de couro que era a sua marca registrada. Era visível que ele não se barbeava havia pelo menos uma semana, nem penteava o cabelo, por sinal. Mais magro do que Rob e bem mais baixo, meu irmão tinha, do meu ponto de vista, um jeito um tanto furtivo, o que surpreendentemente parecia torná-lo atraente para algumas mulheres. Até elas o conhecerem melhor, é claro. Edward abriu a mala do carro, tirou algumas sacolas de supermercado, então, sem dúvida sentindo que estava sendo observado, levantou os olhos para a janela e acenou. Soltei a cortina.



Quando entrei na cozinha, Edward estava agachado diante da geladeira, arrumando as compras, e Rob — que agora usava jeans e uma camiseta — estava apoiado na pia. A música tinha mudado para um jazz contemporâneo desarmonioso, que feriu meus ouvidos. Edward se levantou, amassou os sacos de compras e os jogou em um canto, perto da lata de lixo.

— Oi, Suze, você está meio pálida. Já está se sentindo em casa? — perguntou ele.

— Tenho tanto direito a isso quanto você.

— Nossa... E por acaso eu disse que você não tinha?

Fui até a chaleira, coloquei a água para ferver de novo e preparei uma xícara de chá de hortelã para mim.

— Precisamos conversar sobre algumas coisas, Edward. A sós.

— Devo sair? — perguntou Rob.

— Não, você pode ficar exatamente onde está — disse Edward. — Não vou conversar sobre nada pesado agora. O funeral é amanhã, Suze. É nisso que precisamos nos concentrar. Em vez de em brigas passadas.

— Não tenho a menor intenção de brigar. Estou pensando no testamento de mamãe e em organizar as coisas dela.

— Ah, isso com certeza pode esperar até depois do funeral. Não vou pensar em nada disso até ela estar descansando no túmulo.

— Ela vai ser cremada, Edward.

— Acho que Ed está falando metaforicamente — explicou Rob, tentando ser útil.

Edward deu uma risadinha.

Rob começou a andar pela cozinha, fazendo barulho ao pegar coisas das gavetas e dos armários. Achei aquilo de uma familiaridade

ofensiva com os pertences de mamãe.

— Vou começar o jantar, senão a gente só vai comer à meia-noite — disse ele.

— Rob vai preparar um *balti* de espinafre para a gente, é um prato paquistanês. Ele é vegetariano e aprendeu um monte de receitas ótimas nas viagens que fez.

— Incrível. Mas não estou comendo curry no momento, por isso lamento informar que não vou me juntar a vocês. Mais tarde eu preparo uma torrada para mim. Se você tiver pão, é claro.

— Somos bem adestrados aqui.

— Falando nisso, que história é essa de fumar na casa da mamãe? E deixar latas de cerveja em cima da mesinha de centro? O lugar parecia um albergue quando cheguei.

— A mamãe não está mais aqui. Então, agora são as *minhas* regras. E de acordo com as minhas regras, é permitido fumar na casa. Mas concordo com você em relação à bagunça. Prefiro um lugar mais arrumado. Vou bater um papo sobre isso com o Rob. — Ele piscou para o amigo, que abriu um sorriso e virou de costas.

— Você não tem respeito, Edward — falei para ele. — Nunca teve. Essa conversa não acabou aqui.

Peguei o meu chá e saí da cozinha.

— Até mais — disse Edward às minhas costas.

De jeito nenhum que eu iria me juntar àqueles dois — que mais pareciam o Tweedledum e o Tweedledee, de *Alice no País das Maravilhas* — naquela noite. Eu estava sozinha e estava claro que meu irmão e o amigo achavam divertido me ver em desvantagem. Cheguei a pensar em refazer a mala e ficar em um hotel, mas sabia que era exatamente o que Edward queria. Em vez disso,

permaneceria no meu quarto, revisando o discurso que faria na cerimônia antes do velório, e aproveitaria para fazer uma lista das coisas que pretendia conversar com ele. O dia seguinte seria cansativo, principalmente no meu estado atual, e eu não estava a fim de me aborrecer ainda mais com o comportamento infantil de dois homens supostamente adultos.

4

Dizer que o funeral de mamãe não saiu como eu planejava seria um eufemismo. No entanto, peço que tenha em mente que eu não estava no meu estado normal nos últimos dias, por vários motivos, alguns dos quais você já sabe, outros já deve ter imaginado. Mas pelo menos posso dizer que tenho uma explicação legítima para o que aconteceu. Ao contrário de Edward.

Acordei mais tarde do que o normal naquela manhã — passava das nove e meia, e os carros para o funeral chegariam em menos de meia hora. Foi difícil lidar com os enjoos enquanto me vestia e penteava os cabelos. Edward e Rob já estavam na cozinha quando entrei, o meu irmão sentado à mesa, as pernas esticadas e os braços cruzados. Fiquei satisfeita ao ver que os dois tinham se barbeado. Mas aquilo era a única coisa agradável na aparência de Edward. Enquanto Rob tinha conseguido desencavar um terno escuro, ainda que um pouco amassado, Edward vestia jeans pretos, uma camisa preta, um cordão de couro com pontas de metal e botas de caubói pretas. As mangas da camisa estavam enroladas até os cotovelos, exibindo a sucessão de tatuagens. Balancei a cabeça. Rob pareceu determinado a conversar sobre as leituras que seriam feitas na cerimônia, mas deixei claro que não estava a fim de participar daquele joguinho de falsa simpatia dele.

Peguei um copo de água, fiz uma torrada simples e me sentei diante de Edward. Ele pousou os cotovelos em cima da mesa e começou a tamborilar no tampo. Percebi, pela primeira vez, uma tensão em seu rosto, como se as feições normalmente tranquilas tivessem se calcificado do dia para a noite. Enquanto eu mordiscava o canto da torrada, Edward afastou a cadeira de repente, foi até a lava-louça e pegou um copo de vidro lapidado, de fundo grosso, que mamãe costumava guardar na cristaleira de pau-rosa. Pegou, então, uma garrafa de uísque já pela metade em um armário, voltou a se sentar, se serviu de uma dose generosa e virou tudo de uma vez.

— Alguém mais quer? — perguntou, levantando a garrafa de uísque pelo gargalo, com uma expressão insolente.

— Ah, isso vai tornar o dia de hoje ainda melhor, não é? — comentei. — Você planeja ficar bêbado e agir como um idiota?

— Talvez eu fique bêbado, talvez não. Ainda estou decidindo. De qualquer forma, isso não tem nada a ver com você, Suze. Vou lidar com isso da minha maneira, você lida da sua.

— É claro que tem a ver comigo, Edward. Nós dois estamos representando a família. Você tem a obrigação de se comportar de forma apropriada.

— Não sei de que porra de família você está falando — resmungou ele, e se serviu de outra dose grande de uísque.

— É melhor você pegar leve, cara — falou Rob. — Tem um longo dia pela frente.

— Pode deixar, Rob, fique tranquilo. Sei o que estou fazendo. — Ele pegou um maço de cigarros e um isqueiro no bolso do blazer surrado que estava no encosto da cadeira e levantou o copo. — Vou fumar lá fora. Viu como eu penso nos outros, Suze?

Depois que a porta dos fundos bateu, Rob se concentrou em dar o nó na gravata solta ao redor do pescoço.

— Dê um desconto para ele, se puder — disse ele —, Edward está mal com isso tudo.

— E você acha que ele é o único?

— Só acho que ajudaria se vocês dois pudessem ficar calmos e apoiarem um ao outro hoje.

— Edward e eu nos apoiando? Você por acaso *sabe* alguma coisa sobre a nossa família?

Rob ergueu as mãos.

— Tudo bem, tudo bem. Só estava tentando ajudar. Eu me lembro de ir a um enterro com a minha ex-namorada Alison. O tio dela tinha falecido e dois irmãos dele terminaram partindo um para cima do outro no cemitério logo depois que baixaram o caixão. Mortes na família trazem todo tipo de ressentimento à tona.

— Posso garantir que não vai acontecer nada parecido hoje. Não costumo me envolver em discussões em público.

Estava prestes a continuar quando a campainha tocou. Fui abrir. O agente funerário, sr. Rowe, estava parado à porta, exibindo uma expressão ensaiada de melancolia profissional.

— Bom dia, srta. Green — disse em tom solene.

Atrás dele eu pude ver duas limusines pretas: o carro fúnebre carregando o caixão de madeira clara de minha mãe e um segundo carro para Edward e eu. O sol forte da manhã refletia na superfície cintilante dos veículos, fazendo com que eu tivesse de estreitar os olhos para assimilar a cena. Em cima do caixão, vi a coroa de flores simples e de bom gosto que eu havia informado a Edward que encomendaria em nome de nós dois. Ao lado dela, no entanto, havia

outra, horrorosa, de cravos rosa-chiclete formando a palavra "MÃE". Aquilo só podia ser Edward querendo me provocar. Até mesmo *ele* teria noção de que aquele negócio era de uma vulgaridade extrema. Edward não era capaz de deixar sua implicância infantil de lado nem por um dia.

Não sou, como sabe, uma pessoa irracional. No entanto, naquele momento, parada na porta olhando para o caixão através do sol forte do fim de verão, a ideia do corpo rígido e pálido de mamãe fechado naquela caixa de madeira me atingiu como uma súbita rajada de vento. Fiquei zozza e agarrei o batente da porta para me firmar.

— Não há pressa, srta. Green — declarou o sr. Rowe. — Leve o tempo que precisar. Estaremos prontos quando a senhorita estiver.

— Só preciso de alguns minutos — consegui dizer, e fechei a porta. — É um corpo — disse a mim mesma. — Só um corpo, não é a sua mãe. É uma concha vazia.

Enquanto eu estava parada ali, encostada na porta, tentando recuperar a calma, Edward saiu pisando firme da cozinha, vestindo o blazer no caminho. Ele parou no meio do hall.

— Bem — falou —, o show vai começar.



O trajeto lento até o crematório foi feito no mais completo silêncio. Eu poderia ter criticado Edward ali mesmo pela coroa de flores tenebrosa, mas estava decidida a respeitar o decoro exigido pela ocasião. Uma discussão no banco de trás do carro funerário não seria apropriada. Edward, que achava que as leis que exigiam o uso de cinto de segurança não se aplicavam a ele, estava com o corpo

inclinado para a frente, arrancando a pele ao redor das cutículas. Eu me recostei no couro frio do assento e fiquei observando a paisagem do auge do verão na cidade. Quando era criança, lembro que as pessoas paravam o que estivessem fazendo e inclinavam a cabeça quando uma procissão funerária passava. No entanto, era evidente que ninguém estava prestando a menor atenção em nós: garotas exibindo o bronzeado em vestidos curtos batiam papo enquanto desciam sem pressa a rua; homens de negócio de camisas de mangas curtas, as gravatas afrouxadas, berravam nos celulares; crianças puxavam com insistência as mangas de pais e mães esgotados, pedindo sorvete. Era tudo de uma banalidade ofensiva.

Quando entramos pelos portões de ferro do cemitério, fiquei olhando para as várias fileiras de lápides, algumas de granito castigado pelo tempo, outras de mármore cintilante, com letras de metal dourado. Muitas pareciam abandonadas, não perturbadas havia décadas. Outras estavam enfeitadas com flores artificiais cafonas. Tanto na morte quanto na vida, nem sempre é possível escolher os vizinhos. Fiquei feliz porque o corpo de mamãe não seria enterrado naquela exposição fúnebre. Comecei a sentir um arrepio frio percorrer meu corpo, apesar do calor cada vez mais forte do dia. Conforme avançávamos pela pista asfaltada quente, ladeada por canteiros plantados pela prefeitura, esfreguei os braços, tentando aquecê-los um pouco.

Dobramos a última curva e o crematório surgiu: um prédio de tijolos vermelhos, quadrado, com uma atmosfera de praticidade que lembrava uma fábrica ou uma subestação elétrica. Havia cerca de cinquenta ou sessenta pessoas reunidas na frente do prédio, mais do que eu imaginara. Entre elas, vi os bons e velhos Margaret e

Stan, de braços dados; a abusada irmã mais nova de mamãe, tia Sylvia, em uma conversa animada com as duas filhas, também abusadas; e o irmão do meu pai, tio Harold, afastado dos outros. Rob devia ter tomado um atalho até o cemitério, porque já estava lá, conversando casualmente com dois homens que pareciam ser do tipo dele e de Edward. Ao ver o cortejo, as pessoas pararam de falar e esboçaram suas melhores expressões de luto.

No instante em que saí da limusine, tia Sylvia se adiantou apressada e me esmagou em um abraço. O perfume dela, intenso e almiscarado, subiu pela minha garganta, me deixando com ânsia de vômito.

— Que dia triste para vocês dois. Mas Patricia foi para um lugar melhor.

Permaneci imóvel, esperando o momento passar. Ela acabou me soltando e agarrando Edward. Mas eu ainda não estava a salvo — logo após tia Sylvia vieram as suas filhas gêmeas, Wendy e Christine, que também procederam com abraços e palavras vazias de condolências. Fiquei desconcertada ao ver, parados atrás das minhas primas, os seus filhos, e me ocorreu que eu deveria ter deixado claro que não deveria haver crianças no funeral.

— Esses são meus filhos, Leila e Cameron — disse Wendy, apontando para duas crianças de aparência entediada, com idades entre oito e dez anos. — E esses são os gêmeos da Chrissie, Freddie e Harry — continuou ela, indicando dois meninos loiros, pequenos, usando ternos e gravatas-borboletas idênticos. — Pensamos em aproveitar e passar o dia aqui, já que a gente não vem a Birmingham com frequência. Vamos ao Cadbury World à tarde, fazer o passeio na fábrica de chocolate.

Por sorte, antes que eu tivesse a chance de responder, o sr. Rowe sinalizou que era hora de entrar no crematório, o caixão de mamãe já tendo sido erguido nos ombros dos carregadores. Edward e eu seguimos atrás e fomos recebidos pelo eco dos arpejos das “Quatro Estações”, de Vivaldi. Conforme descíamos lentamente pela nave central do recinto deprimente, percebi que estava ficando cada vez mais tonta. Minhas pernas não estavam firmes e duvidei de que seria capaz de chegar ao meu lugar, na frente. Fiquei chocada por sentir aquela fraqueza tão intensa, não sou de me deixar abater, seja física ou mentalmente. No entanto, quando pensei nos últimos dias, percebi que só havia comido e bebido o mínimo necessário para acalmar o estômago e matar a sede.

Tive uma visão do meu sangue se tornando um líquido claro conforme os nutrientes eram eliminados dele. Aquele pensamento fez com que eu me sentisse ainda mais fraca, e segui meio cambaleante até a fileira de assentos na frente, deixando-me cair no primeiro que alcancei. Edward me olhou sem entender, mas virei o rosto, porque não queria que ele percebesse o meu momento de vulnerabilidade. Tia Sylvia, minhas primas e seus filhos, e tio Harold se juntaram a Edward e a mim na primeira fileira, enquanto os outros presentes se acomodavam nos bancos atrás.

O vigário barbado da St. Stephen’s tossiu, deu um sorriso e começou a cerimônia. Para ser totalmente honesta, não consegui assimilar muito do que ele dizia, porque estava concentrada na minha respiração. Além disso, os terríveis gêmeos tinham começado a brigar, e Christine estava tentando separá-los e repreendê-los com sussurros irritados. Consegui me inclinar para a frente, encontrei o olhar de Christine e levei o dedo aos lábios pedindo silêncio.

— Desculpe — pediu ela baixinho, dando uma sacudidela forte em um dos gêmeos.

— E agora o nosso primeiro hino — disse o vigário.

Todos nos levantamos quando os acordes de abertura de “How Great Thou Art” encheram o crematório. Assim que me levantei, me dei conta de que aquela não era a posição em que meu corpo queria ficar naquele momento. Senti o sangue esvaindo da cabeça, como água de uma esponja. Pensei em me sentar, mas não estava a fim de atrair atenção para mim. Optei, então, por cruzar meu braço direito com o de Edward, segurando com força a sua manga com a mão esquerda. Ele ficou surpreso a princípio, o que era compreensível, já que provavelmente o nosso último contato físico fora décadas antes. Para ser justa com o meu irmão, ele não se desvencilhou de mim como tenho certeza de que gostaria de ter feito, mas permaneceu de pé, rígido como uma sentinela, o constrangimento óbvio em seu rosto. Quando o hino chegou ao fim, soltei o braço de Edward e me deixei cair no assento.

— Está na hora das primeiras palavras, que serão ditas pelo filho de Patricia, Edward — anunciou o vigário.

Edward subiu no púlpito, tossiu rapidamente e começou a ler um texto da Bíblia em tom monótono, arrastado. Sem o meu irmão sentado ao meu lado e tendo o corredor do outro lado, eu me senti ainda mais vulnerável. Percebi que meu corpo oscilava. Quando Edward voltou, eu me apoiei contra o ombro dele, já sem qualquer sombra do meu autocontrole de sempre. O vigário disse mais algumas palavras enquanto eu contava silenciosamente as minhas respirações.

— Inspira, dois, três, quatro. Expira, dois, três, quatro.

De repente, me dei conta de que o vigário estava chamando o meu nome.

— Susan... Susan...?

Ele estava esticando o braço e gesticulando para o púlpito. Procurei na bolsa pela minha cópia do poema de Thomas Hardy, “If It’s Ever Spring Again”, que falava sobre um possível retorno da primavera. Encontrei, me levantei e subi os dois degraus até a plataforma onde eu recitaria o poema. Quando cambaleei, amaldiçoei o fato de estar usando salto alto — um sapato baixo e sólido teria me dado muito mais estabilidade. Coloquei a folha de papel no púlpito e olhei para a audiência, que aguardava que eu começasse. Toda a atenção estava voltada para mim, exceto a dos gêmeos, que rolavam no chão, aos pés de Christine, e das duas crianças mais velhas, que jogavam videogame em seus consoles portáteis. Estava tendo dificuldade em discernir o rosto das pessoas, já que meus olhos pareciam enxergar tudo nublado. Voltei a atenção para a minha folha de papel.

— Se algum dia a primavera voltar, a primavera voltar... — comecei.

— Isso! — gritou uma das crianças que jogavam videogame em uma pausa entre os versos.

Levantei os olhos por um instante e descobri que a plateia se tornara um grande borrão, então voltei novamente a atenção para o poema. As palavras agora pareciam nadar na página.

— Devo ir quando fui lá. Perdão, devo ir onde fui... Desculpem... devo ir onde fui quando...

A minha visão estava cheia de pontos luminosos. Só conseguia enxergar aqueles pontos claros e escuros pulsando à minha frente e

só ouvia o zumbido agudo dentro da minha cabeça. Eu me vi submersa por uma onda de cansaço contra a qual não tinha mais força para lutar. Dormir parecia a coisa mais deliciosa e sedutora do mundo. Minhas pálpebras se fecharam e sucumbi àquele cansaço.



Aos poucos me dei conta da voz estridente da tia Sylvia parecendo vir de uma grande distância. Eu me perguntei vagamente o que ela estava fazendo no meu apartamento no meio da noite.

— Ela está branca como papel. Precisamos fazer com que o sangue volte ao cérebro. Temos que colocar a cabeça dela entre os joelhos. Levem Susan até a beirada do palco e a coloquem sentada ali. Eu já vi isso acontecer antes. É o luto. Está arrasada, coitadinha. O luto derruba algumas pessoas assim. Você, segure a parte de cima do corpo dela e você, as pernas. Isso mesmo, carreguem ela até aquela beirada ali.

Senti mãos sendo passadas por baixo dos meus braços e ao redor dos meus tornozelos, e percebi que estava sendo erguida e carregada. Apesar de ter alguma consciência do que acontecia, percebi que não conseguia me mexer nem falar. Fui erguida de modo a ficar sentada, meus joelhos foram afastados e a minha cabeça empurrada para o meio deles. A frase “Ai, meu Deus, espero que ninguém consiga ver a minha calcinha” passou pela minha mente. Senti o braço de alguém ao redor dos meus ombros e ouvi de novo a voz aguda de tia Sylvia.

— Vai ficar tudo bem, Susan. Você teve um mal-estar. Acontece. Não se apresse. Respire fundo. Wendy foi buscar um copo de água

para você. Não se preocupe, você vai ficar bem em um instante. Fique calma.

Eu sentia a consciência voltando, mas não queria abrir os olhos. Não tinha a menor vontade de lidar com o que acabara de acontecer, ou as suas consequências. Levantei um pouco a cabeça e fechei as pernas.

— Olha, ela está voltando a si. Susan, meu bem, consegue me ouvir?! — gritou tia Sylvia no meu ouvido. — É a titia. Você está no crematório. É o funeral da sua mãe e você acabou de desmaiar na frente de todo mundo. Consegue ouvir o que eu estou dizendo?

Reuni toda a dignidade que me restava, abri os olhos e disse:

— Estou bem. Estou ótima. Só preciso voltar ao meu assento. Continuem com a cerimônia, por favor.

Levantei os olhos e vi Edward, ainda sentado na primeira fileira, com os braços cruzados e uma expressão zombeteira no rosto. Ele ergueu as sobrancelhas, descruzou os braços e bateu palmas silenciosamente. Alguém surgiu com uma poltrona e Rob e tia Sylvia me ajudaram a me sentar nela. Alguém me deu um copo de água, perguntaram várias vezes se eu precisava de mais alguma coisa, e a cerimônia continuou. Edward se ofereceu para ler o poema de Hardy — tenho certeza de que ele adorou ocupar a brecha deixada pelo meu momento de fraqueza. Houve preces, mais um hino — durante o qual permaneci sentada —, então as cortinas se fecharam ao redor do caixão de mamãe sob os acordes da música preferida dela: “Que Sera Sera”, cantada pela Doris Day. Quando a música terminou, Edward se inclinou na minha direção.

— Então — disse ele —, o que é mesmo que você estava dizendo sobre agir como um idiota?



Livre da náusea e da vertigem que vinham me perseguindo a manhã toda, fui deixada em paz apenas com a minha humilhação para me fazer companhia. Foi um alívio finalmente fechar a porta do carro funerário, me livrando da sequência interminável de pessoas preocupadas com o meu bem-estar. No entanto, meu refúgio logo foi perturbado. Em instantes, unhas pintadas de rosa-salmão tamborilavam na janela, a porta foi aberta e tia Sylvia se acomodou no assento ao meu lado. Sem dar atenção aos meus protestos, ela insistiu em me acompanhar até o velório — qualquer um com o mínimo de sensibilidade teria percebido que uma pessoa que acabara de desmaiar no funeral da mãe precisaria de algum tempo sozinha para se recompor.

— Ah, querida, sei que está tentando ser forte, mas isso não é nenhum problema para mim. Chrissie consegue se virar sozinha. Ela vai atrás de nós no Mercedes, com os gêmeos. É você quem precisa de mim neste momento.

Estranhamente, Edward decidiu ir na van suja de lama de Rob em vez de aproveitar o conforto da limusine comigo e com tia Sylvia. Ela passou o caminho inteiro esticando a mão pelo assento de couro para acariciar meus cabelos ou dar uma palmadinha carinhosa no meu joelho, os anéis e braceletes espalhafatosos cintilando sob o sol a cada movimento.

— Sei o quanto você deve estar envergonhada. Sei que eu estaria. Mas essas coisas podem acontecer com qualquer um. Ninguém vai julgá-la por isso. Ninguém vai achar que você estava tendo uma crise nervosa, ou que herdou algum tipo de fraqueza genética, ou qualquer coisa assim.

— Eu sei. E, de qualquer modo, por que alguém iria pensar uma coisa dessas?

— Ora, você sabe, por causa do seu histórico familiar. Pelo lado do seu pai, quer dizer. Mas ninguém vai pensar isso, não precisa se preocupar.



Meus pais tiveram vidas muito diferentes. Enquanto o meu pai vinha de uma família urbana cheia de executivos, composta por advogados e contadores, a família da minha mãe era de trabalhadores braçais e operários de fábrica, gente das Midlands acostumada ao trabalho pesado. Meu pai era professor-assistente de uma universidade renomada, sendo inclusive bastante respeitado antes de ficar doente. Na verdade, foi na universidade que meus pais se conheceram. Mamãe, digitadora da secretaria da faculdade, já estava de olho nele meses antes de trocarem qualquer palavra. O meu pai sempre se vestia de um jeito prático, mas elegante: blazer de tweed bem-cortado, gravata-borboleta, sapato de camurça. Os dois estavam com quase trinta anos, e a família da minha mãe começara a achar que ela seria uma solteirona. Quando meu pai se aproximou da mesa dela um dia e a convidou para tomar o chá da tarde, mamãe sentiu como se fizesse parte de um dos romances bobinhos que ela amaria até o fim da vida.

Após seis meses de chás da tarde — que depois se tornaram passeios a museus e mansões abertas à visitação, e palestras na sociedade de música clássica da universidade —, o pedido de casamento do meu pai foi rapidamente aceito. Mas casas de chá, museus e mansões logo mostraram ser uma cortina de fumaça.

Depois da cerimônia de casamento de conto de fadas, apesar das muitas insistências de mamãe, as saídas deles se limitaram a pubs, pousadas e tabernas — na verdade, qualquer lugar que tivesse um bar.

Em contrapartida, tia Sylvia, que era quinze anos mais nova do que mamãe, sempre desejou ter uma vida de luxo. Ela começou sua almejada ascensão na seção de gravatas de uma loja de departamentos, a Rackhams — ao que parecia, minha tia se candidatara a uma vaga na seção de maquiagem, mas não fora aceita, o que muito me surpreende, considerando a quantidade de cosméticos que ela sempre usou. Embora tia Sylvia tenha conseguido cativar um bom número de rapazes ricos com seus encantos, enquanto embrulhava suas gravatas, sempre foi imediatamente descartada depois que eles conseguiam o que queriam dela, ou foi o que deduzi das conversas de Sylvia com mamãe.

Depois de um tempo, minha tia desistiu de seus sonhos e resolveu se concentrar em um empreiteiro que estava reparando um problema de umidade na casa dos meus avós — ela teve uma cerimônia de casamento modesta no cartório local e, nove meses depois, deu à luz minhas primas Wendy e Christine. O empreiteiro, tio Frank, apesar de seu início profissional pouco promissor, acabou revelando ser exatamente o que tia Sylvia desejara o tempo todo: uma pessoa cujo principal objetivo na vida era acumular o máximo de dinheiro possível. Seu estilo de negócio mudou de reparos e manutenção doméstica para compra, reforma e revenda de propriedades, partindo depois para construção de conjuntos habitacionais. A família se mudou de uma casa geminada de três

quartos de tamanho razoável no subúrbio para uma casa não geminada em uma rua sem saída, até chegarem a uma casa luxuosa projetada por um arquiteto, estilo rancho, no campo. A trajetória ascendente da carreira de tio Frank aconteceu em oposição exata à trajetória descendente da carreira do meu pai. Eu me pergunto se isso deu à tia Sylvia uma pontadinha de satisfação, apesar de suas demonstrações ostensivas de apoio e solidariedade.



O carro funerário estacionou do lado de fora de um pub vitoriano encimado por torres e uma placa descascada que anunciava que ali era o The Bull's Head. Tia Sylvia expressou surpresa por aquele local ter sido escolhido para o velório, e daquela vez tive que concordar com ela. No estacionamento esburacado havia outra placa descascada indicando que o salão onde aconteceria a cerimônia era no fim de um beco na lateral do pub. Alguém, provavelmente um dos ajudantes do taberneiro, havia prendido com tachinhas uma folha de papel A4 embaixo da placa, onde se lia *Patrisha por aqui*, com uma carinha sorridente ao fim das palavras. O beco estreito entre o arenito escurecido do pub e o muro de blocos de cimento do pátio da construtora na porta ao lado estava cheio de guimbas de cigarro, vidro quebrado e algo borrachudo do qual desviei o olhar. O lugar cheirava a urina e bueiros entupidos, e as moscas zumbiam insistentemente ao redor. Não queria nem pensar o que os nossos convidados mais educados achariam daquilo.

No fim do beco estava o salão de festas, um anexo com as paredes revestidas de chapisco. Quando saí do calor fétido e entrei no frescor do salão, fui atingida por um novo cheiro: uma mistura de

cerveja rançosa e desinfetante. Observei o espaço, sob o brilho da faixa fluorescente de luz no teto. O piso de linóleo era da cor de sangue seco, as janelas altas e esparsas estavam tomadas por teias de aranha, e as mesas forradas de fórmica imitando madeira, colocadas de cada lado do grande salão, repletas de marcas de queimadura de cigarro. Havia uma mesa de bufê no meio, com uma seleção de pratos indigestos e carregados nos carboidratos, além de drinques açucarados demais. Edward e Rob já estavam ajeitando o bar forrado de pinho em um dos extremos do salão. Havia uma garrafa quase vazia de vinho tinto entre eles, e o meu irmão estava falando alto demais. Algumas pessoas já tinham chegado e estavam de pé em grupos pequenos, parecendo desconfortáveis. Deixei tia Sylvia inspecionando a mesa do bufê e fui até onde estavam Edward e seu amigo.

— O que você tem na cabeça? — sussurrei. — Confiei em você. Fui desde o início contra a ideia de organizar o velório em um pub, mas achei que você pelo menos escolheria um lugar decente, já que é um expert no assunto. Isso é um insulto à mamãe. Estou envergonhada, Edward. Como vou encarar nossos convidados?

— Cuidado, Suze, ou vai acabar desmaiando outra vez — retrucou ele, virando o resto de bebida do copo que segurava. — Conheço o dono. Ele fez um preço camarada para nós. Ou seja, vai sobrar mais dinheiro no seu bolso no fim do dia.

— Não tem nada a ver com dinheiro, mas com fazer o que é certo.

— Tome um pouco de vinho e relaxe. Temos quatro caixas para acabar. — Ele estendeu a mão para a parte de trás do balcão e pegou outra garrafa, que logo abriu e serviu na taça.

— Não ligue para ele — falou Rob em voz baixa. — Já é a bebida falando. Não é de surpreender, ainda mais hoje.

— A bebida está sempre falando por ele, e você só está encorajando. É um pior do que o outro.

— Na verdade, estou de olho nele.

— Rá.

Eu me virei e vi tio Harold entrando no salão. Aquela era a primeira vez que eu o encontrava desde o funeral do meu pai, mais de vinte e cinco anos antes, embora ele e mamãe tivessem mantido contato por correspondência e se visitado ocasionalmente. Ainda tinha o mesmo jeito de militar, apesar de provavelmente já estar na casa dos oitenta. Obviamente caberia a mim fazer sala para nossos convidados mais importantes, já que Edward parecia não ter a menor intenção de se afastar do bar. Atravessei o piso pegajoso para cumprimentar meu tio, que estava aceitando uma taça de vinho de uma garota cheia de piercings com uma bandeja de bebidas.

— Está se sentindo melhor agora, Susan? — perguntou tio Harold, sorrindo para mim enquanto dava um gole na bebida.

— Ah, sim, já de volta ao normal. Foi uma indisposição do estômago.

— Ótimo, é assim que se fala. Cabeça erguida, garota. A sua mãe não iria querer ver você chorando pelos cantos e sentindo pena de si mesma. Esse tipo de atitude nunca fez bem para ninguém.

— Com certeza, tio Harold, eu concordo. Estou tentando me concentrar nas coisas práticas, organizando os bens de mamãe e tudo o mais. Sem tempo para autocomiseração. Aliás, preciso dizer... a escolha deste lugar para o velório foi um erro constrangedor. Deveríamos ter reservado o The Bull, que é uma graça de estalagem

em estilo Tudor, mas Edward se atrapalhou quando pesquisou o número no Google e acabou reservando o The Bull's Head que, como o senhor pode ver, é totalmente inadequado. Espero que não imagine que escolhemos de propósito este tipo de lugar.

— Não, não, Susan, compreendo perfeitamente. Percebi na mesma hora que deveria ter ocorrido um terrível engano. Lamento muito. Pela morte da sua mãe também, é claro.

— Obrigada. E como estão tia Julia, Hugo e Sebastian?

— Ah, estão todos esplendidamente bem, mas muito ocupados como sempre. Julia ficou arrasada por não ter conseguido vir, mas ela tem um evento de levantamento de fundos que não poderia cancelar de forma alguma. Você sabe como é. Hugo está em Antibes, no iate, e Seb em uma viagem de trabalho tediosa no Brasil, caso contrário, é claro que os dois também estariam aqui.

Não fiquei muito convencida. Sempre tive a nítida impressão de que a família de tio Harold nos enxergava com uma mistura de desdém arrogante e piedade condescendente. Sem dúvida o meu tio mantivera contato com mamãe e comparecera ao velório dela cedendo a um antiquado senso de dever familiar.

Quando a conversa começou a morrer, Edward apareceu ao lado de tio Harold, cambaleando, uma garrafa em uma das mãos e uma taça na outra.

— Que bom ver você, Harry! — bradou, e passou o braço direito, com garrafa e tudo, ao redor dos ombros de tio Harold.

Ele brindou a sua taça com a de nosso tio com tanta força que fiquei surpresa quando as duas não se estilhaçaram.

— Boa tarde, Edward. Meus mais profundos sentimentos. Você parece estar lidando bem. Já tomou algumas taças, não é?

— É o que a mamãe teria gostado. Não paro de repetir isso para a Suze, mas ela não sabe se divertir, não é mesmo, irmãzinha querida?

Ele tentou passar o braço esquerdo, com a taça, ao redor dos meus ombros, para juntar nós três, mas consegui me desviar.

— Tenho certeza de que Susan está lidando com a situação do jeito dela, Edward. E, cá entre nós, embora eu compreenda que você queira que sua mãe tenha uma boa despedida, sugiro que dê uma segurada na bebida.

Edward ficou irritado com a falta de camaradagem de tio Harold e retirou o braço dos ombros dele. Olhei ao redor do salão. Havia pequenos grupos de pessoas conversando baixinho, comendo sanduíches de pão branco e bebendo suco de laranja de caixa em copos de plástico. Um dos grupos era dos vizinhos de mamãe, a maioria dos quais eu conhecia de vista. Outro grupo juntava pessoas com um ar mais intelectual, que presumi serem do clube de leitura. E um terceiro grupo, reunido ao redor do vigário, claramente era da St. Stephen's. Tia Sylvia, Wendy, Christine e os filhos, que haviam acabado de encher os pratos no bufê, vieram se juntar a mim, tio Harold e Edward. Enquanto eu renovava as apresentações — as famílias dos meus pais não se encontravam há anos —, Edward, que parecia ter esquecido que estava com uma taça na mão, deu um gole na garrafa.

— Wendy, Chrissie, deliciosas como sempre — falou ele, com a voz arrastada, lançando um olhar malicioso para as duas. — Ninguém diria que foram meninas tão magricelas.

As duas deram uma risadinha, sem saber bem como reagir.

— Você se lembra das gêmeas, não é, Harry? A última vez que estivemos todos juntos foi no funeral do papai. Quantos anos vocês tinham na época? Estavam no início ou no final da adolescência? Você não, Harry, você sempre foi velho. — Ele abafou o riso e insistiu no tema. — Wendy e Chrissie eram duas garotinhas sem graça. E agora olhe só para elas, com esses cabelos loiros compridos, cheias de curvas e tudo o mais. — Edward fez um movimento expansivo com a garrafa de vinho. — É permitido pela lei, sabe, se casar com primas. Não que seja exatamente casamento que está passando pela minha cabeça.

Ninguém soube como responder a isso.

— Sim, são duas jovens muito encantadoras — adiantou-se tio Harold. — É um grande prazer encontrá-las de novo, assim como sua mãe tão simpática.

Foi possível ver tia Sylvia corar mesmo sob a camada pesada de base.

— Ora, você também não era de se jogar fora na sua época, não é, Sylvia? — continuou Edward. — Eu me lembro de quando era menino, e você ia nos visitar, usando saias justas, blusas decotadas e salto alto. — Ele suspirou e fechou os olhos por um momento. — Tudo aquilo mexia com a mente de um garoto em fase de crescimento.

O rubor de tia Sylvia se aprofundou alguns tons e ela instintivamente fechou o botão de cima da blusa.

— Cala a boca, Edward, você está constrangendo a si mesmo e a nós todos — ralhei.

— Eu não falei, Harry? A minha irmã mais velha não sabe se divertir. Ela é como um buraco negro que suga toda a diversão e

todo o prazer.

— Olha só, Edward — disse tio Harold. — Dá para ver que você já tomou algumas taças, mas acho que nenhuma dessas senhoras está apreciando o rumo da conversa. Talvez fosse melhor você dar uma volta e retornar quando estiver se sentindo melhor.

— Me sentindo melhor?! — gritou Edward. — Não tem nada de errado comigo. São esses velhos sem graça que estão me deprimindo. — As conversas nos grupos em volta cessaram, e todos olharam para ver o que estava acontecendo. Edward percebeu que tinha plateia. — Vocês todos — continuou ele, abrangendo o salão inteiro com um gesto. — Vocês deviam estar se divertindo, bebendo, fazendo uma festa. Celebrando a vida. Em vez disso, ficam por aí batendo papos educados e mordiscando sanduíches. Cacete, não conseguem se divertir? A bebida é de graça, porra.

— Edward, escute o seu tio — pediu tia Sylvia. — Você foi longe demais. Está aborrecendo todo mundo.

— Ah, dá um tempo, sua idiota.

— Edward, já chega — falei, e agarrei o braço dele.

Edward se desvencilhou de mim com mais força do que o necessário e eu cambaleei para trás nos meus malditos saltos. Rob, que tinha se juntado ao nosso grupo no início do desabafo de Edward, me segurou antes que eu caísse no chão.

— Pegue leve, Ed — falou Rob, enquanto me ajudava a me firmar. Afastei-o.

Tio Harold, que estava acostumado a lidar com subordinados indisciplinados, se adiantou para assumir o controle da situação, mas foi recebido por uma chuva de obscenidades de Edward. Depois de algum tempo, Rob convenceu Edward, ainda xingando, a voltar com

ele para o bar, onde tentou tirar uma nova garrafa de vinho das mãos do meu irmão. Eu me desculpei profusamente, é claro, com tio Harold, tia Sylvia e com todos no salão, de modo geral. No entanto, ficou evidente que ninguém desejava prolongar o fracasso que se tornara o velório, e logo as pessoas começaram a se despedir e ir embora.

— Está indo pelo mesmo caminho do pai — ouvi tia Sylvia sussurrar para Wendy e Christine enquanto elas e os filhos partiam para seu passeio no Cadbury World.

— De manhã as coisas vão se acertar, você vai ver — murmurou tio Harold, sem dúvida aliviado por estar prestes a voltar para a sua família sem defeitos.

Em poucos minutos, só restavam no salão eu, Edward e Rob. Com raiva, fui para perto deles no instante em que Rob tentava enfiar os braços frouxos do meu irmão nas mangas do blazer.

— Essa foi a última vez que você estragou tudo para mim, Edward. Se acha que vou deixar que fique naquela casa, sua cabeça está ainda mais ferrada do que imaginei. Vou fazer você lamentar ter uma irmã, do mesmo jeito como eu sempre lamentei ter um irmão.



De volta à casa de nossa mãe, enquanto meu táxi aguardava do lado de fora, joguei as minhas roupas na mala que eu levava e peguei uma mala antiga de mamãe no armário embaixo da escada. Dentro dela, joguei sua caixa de joias, um conjunto de garfos de sobremesa de prata e alguns outros itens de valor que achei que Edward talvez se sentisse tentado a vender. Bati a porta com força e

atravessei o jardim com as malas, movida pela força do ódio que eu sentia de meu irmão.

Setembro



5

No primeiro sábado desse novo mês, eu me sentei para escrever um e-mail para o sr. Brinkworth, o executor do testamento de mamãe. Embora tivessem se passado apenas alguns dias desde o desastroso funeral, eu estava me sentindo com mais energia do que o usual, talvez porque o enjoo matinal estivesse diminuindo — ou talvez eu estivesse me acostumando a ele —, ou porque o ar estava mais frio e mais fresco. Quando estava prestes a clicar em “enviar”, alguém tocou a campainha. Achei que fosse o carteiro, já que eu raramente recebia visitas, ainda mais de surpresa. Quando abri a porta, esperando ter que assinar um papel para receber uma encomenda, fiquei espantada ao ver Richard, o meu antigo “acompanhante”, parado ali, tão formal quanto uma testemunha de Jeová. Antes que eu pudesse fechar a porta, ele enfiou um sapato oxford marrom muito bem-engraxado entre a porta e o batente.



Infelizmente, meus problemas no momento não são apenas o testamento muito suspeito da minha mãe e o comportamento ofensivo de Edward. Até agora, eu não tinha me sentido inclinada a abordar diretamente esse outro assunto, não por vergonha, ou por estar “em negação”, mas porque é preciso de tempo para aceitarmos

uma nova situação: para assimilar os fatos, ponderar sobre eles e decidir qual é a melhor maneira de proceder. Você já deve ter percebido que estou nos estágios iniciais de uma gravidez. “Mas você tem quarenta e cinco anos, é solteira e possui recursos financeiros limitados”, você deve estar pensando. É claro que estou bastante ciente desses fatos e venho considerando com todo cuidado as opções disponíveis.

Quero deixar muito claro que nunca tive qualquer desejo de engravidar. Levando-se em consideração quanto valorizo a minha completa independência, decidi há muito tempo que marido e filhos não fariam parte da minha vida. Por isso o acordo que eu tinha com Richard funcionava tão bem. Nós nos conhecemos doze anos atrás. Um dia, quando estava olhando por acaso a coluna “corações solitários” em um exemplar do *Evening Standard* que alguém tinha deixado para trás no metrô — não porque eu estivesse solitária, ou procurando por um companheiro, mas só por tédio e uma curiosidade vaga —, um anúncio em particular chamou a minha atenção. Ainda me lembro do texto.

Homem bastante apresentável, na casa dos trinta anos, sem desejo de um relacionamento, procura mulher independente, de espírito livre, para uma relação sem compromisso, de apreciação mútua dos melhores locais da gastronomia e das artes plásticas e dramáticas de Londres e um do outro.

Olhei ao redor para me certificar de que ninguém estava olhando, rasguei o anúncio do jornal e guardei entre as páginas da minha agenda, onde ele permaneceu por alguns dias. Devo admitir que estava me sentindo um pouco apática em relação à vida naquela

época. Tinha trinta e dois ou trinta e três anos e morar em Londres já não parecia mais tão empolgante quanto antes — meus conhecidos da escola, da universidade e do trabalho estavam todos correndo atrás de casamento e filhos. Por que não?, pensei. O que tenho a perder? Seria bom ter companhia para ir ao teatro, a galerias de arte e a restaurantes. E também haveria o benefício secundário de ter contato íntimo com alguém em condições regulares e confiáveis.

Devo explicar, sem arrogância nenhuma, apenas declarando um fato, que nunca me faltou atenção masculina. Ser pequena, loira e ter boa aparência de um modo geral parece garantir um certo grau de interesse das outras pessoas (um colega certa vez disse que eu me parecia com a Kylie Minogue, se ela tivesse passado a vida trabalhando com estatística. Não estou certa de ter sido um elogio). Mas acabei descobrindo que os homens invariavelmente esperam mais do que estou disposta a oferecer. Alguns querem amor romântico, um encontro de mentes, compartilhar pensamentos e sentimentos. Outros querem veneração, deferência e subserviência. Não sou feita para nenhuma dessas bobagens, por isso o anúncio no jornal chamou a minha atenção. Aquele parecia ser um homem culto, que queria a companhia do sexo oposto sem intenções ocultas. Seria como ter um caso extraconjugal, mas sem a inconveniência de ter um marido esperando em casa.

Depois de avaliar a questão por cerca de uma semana, mandei uma mensagem para a caixa postal indicada. Uns dois dias depois, após uma conversa bastante profissional ao telefone em que determinamos as regras do nosso encontro — sem compromissos de longo prazo, sem envolvimento emocional e sem invasão da

privacidade do outro —, eu me encontrei com Richard em um restaurante badalado em Chelsea, onde eu sabia que seria difícil conseguir uma mesa. Ele se revelou um homem surpreendentemente atraente, de um jeito tranquilo. Tudo em Richard era correto e de boas proporções: seu nariz não era nem grande nem pequeno demais; os cabelos de um castanho médio não eram nem longos nem curtos demais; sua constituição física não era nem musculosa nem frágil; seus olhos (que fitaram os meus de igual para igual) eram de um castanho modesto; a pele tinha um brilho saudável; ele era mais alto do que eu, mas não alto demais. Seu modo de se vestir era igualmente correto: camisa de algodão bem passada, calça de algodão clara, um blazer azul-marinho e os sapatos oxford anteriormente mencionados. Seus modos eram impecáveis sem ser pomposos e ele tinha um papo interessante. Depois de se oferecer para pagar pelo jantar, ele não insistiu, nem mostrou sinais de irritação, quando fiz questão de pagar a minha parte.

Richard me contou que trabalhava como crítico de arte e colunista freelancer, que morava em Sussex e visitava Londres uma ou duas vezes por semana. Disse que era um homem ocupado, dedicado aos próprios interesses e que não tinha vontade de ter uma família. Ele sugeriu que nos encontrássemos toda quarta-feira à noite e que nos falássemos por telefone no domingo, para combinarmos o que faríamos na quarta seguinte. Respondi que pensaria cuidadosamente no assunto e que o informaria da minha decisão. Dois dias depois, liguei para Richard para dizer que aceitava os termos, desde que ficasse claro que qualquer um dos dois poderia terminar o relacionamento a qualquer momento, sem perguntas. Na quarta-

feira seguinte fomos assistir a *La Traviata* na English National Opera, então voltamos para o quarto dele em um hotel elegante, onde tudo foi mais do que satisfatório.

Como eu disse, isso faz mais de doze anos. Tenho certeza de que nem Richard nem eu pensamos que o nosso arranjo duraria tanto tempo, mas tudo atendia perfeitamente às nossas necessidades. Eu gostava de ir aos vernissages, às pré-estreias e aos restaurantes seletos a que Richard tinha acesso graças aos seus contatos profissionais. Já ele, apreciava ter uma boa companhia nesses locais e eventos. Ambos prezávamos ter um “relacionamento” íntimo que jamais ameaçava a nossa independência. O único ponto negativo para mim era o custo — eu insistia em sempre pagar a minha parte, a não ser quando os ingressos eram cortesia, ou se Richard já fosse reservar os quartos de hotel de qualquer modo. Além disso, eu precisava ter um guarda-roupa com roupas, sapatos e bolsas formais apropriados — que eu não teria se não fosse por isso. Essas despesas tornavam difícil para mim economizar, mas decidi que os benefícios justificavam o gasto financeiro.

Richard e eu havíamos concordado desde o início que não faríamos perguntas sobre a criação e a família do outro — o tempo que passávamos juntos era a única coisa que importava. Por causa da aparência bem-cuidada dele, do comportamento disciplinado e do modo preciso e ligeiramente antiquado de falar, eu tinha a impressão de que ele vinha de uma família de militares — talvez ele mesmo tivesse servido no Exército. Cheguei a jogar um verde sobre isso umas duas vezes e ele não negou.

Não tenho ideia se Richard saiu com outras mulheres durante aquele tempo — nunca perguntei, já que considerava não ser da

minha conta. No entanto, como eu não sabia nada de sua vida íntima fora dos nossos encontros, insisti para que fosse ele o responsável pelos métodos de segurança apropriados quando estávamos juntos em seu quarto de hotel. Sempre presumi que esse método contraceptivo fosse infalível, mas acabei descobrindo meu equívoco. Talvez eu devesse ter também me certificado de que nada assim pudesse acontecer, tomando as minhas próprias precauções, mas achei que, se fizesse isso, poderia ficar menos atenta na questão de policiar Richard para que cumprisse sua obrigação em relação à proteção. Enfim, algo claramente deu errado, embora eu não tenha percebido nada na hora.

A manifestação da situação atual em que me encontro se apresentou da forma como entendo ser a mais comum: menstruação atrasada, gosto metálico na boca, então, algumas semanas depois, enjoo e mal-estar intensos. Assim que me vi curvada sobre o vaso sanitário, no banheiro do escritório, em uma hora de almoço, tive certeza de que estava grávida. Fiz um teste de gravidez no fim daquele dia, que confirmou o fato. Com o teste à minha frente, em cima da mesa, e com mãos que não paravam de tremer, peguei o celular e mandei uma mensagem para Richard para informar a ele que estava tudo acabado entre nós. Na mesma hora recebi uma resposta, e seguiu-se uma troca de mensagens.

Richard: *Isso é muito inesperado, Susan. Sugiro que conversemos a respeito quando nos encontrarmos na quarta-feira. Vamos tomar algo antes do concerto?*

Eu: *Não há nada para conversar. Concordamos desde o início que poderíamos terminar o nosso acordo quando já não nos atendessemos, e é isso que estou fazendo.*

Richard: *Fizemos esse acordo há muitos anos. Não acha que eu mereço uma explicação?*

Eu: *Isso não fazia parte do acordo.*

Richard: *Tomaremos uma decisão depois de conversarmos na próxima quarta-feira. Eu não tinha ideia de que você estava infeliz.*

Eu: *Não estou infeliz. Obrigada pelos doze anos agradáveis e boa sorte no futuro. Desejo tudo de bom para você. Susan.*

Meu celular tocou meia dúzia de vezes durante a hora seguinte, mas deixei cair direto na caixa postal. No fim, houve mais uma troca de mensagens.

Eu: *Por favor, pare de ligar para esse número. Não temos mais nada para falar.*

Richard: *Certo. Mas não espere que eu esteja à disposição quando você mudar de ideia.*

Você pode estar se perguntando por que — já que eu não tinha a menor vontade de ter um bebê e nenhuma objeção ética ou moral a fazer um aborto — terminei tão rapidamente meu relacionamento com Richard. Eu poderia ter continuado a sair com ele tranquilamente, como sempre, talvez mascarando o enjoo matinal, explicando se tratar de um problema qualquer no estômago, enquanto eu tomava as devidas providências para interromper a gravidez. A verdade é que eu estava com raiva de Richard. Ele fizera aquilo comigo. Era por causa do meu relacionamento com ele que eu me encontrava naquela posição horrível. É um fato biológico básico que a mulher paga o preço, enquanto o homem sai impune.

Além disso, eu desejava evitar qualquer possibilidade de que caíssemos nos papéis clichê adotados pelas pessoas em casos de gravidez não planejada e indesejada: a mulher carente e vulnerável, e o amante frio e indiferente. Era fácil imaginar a cena: eu contando a Richard que estou grávida, ele presumindo que engravidei de propósito porque queria um filho ou algum tipo de segurança em nosso relacionamento; eu tentando convencê-lo de que essa é a última coisa na face da Terra que eu gostaria que acontecesse; ele se oferecendo elegantemente para pagar pela interrupção da gravidez e me acompanhar até a clínica; eu me pegando fervendo de raiva diante da condescendência e do olhar de pena dele. Não, é muito melhor terminar tudo de forma limpa e rápida.



Achei que havia conseguido despachar Richard com sucesso, talvez com um leve pesar pela perda das nossas noites de quarta-feira, mas a história ainda não havia terminado.

— Richard, isso é assédio — falei com firmeza, vendo-o parado na minha porta. — Por favor, tire o pé e vá embora.

— Não até você ouvir o que eu tenho a dizer. Deixe-me entrar e vamos resolver isso.

Hesitei. Talvez fosse melhor resolver tudo logo, pensei. Eu me afastei e deixei que ele entrasse.

— E então? — perguntei, assim que ele estava acomodado na minha sala.

— Susan, o tempo que passamos juntos foi muito importante para mim — começou ele. — Só quando recebi a sua mensagem é que me dei conta de como as nossas noites de quarta-feira haviam se

tornado parte da minha vida. Entendo por que você mandou a mensagem. Você quer algo além do que temos atualmente, alguma garantia de que não vai ficar sozinha quando chegar à meia-idade. Eu não achei que seria capaz de assumir um compromisso mais sério, mas se a outra opção for não passarmos mais tempo juntos, então estou preparado para lhe oferecer o que você quiser. Susan, eu gostaria de sugerir que você venda este apartamento e compre outro com uma localização mais central, em algum lugar bem perto de tudo, de onde possamos ir a pé para os lugares de que gostamos. Eu me comprometo a ficar com você nas noites de quarta e quinta-feira, e passaria o resto da semana em Sussex. Não vejo razão para que isso não possa se tornar nosso novo arranjo a longo prazo.

A apreensão de Richard havia se dissipado e ele tinha um sorriso caridoso no rosto. Na verdade, até ali, nós só tínhamos nos visto sob o brilho de uma vela ou de uma luminária de cabeceira, e sob a luz difusa de uma sala de espetáculos ou de um bar. Agora, sentado no meu sofá, às onze da manhã de um sábado, ele parecia errado, como uma pintura renascentista pendurada em uma galeria de arte moderna. Richard era uma pessoa acostumada a organizar a vida exatamente da forma que lhe convinha — usando seus modos polidos e sua boa aparência discreta para seduzir as pessoas quando necessário —, e claramente não lhe ocorrera que a sua sugestão poderia ser algo que eu recusaria. Não consegui evitar rir daquela autoconfiança tão descabida. A raiva que sentia dele evaporou. Soube, então, que a cena a seguir não se desenrolaria do modo como eu temera. Era eu quem estava dando as cartas. Eu podia estar grávida, mas não estava vulnerável.

— Bem, Richard — falei. — É uma ótima ideia. Mas claro que precisaria ser um apartamento com jardim, por causa do bebê que está a caminho. E com um tamanho decente, também, para ter espaço para o carrinho de bebê, o berço e o que mais formos precisar. Quanto deve custar um apartamento no centro de Londres com um jardim? Eu terei que sair do meu emprego, é claro, mas tenho certeza de que você ficará mais do que feliz em pagar a hipoteca e sustentar a mim e ao bebê. E não vamos mais poder sair à noite, porque o custo de uma babá em Londres é astronômico. Mas fique tranquilo, quando estivermos juntos, podemos simplesmente ficar aconchegados no sofá, diante da TV, e pedir comida. Teremos um ao outro... ao menos durante duas noites por semana... e é isso que importa, não é?

O rosto de Richard era uma pintura. Enquanto eu falava, suas sobrancelhas foram se erguendo cada vez mais, e um dos cantos da boca começou a tremer. Gotas de suor surgiram em sua testa, apesar do frescor do dia, e a pele de aparência normalmente saudável se tornou de um amarelo pálido.

— Você está grávida? — ele conseguiu balbuciar.

— Exatamente — respondi. — Agora, se não se importa, tenho um e-mail urgente para enviar. Vou acompanhar você até a porta.

Sem dizer nem mais uma palavra, e com uma expressão de espanto no rosto, Richard se permitiu ser levado pelo corredor. Abri a porta e me afastei para deixá-lo passar. Ele se virou, como se fosse dizer algo, mas mudou de ideia. Quando chegou à calçada, voltou a se virar.

— Você não vai... quero dizer, por acaso, você não iria realmente querer...?

— Adeus, Richard — falei, e fechei a porta.

E, embora isso seja uma surpresa para mim tanto quanto para qualquer pessoa que me conheça, acho que *vou...* acho que eu realmente *quero*.

6

Outra visita a Birmingham, mas essa foi muito diferente da última. Era estranho pensar que há tão pouco tempo eu estava debilitada pelos enjoos matinais e as sequelas inevitáveis da morte de um parente próximo. No que dizia respeito à minha condição física, eu estava quase de volta ao normal. Emocionalmente, estava ótima. Depois de resolver tudo com Richard e de ter tomado uma decisão sobre a continuidade da gravidez, eu poderia enfim me concentrar em garantir o que era meu por direito. Sentada na recepção da firma Brinkworth & Bates, eu me sentia cheia de energia e pronta para a batalha.

Sei que algumas pessoas me consideram uma mulher difícil, mas não se pode jamais dizer que eu sou propositalmente rude com ninguém, com a possível exceção de Edward, que merece esse tipo de tratamento. Na verdade, tenho orgulho das minhas boas maneiras: cedo meu assento aos idosos no transporte público, muitas vezes deixando envergonhados os mais jovens e em melhor forma; eu me lembro sempre de mandar mensagens de agradecimento quando recebo presentes, por mais problemáticos que possam ser; nunca furo fila, mesmo quando as pessoas estão obviamente formando a fila na direção errada; e assim por diante. Mas admito que não acredito em enrolação. A ambiguidade, na melhor das hipóteses, leva a constrangimentos e mal-entendidos, e

na pior, dá oportunidade aos outros de se aproveitarem de qualquer vulnerabilidade que percebam em você. Eu imaginava que teria que ser muito firme e objetiva em relação ao sr. Brinkworth.

Eu enviara um e-mail para ele exigindo detalhes das circunstâncias que cercavam o testamento de mamãe, para que eu pudesse ter uma noção exata do envolvimento de Edward, mas ele não tivera nem a cortesia de acusar o recebimento, muito menos de responder ao meu questionamento. Mas eu havia descoberto que, como uma medida provisória, poderia pedir ao tribunal para bloquear a comprovação de legitimidade de que o sr. Brinkworth precisaria para dar andamento ao testamento. Embora o atraso resultante disso fosse um inconveniente para mim tanto quanto para Edward, eu não tinha dúvidas de que a espera seria de menos impacto para mim do que para o meu irmão, cuja renda estava em algum lugar entre imprevisível e não existente.

É um motivo de frustração eterna não ter uma sala só para mim no trabalho, o que claramente é uma injustiça, dada a minha capacidade e o meu nível de experiência — no meu departamento na repartição pública, apenas aqueles com cargo de gerência têm a honra de ter uma sala particular. Estranhamente, sempre que me candidatei a uma vaga de supervisão fui preterida. Disseram que não era a função ideal para as minhas habilidades, e devo reconhecer que mais ninguém no departamento é tão meticuloso quanto eu ao analisar dados complexos. A consequência de ter de dividir a sala é que os meus colegas conseguem ouvir cada palavra quando faço uma ligação pessoal. Ou seja, toda vez que eu perseguia o sr. Brinkworth em busca de uma resposta para o meu e-mail, tinha que pegar o celular e ir até o corredor perto dos

banheiros — uma maneira nada digna de conduzir uma conversa importante.

Depois de muitas tentativas, o advogado autorizou que a minha ligação fosse transferida para ele.

— Srta. Green — começou ele —, precisa *tentar* compreender que não estou representando a senhorita nesse assunto. Nem o seu irmão. Deixe-me explicar: meu único dever é agir de acordo com o desejo da sua mãe em relação aos bens dela. Ter longas conversas telefônicas, ou trocar correspondência com a senhorita, só acarretaria custos legais desnecessários que, como testamenteiro, tenho como obrigação não permitir.

O sr. Brinkworth falou lenta e claramente, como se eu pudesse ter dificuldade para acompanhar o que dizia, e percebi que ele precisou se controlar para não acrescentar “querida” no fim do seu discurso. Conheço muito bem o tipo. O sr. Brinkworth quase com certeza frequentara alguma escola pública não muito renomada, e sua formação de segunda categoria e dispendiosa só servira para fundamentar nele a crença de que tinha o direito a um tratamento deferente por parte dos que tiveram uma formação não tão cara. Tendo sido incapaz de garantir essa deferência em sua vida cotidiana, ele se formara advogado, abriu a própria firma e reinava ali como o soberano de um reino inferior. Eu não tinha dúvida de que ele tratava as secretárias como se fossem seu harém pessoal, e as clientes mulheres como crianças idiotas.

— Ora, o *senhor* precisa entender, sr. Brinkworth — falei —, que não vou aceitar isso sem uma briga. Tenho uma forte suspeita de que o meu irmão planejou tudo isso para colocar as mãos no imóvel da minha mãe, e o senhor compartilha de pelo menos parte da culpa

por permitir que ela assinasse um testamento que não refletia seus verdadeiros desejos.

— Essa bobagem não vai nos levar a lugar nenhum. Sei que a senhorita tomou a decisão equivocada de me impedir de seguir com os trâmites do testamento, por isso, para que possamos ir adiante, concordo em ter uma reunião com a senhorita. Para que todos fiquem cientes, seu irmão também deveria estar presente. Vou esclarecer qualquer questão que a senhorita estiver tendo dificuldade de compreender e, depois disso, espero que retire o bloqueio e permita que eu faça o meu trabalho.

Fiquei mais do que satisfeita com a perspectiva de tratar daquele assunto pessoalmente, e então os arranjos necessários foram feitos.



Já eram duas e quinze da tarde — a reunião com o sr. Brinkworth tinha sido agendada para as duas. Cheguei ao escritório de advocacia na hora marcada, apesar do percurso de mais de cento e cinquenta quilômetros entre metrô e trem naquela manhã. No entanto, não havia sinal de Edward, que só precisava caminhar tranquilamente por algumas poucas ruas, ou pegar um táxi, que o deixaria ali em cinco minutos — caso a caminhada se provasse exaustiva demais para ele. Quando perguntei à recepcionista, fui informada de que a reunião não poderia começar até que o meu irmão chegasse. Suponho que ele estivesse tão bêbado ou chapado da noite anterior, que tivesse perdido a noção de que dia era. Eu não vira Edward desde o fiasco do funeral de mamãe, e não tinha a menor vontade de encontrá-lo naquele dia. No entanto, parecia que seria necessário me certificar de que ele compareceria. Tentei ligar

para a casa de mamãe, mas depois de alguns toques caiu na secretária eletrônica. Fiquei revoltada ao ouvir a gravação — não mais o cumprimento na voz gentil de mamãe, mas a mensagem incoerente e supostamente espirituosa de Edward, com risadas altas ao fundo. Deixei um recado exigindo que ele fosse sem demora para o escritório de advocacia. (É possível que eu não tenha dito isso em termos particularmente educados.)



Entre os dias que se seguiram à minha conversa telefônica com o sr. Brinkworth e à data da reunião, eu havia voltado a atenção para toda a ladainha de exames do pré-natal. Não acredito em procurar ajuda médica a não ser quando é absolutamente necessário, em vez disso, prefiro pesquisar e tratar eu mesma de qualquer indisposição menos grave que possa surgir. Por isso, a não ser quando me registrei para ser atendida por um clínico geral, quando já estava perto dos trinta, nunca houvera qualquer motivo para que eu me consultasse com o médico local, e eu nem lembrava onde ele atendia. Mas tinha consciência da necessidade de informar a um profissional médico sobre a minha condição, portanto saí mais cedo do trabalho sob o pretexto de uma consulta dentária. A clínica era uma casa convertida, construída antes da Segunda Guerra, em mau estado, com um carpete verde-garrafa esfarrapado no piso e paredes que variavam entre um amarelo pálido e um bordô cintilante. Certamente era um perigo ter o piso acarpetado, em vez de um material que pudesse ser desinfetado, e essa era uma questão que alguém realmente deveria levar ao diretor da clínica.

O médico parecia pouco mais velho do que um universitário e estava tão agitado que me perguntei se eu seria a sua primeira paciente de carne e osso. O sujeito passou quase a consulta inteira cutucando a pele das costas das mãos e encarando um ponto acima do meu ombro esquerdo. Quando disse que estava grávida, ele ergueu as sobrancelhas e checou minhas informações na tela do computador — que devem ter revelado nada mais do que o meu nome e minha data de nascimento. Provavelmente o médico achava que seria mais apropriado para mim estar me consultando a respeito da chegada iminente da menopausa, e não sobre uma gestação. Depois de uma conversa penosa em que o médico tentou arrancar informações pessoais minhas e eu me esquivei, ele finalmente terminou com as formalidades de praxe. Assim que essa parte foi resolvida, aproveitei que havia um médico à minha frente para fazer algumas perguntas em relação ao direito de acesso de um parente aos registros médicos de uma pessoa falecida. Ele acabou se mostrando uma fonte de informação muito útil, apesar da pouca idade — talvez as faculdades de medicina atualmente se concentrem mais na parte burocrática do que no atendimento.

Deixei a clínica com vários folhetos sobre gravidez e parto, nos quais dei uma olhada quando voltei para o meu apartamento no fim daquela tarde. Eram todos ilustrados com fotos de mulheres em estado avançado de gravidez, de aparência exultante, com as mãos pousadas protetoramente sobre as barrigas, ou de mães recentes com expressões contentes, sorrindo orgulhosas para os pacotinhos embrulhados em seus braços. Na maior parte do material, havia um homem defensor se erguendo ao fundo, com a mão no ombro da parceira. Todas as mulheres pareciam jovens e felizes, radiantes com

o prazer da procriação no tempo correto. Não consegui ver nada em comum entre aquelas procriadoras instintivas e eu — fiquei com a sensação de estar tentando me infiltrar em um grupo fundamentalista tentando usar uma história pouco verossímil.

Os folhetos fizeram cair a ficha do que aconteceria ao longo dos meses seguintes, não apenas com o meu próprio corpo, mas com o ser que crescia dentro de mim. O lado positivo era que a náusea provavelmente cederia de vez nos próximos dias. No entanto, havia uma enorme variedade de lados negativos. Eu não conseguia imaginar o meu abdômen — que considerava bem-tonificado para uma mulher da minha idade — se distendendo em proporções tão absurdas. Também não conseguia visualizar meus seios modestos se transformando em mamas gigantescas produtoras de leite. E não consegui nem pensar nos intrincados processos corporais envolvidos no parto em si. Fui até a sala de estar e subi no sofá que ficava de frente para o espelho acima do console da lareira, com uma almofada enfiada embaixo da blusa. Virei de um lado e do outro, entrelacei os dedos por baixo da barriga-almofada e coloquei no rosto uma expressão pacata e suave de futura mãe. Não, não parecia certo. Definitivamente não parecia.

Joguei a almofada em cima do sofá e voltei para a cozinha para examinar os folhetos. Fiquei surpresa ao descobrir que aquilo a que se referiam como o meu “bebê” já tinha cerca de oito centímetros de comprimento e pesava menos de trinta gramas. Eu tinha ficado tão estressada com a bomba da notícia da morte de mamãe e com os sintomas físicos desagradáveis do meu mal-estar matinal, que não me dei conta de que o que estava crescendo dentro de mim já tinha ido além de um simples amontoado de células. Não pensava naquilo

como uma pessoa de verdade, mas a informação nos folhetos despertou em mim uma sensação visceral, diferente de qualquer outra que eu já tivesse experimentado. Agora, eu estava lidando não apenas com um dilema abstrato. Ao fim desse processo — que o médico havia me informado que seria no fim de março do ano seguinte — eu sairia do hospital com um bebê de carne e osso. Isso era tão incrivelmente surreal que a minha mente se recusou a entender. Juntei os folhetos e os coloquei na bandeja que eu destinava a coisas a serem resolvidas.



Mais tarde, naquele dia, eu estava digitando um e-mail para o diretor da clínica em que me consultara para agraciá-lo com a minha opinião sobre o serviço, quando alguém bateu na porta. Preocupada de não ter sido clara o suficiente com Richard, afastei a cortina da janela para checar. Era apenas a vizinha de cima, Kate, que sem dúvida havia mais uma vez se trancado do lado de fora do apartamento. Eu havia concordado com relutância em guardar uma cópia da chave dela comigo, exatamente para ocasiões como essa. Quando Kate e o companheiro, Alex, se mudaram há cinco anos, ela era uma jovem profissional muito bem cuidada — trabalhava com comunicação, ou recursos humanos, ou alguma coisa desse tipo, no centro da cidade. Tanto Kate quanto Alex trabalhavam muito e eu mal os encontrava ou ouvia. Agora, Kate era a mãe ansiosa e desgrenhada de uma criança de dois anos e de um bebê pequeno, ambos junto com ela no momento. Alex continuava a trabalhar a mesma quantidade de tempo, e a família devia vê-lo tão pouco quanto eu o vejo.

— Ah, que ótimo, a Susan está em casa — disse ela, se dirigindo à criança mais velha, uma menina pequena, de cabelos ruivos, agarrada à perna da mãe. — Não achamos que ela estaria em casa tão cedo, não é mesmo? Susan nunca vai adivinhar o que fizemos, não é?

— Vou pegar as chaves para você — falei.

O bebê, que tinha apenas algumas semanas, dormia profundamente na cadeirinha portátil que Kate pendurara no braço. Ela tinha no rosto um sorriso que era claramente o produto da mais pura força de vontade, e não de felicidade, e suas madeixas, que antes eram volumosas e belas, agora estavam escorridas ao redor do rosto como algas marinhas. Pensei que aquela poderia ser uma boa oportunidade de fazer um pouco de pesquisa de campo, por isso convidei Kate e os filhos para tomarem uma xícara de chá comigo. Ela hesitou e sua expressão vacilou, sem dúvida porque, em todos os anos em que éramos vizinhas, nunca havíamos passado da porta do apartamento uma da outra. Um instante depois, Kate tinha novamente o sorriso no rosto e se virou para a filha mais velha.

— Ava, que tal beber alguma coisa na casa da tia Susan? O que acha disso?

Surpreendentemente, a menina, em vez de recuar horrorizada, sorriu radiante e assentiu. Levei a família até a cozinha, preparei o chá e servi um copo de suco de laranja. Era uma tarde agradável de outono e as portas francesas estavam abertas para o minúsculo jardim de pátio. Winston estava deitado no muro dos fundos, pegando o sol do fim do dia. A menina foi andando até lá.

— A tia Susan tem muita sorte de ter um apartamento com jardim, não é, Ava? — falou Kate para a filha, enquanto se

acomodava em uma das cadeiras da cozinha e pousava a cadeirinha portátil no chão, entre os pés calçados com sapatos práticos. Ela sorriu para o bebê de um jeito exagerado e começou a balbuciar “mama baba dada” para ele. — Deveríamos ter pensado mais sobre ter um jardim quando estávamos procurando um apartamento para comprar — continuou, ainda se dirigindo ao bebê —, mas na época não sabíamos que teríamos dois pequeninos, não é? Não que a mamãe e o papai pudessem pagar por um apartamento com jardim por aqui, de qualquer maneira, não é?

O bebê começou a reclamar e Kate tirou-o da cadeirinha, colocou-o no colo e começou a balançá-lo ritmicamente. Presumi que fosse um menino, já que estava usando o clássico macacão azul-bebê.

— Como ele se chama? — perguntei, lembrando a mim mesma que aquele era o tipo de pergunta que os pais esperavam que se fizesse.

— Você se chama Noah, e é um anjinho, não é? — respondeu ela, olhando nos olhos do bebê, que começavam a se fechar de novo. — A não ser quando acorda às três da manhã, depois de termos acabado de colocar você para dormir.

Senti que aquela era a minha deixa para mais algumas perguntas investigativas.

— Qual é a sensação de ser mãe? Você acha que foi uma boa decisão, ou acha que foi um erro terrível?

Kate riu.

— Nós adoramos, não é? Estamos cansados o tempo todo e é complicado financeiramente, mas não trocaríamos você e a Ava por nada no mundo, não é?

Era agora ou nunca. Prendi a respiração, contraí os músculos e me lancei, antes que perdesse a coragem.

— Posso pegar ele no colo? — perguntei.

Uma expressão de pânico cruzou o rosto dela, como se eu tivesse perguntado se podia levá-lo para fazer *rafting* em corredeiras, e Kate aninhou o filho mais junto do peito, instintivamente. No entanto, ficou claro que ela não conseguiu pensar em um motivo para recusar o meu pedido.

— Você vai no colinho da tia Susan, meu amor? — perguntou ela ao bebê, passando-o para mim com relutância.

Eu o segurei do mesmo modo que a vira fazer — horizontalmente no meu antebraço, com a cabeça descansando na dobra do cotovelo. Era muito mais pesado do que eu imaginara — na minha inocência, achara que teria o peso de uma bolsa, quando na verdade era mais como uma pasta cheia de documentos. Era macio e viscoso, e seu cheiro era uma mistura de banho e leite quente, com um leve aroma de urina. Sem dúvida o bebê sentiu a minha falta de jeito, porque seu rosto começou a se contorcer e sua cor rosada passou para quase roxa. Tentei balançá-lo nos braços como Kate fizera, mas talvez meus movimentos fossem bruscos ou desajeitados demais. Ele começou a berrar.

— Ah, volte para a mamãe, fofinho. Acho que você está um pouco cansado e com fome, não está? Quer um pouco de leiteinho?

Então, uma coisa desconcertante aconteceu. A blusa de Kate obviamente tinha alguma abertura oculta, como uma porta secreta atrás de uma estante em uma mansão antiga. Em um instante, ela estava sentada diante da mesa, parecendo absolutamente normal, no minuto seguinte, uma aba foi levantada, um fecho aberto e seu

seio esquerdo estava à plena vista. Devo dizer que não me considero uma pessoa pudica, ou que se choca com facilidade — um corpo é basicamente igual ao outro no que me diz respeito. Mas estava totalmente despreparada para ver os seios da vizinha expostos na minha cozinha, e lamento confessar que me peguei dizendo que tinha uma ligação importante para realizar antes das cinco da tarde, impreterivelmente. Kate fez novamente o truque da porta oculta na estante e a normalidade foi restaurada. O bebê, no entanto, não ficou satisfeito com o sumiço de sua fonte de alimentação.

— Ava, hora de ir. A tia Susan tem coisas para fazer — chamou Kate, pelas portas francesas. E, enquanto prendia o bebê na cadeirinha portátil, arrulhou: — Foi bem divertido, não foi? É tão bom conversar com adultos para variar, não é mesmo? Vamos ter que fazer isso de novo, que tal?

Meu tempo com Kate definitivamente não foi bem-sucedido em relação a me convencer de que eu tinha um lado maternal desconhecido até então, ou de que a rotina de uma mãe era algo a ser invejado. Dito isso, sei por experiência própria que sou capaz de reverter a maioria das situações a meu favor, por menos promissoras que pareçam de início. Embora Kate pudesse estar afundando sob o peso do estresse e das demandas da maternidade, não havia razão para que o mesmo ocorresse comigo. Antes de mais nada, não tenho um companheiro de quem tomar conta — o que, pelo que observei, com frequência equivale a ter outra criança em casa (vide o meu pai e o meu irmão). Além disso, o bebê vai ter herdado os meus genes, portanto, posso esperar que seja razoável e comedido em seu comportamento. Por fim, não tenho a menor intenção de abrir mão do meu emprego — acredito que haja ótimas creches que

aceitem bebês desde bem pequenos. Só é preciso depositar a criança ali de manhã cedinho e recolhê-la à noite, e a creche cuida do resto. O lado negativo, naturalmente, é o custo — outra razão por que é categórico que eu garanta a minha herança dentro dos próximos meses.



Chequei mais uma vez o relógio. Eram duas e quarenta e cinco agora. Depois de atender a um ramal interno, a recepcionista se virou para informar que, se Edward não aparecesse nos próximos cinco minutos, a reunião com o sr. Brinkworth teria que ser cancelada e remarcada. Eu estava prestes a protestar quando a porta foi aberta de supetão e Edward entrou. Fiquei surpresa ao ver Rob logo atrás dele.

— Suze, irmãzinha, como vai? Trouxe as luvas de boxe?

— Você está atrasado. Onde esteve?

— Só não vi motivo para essa reunião, afinal todos sabemos o que o testamento diz, mas vim. O Rob aqui gosta de manter a paz, está sempre tentando criar carma positivo no mundo.

Edward se jogou em uma das cadeiras baixas de vinil e começou a enrolar um cigarro.

— Ed Green, chegando para ver o chefe — falou para a recepcionista. — Fica tranquila, é para depois — acrescentou. Ele terminou de enrolar o cigarro e enfiou-o atrás da orelha.

— Oi, Susan — cumprimentou Rob, ainda parado perto da porta. — Espero que consigam resolver tudo hoje.

Ele sorriu, como se tivéssemos uma relação cordial. Jamais, pensei. A aparência de Rob era a de um homem que estivera

construindo um túnel através de um brejo: botas sujas de lama, calças cargo imundas e uma jaqueta preta. Eu tinha certeza de que não era necessário para um trabalhador braçal ficar em um estado daquele — talvez Rob achasse que o fazia parecer sério e confiável. Se a intenção era essa, não estava funcionando.

— Espero que não esteja achando que vai participar da reunião — disse a ele. — Esse é um assunto de família.

— Está falando sério? Olha só a minha cara. Além do mais, estou acabado, estive com lama até o pescoço desde as sete da manhã. Estou trabalhando em um projeto no terreno de uma casa de repouso mais no fim da rua. Mas se precisar de uma carona até a estação depois da reunião, é só avisar. Chego aqui em cinco minutos.

Ele andou até onde eu estava sentada e tirou um cartão de visita de um dos muitos bolsos:

*Robert Rhys, bacharel (hon.) formado pela Pickard School of
Garden Design*

Projetos de jardinagem e serviços de paisagismo

Do planejamento à execução

Li o cartão e devolvi a ele.

— Isso não será necessário, obrigada. Tenho o número da companhia de táxi da cidade.

— Cara, nem se dê ao trabalho de ser legal com ela. Suze só vai acabar com você.

O telefone da recepcionista zumbiu de novo.

— Srta. Green, sr. Green? — chamou ela. — O sr. Brinkworth vai recebê-los agora.

7

A recepcionista nos acompanhou por um corredor de teto baixo, sem janelas, com pilhas de pastas antigas que chegavam à altura dos joelhos, presas com elásticos, de cada lado; pastas sanfonadas de arquivo estavam etiquetadas com palavras como “Provas”, “Depoimentos”, “Testemunhos”; e havia fardos de documentos amarelados, amarrados com uma fita cor-de-rosa. Para um estabelecimento que alegava ser especialista no conhecimento da lei, a indiferença deles com os riscos de tropeços era admirável.

Parado no batente de uma porta no fim do corredor estava um homem corpulento, de rosto corado, sentado diante de uma escrivaninha de mogno, cujo tampo mal era visível embaixo de montanhas dos mesmos arquivos, pastas e documentos. Aquele homem de aparência pomposa sem dúvida era o sr. Brinkworth. O advogado, escutando nossos passos, ergueu os olhos de um documento que lia com atenção excessiva a ponto de ser teatral e nos mirou por cima dos óculos de lentes em formato de meia-lua. Se ele pensou que me impressionaria com aquela encenação de autoridade judicial, estava muito enganado. Estou acostumada a lidar com esses tipos pedantes, e sei o quão fácil é desmontar a fachada deles. Quando entramos na sala, o sr. Brinkworth se levantou e estendeu a mão, primeiro para Edward, então para mim.

— Ah, os Green, finalmente. Estava me perguntando se essa reunião chegaria a acontecer hoje. Sentem-se, sentem-se.

O sr. Brinkworth indicou duas poltronas murchas, ambas uns dez centímetros mais baixas do que o trono régio em que ele se sentava. Às suas costas, havia uma ampla janela panorâmica, e tive que estreitar os olhos para conseguir vê-lo direito. Eram estratégias tão óbvias e que não me intimidariam em absoluto. Edward, com o jeito de sempre, afundou na poltrona ao meu lado, os braços cruzados e uma expressão desafiadora no rosto.

As paredes eram cobertas por estantes cheias de volumes empoeirados. As *Leis da Inglaterra de Halsbury*, com lombada marrom; os *Estatutos de Halsbury*, com lombada cinza; e o *Relatórios legais de toda a Inglaterra*, com lombada azul; provavelmente comprados para impressionar e nunca abertos. Em uma mesa pequena enfiada no canto mais distante da sala estava sentado um rapaz magricelo, cujas cicatrizes de acne e a caspa eram visíveis a vários metros de distância. O sr. Brinkworth o apresentou, com um gesto desdenhoso da mão, como sendo Daniel, seu trainee, e explicou que ele faria as anotações da nossa reunião. O pobre rapaz enrubesceu ao ouvir o próprio nome e concentrou toda a sua atenção em alisar a capa de seu caderno de anotações azul.

— Muito bem, sr. Brinkworth — falei —, vamos começar com a explicação de como a minha mãe chegou a fazer esse testamento, que certamente não reflete seus desejos.

— Tudo a seu tempo, madame. Deixe-me apenas encontrar a papelada e veremos com o que estamos lidando.

O sr. Brinkworth procurou entre a enorme quantidade de pastas em cima de sua mesa, ofegando por causa do esforço. Com a ajuda

de Daniel, que veio em seu auxílio, ele finalmente desenterrou uma pasta fina de papelão do fundo da pilha mais distante, quase causando uma avalanche.

— Ah, isso mesmo. A falecida sra. Patricia Green. Casa, conta bancária, conta de investimento, dois beneficiários. Tudo bastante simples. Aqui está uma cópia do testamento para cada um de vocês, assim podem ver por si mesmos os termos exatos. — Ele jogou os dois documentos através do campo de batalha que era a escrivaninha e a minha cópia passou da mesa e aterrissou aos meus pés. — Há uma soma considerável de dinheiro nas contas, aliás. Só para dar uma ideia, certamente o bastante para cada um de vocês comprar um carro novo, de categoria intermediária, e ainda sobra um pouco. Devo conseguir mandar os cheques para vocês sem demora assim que essa pequena diferença de opinião for resolvida.

Era ridículo que o sr. Brinkworth achasse que poderia me tentar com a perspectiva de um Ford Focus ou um Astra. Morando em Londres, nunca senti a menor necessidade de aprender a dirigir. Era preciso ser masoquista para querer enfrentar os motoristas mal-educados da cidade, que agiam como guerreiros em uma Cruzada, autorizados por suas armaduras de metal. No metrô, em geral é possível evitar conversas com os outros passageiros, se tomar cuidado em não fazer contato visual. Ignorei a bobagem do sr. Brinkworth e repeti meu pedido de explicação de como um testamento tão dúbio havia sido redigido. Disse a ele que para mim era óbvio, como devia ser para ele, que havia outra pessoa por trás daquilo.

— Sim, sim, estou ciente do seu receio, mas, antes de perdermos tempo discutindo tudo isso, tenho uma proposta a fazer. — Ele se

virou para Edward. — Como sabe, sr. Green, estou de mãos atadas enquanto o bloqueio que a sua irmã requisitou estiver valendo. A questão é que o testamento foi devidamente redigido e executado, e o senhor tem o direito de permanecer na antiga casa da família. No entanto, estou certo de que todos gostaríamos de resolver esse assunto sem precisar apelar para procedimentos legais. O que proponho é: o senhor — e ele apontou para Edward com a caneta esferográfica azul, de plástico — concorda em deixar a propriedade em uma certa data, digamos, daqui a doze meses, e com base nisso, a senhorita — ele apontou para mim com a caneta — retira o bloqueio e permite que eu siga adiante com a execução do testamento. Ambos têm a opção de procurar orientação legal por conta própria, mas acredito que qualquer advogado que consultem vai dizer que essa é a solução ideal.

O sr. Brinkworth largou a caneta na mesa e se recostou na cadeira, com a satisfação esnobe de um homem que acabou de resolver as palavras-cruzadas do *Times* e deseja que todos saibam disso. Daniel levantou o rosto esburacado das anotações que fazia e só faltou aplaudir o mentor genial.

— Não preciso ver mais informação nenhuma, cara — falou Edward. — Não vou concordar com isso. Preciso pensar no que a mamãe iria querer. Se ela quisesse que eu deixasse a casa depois de um ano, teria dito isso.

— Também não concordo. Pretendo provar que o testamento da minha mãe é fruto de um plano criminoso. Se o senhor se recusar a admitir isso, então teremos que ver o que o tribunal pensa a respeito.

Enquanto esperava que o advogado assimilasse as minhas palavras, senti uma sensação peculiar no ventre, um tremor delicado, como se um passarinho miúdo estivesse preso dentro de mim, tentando escapar. As asinhas bateram, então pararam, bateram e pararam. Era bastante diferente da sensação de quando estamos com uma indisposição estomacal, ou com fome — mais como cócegas. Pensei que talvez poderia ser um efeito colateral da adrenalina que prepara a pessoa para a batalha. Mudei de posição na cadeira e cruzei as pernas, com a esperança de fazer a sensação passar.

— Srta. Green — disse o advogado, tamborilando irritado com um abridor de cartas de metal na pasta diante de si —, as anotações de Daniel da minha reunião com a sua mãe registram que ela me deu instruções muito específicas em relação ao conteúdo do testamento. Talvez eu deva citar um trecho para a senhorita: “A cliente quer dividir seus bens igualmente entre o filho e a filha, abre parênteses, Edward e Susan, fecha parênteses. Edward mora com ela. A cliente acha que Edward vai precisar de algum tempo para resolver sua situação de moradia. O advogado explica para a cliente que ela pode deixar a casa da família em usufruto para o filho. A cliente disse que era uma ideia excelente e agradeceu ao advogado pelo conselho”. Como a senhorita pode ver, a sua mãe sabia muito bem que desejava que o seu irmão ficasse onde está a curto prazo.

— Isso mesmo, cara. — Edward ergueu o polegar, aprovando.

Aquele tremor no ventre de novo. Imagens de beija-flores, libélulas e mariposas gigantes passaram pela minha cabeça. Precisei reunir toda a minha força de vontade para deixar aquelas imagens de lado e me concentrar nas falhas da argumentação do sr.

Brinkworth. Contraí os músculos abdominais e me endireitei na cadeira.

— Mas não é apenas a curto prazo, não é mesmo? — retruquei. — Edward pode ficar na casa pelo tempo que quiser. A minha mãe pode ter parecido saber o que estava fazendo, mas ela havia tido dois AVCs recentemente, estava vulnerável à manipulação. O senhor sabia disso? Será que teve o cuidado de pesquisar e descobrir sobre o estado de saúde da mulher frágil e idosa que veio consultá-lo?

— Se eu sabia ou não dos derrames é irrelevante. A sua mãe, pelo que me lembro, era uma senhora muito lúcida, muito perspicaz. O fato de a vontade dela não estar de acordo com a sua própria, srta. Green, não é motivo para lançar dúvidas sobre a capacidade mental da sua mãe.

— Eu não poderia ter dito de uma maneira melhor — concordou Edward.

Àquela altura, o viveiro em miniatura dentro de mim estava se tornando uma distração e um aborrecimento. Mudei novamente de posição, sentando agora na beira do assento e inclinando o corpo para a frente. Estava preocupada com a possibilidade de que, no meu estado físico agitado, o sr. Brinkworth e Edward pudessem tomar o controle da reunião. Devo confessar que comecei a perder compostura.

— Olha só, Edward — falei, virando para meu irmão —, fica calado, a não ser que tenha alguma contribuição útil para dar à discussão. Na verdade, se quer contribuir, por que não abre o jogo sobre a sua participação nisso? É obvio que você influenciou a mamãe a fazer o testamento. Pensou em tudo sozinho, ou teve a ajuda do sr. Brinkworth?

— Sim, eu e o advogado bebemos juntos toda noite no The Bull's Head. Ele dorme lá em casa se tiver bebido demais. O que você acha, Suze? — indagou Edward, um sorrisinho debochado no rosto. — Se quer saber, o meu envolvimento é o seguinte: a mamãe me contou há algumas semanas que ia fazer um testamento. Essa é toda a história. O começo e o fim. Nunca encontrei esse cara antes, nunca estive aqui antes, nunca disse à mamãe para fazer um testamento, nunca disse a ela que queria ficar na casa depois que ela morresse. Quer anotar tudo isso, Suze? E você também, Danielzinho? — Nesse momento, Edward se virou brevemente para o assistente desafortunado, que enrubesceu mais uma vez. — A mamãe provavelmente só quis me ajudar. E talvez tenha sido um agradecimento por tomar conta dela por tantos anos, de não ter me mandando para Londres.

— Tomar conta dela, que piada — falei, e me levantei, em uma tentativa derradeira de conter aquela agitação no meu ventre. Edward deve ter encarado o meu levantar súbito como um ataque e se levantou para me encarar, em uma reação instintiva, imagino, depois das tantas brigas de pub em que havia se metido. Sou pequena, não passo de um metro e cinquenta e cinco. Edward, embora baixo para um homem, é uns bons quinze centímetros mais alto do que eu. Recuei um passo. — A mamãe não conseguia se livrar de você — continuei. — Toda vez que achava que você iria começar a construir uma vida própria, você terminava se arrastando de volta para casa. Você não ficou em casa por *ela*, fez isso para poder ficar de vagabundagem e morando de graça. Você é um parasita.

— Srta. Green, sr. Green...

— Porra nenhuma! — gritou Edward, e enfiou o dedo no meu peito. — Eu levava a mamãe ao supermercado, aparava o gramado, resolvia o que era preciso na casa. E fazia companhia a ela. Quem tomou conta da mamãe quando ela ficou doente? O que você fez? Uma visita a cada dois ou três meses só para dizer a si mesma que tinha cumprido seu dever. Não é de estranhar que ela tenha decidido que eu merecia um pouco mais do que você.

— Eu era mais próxima da mamãe do que você jamais foi. Falava com ela ao telefone uma vez por semana, sem falta. Sabia tudo o que estava acontecendo na vida dela. Só que, ao contrário de você, eu tenho um trabalho.

— Basta! — O sr. Brinkworth bateu com a palma das mãos na escrivaninha com força. — Se não pararem agora com esse comportamento, terei que pedir ao Daniel para acompanhá-los para fora daqui.

O assistente se encolheu no assento.

A sensação no meu ventre agora era insistente, e finalmente me ocorreu que aquilo não era apenas uma *sensação* de alguma coisa se movendo dentro de mim — alguma coisa estava se movendo de verdade. Não era uma ideia agradável. Uma cena do filme *Alien* veio à minha mente — aquela em que é revelado, de forma bastante dramática, que o personagem de John Hurt tinha se tornado uma incubadora humana. Levei a mão instintivamente ao cós da minha saia e percebi que estava mais justa do que o normal. Mas nada parecia estar tentando sair por ali.

— E, de qualquer maneira, para que você precisa do dinheiro, Suze? — continuou Edward, sem parecer notar a minha agitação ou as súplicas do sr. Brinkworth. — Você vive se gabando da carreira

maravilhosa que conseguiu em Londres e de como o seu apartamento é fantástico. Sou *eu* que preciso, não você.

Hesitei por um instante. A princípio, eu não tivera nenhuma intenção de informar a Edward sobre a gravidez. Não era da conta dele, ainda mais porque pretendia cortar todo contato com o meu irmão depois que a questão dos bens de mamãe estivesse concluída. Além disso, aquilo não traria nenhuma vantagem para mim. Estava claro que a posição de Edward estava cristalizada, e era altamente improvável que a perspectiva de uma sobrinha ou de um sobrinho fosse de qualquer utilidade para mudá-la. Por outro lado, contar a Richard acabou se mostrando surpreendentemente divertido, como tirar um ás da manga, ou um coelho da cartola.

— Para sua informação, Edward, estou grávida — falei.

Edward me mirou de cima a baixo, em silêncio, então passou os dedos pelos cabelos oleosos, balançou a cabeça e riu.

— Bela tentativa, Suze, mas fico surpreso por você não ter conseguido inventar nada melhor do que isso. Você acha que eu sou idiota?



A reunião com o sr. Brinkworth e Edward não saiu exatamente como planejado. Talvez tivesse sido um pouco otimista da minha parte esperar que o advogado admitisse a sua negligência, ou que meu irmão admitisse a sua maquinação. Ainda assim, pelo menos agora todos sabíamos exatamente em que pé estávamos, e eu deixara o escritório do sr. Brinkworth sem qualquer dúvida de que era uma mulher que não se deteria até conseguir justiça.

No trem de volta para Londres, mais tarde naquele dia, peguei a fotocópia do testamento de mamãe para examinar. As determinações eram exatamente as que o sr. Brinkworth declarara, e não consegui detectar nada que de cara parecesse incorreto na redação do texto. Fui até a última página, onde o testamento tinha sido assinado por mamãe e pelas testemunhas. A assinatura de mamãe parecia diferente de como eu me lembrava, não necessariamente na aparência geral, mas na personalidade — parecia mais fraca, mais trêmula, com menos floreios e mais hesitante do que o habitual. Eu me perguntei se isso era porque ela estava confusa em relação ao que estava assinando, ou se porque estava fazendo aquilo sob pressão.

Dirigi a minha atenção para a identidade das duas testemunhas que, até ali, o sr. Brinkworth não fizera questão de me informar. Uma delas era a tia Sylvia. Aquilo me surpreendeu, já que ela e Edward não eram exatamente aliados. Só me restava presumir que a minha tia não tivera acesso ao conteúdo do testamento, caso contrário, não teria assinado o documento. A outra testemunha era Rob, o melhor amigo do meu irmão. Rá, peguei você!, pensei. Se Edward queria cobrir seus rastros e se certificar de que o testamento passasse por qualquer escrutínio legal, deveria ter garantido que nenhuma das testemunhas pudesse ser intimamente ligada a ele.

Eu precisaria falar com tia Sylvia e Rob e colher depoimentos deles em preparação para a minha contestação legal do testamento. Seria tranquilo no caso da minha tia, mas com Rob poderia ser mais complicado — teria que pensar com muito cuidado em como arrancar informação dele. Eu tinha tudo o que precisava para dar um fim no joguinho de Edward, mas, mesmo assim, talvez não fosse

uma completa perda de tempo tirar mais ou menos uma hora para encontrar Brigid, a minha antiga colega de quarto na faculdade (que realmente possuía um fantástico cérebro legal, embora fosse difícil imaginar isso pelo estado do corpo que continha tal cérebro), e arranjar alguns conselhos legais gratuitos.

Guardei o testamento na bolsa e me virei para o pacote que ocupava o assento ao meu lado. Tinha recebido uma ligação dos agentes funerários na semana anterior e fui informada de que eles haviam feito várias tentativas infrutíferas de contatar Edward. Eles queriam saber quando desejaríamos recolher as cinzas de mamãe e se eu poderia passar o recado para o meu irmão, ou eu mesma pegá-las. Não sendo uma pessoa sentimental e tendo estado mais preocupada recentemente com outras questões mais sérias, nem pensara nas cinzas de mamãe. No entanto, como o assunto fora levado à minha atenção, concluí que seria muito mais adequado que eu, e não Edward, cuidasse da questão. Se permitisse que o meu irmão fizesse aquilo, ele acabaria esquecendo as cinzas no ônibus ou em uma casa de apostas, ou decidiria espalhá-las em um lugar completamente inapropriado, como uma cervejaria. Portanto, após a reunião no escritório do advogado, eu havia recolhido com os agentes funerários uma caixa de papelão pesada e meio desajeitada, fechada com fita adesiva.



Tinha sido estranho tocar a campainha de metal da funerária, vinte e sete anos depois de ter feito isso pela última vez. Não houve motivo para que eu fosse ali depois da morte de mamãe, já que foi Edward quem cuidou dos arranjos para o funeral e eu não quis ver o

corpo. Por que ver? Edward cuidara da identificação do corpo e o médico dera o atestado de óbito. Por mais que meu irmão seja capaz de todo tipo de práticas nefastas, acho improvável que ele tenha aprisionado e assassinado mamãe, para então ter arrumado o corpo de outra senhora que tivesse morrido de causas naturais para que o médico desse o atestado. Ali na recepção da funerária, esperando pelas cinzas de mamãe, eu me lembrei de como me sentira diferente em relação ao meu pai.

Eu tinha dezessete anos quando ele morreu. Naquela época, era bem menos pragmática do que sou agora — eu compararia o meu eu adolescente com uma planta jovem que ainda não havia desabrochado completamente — e senti que era importante ver o corpo do meu pai. Talvez porque o meu relacionamento com ele tenha sido complicado, talvez pela forma como ele passara os últimos anos e pela sua morte. Fosse qual fosse a razão, dois dias depois da morte do meu pai, resolvi passar na funerária no caminho de volta da escola.

Na última vez em que eu vira o meu pai vivo, seus cabelos desalinhados chegavam até os ombros e a barba estava desgrenhada. Na funerária, deitado no caixão, ele estava com a barba feita, os cabelos em um corte limpo afastados do rosto. Em vez das roupas em péssimo estado nas quais eu costumava vê-lo, o meu pai estava coberto por um tecido de seda branca, enrolado ao redor do pescoço dele como uma gola de babados de um menino do coro da igreja. É clichê dizer que um morto parece em paz, mas ele parecia, enfim. A harmonia da cena só era comprometida por um fio curto de algodão, com cerca de um centímetro de comprimento, preso entre os cílios do seu olho esquerdo. Eu não poderia deixar

aquilo ali. Segurei o fio entre o indicador e o polegar e puxei. Mas descobri que não conseguia tirar o fio. Estava preso entre os cílios inferiores e superiores. Ao puxar com mais força tive visões do olho dele se abrindo de repente e uma bola de estopa saindo na minha mão. Soltei o fio, passei apressada pelo assistente do agente funerário que estava à espreita do lado de fora da sala e saí correndo dali. Mamãe teve que ligar para os agentes funerários na manhã seguinte para recuperar a minha mochila da escola.



Sentada no vagão do trem, fiquei curiosa com o que exatamente estava em minhas mãos. Cortei a fita adesiva com a lixa de metal que eu mantinha no meu nécessaire de maquiagem e abri a caixa. Dentro, encontrei não o esperado jarro de plástico com tampa de rosca, mas uma urna retangular de bom gosto. Peguei a urna e coloquei na mesa à minha frente. A mulher de expressão amarga sentada na minha diagonal, que eu percebera que tinha passado a última meia hora pesquisando no Google sobre os vários motivos possíveis para se divorciar, viu a urna e me lançou um olhar de estranheza. Algumas pessoas são incapazes de cuidar da própria vida.

Virei a urna de um lado e de outro, examinando-a de todos os ângulos. Era feita de um carvalho encerado, muito liso. Presa à tampa havia uma placa de prata com o nome de mamãe, a data de seu nascimento e de sua morte gravadas em uma fonte simples. Não era muito diferente do que eu mesma teria escolhido se tivesse cuidado da organização. Fiquei surpresa por Edward ter se dado ao trabalho de encomendar uma urna daquela. No entanto, não é nem

preciso dizer que, se meu irmão estivesse realmente tão preocupado com o que aconteceria com as cinzas de mamãe, ele teria retornado mais prontamente as ligações dos agentes funerários. Eu mesma não tinha ideia do que faria com a urna e seu conteúdo. Mas pelo menos eles estariam seguros comigo, que era o mais importante.



Na tarde seguinte, eu tinha uma consulta marcada no hospital. Havia me resignado a notificar a minha gerente direta, Trudy, sobre a gravidez, de forma que a minha ausência do trabalho seria registrada como motivos médicos. Mais cedo, naquela manhã, antes de os meus colegas chegarem, fui até a sala de Trudy. Eu tinha esperança de ser o mais breve e profissional possível, já que não me agradava a perspectiva de divulgar detalhes íntimos e pessoais. Bati na porta da sala dela, entrei e fui direto ao assunto — disse que estava grávida e precisava tirar a tarde de folga.

— Ah, Susan, eu não poderia estar mais feliz por você, não poderia mesmo — disse Trudy.

Ela deu a volta até o meu lado da mesa e me abraçou. Seus braços eram fortes como os de um operário, o que imagino ser resultado do esforço físico envolvido em cuidar de filhos pequenos. Os segundos se passaram e comecei a sentir uma sensação de pânico enquanto tentava pensar em uma forma de me desvencilhar dela. Trudy acabou me soltando e se afastando para me olhar.

— Sempre torci para que alguma coisa assim acontecesse com você um dia — continuou ela. — Pode contar comigo, não importa o que seja. Ah, que notícia fantástica!

A reação de Trudy foi tão desproporcional à informação que eu acabara de dar que me pegou de surpresa. Assim que consegui escapar dos tapinhas e cumprimentos empolgados dela, voltei para a sala ainda deserta do escritório. Organizei a minha mesa, me certificando de que os papéis estavam paralelos às bordas, e fiz a checagem diária da minha coleção de cactos. Percebi que havia espaço o bastante para acrescentar mais um, se os aproximasse um pouco mais.

Naquela noite, sentada no sofá do meu apartamento, ouvindo o ritmo matemático e relaxante de um concerto para violino de Mozart, examinei as três imagens capturadas no exame de ultrassonografia que eu tinha feito no hospital. Quando eu observara o monitor, não tinha conseguido discernir o que a técnica que fizera o exame, com seu olho experiente, podia ver com tanta clareza. Agora, com a ajuda dos meus óculos de leitura, consegui identificar o pequeno organismo enrodilhado, semelhante a um camarão, com uma cabeça grande, uma mancha escura sugerindo a presença de um olho e braços e pernas muito finos. Ainda tinha muito pouca semelhança com um ser humano, mas estava tudo no lugar certo — ou pelo menos assim garantira a técnica enquanto passava o aparelho em meu abdômen cheio de gel.

Depois do exame de ultrassom, eu tinha sido cutucada, apalpada e verbalmente indagada por uma parteira de uma eficiência tranquila. Ao contrário do que eu esperava, ela não se preocupou em absoluto quando informei que tinha quarenta e cinco anos.

— Ah, hoje em dia tem muitas mulheres na casa dos quarenta anos tendo bebês — disse, enquanto enfiava uma agulha no meu braço para coletar sangue. — A verdade é que não é assim tão

incomum quanto as pessoas pensam. Na verdade, há tantas mulheres de quarenta e poucos anos engravidando quanto há garotas com menos de dezoito. Recebi uma paciente outro dia que tinha cinquenta e dois anos. É evidente que você cuida bem de si mesma e é saudável. Basta continuar a fazer o que já vem fazendo.

No entanto, havia uma pequena questão que ela precisava mencionar — ao que parecia, era provável que eu estivesse na categoria de “alto risco” de ter um bebê com síndrome de Down, embora eu só fosse receber o percentual final dessa probabilidade dali a alguns dias. Eu realmente não deveria me preocupar, já que era mais provável que tudo corresse bem. No entanto, se ter um filho com necessidades especiais fosse representar um problema para mim, eu talvez quisesse considerar a possibilidade de fazer um exame de amniocentese, só para ter certeza. O procedimento acarretava um leve risco de aborto, então era melhor eu ir para casa e pensar com cuidado no que gostaria de fazer. Disse a ela, sem hesitar, que era apenas lógico realizar o teste — é importante ter acesso a todos os fatos quando temos de avaliar uma questão. Além do mais, ter um bebê seria um novo desafio para mim (embora eu soubesse que estava à altura dele) e não queria ser pega de surpresa por complicações para as quais eu não me planejara. Pude notar que a parteira não estava acostumada com tomadas de decisão tão rápidas e seguras.

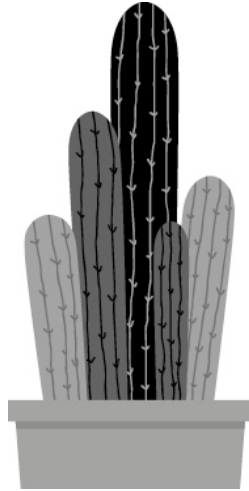


Enquanto olhava para as imagens embaçadas do ultrassom, tive certeza de ter tomado a decisão certa. E continuo achando. Se os exames acabarem levando ao término da gravidez, que seja. Eu

simplesmente retornarei à posição em que me encontrava algumas semanas atrás, perfeitamente satisfeita com a minha vida. Mais do que satisfeita.

Estava ficando tarde e eu me sentia exausta. Coloquei as imagens com cuidado em cima do console da lareira, apoiadas na concha fossilizada de amonite que eu tinha encontrado na praia, em umas férias que passei quando era criança. Arrumei o sofá, apaguei as luzes e afastei meu novo peso de porta de carvalho encerado para poder fechar a porta da sala de estar. A urna é do tamanho, forma e peso perfeitos e combina muito bem com a minha mesa de centro. Mamãe não teria se importado. Ela era uma mulher prática e teria ficado encantada em ser útil.

Outubro



8

Outubro é o meu mês favorito, e sua chegada acarreta em um aumento da minha energia. Não sou uma pessoa que gosta do verão — o clima quente e sua associação natural com a diminuição da quantidade de roupas que se usa e das inibições não me atraem nem um pouco. Meus colegas do trabalho com frequência tentam me convencer a tirar férias de verão “de verdade”, mas acho incompreensível todo o tempo que as pessoas desperdiçam fazendo nada em uma praia ou na beira de uma piscina. Quando explico isso, meus colegas simplesmente riem e dizem: “Ah, Susan!”. Por sorte, ao chegar outubro, até a ameaça de um veranico fora de hora já passou, e uma mulher pode ter o prazer de usar tecidos pesados e cardigãs grossos, e se comportar de modo sensato, sem atrair atenção para si mesma. Esse mês, no entanto, começou de uma forma menos revitalizante.

Eram três da madrugada de um sábado e eu finalmente estava caindo em um sono inquieto. Os filhos adolescentes do casal super fitness do outro lado da rua estavam dando uma festa barulhenta, e a batida forte da música dançante martelava na minha cabeça desde as onze da noite. Imagino que os pais estavam fora, em algum circuito do Ironman, ou algo igualmente masoquista.

Ao longo dos anos, acabei me acostumando com os barulhos constantes que invadem o meu apartamento: a estridência dos

alarmes dos carros e sirenes da polícia; o ressoar de ônibus e trens; gritos de raiva ou de alegria vindos da rua. Aceito tudo isso sem reclamar, sendo uma consequência inevitável de morar em Londres. Os adolescentes, no entanto, aumentaram o volume da música a um nível tão insano que a minha paciência foi levada ao limite. A princípio, pensei em ligar para a polícia e denunciar o tumulto, mas, tendo feito isso no passado, aprendi que as autoridades costumam agir como se *eu*, e não a pessoa de quem eu estava reclamando, fosse o problema. Mesmo se tomassem alguma atitude dessa vez, o que era altamente improvável, os jovens sem dúvida abaixariam o volume até a polícia estar distante, para então voltar com a música ainda mais alta do que antes.

No começo, as batidas e o toque insistentes pareceram ser parte da música, mas, conforme eu era arrancada do meu semissono, percebi que havia alguém na porta do apartamento. Presumi que fosse uma brincadeira sem graça de algum delinquente presente na festinha, que havia dado um jeito de entrar no corredor comum aos apartamentos. No entanto, quando abri a porta para dizer a eles exatamente o que eu achava daquele tipo de comportamento, em vez do jovem bêbado que achei que encontraria, estava Kate, muito pálida. Ela segurava com força a cadeirinha portátil com o bebê, que usava apenas a fralda. A própria Kate vestia uma estranha combinação de pijama de bolinhas vermelhas, chinelos de dedo e um casaco impermeável.

— Susan, graças a Deus você está em casa — disse ela, acima da batida constante da música do vizinho.

Embora eu percebesse que devia haver alguma coisa de muito errado, já que pela primeira vez ela estava se dirigindo diretamente

a mim, lamento dizer que não fui capaz de invocar a minha cortesia habitual.

— Não é possível que você tenha se trancado do lado de fora de casa no meio da noite, é?

— É o Noah — explicou ela, ofegante. — Ele está com uma febre altíssima. Não consigo fazê-la baixar de jeito nenhum. Já tentei de tudo... paracetamol, ibuprofeno, tirar a roupa dele, compressas frias. Acabei de ligar para a emergência. E me disseram para levá-lo a um pronto-socorro. Não vou esperar por uma ambulância. Vou direto para lá, de carro. Mas a Ava está dormindo e não posso levar ela comigo. Você poderia tomar conta dela enquanto estou fora? Pode ficar na minha cama e voltar a dormir. Ao menos vou saber que tem alguém em casa, se ela acordar. Diga a Ava que volto logo. Sinto muito por isso, mas não tenho mais ninguém a quem pedir.

Olhei para o bebê. O rosto dele estava muito vermelho, os poucos fios de cabelo colados à cabeça minúscula, os braços e as pernas parecendo moles. Ele dava a impressão de não estar nem acordado, nem dormindo. Senti um nó estranho na garganta.

— E o Alex? — perguntei, torcendo para que houvesse uma alternativa ao meu envolvimento naquela crise doméstica. — Ele não pode tomar conta da filha?

— Ele não está em casa. É uma longa história. Por favor, Susan, por favor. Preciso ir. Imediatamente. Você tem a chave. Pode entrar. E sirva-se do que quiser. Pode deixar que eu ligo para dar notícias. — Ela já estava andando pelo corredor e saindo do prédio para pegar o carro, que sempre deixava estacionado bem embaixo da minha janela. Eu a segui até a porta do prédio.

— Não me importo de ajudar por uma ou duas horas. Mas encontre alguém para ficar no meu lugar assim que possível. Tenho uma agenda cheia amanhã. Espero que fique tudo bem — acrescentei, enquanto ela prendia o cinto da cadeirinha no carro e ocupava o assento do motorista. Então Kate partiu, cantando os pneus.



Aquela realmente era uma situação inconveniente. Era essencial que eu não estivesse cansada no dia seguinte, já que planejava meticulosamente um dia de compras. O enjoo matinal agora era uma lembrança distante, e a minha aparência havia mudado com uma rapidez espantosa, passando da de uma maratonista para a de uma arremessadora de peso do Leste Europeu. Estava agora no estágio em que não conseguia mais usar as minhas roupas de sempre, mesmo se deixasse aberto o primeiro botão da saia ou da calça. Portanto, precisava investir com urgência em um guarda-roupa adequado.

Eu havia tirado um tempo para pesquisar sobre roupas de maternidade com cuidado, e tinha planejado um guarda-roupa cápsula que me atenderia de outubro até o nascimento do bebê, em março. A saber: duas calças pretas (uma mais larga, outra mais slim) com a cintura elástica; duas saias pretas (uma acima dos joelhos, outra abaixo) com a mesma cintura elástica; sete suéteres de manga comprida, em preto, cinza e branco; dois cardigãs de lã grafite (um de trama mais leve, outro mais grosso); e algumas peças de lingerie expansíveis, cujos detalhes vou omitir. Eu só precisava experimentar as peças para me certificar do tamanho e comprá-las.

Havia planejado sair do apartamento às oito e meia da manhã e estar de volta perto de uma e meia da tarde, para poder passar a tarde fazendo algumas pesquisas jurídicas. Aquela perturbação noturna impactaria a minha agenda cuidadosamente estruturada.



Entrei novamente em casa para pegar a chave do apartamento de Kate. Também peguei o meu edredom, lençol e travesseiro — sob nenhuma circunstância eu dormiria nos lençóis usados de alguém. Já dentro do apartamento vizinho, joguei a minha roupa de cama em cima do sofá e examinei o ambiente ao redor. A sala de estar, que ficava diretamente acima da minha e portanto possuía dimensões idênticas, parecia consideravelmente menor, talvez por causa da parafernália do bebê e da menina mais velha espalhada pelo chão — uma confusão de peças de quebra-cabeças, uma avalanche de blocos de montar, diversos plásticos estranhos em várias configurações, animais de brinquedo em múltiplos estados de destruição capazes de encher um hospital veterinário, além de um tapete de atividades, outro para trocar fraldas, balanço de bebê, penico e coisas semelhantes. Não vejo por que ter filhos deveria ser uma desculpa para comprometer o nível de seus padrões domésticos. Eu ficaria muito surpresa se aquilo acontecesse comigo.

Desci o corredor na ponta dos pés e espiei dentro do quarto. Uma luminária em forma de cogumelo gigante fornecia uma luz suave. Consegui distinguir a silhueta de uma cama de casal desfeita contra uma das paredes, com um moisés de vime aos pés, e uma cama infantil contra a parede oposta. Era tudo apertado demais. Fiquei satisfeita porque logo garantiria a minha herança e poderia comprar

um apartamento de dois quartos. A criança sob minha responsabilidade estava espalhada como uma estrela-do-mar na cama menor, respirando profunda e ritmicamente, apesar da batida da música que vinha do outro lado da rua. Peguei um brinquedo largado no chão (algum personagem de uma série de televisão infantil bastante popular), coloquei ao lado da menina adormecida e a cobri com o edredom, que ela imediatamente chutou para se desvencilhar.

Em seguida, fui sem fazer barulho até a cozinha, para descobrir que estava no mesmo estado de caos que a sala de estar — pratos sujos na pia, comida derramada na mesa e nas superfícies, lixo transbordando. Eu sabia que jamais conseguiria pegar no sono em um ambiente tão estranho, depois de ter sido acordada daquela forma, por isso resolvi que um pouco de trabalho físico ajudaria a me cansar. Coloquei um par de luvas de borracha amarelas que encontrei em um pacote fechado em uma gaveta e pus a mão na massa com água e sabão, pasta de arear e limpador de piso. Depois que a cozinha estava impecável, me dirigi à sala de estar, onde encontrei lugar para os vários itens espalhados, organizei a desordem nas prateleiras e no console da lareira, endireitei o tapete e afofei as almofadas das poltronas. Quando terminei, eram cinco e meia da manhã, a música havia parado e eu estava exausta. Apaguei a luminária de piso no canto da sala e me acomodei no sofá.

Sempre tive dificuldade em pegar no sono à noite, mesmo quando não estou sendo bombardeada pela poluição sonora. No momento em que fecho os olhos, sou tomada por uma sensação irracional de que algo terrível pode acontecer se eu não estiver

atenta. Enquanto tentava invocar o sono, pensei nos anos passados acordada, quando era menina, esperando meu pai voltar do pub. Meu quarto ficava acima da porta da frente e do corredor na casa onde passei minha infância e, pelos menores sons que ecoavam através das tábuas do piso, eu sabia dizer em que estado ele estava. Se conseguia enfiar a chave na fechadura de primeira, estava bem; se deixava as chaves caírem, ou se atrapalhava para encontrar a fechadura, estava mal. Se fechasse a porta em silêncio, estava bem; se batesse com força, estava mal. Se os passos dele pelo corredor eram leves e seguros, estava bem; se fossem pesados ou irregulares, estava mal. Se eu ouvisse água sendo servida em um copo, estava bem; se houvesse um tilintar do gargalo da garrafa contra o copo, estava mal. Se ele fosse direto para a cama, estava bem; se colocasse ópera italiana para tocar em volume máximo, estava mal. Às vezes me pergunto se Edward ficava deitado em sua cama, acordado, com os mesmos pensamentos que eu. Não sei. Nunca perguntei a ele.

Quando forçava a lembrança para o fundo da minha mente, senti um toque no ombro. Ali, parada sob a penumbra que vinha da rua, estava a menina. Ela segurava o bicho de pelúcia e me encarava com uma expressão de curiosidade.

— Oi — falei. — Sou Susan, a vizinha do andar de baixo. Você se lembra de mim?

A menina assentiu, como se essa fosse uma situação corriqueira.

— Sua mãe precisou ir a um lugar com urgência, então vou ficar de olho em você por uma ou duas horas. Tudo bem?

Ela acenou mais uma vez com a cabeça, escalou meu corpo e se espremeu no espaço limitado entre onde eu estava deitada e as

costas do sofá.

— Sinto muito, mas não há espaço para nós duas aqui. Seja boazinha e volte para a sua cama — disse a ela.

A menina balançou a cabeça e fechou os olhos com força.

— Volte para a sua cama agora, por favor. Eu preciso dormir e você também — acrescentei, com mais autoridade.

Ela repetiu o gesto e fechou os olhos com mais força ainda. Devo admitir que não tenho muita experiência em lidar com crianças pequenas — prefiro muito mais lidar com pessoas que são suscetíveis à razão e à lógica. Depois de mais uma tentativa valente para fazer com que a menina cumprisse o que eu pedia, saí do sofá, fui para o quarto e me deitei na cama dela. Era tão pequena que precisei curvar o corpo inteiro para caber. Em poucos minutos, a menina reapareceu, passou por cima de mim e se espremeu no espaço estreito perto da parede.

— Mocinha — falei —, esse é um comportamento inaceitável.

Mas ela já estava de olhos fechados e fingia dormir. Depois de repreendê-la sem sucesso, voltei para o sofá, e mais uma vez ela me seguiu. Sua obstinação poderia ser considerada uma qualidade admirável se ela a estivesse usando para fins mais construtivos. Xinguei baixinho e fui para o quarto novamente. Não tinha dúvidas de que seria seguida pela criatura teimosa. Pensei em fazer uma barricada na porta, mas achei que aquilo poderia resultar em lágrimas. Exausta, subi na cama de casal — os lençóis usados já não me pareciam mais tão repugnantes quanto algumas horas antes. Como previsto, logo houve o barulho de pés e a senti subir na cama e passar por cima de mim, mas pelo menos agora havia espaço suficiente para nós duas. Bem quando eu estava começando a pegar

no sono — e, ao que parecia, a menina também —, o telefone na mesinha de cabeceira tocou.

— Susan, é a Kate. Eu não acordei você, não é? Só queria saber se está tudo bem.

— Sem problemas por aqui — consegui dizer. — A menina não está sentindo a sua falta.

— Noah está com amigdalite — explicou Kate. — Deram antibióticos a ele e vão mantê-lo sob observação por algumas horas, até a temperatura começar a baixar. Vou ficar com ele. Não consigo falar com o Alex, mas deixei uma mensagem explicando a situação e dizendo para ele me ligar assim que puder.

— Ele está longe? Quanto tempo deve demorar para chegar aqui? Tenho um compromisso importante.

— Não tenho ideia de onde ele está. Alex me deixou. Ele provavelmente está com a namorada.

Expressei um pesar apropriado pela situação em que ela se encontrava, mas pedi para que realmente se certificasse de encontrar alguém — qualquer pessoa — que pudesse me substituir assim que fosse possível. Kate me informou que os pais dela moravam em Midlands e por isso não poderiam ajudar, e que todos os seus amigos tinham algum compromisso pessoal ou estavam longe de Londres. Dei o número do meu celular e pedi para que me avisasse no instante em que um grupo de resgate estivesse a caminho.

Quando terminei de falar com Kate, a menina estava sentada na cama, com os olhos bem abertos e pronta para o dia.

— Ainda não é de manhã — expliquei, tentando empurrá-la delicadamente para que se deitasse. — Vamos dormir por mais uma

ou duas horas.

A menina se contorceu para se afastar de mim, saiu correndo do quarto e voltou um minuto depois com uma braçada de livros. Fiz o máximo para ignorá-la. Mas a persistência dela era tamanha que, no fim, cedi e li uma história depois da outra, sobre criaturas, lugares e situações que não poderiam estar mais longe da realidade. Depois do que pareceu uma hora, decidi que, enquanto aguardava a ligação que traria o fim daquela provação, poderia muito bem manter a minha programação original para o dia, embora fosse necessário ajustar os horários. Portanto, vesti a menina de uma forma adequada ao clima, reuni uma seleção dos brinquedos menos extravagantes e voltei para o meu apartamento. Como ela insistia em ficar perto de mim, eu a coloquei diante da televisão — algo que não faria com um filho meu, óbvio — para poder preparar o nosso café da manhã. Ela não comeu muito do muesli que servi, nem bebeu muito do suco de toranja, o que sei que seria um arrependimento mais tarde. Depois do café da manhã, expliquei a ela que andaríamos de trem, e eu esperava que se comportasse muito bem. A menina assentiu.



Na estação de metrô, pedi à mulher magra e de rosto fino, empoleirada atrás da bilheteria como se fosse um pássaro — que sempre achei ser uma pessoa carrancuda e rabugenta —, um tíquete de um dia para a criança.

— Você não precisa pagar pela pequena, querida. Quantos anos ela tem? — perguntou a mulher, o rosto se abrindo em um sorriso radiante.

Ela acenou com os dedos ossudos para a criança no carrinho, que fez um gesto tímido de volta.

— Não faço ideia. Quantos anos *você* acha que ela tem?

— Você não sabe? — Seus olhos se estreitaram, desconfiados.

Tentei me lembrar de quando vira a menina pela primeira vez.

— Ora, ela não deve ter mais de três anos.

— Tenho dois.

— Ah, você fala! — exclamei, pega de surpresa.

Administrar um carrinho e uma criança pelos corredores da estação do metrô foi mais desafiador do que eu esperava. Toda vez que chegávamos a uma escada rolante, eu precisava parar, soltar a menina, dobrar o carrinho (mais fácil falar do que fazer) e içá-lo para a escada em movimento, enquanto ao mesmo tempo segurava e manobrava a criança. Cada vez que descíamos de uma escada rolante, eu tinha que fazer o mesmo, em ordem inversa. Tudo isso enquanto os outros passageiros passavam por nós como uma debandada de búfalos.

Eu não conseguia acreditar na quantidade de escadas rolantes necessárias para percorrer uma curta distância. Também houve duas baldeações e vários lances de escada (o que exigiu uma operação perigosa, de costas, com o carrinho apoiado nas rodas traseiras), antes de chegarmos ao nosso primeiro destino. Decidi que enviaria um e-mail para os encarregados do metrô, para deixar minhas opiniões em relação ao sistema de transporte deles bastante claras. Depois de me sentar no trem, vi que era muito mais difícil do que o normal evitar qualquer interação com os outros passageiros — as pessoas estavam constantemente sorrindo para a criança, então levantavam os olhos e sorriam para mim. Alguns até me

perguntaram o nome ou a idade dela, informações que agora eu podia fornecer com segurança. Imagino que parecêssemos ser mãe e filha tendo um dia divertido juntas. Da minha parte, tenho pouco interesse em crianças, mas suponho que ela seja bastante encantadora de se olhar, com os cachos dourados, as bochechas coradas e os grandes olhos azuis. Se você gosta desse tipo de coisa.

Chegamos na primeira loja da minha lista setenta e dois minutos mais tarde do que o previsto. Peguei os itens de roupa de maternidade que desejava experimentar e fui para os trocadores. O carrinho não cabia no cubículo, então precisei estacioná-lo no corredor e deixar a criança no chão, no canto do trocador. Assim que comecei a me despir, ela começou a reclamar que estava com fome. Expliquei que a culpada era ela mesma, já que não tinha comido o muesli — *eu* tinha comido todo o *meu* café da manhã e ainda estava satisfeita. A menina foi incapaz de aceitar sua responsabilidade pela situação em que se encontrava e não parou de reclamar de fome. Não dei atenção e continuei com a importante tarefa de avaliar a qualidade, funcionalidade e aparência dos itens de vestuário. Nesse meio-tempo, a vendedora enfiou a cabeça pela cortina e perguntou, em tom preocupado, se estava tudo bem. Expliquei que a criança era responsável pelo próprio infortúnio, mas a mulher pareceu ter pena dela assim mesmo.

Carregando duas sacolas de compras grandes, voltamos para a estação do metrô. Em uma tentativa de acabar com as lamúrias, parei em uma barraca de frutas para comprar algumas bananas, descasquei uma e entreguei para a menina. Ela espremeu a banana entre os dedos, então esfregou no casaco, no vestido e nas laterais do carrinho. Expliquei a ela calmamente por que seu comportamento

era inaceitável, mas ela começou a berrar de forma ininteligível. As únicas palavras que consegui discernir foram “mamãe”, “casa” e algo que parecia ser “doces”. Lamento dizer que o resto da ida às compras só pôde ser levado adiante com o uso criterioso de quadradinhos de chocolate, que eu entregava à menina em pequenas porções, a intervalos de cinco minutos.

Aquele comportamento me fez lembrar de Edward, que também tinha sido uma criança muito difícil. Ainda guardo uma imagem dele no carrinho de bebê, batendo as pernas, se contorcendo e gritando em altos brados, até conseguir o que queria. Mamãe mimou Edward de uma forma que nunca fez comigo. Talvez tenha sido porque estive doente quando era menor. Não sei exatamente o que houve de errado com Edward — ninguém me explicou na época, e não pensei em perguntar depois. Acredito que tenha sido uma doença genética, algo relacionado com o estômago e que precisou de várias operações até ser corrigido.

Mamãe foi uma figura distante para mim durante o verão em que Edward ficou no hospital — na maior parte das vezes éramos só o meu pai e eu. Por incrível que pareça, ele conseguiu lidar bem com a situação e assumiu a responsabilidade pelas questões domésticas da casa, na ausência de mamãe. Até encontrou tempo para brincar comigo. Na minha memória, fez sol durante aquele verão inteiro. O meu pai e eu almoçávamos em pátios de pubs, e todo dia eu comia batatas chips sabor frango e tomava limonada. O jantar sempre era alguma coisa não tão correta, como sanduíches de geleia ou espaguete com milho enlatado. Quando mamãe trouxe Edward para casa, o meu pai voltou à sua vida de sempre e a diversão acabou. Eu precisava andar em silêncio pela casa para não acordar meu

irmão e não tinha permissão para brincar com ele, para não correr o risco de machucá-lo. Em vez de ter a atenção plena de um adulto como antes — o meu pai —, tive que me contentar com o pouco tempo que a minha mãe era capaz de me dedicar, quando ela não estava correndo atrás de Edward. Mesmo tendo apenas dois anos, meu irmão tinha noção do poder concedido por seu status de convalescente e tirou toda a vantagem possível disso.



Era meio da tarde quando voltamos para o meu apartamento, e ainda não havia nenhum sinal de Kate. A viagem de volta tinha sido ainda mais intensa do que a de ida, por causa da quantidade de sacolas que precisaram ser colocadas e retiradas das escadas rolantes além do carrinho e da criança. Tendo passado a noite anterior acordada, àquela altura eu estava absolutamente esgotada. Assim, deixei as sacolas na cozinha e me aconcheguei na cama com a criança. Nós duas adormecemos na mesma hora.

Naquela noite, estávamos comendo a nossa refeição de frango assado com purê de batata e ervilhas, que acabou sendo bem aceita, quando a cavalaria finalmente chegou. Quando levei Kate até a cozinha, a menina disparou na direção da mãe. Seria de se imaginar que elas haviam passado meses separadas. Kate colocou no chão a cadeirinha com o bebê — que agora estava com uma aparência pacata — e se sentou à mesa ao lado da filha, que estava terminando de comer. Kate explicou que a temperatura do bebê tinha abaixado e ele recebera alta, com uma receita para antibióticos.

— Muito obrigada pela ajuda — agradeceu ela. — Alex está na Sardenha, segundo o chefe dele. Fico te devendo uma.

— Não tem problema — falei, e me levantei para tirar a mesa. — No entanto, sugiro que você deixe pronta uma lista de contatos de emergência, em caso de futuras crises familiares.

Quando se levantou para me ajudar, Kate viu a pilha de sacolas de compras da loja de artigos para grávidas, no canto da cozinha. Ela olhou para a minha barriga.

— Ah, você está grávida. Parabéns — disse. — Tem algum pai na história em algum lugar? — acrescentou, como se eu pudesse ter algum escondido no armário.

— Não. Sem pai.

— Bem, podemos cuidar uma da outra. Duas mães solteiras juntas. Vamos nos divertir.

— Isso seria ótimo — respondi.

Ela pareceu achar que eu estava falando sério.



Trabalhei até tarde na sexta à noite, preparando uma longa apresentação para a reunião mensal do departamento. Eu havia elaborado novas maneiras de desenvolver a eficiência pessoal e, assim, aumentar as metas individuais. Tinha certeza de que os meus colegas ficariam satisfeitos. Há uma perda de tempo excessiva e inadvertida acontecendo na empresa. Observei que a quantidade de chá ou café consumidos durante a jornada de trabalho excede em muito a quantidade necessária para manter alguém devidamente hidratado. Sem dúvida as pessoas preparavam alguma coisa para beber apenas por acharem que era a vez delas de fazerem aquilo, e

não porque estavam com vontade. Além disso, tenho observado com frequência duas ou mais pessoas ao lado da chaleira ao mesmo tempo, quando, evidentemente, não é preciso mais do que uma pessoa para preparar um bule de chá ou café. Portanto, planejei um cronograma estrito para a produção e consumo de chá e café, cuja validade científica era indiscutível.

Também notei que os meus colegas perdem uma quantidade considerável de tempo carregando documentos através do espaço aberto do escritório, caminhando da própria mesa para a de outra pessoa. Eles então se sentem na obrigação de ficar na mesa de destino batendo papo com seu ocupante, e desconfio que tal conversa se desvie para assuntos que não são estritamente profissionais. Se as pessoas recebessem a orientação de enviar a papelada por e-mail, em vez de fisicamente, não se sentiriam tão compelidas a conversar. Anotei várias outras ideias que, calculava, economizariam uma média de vinte minutos por dia para cada funcionário. Aquilo permitiria a Trudy aumentar as metas pessoais — incluindo as dela — em 4,5%.

Quando saí do escritório, já estava escuro, e a chuva, que havia sido uma ameaça durante todo o dia, agora caía com vontade. Enquanto eu travava uma luta com o mecanismo teimoso do guarda-chuva, um rosto familiar surgiu das sombras ao lado da porta, o lugar onde os fumantes em geral se reuniam. Richard. Já fazia algum tempo desde a última vez em que tínhamos nos visto ou conversado. Ele ligara várias vezes, mas eu não tinha atendido. O que havia para falar? Richard provavelmente estava espreitando havia algum tempo no canto dos fumantes, mas, embora seus cabelos estivessem escorridos pela chuva, e o casaco azul-escuro,

encharcado, e ele tivesse gotas de água na ponta dos cílios, mesmo assim conseguia parecer impecável. Ele me trouxe à mente uma cena de um antigo filme em preto e branco: um Orson Welles elegante, emergindo da escuridão, em *O terceiro homem*. Sua aparição mexeu um pouco comigo, mesmo contra a minha vontade. Reprimi a sensação.

Eu não estava com paciência para uma conversa difícil, ainda mais uma para a qual eu não tinha me preparado, assim, me virei para seguir em direção à estação do metrô. Imagino ter sido otimismo demais da minha parte ter esperança de que Richard simplesmente sumisse. Antes que eu conseguisse fugir, ele agarrou a manga do meu casaco.

— Susan — falou, acima do zumbido do tráfego pós-hora do rush, do tamborilar da chuva e do ruído das rodas dos carros nas poças. — Você não acha que está na hora de conversarmos? — Ele baixou os olhos até a altura da minha barriga. — Sobre o nosso filho.

Segurei o casaco mais perto do corpo.

— Por favor, não se sinta na obrigação de pensar nele como *nosso* filho. Você já fez a sua parte.

— Por que não vamos a algum lugar seco, onde possamos conversar direito? Parece estranho fazer isso no meio da rua.

— Não temos que fazer isso em lugar nenhum. Não pense que eu preciso da sua ajuda.

— Susan, só quero que saiba que eu sei que você estava tentando me assustar quando nos vimos pela última vez, porque queria provar a sua independência. Admiro isso em você. Mas, se eu puder me envolver mais seriamente na situação, pense em como seria mais fácil para você, tanto financeiramente quanto de forma

prática. Eu já pensei em tudo e fiz alguns cálculos. Estou preparado e disposto a assumir responsabilidade conjunta pelo bebê, com tudo o que isso acarreta.

Lembrei a mim mesma de que eu já havia tomado a minha decisão e que não era uma pessoa que mudava de ideia. Mas o dia havia sido longo e eu estava cansada. E precisava me livrar de Richard antes que minha armadura começasse a apresentar qualquer rachadura.

— Você está errado. Não estou tentando provar nada. Só estou deixando bem claro que você está livre para fazer o que quiser. Nossas interações foram baseadas exclusivamente em um acordo bem definido, que agora terminou. Você não tem mais nenhuma obrigação.

— Mas não há motivo para que os termos do acordo não sejam renegociados, se for o desejo de ambas as partes — insistiu ele, com o ar de um diplomata experiente. — O propósito inicial do nosso arranjo foi entretenimento e prazer mútuos. O objetivo agora deveria ser criar um filho equilibrado e saudável. Tenho certeza de que, se trabalharmos juntos com esse objetivo em mente, será uma empreitada de grande sucesso e mutuamente benéfica.

— Escuta, Richard — falei, afastando o cabelo molhado dos olhos. — Eu sei que você não tem o menor desejo de ser pai e também sei que a criança ficará absolutamente ótima sem você. Se pensar bem a respeito, vai perceber que seria um absurdo continuarmos a interagir um com o outro pelos próximos dezoito anos só por causa de um acidente biológico. E duvido muito que seja isso que você realmente quer, se for honesto consigo mesmo.

— Mas o que *você* quer?

— Quero sair dessa chuva. Quero ir para casa e jantar.

— Esse bebê tem os meus genes — declarou ele, apontando o dedo na direção do meu abdômen. — Não pertence apenas a você. Metade dele pertence a mim. Pode muito bem se parecer comigo, pensar, andar e falar como eu. Não vou simplesmente abrir mão da minha parte no controle do futuro dele. Tenho o dever para com a minha mãe de garantir o bem-estar do neto dela.

— Não depende de você — retruquei, afastando a mão dele, irritada. — Entendo que você queira fazer o que acredita ser o certo, mas, por favor, confie em mim para saber o que é melhor para nós três. Agora, se você não se importa...

Joguei o guarda-chuva inútil em uma lata de lixo cheia e chamei o táxi vazio que por sorte surgiu na escuridão.

— Se você não cair logo em si, terá notícias do meu advogado! — gritou Richard atrás de mim.

É impressionante como as pessoas apelam para clichês quando ficam sem argumentos.

9

Eu estava havia vários dias tentando falar com tia Sylvia, mas sempre que ligava era atendida pelo grunhido rouco de nicotina de tio Frank, ou pelas risadinhas de Wendy ou Christine. Em duas ocasiões ouvi, ao fundo, tia Sylvia pedindo ao garoto ou garota de recados da vez para me dizer que ela sentia muito, muito mesmo, mas estava extremamente ocupada com alguma coisa e que me retornaria depois sem falta. Mas suas desculpas eram tão falsas quanto as suas unhas, seus cílios e o azul brilhante de seus olhos. Em uma dessas ligações, quando tia Sylvia supostamente não poderia falar porque tinha feito clareamento a laser nos dentes naquela manhã, consegui arrancar de Wendy que ela, Christine e minha tia iriam a Londres no fim de semana seguinte para um dia de compras e para irem a um show no West End. Que tal, então, eu levar a mãe delas em um passeio pelas atrações da cidade, enquanto as duas curtiam um “dia de paparicação” em um spa?

— Mas eu também quero um “dia de paparicação”. Não quero perder o meu tempo fazendo um tour por um monte de museus antigos e deprimentes — resmungou tia Sylvia, mesmo com todo o seu sofrimento dentário.

No fim, ficou evidente que a única maneira de fazer com que minha tia arisca concordasse em conversar comigo era, muito contra a minha vontade, me juntar a ela e às minhas primas no spa. Nunca

frequentara um lugar daquele tipo — sempre os considerei uma perda autoindulgente de tempo e dinheiro, uma atividade para o tipo de pessoa que acredita que seu valor é diretamente proporcional a quanto gastam consigo mesmas. Pessoas como a minha tia e as minhas primas. Mas Wendy me garantiu que eu só precisava comprar um pacote de meio dia e não seria forçada a ser apalpada por ninguém.



Às nove e meia da manhã, cheguei ao spa — que ficava em um hotel elegante de Londres, onde eu já havia passado uma noite com Richard. Minha tia e minhas primas ainda não estavam à vista — evidentemente era cedo demais para que enfrentassem a árdua tarefa de serem paparicadas. Tudo na recepção do hotel cintilava, do piso de mármore às paredes espelhadas, até a pele perfeita da recepcionista. O silêncio eclesiástico era quebrado apenas pelo gorgolejo de água jorrando de uma bacia de pedra semelhante a uma fonte no lado oposto à entrada. O ar estava denso com o aroma de óleos e unguentos misturados ao cheiro de cloro.

— Gostaria de marcar alguns tratamentos para hoje, senhora? Temos as opções no nosso menu à la carte, ou talvez se interesse em adquirir os nossos pacotes “Serenidade” ou “Vitalidade” — entoou a mulher cintilante.

Informei a ela que não acreditava que nenhum dos dois estados poderia ser alcançado em uma manhã naquele estabelecimento e que eu só precisava acessar as áreas do spa. O custo daquela entrada foi espantoso.

Recebi uma toalha e um roupão com monograma e fui encaminhada ao vestiário comunitário, onde várias mulheres vestiam as roupas de banho mais impraticáveis que eu já tinha visto. Eu não usava o meu maiô preto desde que tinha engravidado e estava ciente de que o modo como ele se esticava por cima da barriga e esmagava o volume recém-adquirido dos seios não era particularmente atraente. Aquilo não me preocupou muito — eu tinha assuntos muito mais importantes em mente.

Apertei bem o roupão e amarrei a faixa na cintura com um nó duplo seguro. Peguei a pasta onde tinha guardado o robusto *Direito das sucessões de Tristram e Cootes*, que havia pegado na biblioteca, no dia anterior, e segui em direção à “zona de tranquilidade” à beira da piscina. A decoração ali era semelhante à da recepção, com a adição de palmeiras, plantas exuberantes e espreguiçadeiras, e o ar estava quente e abafado. O lugar já estava com metade da ocupação — é incrível a quantidade de pessoas que não tem nada de útil para fazer em uma manhã de sábado. Enquanto atravessava aquela área, reparei que os homens deitados nas espreguiçadeiras eram tão corpulentos e peludos quanto as mulheres eram magras e sem pelos. Todos pareciam igualmente frívolos. Encontrei um lugar isolado em um canto, coloquei os óculos e abri meu livro de Direito.

Uma hora ou mais depois, tia Sylvia surgiu do vestiário com Wendy e Christine alguns passos atrás. Os cumprimentos usuais tiveram que ser tolerados, junto com declarações de como era maravilhoso me ver novamente tão pouco tempo depois do funeral. Espreguiçadeiras foram puxadas para perto da minha — tia Sylvia à esquerda e as minhas primas à direita — e roupões despidos. Wendy e Christine usavam maiôs verde-jade, tornozeleiras de ouro idênticas

e os cabelos loiros ressecados presos em um coque igualmente elaborado. Gêmeas se vestirem de maneira igual aos trinta e nove anos e passarem tanto tempo juntas quando tinham as próprias famílias representavam sinais claros de problemas de identidade profundamente enraizados, sem dúvida causados pela mãe obcecada consigo mesma. A minha tia, que usava um maiô de estampa tropical que combinava com o tema da área da piscina, provavelmente voltara havia pouco tempo da sua casa de veraneio na Espanha — seu corpo rechonchudo estava bronzeado e curtido, como uma luva de boxe antiga. Muito diferente da aparência miúda e pálida da minha falecida mãe.



Minhas primas e eu passamos mais tardes da nossa infância juntas do que gosto de me lembrar. Antes de minha tia se mudar de Birmingham com a família para a nova casa ampla e vistosa perto de Worcester, ela e mamãe se visitavam pelo menos uma vez por semana. Como éramos crianças, não tínhamos escolha a não ser acompanhá-las. Estranhamente, mesmo tendo tão pouco em comum, mamãe e minha tia conseguiam passar uma quantidade interminável de tempo conversando e fofocando. Para que pudessem fazer aquilo sem a presença inibidora das filhas, tia Sylvia e mamãe nos mandavam brincar no pátio dos fundos ou na rua. Na hora de nos despedirmos, mamãe muitas vezes estava com os olhos vermelhos, a maquiagem borrada. Eu sabia, então, que elas haviam abordado a sempre presente questão do comportamento de meu pai.

Sou seis anos mais velha do que as minhas primas, portanto, em tese, era denominada como *in loco parentis* quando mamãe e minha tia estavam conversando sozinhas. Digo “em tese” porque era impossível controlar aquelas pirralhas mimadas e cheias de artimanhas. O fato de eu ser mais velha pouco importava para elas, assim como o meu tamanho, força ou inteligência superiores. As primas eram ainda mais mimadas pela mãe delas do que Edward pela nossa. Desde que tratassem a minha tia com uma reverência bajuladora, recebiam tudo o que pediam — doces, brinquedos, animais de estimação. As duas não escondiam que não gostavam de mim, provavelmente porque eu não era suscetível às suas lisonjas e reclamações. Por outro lado, idolatravam Edward como um herói — o comportamento de malandro dava a ele um ar de aventura e rebeldia. Se havia uma discussão ou conflito quando nós quatro estávamos juntos, o que era muitas vezes o caso, eram sempre Edward e as primas contra mim.

Vou dar um exemplo: eu devia ter cerca de treze anos, portanto Edward teria dez ou onze e as primas, sete. Era fim de verão e ao mesmo tempo que eu temia a volta às aulas, também ansiava por isso. “Temia” porque, mesmo naquela idade, eu já preferia a minha própria companhia à dos outros; e “ansiava” porque o meu bom desempenho escolar era o único aspecto da minha vida sobre o qual eu tinha controle. As primas, Edward e eu tínhamos sido mandados, como de costume, para brincar fora de casa a fim de que os adultos pudessem conversar. Eu já estava velha demais para “brincar” e preferia ficar sentada lendo um livro, mas sabia que mamãe contava comigo para cuidar dos mais novos. O piso do nosso pátio dos fundos estava sendo trocado, e havia um enxame de formigas

voadoras na calçada em frente à nossa casa, por isso fomos esse dia ao parque. Quando chegamos, Edward começou a aprontar: perseguiu os gansos e seus filhotes, jogou pedras no lago onde alguns idosos tinham instalado suas varas de pescar, subiu em árvores muito além de uma altura segura. As primas davam gritos de alegria com as travessuras dele e eu tentei ao máximo fazer com que Edward se comportasse, mas sem sucesso. Era como tentar argumentar com uma parede.

No parquinho, Edward se divertia subindo pelo lado errado do escorrega quando havia uma fila de crianças esperando para descer e fazendo o gira-gira rodar tão rápido que as crianças quase eram arremessadas para fora com a considerável força centrífuga. Depois de ser espantado de lá por pais furiosos, ele decidiu, então, brincar de uma versão do “jogo da galinha” — postou-se em frente a um balanço que era arremessado em sua direção, se desviando no último momento possível. Eu gritei para que parasse, disse que ia se machucar, mas ele se limitou a responder com um gesto da mão que não vou me dignar a descrever. Em determinado momento, Edward calculou mal o tempo e o canto do balanço acertou em cheio a lateral da sua testa.

A quantidade de sangue foi alarmante. As primas choravam, pálidas e trêmulas, e Edward desmaiou com o choque. Por sorte, uma vizinha estava no parquinho com as filhas pequenas. Ela estancou o fluxo de sangue com o cardigã de uma das meninas, nos enfiou no carro — as primas sentadas na traseira — e nos levou para casa. Depois de Edward ter recebido pontos no hospital, o inquérito começou. Eu dei a minha versão dos eventos, incluindo um inventário do comportamento cruel, estúpido e perigoso do meu

irmão, e Edward deu a versão dele. Segundo ele, um menino mais velho tinha empurrado uma das primas para a frente do balanço. Quando meu irmão se adiantou bravamente para tirá-la do caminho, sua cabeça foi atingida. As primas apoiaram a história dele. Aparentemente, eu estava sentada em um banco o tempo todo, com o nariz enfiado em um livro. Mamãe disse, com os olhos úmidos e a voz embargada, que estava muito, muito decepcionada comigo. Eu era a responsável. Deveria ter tido mais cuidado com meu irmão e com minhas primas. Logo eu, que costumava ser uma menina tão sensata, tão confiável. Em quem ela poderia confiar, se não em mim? Edward e as primas mal conseguiam conter os sorrisos.



— Nossa, como é gostoso aqui — comentou minha tia, apertando meu braço através do tecido atoalhado do roupão.

— É sim, incrível — concordaram as primas do meu outro lado.

— O seu tio Frank nos deu de presente este fim de semana só para nós garotas em comemoração ao meu aniversário. Estou fazendo sessenta e dois anos, você sabe. — Ela arregalou os olhos, como se aquilo fosse um choque até para si mesma. — Ninguém acredita quando eu conto. Todo mundo acha que tenho cinquenta e poucos anos. Mas isso é porque sempre cuidei bem de mim mesma. “Mantenha-se jovem e bonita”, é o que dizem.

— Você está ótima, mãe — elogiou uma das primas.

— Espero que *a gente* esteja tão bem assim na sua idade — completou a outra, se virando para examinar o próprio reflexo na parede espelhada atrás de si.

Tia Sylvia sorriu, satisfeita por sua notável juventude ter sido reconhecida.

— Você já se recuperou totalmente do mal-estar que teve no funeral? — perguntou ela. — Deve ter sido demais para você, coitadinha. Também foi para mim. Eu mesma quase desmaiei, mas a verdade é que sempre fui uma pessoa muito emotiva. “Você é toda coração, Sylvia”, sempre me diz o seu tio Frank.

Expliquei a ela que nunca tive problemas em manter meus sentimentos sob controle e que fora apenas um momento de fraqueza física.

— Não há nada de errado em passar mal no funeral da própria mãe, sabe. Todo mundo entende. O mesmo vale para o comportamento chocante do Ed no velório. Não ficamos chateadas com ele, não é mesmo, meninas?

As primas balançaram a cabeça em uníssono.

— Não, mãe, de jeito nenhum.

— Ele não sabia o que estava dizendo — defendeu Wendy.

— Estava afogando as mágoas — completou Christine.

Tive que aguentar longos minutos das três tagarelando banalidades sobre o funeral e o velório, incluindo uma análise do caráter, comportamento e estilo de vestir de cada um dos presentes, antes que fizessem uma pausa longa o suficiente para que eu pudesse explicar que o único motivo para ter me juntado a elas no spa foi para discutir as circunstâncias envolvidas na assinatura do testamento da minha mãe.

— Ela deixou um testamento, querida? — perguntou minha tia.

— Você deve saber que sim. Afinal, foi uma das testemunhas.

— Fui? Não me lembro. Quando foi isso?

Disse a ela que tinha sido algumas semanas antes do falecimento de mamãe. Tia Sylvia franziu o cenho no máximo permitido pelo botox em sua testa.

— O amigo de Edward, Rob, foi a outra testemunha — informei.
— Ele provavelmente assinou o testamento na mesma hora que você.

— Ah, Rob, sim, agora estou lembrando. Que homem adorável, tão alto e gentil. Percebi que ele gostou bastante de mim... Deixou comigo o cartão de visita com o número pessoal no verso. Acho que vou falar com ele para dar uma olhada lá em casa. O nosso jardineiro é bom em aparar o gramado e arrancar ervas daninhas, mas tem zero talento artístico. Vivo dizendo ao seu tio Frank que quero um gazebo e um jardim, e ele responde: "O que você quiser, amor", mas estou sempre tão ocupada que nunca consigo organizar isso. Agora você me lembrou. Vou ligar para esse Rob quando chegar em casa.

Percebi que seria necessário um esforço hercúleo para manter a concentração de minha tia no assunto em questão.

— Então, quem pediu a você para ser testemunha?

Mais uma vez, a leve sugestão de um cenho franzido.

— Deixe eu me lembrar. Sim, agora estou me recordando. Ed me ligou na véspera. Isso ficou na minha cabeça porque foi a primeira vez na vida que ele me ligou. Ele não é muito chegado a coisas de família, não é? Achei que eram más notícias, porque a sua mãe tinha tido aqueles dois derrames fazia pouco tempo, mas então ele disse que não, que só achou que eu poderia dar uma passada para conversar. Falou que a sua mãe parecia deprimida, mal, e que precisava de uma animada. Ele sabia que eu sempre conseguia fazê-

la se sentir melhor. É o que todo mundo me diz. “Sylvia, você ilumina qualquer ambiente.” Bem, é assim que se deve ser, não é? Não adianta nada ficar espalhando infelicidade e melancolia. Você se lembra da tia-avó Gladys? Com uma cara de quem cheirou e não gostou? Nada nunca estava bom o bastante para ela. Eu me lembro de uma vez...

— Edward disse mais alguma coisa na ligação? Ele mencionou o testamento?

Quando ela estava prestes a responder, alguém com a aparência de uma enfermeira psiquiátrica muito glamorosa — o jaleco branco engomado e o ar de eficiência clínica contrastando com a maquiagem exagerada demais — emergiu da folhagem e se inclinou sobre tia Sylvia.

— Sra. Mason? Lamento perturbá-la, mas está na hora da sua manicure. Pode me acompanhar?

— Ah, aqui a gente não para, não é? — disse minha tia com uma risadinha.

O tempo estava passando. Eu não queria desperdiçar o dinheiro gasto com o pacote de meio dia, então guardei *Tristram e Cootes* de volta na pasta e segui minha tia para a área de tratamento. Ela já estava encarapitada em um banquinho diante de uma pequena mesa, com os dedos rechonchudos abertos e apoiados na superfície.

— Também vai fazer as unhas, não é, Susan? Faço as minhas a cada duas semanas, sem falta. Seu tio Frank gosta que eu esteja sempre com a aparência em dia.

— Não, não vou. Sou perfeitamente capaz de cortar as minhas próprias unhas. Em relação à conversa com Edward e à assinatura do testamento... — Puxei um banquinho ao lado de tia Sylvia.

— Bem, tenho certeza de que Ed não comentou nada sobre um testamento na ligação. Mas lembro que ele insistiu bastante para que eu fosse logo. Disse que não queria que a sua mãe ficasse ainda mais deprimida. Então, falei que iria no dia seguinte, porque estava mesmo pensando em fazer algumas compras em Birmingham. Eu estava procurando um chapeuzinho que combinasse com a roupa que eu iria usar no casamento da minha amiga Jacquie. As lojas em Worcester não são grande coisa. Essa é a única coisa de que sinto falta de Birmingham, as lojas. E já estava na hora de ir visitar a sua mãe. Não gostávamos de passar muito tempo sem nos ver.

— E quando você visitou a mamãe, o que aconteceu?

— Nada de mais, na verdade. Ela não parecia particularmente deprimida, pelo que me lembro. Um pouco distraída, talvez, mas ela *tinha tido* dois derrames, não é mesmo? Era de se esperar. Almoçamos e tomamos uma xícara de chá, então fui para a cidade. Sabe, entrei em todas as lojas de Birmingham, mas acha que consegui encontrar o chapeuzinho verde-garrafa? De jeito nenhum.

— Sim, mas em relação *ao testamento*? — perguntei.

— Bem, depois que terminamos nosso almoço, Rob apareceu. Ele é muito alto, não é? Sempre gostei de homens altos. Então Ed disse à sua mãe que Rob tinha chegado, e ela pareceu um pouco confusa. Então ele falou: “Lembra, você precisa de duas pessoas.” E ela respondeu: “Ah, sim, claro. Onde está?” Ed saiu da sala e voltou logo depois com um grande envelope pardo. Aí ele disse que tinha que dar uma saída. Depois só o encontrei no funeral. A sua mãe disse que queria que eu e Rob testemunhássemos a assinatura dela, então ela pegou um documento, assinou, depois eu assinei e por fim Rob, então todos tomamos aquela xícara de chá e contei a Rob

sobre a ideia do gazebo e do jardim e ele me deu o cartão dele. Um rapaz encantador.

— A mamãe comentou alguma coisa sobre os termos do testamento?

— Que cor vai querer hoje, sra. Mason? — interrompeu a enfermeira psiquiátrica. — Recebemos alguns esmaltes novos incríveis ontem. Acho que a senhora vai adorar. — Ela apresentou à minha tia uma prateleira com uma variedade multicolorida de vidrinhos.

— Ah, é quase como uma loja de doces, não é? Não tenho ideia do que escolher. É como me perguntar se eu quero um doce turco, ou amêndoas com açúcar, ou bombons recheados com creme. Amo todos eles. Estou tendendo para o Flamingo, ou quem sabe o Melancia. O que você acha, Susan? Sou terrível em tomar decisões. Minhas meninas estão sempre dizendo: “Mãe, isso é porque você é sempre positiva demais em relação a tudo.” Essa com certeza sou eu, tão positiva que chega a ser um defeito.

— Não sei. Não tenho opinião formada sobre o assunto. Feche os olhos e aponte para um.

— Que ótima ideia. Como um jogo. Vamos deixar nas mãos do destino.

Ela fechou os olhos e apontou um dedo para a vitrine. E pareceu muito decepcionada com o tom neutro escolhido pelo destino.

— Não, acho que vou com o Flamingo mesmo. Confie no seu primeiro instinto, é o que eu sempre digo.

Ela pegou um vidro de cor tenebrosa na prateleira.

— É um tom incrível. Que olho maravilhoso para cores a senhora tem — bajulou a enfermeira psiquiátrica, como se minha tia tivesse

criado sozinha a cor do esmalte.

— O testamento — falei. — Mamãe contou alguma coisa para você sobre os termos?

— Se ela me disse alguma coisa? Só que estava pensando em como seria depois que ela se fosse. Que queria que tudo fosse justo, você sabe, entre você e Ed. Assim, não haveria briga. Ela sabia que vocês dois eram como gato e rato. Acho que comentou que tinha conversado com alguém para organizar as ideias. Não lembro quem. Pode ter sido o vigário. Ele estava sempre por perto. Eu me encontrei com ele algumas vezes quando a visitei. Um amor, mas meio afeminado, se é que você me entende. A gente percebe, não é? Quase não prestou atenção em mim.

— Por acaso ela disse que daria a Edward o direito ao usufruto da casa da família?

— O direito ao quê, querida?

— Ao usufruto. Isso significa que ele pode viver lá o tempo que quiser.

— Não sei nada sobre isso. Ela não mencionou "usufruto". Ou talvez tenha mencionado e eu não tenha prestado atenção. Você está um pouco chateada com isso, não é? Por isso está me fazendo todas essas perguntas?

— Não estou "chateada", estou furiosa. Não há motivo algum para mamãe ter feito isso. É óbvio que ela foi enganada ou intimidada pelo Edward. Estou solicitando os registros médicos dela e conversando com todos que a conheciam. Vou provar que mamãe estava confusa e vulnerável. E que ela não era o tipo de pessoa que faria algo tão incrivelmente injusto.

Tia Sylvia desviou a atenção das próprias unhas vistosas e me encarou. Pela primeira vez, tinha uma expressão solene no rosto.

— Susan, talvez você só precise aceitar o que diz o testamento. A sua mãe deve ter tido os motivos dela. Quem sabe o que se passa na cabeça de outra pessoa? Por que perder seu tempo desenterrando os assuntos pessoais dela? Às vezes é melhor apenas aceitar o que a vida lhe oferece e tirar o melhor proveito disso. Falo por experiência própria. Caso contrário, você só vai ganhar aborrecimentos. E causar isso aos outros.

— Prontinho, sra. Mason — disse a enfermeira psiquiátrica, recolhendo o equipamento que tinha usado. — Gostou?

— Ah, adorei. Agora tenho mãos de estrela de cinema, não é mesmo? — Ela sorriu e mexeu os dedos.



Quando voltamos para as espreguiçadeiras, as primas anunciaram que estavam entediadas. Faltava meia hora para as primeiras atividades que haviam agendado (bandagens corporais para perda de gordura — óbvio que não havia ocorrido a elas simplesmente se exercitarem ou comerem menos), e nenhuma das duas pensara em levar um livro para ler. Supondo que saibam ler. Elas sugeriram que fôssemos todas para a banheira de hidromassagem, para fazer algo diferente.

— Acho que vou passar essa, meninas — disse minha tia, se espreguiçando e fechando os olhos. — Acabei de fazer as unhas e preciso de um descanso.

— Vamos, Susan, vai te deixar relaxada — chamou Wendy. — E não vamos aceitar um “não” como resposta.

Nunca senti vontade de compartilhar um banho com ninguém, ainda mais com duas mulheres tão detestáveis. Quando comecei a recusar o convite, Wendy desamarrou o cinto do meu roupão em um gesto ágil e Christine afastou-o dos meus ombros. O trabalho eficiente em equipe provavelmente era resultado de anos abaixando as calças dos alunos menos populares na escola. Quando meu roupão caiu no chão, elas olharam para a minha barriga, então para o meu rosto, e de volta para a minha barriga. Eu não havia me dado conta de que estava assim tão óbvio.

— Mãe, a Susan vai ter um bebê! — disse Wendy. A expressão em seu rosto era de horror.

— Mas ela não pode. Ela tem quarenta e cinco anos — afirmou Christine.

— Ah, que maravilha. Eu não poderia estar mais feliz. Isso significa que serei tia-avó — comentou a mãe delas, sempre encontrando um ângulo pessoal em qualquer assunto. — Mas como parece velho, “tia-avó”.

As primas estavam determinadas a descobrir tudo sobre o assunto. Elas enfiaram os rostinhos na frente do meu.

— Como isso aconteceu?

— Foi um acidente?

— De quantos meses você está?

— Não é perigoso na sua idade?

— Sentem-se, meninas, e deixem Susan nos contar a história toda — falou minha tia.

Antes que eu pudesse dizer a elas para cuidarem da própria vida, a mulher cintilante da recepção se aproximou.

— Srta. Green — entoou. — Apenas um lembrete gentil de que o pacote de meio dia expira ao meio-dia, mas é muito bem-vinda para atualizar o seu pacote para um dia inteiro, se desejar.

Eu tinha muito mais a falar com tia Sylvia, principalmente sobre a opinião dela a respeito da capacidade mental de mamãe antes da assinatura do testamento, apesar da própria capacidade mental da minha tia ser questionável, e que uma avaliação assim poderia não ter muita influência no tribunal. No entanto, isso teria que ficar para outra hora. Eu não estava preparada para me sujeitar ao questionamento intrusivo das minhas primas, nem para desperdiçar mais dinheiro.

— Que pena, vou precisar ir. Isso terá que ficar para a próxima vez — disse, me dirigindo a minha tia e minhas primas.

Peguei o roupão e a pasta e corri para a porta antes que qualquer uma delas tivesse a chance de me impedir.

— Não dê um chá de sumiço, Susan — falou tia Sylvia atrás de mim. — Vai ter que passar o Natal conosco agora que a sua mãe se foi. Vamos cuidar de você, não é mesmo, meninas?

— Não vá. Não é justo. Quero saber tudo sobre a gravidez! — gritou Wendy.

— Mulherzinha metida... — ouvi Christine murmurar.

10

Naquela noite, fiz anotações detalhadas sobre a minha conversa com tia Sylvia. Eu precisaria redigir um depoimento de testemunha no nome dela e queria me certificar de que lembrava em detalhes tudo que ela dissera. Sempre que possível, eu usaria as próprias palavras da minha tia em qualquer documento daquele tipo para um tribunal, mas iria corrigir as falhas gramaticais do discurso e os coloquialismos peculiares para tornar mais persuasivas as evidências fornecidas por ela. Não gostaria que o juiz sentisse que estava lendo o testemunho de uma idiota.

A partir do mínimo de informações pertinentes que eu conseguira extrair das divagações de tia Sylvia, eu havia agora estabelecido, fora de qualquer dúvida, que o envolvimento de Edward no testamento tinha ido além de apenas ter sido informado da sua existência por mamãe. Ele sabia onde o testamento era guardado antes de ser assinado e tinha acesso irrestrito a ele. E mais ainda: Edward organizara tudo pessoalmente para que o testamento fosse assinado por mamãe e para que o seu melhor amigo, Rob, e nossa tia distraída servissem como testemunhas. A ansiedade de Edward para que tia Sylvia fosse com urgência até a casa de mamãe dizia muito. Considerando tudo, era inconcebível que ele não estivesse ciente do conteúdo do testamento. Posso imaginar a empolgação e ansiedade de meu irmão enquanto entregava o envelope de papel

pardo para mamãe, sabendo que estava a minutos de conseguir o que seria, na prática, uma garantia de propriedade exclusiva da casa. Não fico surpresa que ele tenha entregado o envelope e saído. Edward devia estar preocupado com que o tamanho de sua ansiedade ficasse evidente em sua expressão, o que poderia levar mamãe a hesitar e questionar o que estava prestes a fazer.

Penso no motivo de Edward estar tão determinado a garantir o usufruto da casa. Não sou uma pessoa vingativa. Se a propriedade de mamãe houvesse simplesmente sido dividida entre nós dois, como deveria ter acontecido, eu não teria despejado meu irmão na rua no dia seguinte à morte dela (por mais prazeroso que isso pudesse ter sido). Não, eu teria dado alguns meses a ele para encontrar uma opção de acomodação enquanto eu limpava e preparava a casa para a venda. Ele poderia facilmente ter encontrado um lugar temporário para alugar enquanto esperava e, depois disso, teria quantia suficiente da sua parte da herança para comprar um apartamento em um subúrbio decente de Birmingham, ou até mesmo uma casa modesta em uma das áreas menos nobres. Mas pelo jeito aquilo não era o suficiente para o querido e mimado Edward. Ele estava vivendo em um ambiente muito confortável e bem cuidado, em uma casa geminada de quatro quartos, em uma rua tranquila de uma área cobiçada da cidade, com tudo de que precisava — incluindo um pub, uma loja de bebidas e uma casa de apostas — a curta distância. Por isso, preferiu fazer essa maquinação toda, em vez de morar em um lugar mais modesto. Isso apesar do fato de que, levando em consideração a quantidade de trabalho remunerado que efetivamente fizera desde que havia saído

da faculdade, Edward na verdade deveria estar morando em uma caixa de papelão debaixo da ponte.

Felizmente, o meu caso contra Edward agora estava tomando forma. Era como se eu tivesse raspado a camada superior de sujeira da superfície de uma pintura antiga. Uma imagem nebulosa começava a se formar diante dos meus olhos. Eu trabalharia naquilo até que a imagem completa fosse revelada, por mais monstruosa que ela pudesse acabar se mostrando.



Quando eu já tinha terminado as anotações e estava fechando a pasta, ouvi uma batida na porta e um tímido “Oi, Susan, sou só eu” através da caixa de correio. Era Kate, mais uma vez de pijama (assim como eu), mas agora com a adição de pantufas e roupão e com uma garrafa na mão.

— Olha! Funciona aqui. Consigo ter sinal — disse ela, gesticulando com o receptor de uma babá eletrônica como se fosse um bilhete premiado. Ouvimos um sussurro baixo, um farfalhar fraco e um piscar momentâneo de luzes vermelhas e verdes na tela. — Consigo ouvir os dois lá em cima enquanto dividimos uma garrafa aqui.

— Sinto muito, minha condição me impede de beber com você.

— Ah, não. — Kate riu, o rosto vermelho. — Não é vinho. A essa altura, já sei as regras básicas de uma gravidez, não é? Isso é um *pressé* espumante de flor de sabugueiro. Eu bebia isso o tempo todo quando estava grávida. Tentava me convencer de que estava ficando bêbada de champanhe. Vamos, divida a garrafa comigo. Não é sempre que eu consigo ter uma noite livre.

Pelas evidências até agora, Kate não parecia ser o tipo de mulher com facilidade para se relacionar com qualquer pessoa com menos de dois anos de idade. Não parecia estar sendo fácil para ela. Fiquei com pena, convidei-a para entrar e a levei até a sala.



Como você sabe, não sou do tipo que se sente confortável em receber pessoas no meu espaço pessoal e certamente gosto menos ainda quando alguém chega sem ser convidado. Sou assim desde criança. Quando ainda era bem pequena, percebi que era do meu interesse manter as bebedeiras do meu pai em segredo, particularmente dos meus colegas de escola. Não demorou para me tornar uma especialista naquilo. A minha estratégia principal de defesa era evitar fazer amigos para que ninguém se sentisse tentado a visitar a minha casa e acabasse encontrando o meu pai. E conseguia isso me recusando a participar de brincadeiras no recreio, recusando convites para brincar na casa de outras crianças, para as festinhas que elas davam e, de modo geral, ficando sozinha. A estratégia de defesa secundária era evitar ir a qualquer lugar em público com o meu pai. Infelizmente, nem sempre isso era possível.

Ocorreu um incidente quando eu tinha catorze anos, que acabou tendo as consequências exatas que eu tentara evitar. Estávamos voltando para casa, de uma rara e particularmente difícil visita da família inteira ao bangalô de tia Sylvia. Meu pai pediu a mamãe que parasse o carro na frente da loja de bebidas, e ela sabia que não adiantaria nada protestar. Ele cambaleou do carro para a loja e, pouco depois, voltou cambaleando, agora com uma sacola de compras cheia em cada mão. Naquele ponto da vida, as dimensões

da barriga de cerveja dele faziam com que precisasse estar permanentemente levantando o cós da calça, que logo voltava a escorregar na direção dos quadris.

Enquanto meu pai se aproximava do carro, percebi que a calça escorregava cada vez mais. Eu sabia o que iria acontecer. Abri a porta e corri em sua direção, mas já era tarde demais — a calça já estava caída ao redor dos tornozelos dele, deixando suas pernas magras e pálidas à vista para qualquer um. Em vez de pousar no chão sua carga preciosa, ele ficou parado ali, com uma expressão de pânico no rosto. Peguei as sacolas das mãos dele, e ele então se abaixou para levantar a calça e acabou quase tombando para a frente no processo. Pode parecer engraçado, mas não foi. Não para mim, não naquela hora. Olhei em volta, torcendo para que ninguém tivesse percebido, e vi um grupo de meninas por perto, às gargalhadas: Carol e três do grupinho dela, garotas da minha classe. Todas elas — parecidas com as minhas primas amáveis — se divertiam muito em descobrir os pontos fracos dos outros. Corri de volta para o carro.

Sei que parece covardia, mas na segunda de manhã eu disse a minha mãe que estava me sentindo mal e não poderia ir à escola. Usei a mesma desculpa na terça. Na quarta-feira de manhã, ela estava ameaçando chamar o médico e me resignei ao fato de que teria que encarar a situação. Quando entrei na sala a tempo da chamada, tive a impressão de que todos os meus colegas disfarçavam o riso.

— Oi, Sue, vi você e seu pai fazendo compras no sábado — gritou Carol. — Na verdade, vi até um pouco demais do seu pai.

— Foi uma sorte que a polícia não prendeu ele por atentado ao pudor — acrescentou outra, também membro do grupinho de Carol.

— Parecia que ele estava loucaço.

— A minha mãe disse que o seu pai é um bêbado.

Fiquei encarando a minha carteira e tentei bloquear as vozes. Foi impossível. Carol era a líder do grupo e ficou insistindo no assunto — ela não parava de falar. Então, fiz uma coisa completamente fora do meu estilo, algo que nunca fizera antes e que não voltei a fazer depois. Eu me levantei, fui até a mesa de Carol e dei um tapa nela, com a maior força possível. Carol tropeçou e bateu com o cotovelo em um cano do radiador, bem no momento em que o sr. Briggs, o professor que iria fazer a chamada, entrava na sala. Eu gostava do sr. Briggs — ele tinha vinte e poucos anos, era magro, loiro, gentil. Lecionava inglês, mas não para a minha turma.

— Que diabo está acontecendo aqui? — perguntou ele, com a voz severa, jogando a folha de chamada em cima da mesa.

— Professor, foi a Susan — choramingou Carol. — Ela me deu um tapa do nada e fez com que eu machucasse o cotovelo. Acho que ela quebrou o meu cotovelo.

O sr. Briggs ficou espantando.

— Susan, você bateu na Carol?

— Sim, senhor. — Baixei os olhos para os meus sapatos.

Ele perguntou o que tinha acontecido comigo e eu murmurei que não sabia. Ele se virou para Carol, cujo rosto estava vermelho do tapa.

— Vamos dar uma olhada no seu cotovelo. Consegue fazer movimentos com ele?

Depois de um breve exame, ele informou que não parecia ter havido qualquer dano mais sério. Disse para Carol ir ao banheiro, molhar um pedaço de papel-toalha e pressionar contra o local machucado por alguns minutos. Quando voltou para a sala de aula, ela me olhou com um sorrisinho sardônico, como se estivesse visualizando o tormento que planejava infligir a mim.

Quando a chamada terminou e chegou a hora de ir para a aula, o sr. Briggs pediu que Carol e eu ficássemos para trás. Ele me perguntou por que eu tinha dado um tapa nela e repeti que não sabia.

— Carol, será que *você* pode me dizer?

— Foi só porque eu mencionei o pai dela. A gente viu ele andando torto, bêbado, no fim de semana, e eu quis saber se estava tudo bem.

— Foi isso mesmo, Susan?

— Ela não estava perguntando se eu estava bem. Estava falando coisas horríveis, xingando o meu pai.

O sr. Briggs falou que eu nunca deveria recorrer à violência física, não importava qual fosse a provocação. Mas ele sabia que eu não costumava agir daquela maneira, por isso, só daquela vez, me liberaria apenas com uma advertência. Se eu voltasse a agir daquela forma, seria mandada direto para a coordenação. O sr. Briggs disse a Carol que não queria escutar que ela voltara a falar mal do meu pai. Quando ele perguntou se nós duas havíamos entendido, assentimos.

— Muito bem, podem voltar para a aula.

Claro que a provocação continuou. Que criança abre mão de uma diversão dessas só porque um professor mandou? Carol e as amigas aproveitaram ao máximo ter alguma coisa para usar contra mim.

Cheguei a pensar em simular uma longa crise de uma doença crônica, mas sabia que não teria como ficar fora da escola para sempre. E, de qualquer modo, disse a mim mesma, eu era forte, já tinha prática em me manter distante do que estava acontecendo ao meu redor e de sufocar qualquer reação emocional a isso.

Na semana seguinte, o sr. Briggs pediu que eu ficasse novamente após a chamada no início do dia. Ele disse que conhecia um vizinho meu, que havia contado a ele um pouco sobre o meu pai.

— Como estão as coisas em casa? — perguntou.

— Ótimas.

— Mesmo?

Mantive o silêncio.

— Susan, eu só queria que você soubesse que o meu pai tinha um problema com a bebida. Eu sei pelo que você está passando.

Continuei calada.

Ele perguntou se os meus colegas tinham parado de me provocar, e eu instintivamente balancei a cabeça em negação.

— Quem está implicando com você? Ainda é Carol? Vou ter uma palavrinha com ela.

— Não. Isso só vai fazer ela implicar mais.

— Tudo bem, você é que sabe. Mas se precisar de um tempo longe do grupo da Carol, pode ir para a minha sala na hora do intervalo. E se quiser qualquer ajuda, é só dizer.



Fui para a sala do sr. Briggs no primeiro intervalo do dia seguinte — não porque o bullying fosse demais para mim, é claro, mas porque prefiro paz e sossego. Enquanto ele corrigia o dever de casa, eu me

sentei a uma mesa no canto mais distante e peguei um romance para ler. Depois de um tempo, o sr. Briggs levantou os olhos e perguntou o que eu estava lendo. Eu lembro que era *Três homens em um barco*, de Jerome K. Jerome, e ele disse que era um de seus favoritos. No dia seguinte, o sr. Briggs levou um romance de P. G. Wodehouse de que achou que eu iria gostar. Ele disse que eu poderia ficar com ele, que tinha tantos livros que seria bom abrir espaço na estante.

E essa se tornou a minha nova rotina. Todo intervalo, assim que a campainha tocava, eu ia para a sala do sr. Briggs, pegava um romance e lia, enquanto ele corrigia os deveres de casa e planejava as aulas. Às vezes, o sr. Briggs levava livros para mim e nós conversávamos sobre eles. Em algumas ocasiões, ele tentou me fazer falar sobre o que acontecia na minha casa, mas eu sempre evitava essas perguntas. Ele me disse que era melhor manter as visitas a sua sala em segredo, ou os outros alunos ficariam com ciúmes, e concordei com o maior prazer. A sala do sr. Briggs era o meu oásis pessoal de ordem e tranquilidade, e eu não estava disposta a compartilhá-la com ninguém.

Então, é claro, Edward teve que se meter. Ele viu alguns livros no meu quarto com o nome do sr. Briggs na capa. Então, percebeu que eu não estava no pátio na hora do intervalo e deu um jeito de me localizar.

— O que você faz nesse tempo todo que passa sozinha com o Briggsinho? — perguntou ele, passando por mim quando voltávamos para casa e bloqueando o caminho. Desejei depois que tivesse sido mais evasiva.

— Ele faz correções, eu leio, ele me dá livros e conversamos sobre eles.

— Parece meio suspeito. Os professores não têm permissão para ficarem sozinhos com os alunos dessa maneira, nem para dar coisas aos alunos. Já ouvi falar de homens como ele.

— Não seja ridículo. Ele só está sendo gentil.

Edward se distraiu quando viu o melhor amigo Steve (que era irmão de Carol) descendo a calçada do outro lado da rua no skate novo, e aproveitei a oportunidade para empurrá-lo e passar por ele. E não pensei mais a respeito. Então, alguns dias depois, no vestiário, Yasmin — uma garota tranquila de quem, em circunstâncias diferentes, eu poderia ter sido amiga — me deu um tapinha no ombro quando eu estava vestindo a minha capa de chuva.

— Acho que você deveria saber que está circulando um boato na escola sobre você e o sr. Briggs — disse ela.

— Que boato?

— Que vocês dois estão tendo um caso.

— Nossa, que bobagem. Quem está falando isso?

— Todo mundo. Estão dizendo que ele tem dado presentes a você, livros e coisas do tipo, para que ele possa fazer o que quiser com você.

Ela se desculpou por ser a portadora da notícia, deu um sorriso solidário e saiu. Fiquei parada ali, com um braço enfiado na manga da capa e o outro pendurado frouxamente ao lado do corpo. Estava chocada por algo tão inocente ser maculado por pensamentos tão vis. Os livros, pensei, quem sabia sobre os livros? Só uma pessoa, além do sr. Briggs e eu. As pessoas acreditariam em qualquer coisa que fosse dita para elas, e Edward foi sempre um fofoqueiro

mesquinho. Eu pretendia confrontar o meu irmão assim que chegasse em casa, mas, convenientemente, ele tinha ido passar a noite na casa de Steve.

Os rumores, ao que parecia, haviam aumentado com rapidez espantosa, porque antes mesmo de eu tirar o dever de casa da mochila, em casa, a minha mãe recebeu um telefonema pedindo para que fosse à escola para uma reunião com a diretora na manhã seguinte. Ela me perguntou o que estava acontecendo, mas eu disse que não sabia. Não queria pensar sobre as histórias que estavam circulando. Esperava que a coisa toda simplesmente desaparecesse.

Assim que minha mãe e eu nos sentamos, a diretora foi direto ao ponto. Ela disse que havia chegado ao seu conhecimento que havia uma relação inadequada entre mim e um professor recém-formado, o sr. Briggs. Havia testemunhas, mais de uma. Ela pediu que eu explicasse, nas minhas próprias palavras, o que tinha acontecido. Eu disse a ela que ia para a sala do sr. Briggs nos intervalos para escapar do bullying que as meninas da minha turma estavam fazendo comigo. Ela perguntou se ele tinha me dado presentes. Sim, falei, mas só livros usados. Ele tinha me pedido para manter aquilo em segredo? Sim, mas apenas para que os outros alunos não quisessem ficar na sala dele durante o intervalo também. A diretora se inclinou para a frente, expressou sua tristeza por ter que levantar o assunto, mas disse que precisava saber se o sr. Briggs alguma vez havia me tocado ou me pedido para tocá-lo. Ela falou que eu poderia falar sem receios, que ninguém iria me culpar, que não seria eu a ter problemas por causa daquilo.

— Jamais — respondi. — Nada nem perto disso. De jeito nenhum, nunca.

Ela me fitou com uma expressão cética, como se soubesse que eu negaria, não importava qual fosse a verdade. Depois de tranquilizar minha mãe dizendo que investigaria a fundo aquela história, a diretora me instruiu a voltar para a aula. Mamãe tinha os lábios cerrados quando me despedi dela com um beijo.

No dia seguinte, havia um professor temporário na mesa do sr. Briggs. Informaram que ele estava doente e que provavelmente não voltaria antes das férias de verão, que começaram poucas semanas depois. Ele não voltou no semestre seguinte, e eu nunca mais o vi. Não tenho ideia se ele foi demitido pela diretora, ou se pediu demissão ao ser questionado por ela, ou ainda se sempre intencionara deixar a escola no fim do ano letivo. Para mim, isso significou o retorno ao pátio na hora do intervalo, a volta das provocações, que agora não eram só sobre o meu pai. Com o tempo, depois de alguns meses, os rumores sobre o sr. Briggs e eu perderam a graça, e a atenção de Carol se voltou para uma garota que ela descobriu que tinha sido adotada e um menino que ela decidiu que era gay. Ela ainda continuou com o bullying por causa dos problemas do meu pai com a bebida, mas com menos ênfase. Mas nunca perdoei Edward por destruir meu refúgio e por destruir o que ainda acredito de coração ter sido uma relação aluna-professor totalmente inocente. Confrontei o meu irmão a respeito, no corredor, assim que entrei em casa no dia da reunião.

— Bem, estava na cara que ele era um perverso — retrucou ele.
— Por isso eu contei para Carol, quando estava na casa dela e do Steve, porque eu sabia que ela era sua amiga. E por isso contei à diretora.

Por mais estranho que pareça, mamãe ficou furiosa comigo, mesmo parecendo acreditar no que lhe contei. Havia algo de muito doentio, disse ela, em um homem adulto querer passar tempo com uma adolescente e ficar enchendo-a de presentes. Eu nunca deveria ter aceitado. Podia parecer inofensivo para mim, mas eu era ingênua — era preciso ter sempre um pé atrás com os homens. O sr. Briggs provavelmente estava esperando para dar o bote, conquistando a minha confiança, e quem sabe onde aquela história poderia ter terminado? Ela passou o braço ao redor dos ombros ossudos de Edward.

— Graças a Deus que o Teddy estava cuidando de você.



Então ali estava eu, com uma convidada inesperada diante de mim. Teria que fazer o melhor possível da situação. Descobri que não tinha objeções à fantasia ébria de Kate e, usando a robusta urna de carvalho como degrau, peguei uma caixa de taças de champanhe nunca utilizadas, na prateleira de cima do armário de cozinha. Ela encheu os copos com o *pressé* de flor de sabugueiro e nos acomodamos em extremidades opostas do sofá, com almofadas como apoio no colo. Houve um momento constrangedor de silêncio enquanto tentávamos descobrir o que dizer uma à outra. Sempre que visito alguém, preparo de antemão uma lista mental de tópicos de conversação para evitar que aconteça uma situação dessas. Era evidente que Kate não era uma pessoa que se planejava com antecedência.

— Fez alguma coisa legal hoje? — arriscou ela.

— Não foi bem o que eu classificaria como legal — respondi. E contei sobre a minha ida ao spa, incluindo uma descrição da minha tia e primas superficiais.

Kate ouviu com atenção louvável.

— Elas parecem ser horríveis — comentou, quando terminei. — Aposto que ficaram furiosas por você ter escapado sem alimentar a gana de fofoca delas.

Kate me disse que, depois de passar vários anos trabalhando no centro, não aguentava mais gente superficial. Ao que parecia, ela havia estudado psicologia na universidade e acabou caindo no mundo dos “departamentos de recursos humanos” graças ao puro desespero de conseguir a renda estável necessária para pagar as contas. Kate disse que não combinava com aquilo, em termos de personalidade, já que era um pouco introvertida, e que detestava cada segundo do seu trabalho. Ela estava prestes a iniciar um mestrado e seu objetivo era fazer carreira universitária.

— É o que acontece dentro da gente que importa para *mim* — concluiu Kate. — Não as etiquetas nas roupas que você usa, ou o carro que dirige, ou se você é popular, está na moda ou é atraente.

É desnecessário dizer que não sou o tipo de pessoa que gosta de divulgar informações pessoais. Isso anda acontecendo bastante atualmente. Cada vez mais as pessoas sentem a necessidade de validar seus pensamentos, emoções e experiências, compartilhando-os com amigos ou até mesmo com completos estranhos. Mas naquele momento, incentivada pelas opiniões sensatas de Kate, resolvi explicar o motivo do encontro com a minha tia. Deixei a almofada de lado, voltei a encher as nossas taças com o pseudochampagne e comecei a falar. Contei a Kate sobre o

falecimento recente de mamãe, sobre os termos revoltantes do testamento e as minhas fortes suspeitas de coação por parte do meu irmão. Falei da minha intenção de abrir um processo judicial para a invalidação do testamento e das investigações em andamento.

— Que baita confusão — comentou Kate, também abandonando a almofada. — E você acha mesmo que o seu irmão enganou a sua mãe para que ela desse a ele o direito de ficar na casa?

— Tenho quase certeza. Enganou, intimidou, manipulou... ainda não sei como foi. Mas vou descobrir.

— Muito louco. Avise se for precisar de alguma ajuda. É muita coisa para você lidar sozinha, na condição em que está, e preciso mesmo de algo para distrair a cabeça. Acabei ficando meio isolada, agora que somos só eu e as crianças em casa. E a minha família mora em Lichfield, passo sempre por Birmingham. Quando for para lá, me avise.

De um modo geral, foi uma noite surpreendentemente bem-sucedida. Talvez até considere repeti-la, caso não consiga pensar em nada melhor para fazer.



Como não sou alguém que se preocupa em checar o celular em intervalos regulares, ao voltar do trabalho na segunda-feira descobri que tinha três chamadas perdidas. Eu parecia estar me tornando bastante concorrida. Liguei para o correio de voz e ouvi a primeira mensagem enquanto girava os cactos que ocupavam o peitoril da janela da minha cozinha.

"Alô? Alô? Oi, Susan, meu bem. Você está aí? É a sua tia", guinchou a mensagem. "Ah, que bobagem a minha, você provavelmente está ocupada no trabalho. Esqueço às vezes. Eu e o tio Frank estamos indo para a *villa* em Estepona esta tarde e eu estava querendo dar uma palavrinha com você antes de ir. É só, você sabe, sobre o que você estava falando no sábado, sobre o testamento e o 'usufruto', ou seja lá o que for que a sua mãe deu ao Ed. Você estava dizendo que não sabia o motivo de ela ter feito isso. Bem, andei pensando a respeito; não tenho nem conseguido dormir direito, o que não é do meu feitio. Sempre dormi como um bebê. 'Você dorme o sono dos inocentes', seu tio Frank costuma me dizer. De qualquer forma, acho que a razão para a sua mãe ter feito isso é porque ela vivia preocupada com o Ed. Quer dizer, por causa das cirurgias que ele teve que fazer quando era pequeno e por causa do problema do seu pai com a bebida. A sua mãe leu em algum lugar que isso é genético. Costumava falar muito sobre isso. Ela achava que o Ed tinha herdado o gene do problema com a bebida e que a biologia dele ou seja lá o que fosse o faria seguir o mesmo caminho do pai. 'Filho de peixe, peixinho é', dizia ela. A sua mãe também pensava que era função dela manter o filho no caminho certo. Bem, eu só queria te dizer isso. Mas não estou sugerindo que tenha sido essa a razão derradeira. Só não quero que você perca o seu tempo investigando, entrando com processos e coisas do tipo, já que a sua mãe provavelmente só estava tentando se certificar de que o Ed ficaria bem depois que ela se fosse. Pronto, acabei. Estou partindo para climas mais ensolarados por algumas semanas. *Viva España!*"

Que bobagem sem limites. Mamãe não era uma mulher tola, não teria dado a Edward o direito de permanecer na casa por causa de

alguma suposta fraqueza hereditária. Admito que ela muitas vezes tratava Edward como um gênio artístico torturado que precisava ser protegido da realidade cruel do mundo, mas no fundo sabia que ele não passava de um vagabundo, atrás de uma vida boa. Todos temos a capacidade de controlar nossos próprios destinos. Qualquer um podia perceber que Edward era um fracassado, não por ter perdido na loteria genética da vida, mas porque tinha decidido chafurdar em um atoleiro de autopiedade e autoindulgência em vez de sair dessa situação, ajeitar a vida e se esforçar para se tornar um cidadão trabalhador e responsável. De qualquer modo, como mamãe sabia muito bem, se Edward estivesse biologicamente pré-programado para ter uma fraqueza de caráter, então eu também estava. Afinal, somos filhos dos mesmos pais. Além do mais, o meu irmão não é nada parecido com meu pai, que, quando estava sóbrio, era inteligente, culto e espirituoso. Edward não é nada disso. E o ponto crucial é que a minha mãe amava Edward e eu na mesma medida.

A teoria de tia Sylvia estava comprovadamente errada e eu pretendia dizer isso a ela. Sem ouvir as outras mensagens, retornei imediatamente a ligação, na esperança de pegá-la antes que partisse para a Espanha. Não houve resposta.

A segunda mensagem do correio de voz era igualmente enfurecedora.

“Oi, Susan, aqui é o Rob. Ed me pediu para ligar para você... ele acha melhor que vocês dois se comuniquem por meio de uma terceira pessoa, neutra. No caso, eu. Desculpe te avisar disso, porque eu sei que você pode não gostar muito, mas Ed quer fazer algumas mudanças na casa. Ele quer converter o quarto da sua mãe em um estúdio de arte para ele, e o seu quarto em uma sala de

música. E quer colocar uma mesa de bilhar na sala de jantar. Por isso, Ed disse que está na hora de retirar as coisas da sua mãe... sabe como é, as roupas, produtos de higiene, decorações e coisas pessoais. Ele gostaria que você cuidasse disso. Diz que é demais para ele, que não tem a menor ideia de por onde começar, que é o trabalho perfeito para você. Ele quer saber quando você vai vir em Birmingham para fazer tudo isso, assim ele pode se certificar de não estar em casa. Mas eu vou estar por aqui, se você precisar de uma ajuda. Ele já me disse que coisas dela deseja guardar. E como sei que você não dirige, e tenho a minha van, posso transportar o que for preciso.”

Rob deixou o número do celular dele e pediu que eu retornasse a ligação.

Por mais que eu imaginasse que Edward resolveria profanar a casa e já estivesse me preparando para isso, foi doloroso ouvir aqueles planos tão bem definidos. Doeu e me deixou furiosa. No entanto, como diz o ditado, a vingança é um prato que se come frio. Depois de respirar fundo algumas vezes, ouvi a mensagem de novo. Era, na verdade, um golpe de sorte eu ter a possibilidade de passar algum tempo com Rob. Ele era o próximo na minha lista de pessoas a serem interrogadas na preparação do meu caso para o tribunal — eu precisava descobrir até que ponto ele estava envolvido no esquema de Edward e pescar o máximo de informações possíveis sobre as atitudes e os motivos do meu irmão. Teria que ter cuidado com Rob, já que era um cúmplice de Edward, então limpar a casa de mamãe seria o disfarce e a distração perfeitos — eu poderia fazer as perguntas que queria casualmente, sem despertar suspeita, para que ele não ficasse na defensiva. Com um pouco de astúcia, tinha

certeza de que não teria dificuldade em manipulá-lo. Liguei para o celular de Rob e deixei uma mensagem, dizendo que estaria em Birmingham sem ser no fim de semana seguinte, o outro. Passaria uma última noite no meu antigo quarto, antes que ele fosse vandalizado por Edward.

A terceira mensagem era de Wendy, e fiquei surpresa ao descobrir que ela tinha o meu número.

“Oi, Susan”, disse a voz melódica. “Só estou ligando para colocar o assunto em dia. Não se esqueça, eu e Chrissie estamos ansiosas para saber tudo sobre o bebê. Me liga de volta assim que receber essa mensagem. Tchau.”

Não retornei a ligação dela.



Eu me vi em uma sala de exame que mais parecia uma cela, deitada em cima do que parecia ser um pedaço gigante de papel higiênico azul cobrindo uma cama de rodinhas reclinada. A minha barriga, que recentemente havia começado a se parecer com a cúpula da Catedral de St. Paul, tinha sido coberta com a já familiar geleia esverdeada. Era o dia do meu exame de amniocentese, e eu estava sendo desprezada pela classe médica. Já estava sozinha ali pelo que pareciam horas — estava tensa de tédio e frustração.

O agora ausente médico, dr. Da Silva, cujos olhos castanhos sérios e as feições suaves e arredondadas lhe conferiam a aparência de um filhote de labrador, começou explicando o procedimento. Primeiro, ele examinaria a minha barriga com a máquina de ultrassom para determinar a posição precisa do bebê. Em seguida, limparia uma pequena área da pele, para inserir uma agulha fina

através do abdômen até o útero e extrair uma pequena quantidade de líquido amniótico. O líquido seria testado e dali a alguns dias eu saberia se o bebê tinha síndrome de Down ou qualquer outra alteração cromossômica. Ele repetiu o que já tinham me informado — que havia risco de aborto espontâneo. Era uma chance pequena, mas mesmo assim eu precisava estar ciente disso. Eu poderia ficar tranquila, pois o procedimento seria indolor. Informei ao dr. Da Silva que não estava preocupada com a dor. Só queria acabar logo com aquele negócio. Quando ele terminou de lubrificar a minha barriga, ouvimos uma batida na porta e uma enfermeira de aparência ansiosa entrou na sala. Ela perguntou ao dr. Da Silva, em um sussurro urgente, se ele se importaria de ir até a porta ao lado para oferecer uma segunda opinião em um pequeno problema que ela havia detectado.

— Sinto muito por isso, srta. Green. Não vou demorar. Por favor, relaxe e fique à vontade — disse o médico, limpando o gel das mãos e seguindo a mulher para fora da sala.

Eu conseguia ouvir vozes a distância: algumas urgentes, outras em tom de conversa, algumas com raiva, outras apaziguadoras. Havia um zumbido baixo de fundo, eu não tinha certeza se vinha das tubulações de água que corriam ao longo do rodapé ou da enorme quantidade de equipamentos eletrônicos ao meu lado. Acima desses sons, havia um tiquetaquear constante. Estiquei o pescoço para dar uma olhada no relógio, na parede atrás de mim. Na face do relógio estava gravado “Ótimo dia”. Não para mim. Embaixo do relógio havia vários pôsteres motivadores: “Arrase com o vírus”, “Tosse e espirros disseminam doenças: impeça que os germes se espalhem”, “A sua opinião importa para nós: diga o que está achando do nosso

atendimento". Eu teria o maior prazer de dizer a eles o que pensava. Achava completamente inaceitável mandar uma paciente se deitar em uma cama, levantá-la no ar apertando um pedal, pedir a ela para que erguesse a parte superior da roupa e puxar sua saia para baixo, então espalhar uma substância gosmenta na barriga dela e deixá-la esquecida ali por horas a fio.



Quase não consegui comparecer ao exame de amniocentese. Tinha acordado com uma dor de cabeça terrível naquela manhã. Depois de contemplar a hipótese de tomar uma atitude inédita na minha vida e passar o dia na cama, reuni o que me restava de força de vontade, me arrastei até o banheiro, joguei água fria no rosto e tomei um remédio para dor de cabeça. Quando cheguei à estação de metrô, descobri que havia atrasos sérios na Linha Norte devido a um "incidente" naquela manhã. Seria muito difícil chegar à consulta na hora marcada, e tenho orgulho de nunca me atrasar para nada. Não adiantava nem tentar encarar o percurso. Comecei a caminhar de volta para casa, mas mudei de ideia e fui para o ponto de ônibus. No ônibus, comecei a pensar se havia trancado as minhas portas francesas. Eu as abrira durante o café da manhã e não me lembrava de ter girado a chave quando as fechei. Dei sinal e fui até a frente do ônibus. Quando o veículo parou e as portas se abriram, pedi desculpas ao motorista e voltei pelo corredor até o meu assento. Era improvável que alguém invadissem o meu apartamento em uma hora ou duas, o tempo que eu passaria fora de casa.

No caminho do ponto de ônibus até o hospital, eu me lembrei de repente de um projeto importante que estava na minha mesa no

trabalho. Deveria ter discutido sobre aquilo com Trudy na tarde anterior, antes de enviar ao meu chefe de departamento. Ele devia estar esperando por aquele documento, e eu não queria parecer pouco profissional. Peguei o celular e liguei para o hospital para cancelar a consulta. Mas àquela altura, faltavam cinco minutos para a hora marcada e eu estava quase lá. Sabia que não fazia sentido passar por todo aquele trabalho para remarcar o exame, agora que já estava ali. Desliguei, guardei novamente o celular na bolsa e entrei no hospital.



— Por favor, desculpe a interrupção, srta. Green — disse o dr. Da Silva, voltando para a sala. — Tivemos uma pequena emergência. Onde paramos?

— Paramos na parte em que digo que tenho coisas melhores a fazer do que passar o dia inteiro deitada em uma cama de hospital — falei, e me sentei na cama.

Rasguei um pedaço do rolo de papel higiênico azul que revestia a cama e limpei a gosma da minha barriga. Era tão viscosa e difícil de remover quanto algumas outras substâncias desagradáveis com que já havia me deparado, e foram necessários vários pedaços de papel antes que eu finalmente estivesse limpa.

— Mas estávamos prestes a começar — disse o dr. Da Silva. — Não vai demorar muito. É um procedimento relativamente rápido. Sinto muito pelo atraso, mas só saí da sala por alguns instantes. Essas coisas acontecem em um hospital. — Os olhos de cachorrinho dele estavam úmidos de pesar. — Ou você mudou de ideia sobre fazer a amniocentese?

— De jeito nenhum. Não sou uma pessoa que muda de ideia.

Era verdade, eu não era mesmo. Nunca fui. Depois que me decidia sobre alguma coisa, estava decidido. Hesitei, pensando nos acontecimentos daquela manhã. Percebi que, para alguém que não me conhecia direito, poderia parecer que eu estava procurando por qualquer desculpa possível para não comparecer ao exame ou, estando lá, para não seguir adiante com ele. Pura bobagem, é claro. Eu havia tentado fazer o que era mais lógico, mas as circunstâncias conspiraram contra mim desde o momento em que saí da cama. Dito isso, não gosto de ser vítima das circunstâncias. Era importante, disse a mim mesma, que eu não fosse fraca ou inconstante, tinha que me manter fiel à pessoa que eu era e que sempre fui.

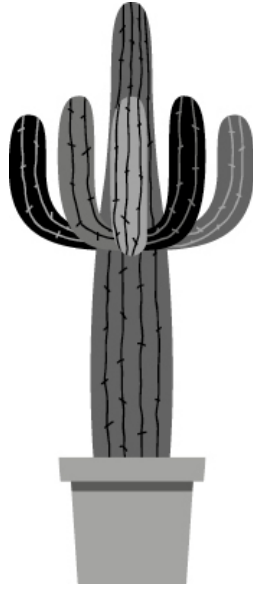
— Tudo bem — falei, voltando a me recostar na cama. — Vamos fazer o exame.

— Tem certeza, srta. Green? Pode tirar alguns minutos para pensar...

— Não quero discutir a respeito. Só faça o exame.

Ele seguiu em frente. Virei o rosto para a parede e cerrei os dentes. Não foi tão doloroso, fisicamente, apenas uma sensação de picada. No entanto, algo estranho aconteceu com o tempo, assim que eu tomei a decisão: os dez minutos que o procedimento durou pareceram levar uma hora; as setenta e duas horas em que era mais provável acontecer o aborto espontâneo pareceram setecentas e vinte; e as duas semanas subsequentes, quando o risco de aborto ainda existia, pareceram levar dois meses. Quando esse período passou, eu me senti estranhamente exultante. Os resultados, quando os recebi, foram pouco mais do que a cereja no bolo.

Novembro



11

Esse mês, finalmente comecei o processo de ordenar os pertences de mamãe. Era uma tarefa que trazia à tona um misto de sentimentos. Ao mesmo tempo em que estava ansiosa para resguardar itens pessoais ou de valor monetário, no caso de Edward resolver abrir mão deles, não me agradava a perspectiva das inúmeras pequenas decisões que teria que tomar sobre cada um dos bens de mamãe. E, no estado em que estou, não me animava o esforço físico envolvido. Por esses motivos, eu não havia pressionado Edward sobre o assunto e provavelmente teria mantido tudo como estava, se não fosse pelo fato de que os planos terríveis do meu irmão exigiam a limpeza de certos cômodos.

Cheguei à ex-casa da família com os nervos à flor da pele. Kate, que tinha adorado ter a companhia de um adulto em sua viagem para o norte, para ver os pais, me buscou depois do trabalho em seu Fiat caquético. As crianças estavam acomodadas no banco de trás, já de pijama. Ela me garantiu que os dois tinham sido alimentados, tinham bebido água e dormiriam no caminho. É verdade que eles pegaram no sono, mas só depois de passarem as duas horas que ficamos presos na rodovia M25 chorando, soluçando e berrando. O CD com canções de ninar, que tocava sem parar — Kate tinha rejeitado a empolgante “Abertura 1812”, que achei que seria benéfica em uma viagem tão cansativa —, àquela altura já estava

tocando pela quarta ou quinta vez. Depois de um interlúdio de tranquilidade excessivamente breve, o bebê acordou novamente pouco antes da parada no caminho, em Oxford, e Kate precisou trocar a fralda dele e amamentá-lo. Outra hora inteira foi perdida ali. A experiência foi tão tenebrosa quanto viajar de transporte público.

Eu estava certa de que encontraria Rob quando chegasse, mas havia um bilhete em cima da mesa da cozinha dizendo que ele tinha saído e que voltaria perto da meia-noite. O bilhete terminava com "Te vejo mais tarde". Rob realmente achava que eu iria ficar acordada para esperá-lo? No dia seguinte, quando abri as cortinas do meu quarto (redemoinhos vulcânicos, aparentemente projetados com o único propósito de intensificar as febres infantis), fiquei observando o cenário que se abria diante de mim todas as manhãs da minha infância. Nada havia mudado ao longo das décadas: fileiras de sebes dividindo os jardins modestos que desapareciam a distância, à esquerda e à direita; gramados ásperos que haviam sido aparados pela última vez antes do inverno; galpões sóbrios nos cantos, generosamente revestidos de creosoto para protegê-los da umidade crescente; alguns viveiros de peixes ornamentais ou pedras adornadas com uma fauna de concreto. As folhas, que ondulavam nas árvores ao sabor do vento, sem dúvida já teriam sido ordenadas em pilhas até o fim do dia. Se eu fosse uma pessoa menos disciplinada, poderia me permitir uma certa melancolia diante da ideia de que nunca mais acordaria com aquela vista. Mas aquele tipo de sentimento seria absurdo. Poucas vezes fui feliz ali.

Não havia sinal de Rob quando entrei na cozinha, mas a garrafa de cerveja vazia e um prato cheio de migalhas de torrada provavam que ele havia, de fato, voltado para casa. Abri o armário onde sabia

que mamãe guardava o cereal. A marca de que ela gostava, à base de farelo de grãos, ainda estava lá — e depois de uma breve inspeção vi que todos os pacotes estavam com a data de validade vencida há tempos. O que aqueles homens comiam no café da manhã? Eu estava refletindo a respeito disso, quando Rob entrou na cozinha usando calça de pijama e roupão de banho.

— Bom dia, Susan — murmurou, com uma expressão atordoada no rosto. — Ouvi você andando pela casa. Que horas são? Cacete, seis e meia? — acrescentou, ao ver a hora no relógio do forno.

— Tenho um dia muito cheio pela frente.

— Mas é fim de semana. — Ele passou as mãos pelos lados do rosto e bocejou. — Bem, já estou acordado mesmo. Vamos combinar assim: você prepara o café para a gente e eu faço o resto do café da manhã. Sempre posso dormir mais depois.

Diante de pilhas oleosas de linguiças vegetarianas, ovos, feijão e cogumelos, que fiz um nobre esforço para tentar comer, sem sucesso, Rob passou a tagarelar sobre o seu negócio, como se eu pudesse me importar com o que ele fazia para ganhar a vida. Mas eu não havia esquecido o meu plano de ser o mais cortês possível — simpática, até — naquele fim de semana, para que Rob não estivesse na defensiva quando eu o interrogasse. Ele contou que, depois de se formar na escola de arte, tinha pulado de emprego em emprego por alguns anos, em geral fazendo trabalhos simples relacionados à horticultura. Por volta dos trinta anos, resolveu dar um jeito na vida, concluiu um curso de paisagismo e acabou abrindo a própria empresa de jardinagem e paisagismo.

— E onde as viagens se encaixam? — perguntei, com interesse absolutamente fingido, é claro.

Tinha sido por causa do divórcio, disse ele. Por incrível que pareça, uma de suas clientes tinha gostado tanto de ter os jardins de casa projetados por Rob que havia abandonado o companheiro para viver na penúria com ele. Os dois se casaram rapidamente, e logo em seguida ocorreu a ambos que, na verdade, não gostavam tanto assim um do outro. Esse relacionamento inconsequente de algum modo conseguiu capengar por uns dois anos. A esposa acabou trocando Rob para ficar com o dono de uma loja de penhores aonde ela havia ido com o objetivo de empenhar o anel de noivado da falecida mãe de Rob. A casa onde moravam foi vendida e o patrimônio dividido igualmente entre a ex-esposa, que ficou em uma situação bastante confortável, e Rob, cuja situação estava longe de ser confortável. Que idiota. Ele decidiu, então, passar algum tempo viajando pela Índia, no intuito de “colocar novamente a cabeça no lugar”. Enquanto estava fora, Rob se deu conta de que a pessoa com quem deveria estar passando a vida era uma namorada dos tempos de faculdade chamada Alison. Ele pretendia procurá-la e tentar reconquistá-la quando as coisas no trabalho estivessem um pouco mais calmas.

— A empresa está indo muito bem recentemente — falou. — Estou tendo que conciliar dois ou três projetos ao mesmo tempo, por isso contratei outro assistente. Além disso, comprei uma casa na semana passada; não está em bom estado, precisa de uma reforma completa, mas tem potencial.

— Fico muito feliz em saber que as coisas estão indo bem para você — falei, limpando os lábios com o guardanapo e me levantando da mesa.

Disse a Rob que lavasse as coisas do café da manhã e arrumasse a cozinha enquanto eu dava início às minhas tarefas do dia.

— Sim, sem problema, farei tudo isso um pouco mais tarde. Vou só voltar para a cama por mais uma horinha — respondeu ele, e desapareceu escada acima.



Eu me equipei com o material necessário, respirei fundo e entrei no quarto de mamãe. Nada havia sido tocado desde o fim de semana em que eu estivera ali para o funeral, a não ser pelas cortinas de *voile* que foram retiradas da janela e estavam amontoadas em uma pilha pálida no chão. Estava tudo envolto na penumbra — o dia estava nublado, e as janelas salientes cheias de sujeira deixavam entrar pouca iluminação. Depois de acender a luz do teto e as duas luminárias de cabeceira franjadas, eu me sentei no banquinho baixo em frente à penteadeira de mamãe. Olhei para os meus múltiplos reflexos no espelho: uma versão bem semelhante a mim à minha frente, no grande espelho central, e mais duas outras, enigmáticas e oblíquas, nos espelhos laterais estreitos. Eu me sentia bastante confortável com o que via na imagem central — era a imagem que surgiu quando me maquiei pela manhã ou quando passava por uma vitrine. As versões laterais, no entanto, eram desconhecidas, quase a ponto de poderem ser outra pessoa. Meus cabelos não pareciam tão bem penteados quanto eu esperava; nem o meu perfil tão forte quanto eu imaginava; havia uma flacidez desconhecida sob a mandíbula. Era perturbador pensar que outros podiam ver aspectos meus que eu mesma não conseguia distinguir com facilidade. Imaginei mamãe sentada diante daquele mesmo espelho. E me

perguntei se ela estava à vontade com suas múltiplas versões semelhantes, se acreditava que as diferentes facetas somadas tinham como resultado um todo coerente e harmonioso. E quanto ao meu pai — ele alguma vez se sentara ali e contemplara a própria aparência, como eu fazia agora? Provavelmente não. Ele não gostaria de ver a pessoa que seria refletida.

Aquilo não estava me levando a lugar nenhum. Eu tinha um trabalho a fazer e uma quantidade limitada de tempo para realizá-lo. Abri a gaveta principal da penteadeira de mamãe e fui atingida pelo cheiro enjoativo de maquiagem velha. Peguei um pó compacto antigo e levei a pequena protuberância rosa junto ao nariz. O cheiro me lembrou das vezes em que mamãe se inclinava para me dar um beijo de boa-noite quando eu já estava deitada. Sempre quis que ela ficasse mais tempo, para segurar minha mão ou acariciar meus cabelos, mas ela precisava ir ver Edward, que não dormia até que mamãe lhe contasse inúmeras histórias, cantasse várias canções de ninar, servisse uma xícara de chocolate quente e verificasse se havia monstros no guarda-roupa ou debaixo da cama. (Ele provavelmente ainda é assim. Será que Rob assumiu esse papel?) E, é claro, depois que mamãe atendia todas as exigências de Edward, tinha que lidar com o meu pai.

Joguei o pó facial, assim como a embalagem de blush, paletas de sombra e batons foscas, no saco de lixo que estava ao meu lado no chão. Juntei os potes de hidratante para o rosto e para as mãos e o protetor labial, e também os grampos, redes e rolos para os cabelos. Restou apenas a fotografia de família emoldurada, um par de castiçais de porcelana e um conjunto de escova, pente e espelho de prata, que acomodei com cuidado em uma caixa de papelão. Depois

de um momento de hesitação, peguei o pó compacto de volta e coloquei junto às outras coisas salvas.

Em seguida, abri o guarda-roupa com cheiro de naftalina, que estava abarrotado de conjuntos de vestido e casaquinho, e saia e casaquinho, em tons de limão-claro, azul-bebê e lilás. Eu me lembrava dela me explicando, quando eu era criança, que gostava de tons que sabia que cairiam bem com sua pele pálida e que combinariam um com o outro. Eu disse que achava entediante, mas ela nunca mudou o estilo. Enchi três sacos de lixo, que seriam mandados para o bazar de caridade, antes que o guarda-roupa enfim estivesse vazio. Então, passei à cômoda, e o conteúdo teve destino semelhante ao do guarda-roupa, a não ser pelas meias-calças e roupas íntimas, que segurei entre o polegar e o indicador e joguei no saco de lixo. Tudo aquilo parecia uma terrível invasão de privacidade. Na gaveta de baixo, encontrei um casaco de lã deformado que tinha sido do meu pai, um de seus favoritos. Resolvi guardá-lo. Poderia ser útil para proteger o conteúdo da caixa, argumentei comigo mesma.

Na mesa de cabeceira de mamãe, encontrei uma caixa de couro de crocodilo falso. Era ali que ela guardava as bijuterias, que preferia usar no lugar de peças mais valiosas. Eu me lembrei de que, quando era pequena, me divertia usando aquelas bugigangas como enfeite, e depois ficava diante do espelho do guarda-roupa, fingindo ser a rainha ou a princesa Grace de Mônaco. Por alguma razão inexplicável, senti uma vontade de recriar a cena naquele momento. Passei meia dúzia de cordões de contas ao redor do pescoço, coloquei brincos de strass nas orelhas, preendi vários broches esmaltados na blusa preta e equilibrei um colar de pérolas falsas na

cabeça, como uma tiara. Então, fui até o mesmo espelho do guarda-roupa, observando o efeito régio. Era como ter sete anos de novo — uma idade em que não era menos provável que eu viesse a governar o país ou me casar com um príncipe do que seria eu me tornar professora, policial ou piloto de avião.

Rob, é claro, escolheu exatamente aquele momento para bater na porta e entrar, trazendo duas xícaras de café. Achei que ele ainda estaria na cama... deve ter passado mais tempo do que imaginei.

— O Natal chegou mais cedo este ano — comentou ele com um sorriso. — Você está muito decorativa, bem Bollywood.

Senti que ficava corada, apesar de meus esforços para reprimir o rubor. Tentei pensar em uma explicação lógica para o meu comportamento absurdo, mas não consegui. Retirei as bijuterias e guardei de volta na caixa, tomando cuidado para não denunciar o meu constrangimento fazendo tudo rápido demais. Fechei a tampa da caixa, me sentei na cadeira no canto do quarto e aceitei uma das xícaras de café, como se nada fora do normal tivesse acontecido. Rob se empoleirou na otomana aos pés da cama. O café era instantâneo.

— Parece que você está progredindo bem — comentou ele, alheio ao meu embaraço. — Imagino que seja difícil ter que examinar anos de coisas e decidir o que guardar e o que dispensar. É como traçar uma linha sob uma parte enorme do seu passado. Deve ter sido por isso que Ed não conseguiu fazer.

— Não consegui fazer o trabalho duro, você quer dizer.

— Acho que ele está só tentando lidar bem com tudo. Seguir em frente.

Eu apenas ri. Estava decidida a não entrar em uma discussão, apesar da minha vontade de protestar contra tamanha bobagem. Rob deu uma olhada ao redor do quarto e perguntou o que eu pretendia fazer com a mobília. Tive que admitir que ainda não havia planejado essa parte.

— Não tenho espaço para isso no meu apartamento, mas vai ser útil quando eu receber a minha herança e comprar um lugar maior. Até lá, vamos ter que deixar em um depósito.

Quando o nosso café acabou, sugeri a Rob que fosse fazer o que fazia de melhor — cuidar do jardim —, enquanto eu continuava o meu trabalho sem ninguém me distraindo.

— Você é sempre tão mandona assim? — perguntou ele, ao sair.

— Não sou mandona — falei alto, quando ele já se afastava. — Sou só organizada.

Cerca de uma hora depois, a tarefa de limpar o quarto de mamãe estava terminada. Só restaram os móveis despídos e empoeirados e uma pilha de caixas e sacos de lixo cheias. O bebê estava agitado na barriga, animado tanto pela cafeína quanto pela vigorosa atividade matutina. Eu me deitei na cama de casal e acariciei a barriga, tentando acalmar o bebê. Ouvi os acordes de abertura de "Perfect Day" surgindo de algum lugar lá embaixo. Lou Reed se juntou à música, assim como Rob. A voz dele era mais melodiosa, mais controlada, do que se poderia esperar de alguém tão despreocupado. Quem sabe cantou no coral da igreja quando criança. Lembrei que meu irmão também tinha uma voz surpreendentemente tolerável quando mais jovem. Ele já havia sonhado cantar em uma banda (óbvio), mas achava que ensaiar algumas horas por semana era trabalhoso demais. Fechei os olhos e

permiti que a minha mente vagasse junto com a música. E me lembrei do meu próprio dia perfeito quando mais nova.



É a primeira manhã da nossa família na casa que alugamos para as férias na Cornualha, no verão antes de eu começar o ensino fundamental. Meu sono tinha sido tranquilo, e não acordei sentindo o medo embrulhar o estômago. Quando mamãe escutou meu movimento, apareceu com uma xícara de chá. Ela não deixou a xícara na mesa e saiu. Em vez disso, abriu as cortinas e se sentou na beirada da cama. A intensidade da luz confere um ar de desenho animado a tudo ao meu redor. Mamãe está usando um vestido de algodão sem mangas estampado com rosas vermelhas e cor-de-rosa, que eu nunca tinha visto antes, e seu cabelo está preso em um coque frouxo.

— O que você gostaria de fazer hoje, querida? — pergunta ela com um sorriso. — Você escolhe.

Enquanto reflito, vejo a poeira flutuando nas poças de luz do sol. Pergunto se podemos ir às piscinas formadas entre as pedras da praia local. Mamãe concorda sem nem checar se Edward gosta da ideia. O meu pai também aparece para dizer “Bom dia”. Ele está usando seu figurino de férias — short e uma camisa de manga curta, os óculos de sol já enfiados no bolso superior da camisa. Nunca o tinha visto com aparência tão saudável. Enquanto ele me abraça e me chama de sua princesinha, não sinto cheiro de álcool em seu hálito.

Tomamos café da manhã juntos na mesa de madeira que fica no pátio dos fundos, com a vista que desce pela colina íngreme até o

mar. O mar e o céu são de um azul tão suave e livre que é impossível ver onde um termina e o outro começa. Ninguém briga, ninguém chora, ninguém sai irritado. Edward não foi repreendido pelo meu pai esta manhã, portanto, não está rabugento, ou chutando a mobília, e mamãe não precisa defendê-lo.

Quando terminamos de comer, Edward pergunta a mamãe se podemos ir ao fliperama.

— Hoje não, Teddy. Eu vou nadar na piscina com a minha filha linda — responde ela. Meu irmão não fica de mau humor.

Mamãe tira tempo para escovar e trançar os meus cabelos, enquanto o meu pai passa manteiga no pão para os sanduíches do nosso piquenique. Não queremos perder um único minuto desse raro e precioso sol britânico, então mamãe e eu decidimos caminhar até a praia. Ela pergunta ao meu pai se ele pode nos encontrar de carro na beira da praia. Como o meu pai não está bêbado, ele não recusa.

Enquanto mamãe e eu estamos passeando, reparando nas borboletas de cores quase tropicais e nas flores silvestres nas sebes, em vez de permanecer quieta e distante como sempre, ela me pergunta sobre o livro que estou lendo, sobre minhas amigadas, sobre como estou me sentindo em relação a começar na nova escola. Ainda estamos conversando quando chegamos à praia. Mesmo que o resto da família ainda não esteja lá, mamãe não fica tensa com a possibilidade de o meu pai ter começado a beber e batido com o carro. Nós nos sentamos em um banco sob o sol e esperamos. Mamãe segura a minha mão e aperta com carinho.

Vemos o nosso carro entrando no estacionamento, caminhamos até lá sem pressa e ajudamos a tirar os baldes, pás e cadeiras de praia do porta-malas. Dividimos aquela parafernália toda entre nós e

levamos para a areia. Edward pede para o meu pai jogar Frisbee com ele quando acabamos de montar o nosso pequeno acampamento. O meu pai não está bêbado, então diz:

— Ótima ideia.

Mamãe e eu pegamos as nossas redes de pesca e vamos para as pedras. Ela não está com pressa, não está ansiosa para voltar e tomar conta do meu pai e do meu irmão, e o tempo passa enquanto ficamos de joelhos, empurrando para o lado cortinas de algas marinhas e procurando embaixo das pedras. Pegamos quinze caranguejos e doze peixes pequenos e velozes. Nunca tinha visto tanta vida em uma piscina de água salgada.

Quando mamãe e eu voltamos, o meu pai ainda não começara a beber. Pegamos nossos sanduíches, nos sentamos nas cadeiras de praia e comemos. A voz do meu pai não está saindo enrolada e ele não está derrubando as coisas; mamãe não está preocupada demais, ela escuta o que eu digo e responde; Edward não está sendo hostil ou agressivo. Mais tarde, resolvemos jogar minigolfe em um estabelecimento meio decadente na orla. O meu pai não tinha levado sua sacola de compras de plástico com um suprimento de emergência de xerez barato. Ele também não desaparece por meia hora, para depois reaparecer vermelho e cambaleante. Perdemos o controle de quem está ganhando no golfe, mas ninguém se importa com isso. Meu irmão não dá um chilique quando mamãe diz que só vamos jogar uma partida de golfe naquele dia, e o meu pai não tem motivo para gritar com ele.

Quando o sol começa a se pôr, mamãe volta dirigindo, subindo a colina até a nossa casa de férias. Meu pai, Edward e eu voltamos a pé, para que possamos parar na loja do camping ali perto e comprar

sorvete. Passamos pelo pub local e o meu pai não diz que vai entrar rapidinho para tomar uma dose. Edward e eu não temos que ficar sentados na calçada do lado de fora, esperando e esperando, até que ele saia, e não temos que aguentar nenhum olhar de pena. Meu pai não tropeça no caminho para casa.

Naquela noite, meu pai também não vai para o pub, nem abre uma garrafa. Ninguém me diz o quanto sou burra e feia. Ninguém diz a Edward que ele é um pirralho mimado que vai acabar na prisão. Meu pai não discute com a minha mãe e eles não brigam. Jogamos uma partida de Banco Imobiliário tão longa que finalmente concordamos em declarar um empate dos quatro. Quando vou para a cama, meu pai me dá um beijo de boa-noite; ele continua não cheirando a álcool. Mamãe vem me aconchegar para dormir e se senta na beirada da minha cama novamente.

— Você se divertiu hoje, querida? — pergunta.

— Foi o melhor dia de todos.

A expressão de mamãe está radiante. Ela desliga a luminária e fecha devagarzinho a porta do quarto. Percebo então que não me senti humilhada, ansiosa ou desamparada o dia todo. Conforme a luz que atravessa a cortina vai sumindo, não escuto gritos no andar de baixo. Ou portas batendo. Não tenho que me esconder nas sombras do topo da escada, para o caso de precisar intervir entre os meus pais. Não há razão para que eu não caia no sono, e adormeço.

Esse é o meu dia perfeito. É possível que eu tenha enfeitado um pouco a verdade.



Depois do almoço, um sanduíche grande, preparado de qualquer jeito por Rob, comecei a trabalhar na sala de jantar. No canto da janela ficava a escrivaninha de mamãe, onde ela escrevia suas cartas e fazia anotações em seu diário. As gavetas estavam abarrotadas de pastas de papelão amassadas, algumas contendo documentos antigos de aparência oficial, que provavelmente não teriam mais importância alguma, e outras guardando correspondência pessoal de amigos e parentes. Fiquei tentada a jogar tudo no lixo, para economizar um tempo precioso. No fim, amarrei juntas as pastas com assuntos pessoais, em pacotes. Eu as levaria de volta para Londres e daria uma olhada rápida nelas antes de descartá-las. O aparador e a cômoda estavam cheios de itens que não eram nem um pouco do meu gosto: taças de frutas, vasos e galheteiros de vidro facetado pesado; estátuas de porcelana de garotas de pescoço comprido; bugigangas de metal. Eu me vi diante de um dilema: sentia certa relutância em descartar aquelas coisas, talvez porque formassem o pano de fundo tangível da minha infância; no entanto, não eram coisas que eu poderia imaginar algum dia querendo usar ou expor.

Rob enfiou a cabeça pela porta para checar, mais uma vez, como eu estava progredindo. Era evidente que havia sido instruído a ficar de olho em mim.

— Estive pensando — disse ele. — Se for ajudar, posso guardar os móveis para você na minha casa nova. Não tenho quase mais nada que é meu, então seria uma solução temporária interessante para mim. Estaríamos fazendo um favor um ao outro. E, falando nisso, você pode deixar no meu sótão caixas com qualquer coisa que ainda

não tenha decidido o que fazer a respeito. E pode pegar de volta quando quiser.

Um novo dilema. Por um lado, eu não queria estar em dívida com um homem que era praticamente um estranho, e ainda por cima cúmplice de Edward naquela história. E aquilo faria com que eu precisasse estar sempre em contato com Rob, o que eu sem dúvida não queria. Por outro lado, ele estava propondo uma solução tentadoramente barata e conveniente, que na minha situação financeira atual seria difícil recusar. As coisas que eu precisava armazenar não tinham qualquer valor monetário específico ou interesse para Edward, então era improvável que eu acabasse me tornando refém de Rob por causa delas. Além do mais, embora a oferta quase certamente tivesse sido feita para me fazer baixar a guarda e, assim, me impelir a revelar informações sobre as minhas táticas, não havia absolutamente nenhuma chance de isso acontecer. Concluí, portanto, que não teria problema.

— Talvez seja melhor não mencionar isso ao Ed, a não ser que ele pergunte — disse Rob. — Quer dizer, já que vocês dois não estão se dando muito bem. Não sei o que ele pensaria a respeito.

Ah, boa, Rob, pensei. Muito inteligente, fingir que você não é o fiel escudeiro e capanga do meu irmão. Uma bela tentativa de conquistar a minha confiança. Bem, aquela era uma valsa que os dois podiam dançar, e você logo vai descobrir que encontrou um par à altura.

Rob foi buscar uma pilha de jornais velhos, além de várias outras caixas de papelão, e deixei que ele me ajudasse a guardar os objetos. Era a oportunidade perfeita — já que estávamos ambos sentados casualmente no chão e envolvidos em uma tarefa

mundana e repetitiva — para sondar sutilmente Rob sobre as circunstâncias que cercavam o testamento de mamãe.

— Eu tinha acabado de voltar da Índia — contou ele. — Estava ficando na casa de um amigo na época. Ele tem esposa e filhos, e eu não queria atrapalhar, então passava bastante tempo com Ed na casa da sua mãe. Ela era tão gentil... sempre fez com que eu me sentisse bem-vindo. Na verdade, ela ofereceu o quarto vago na hora, mas não quis abusar da boa vontade de uma senhora idosa. No dia em que assinei o testamento como testemunha, Ed tinha sugerido que eu tirasse a minha hora de almoço para pegar um CD que ele tinha prometido me emprestar. Quando cheguei, a sua tia e a sua mãe estavam sentadas na mesa de jantar. A sua tia me cumprimentou como se eu fosse um velho amigo que ela não via há muito tempo, embora eu não me lembrasse de já tê-la encontrado antes. Enquanto conversávamos, Ed foi buscar um envelope e disse que precisava dar uma saída. A sua mãe contou que tinha escrito um testamento e que gostaria que nós dois assinássemos como testemunhas. Ela pegou uma caneta na gaveta do aparador, assinou o testamento, então sua tia e eu fizemos o mesmo. Depois, a sua tia tentou me persuadir a fazer algum trabalho de jardinagem para ela. Expliquei que não seria prático para mim aceitar a oferta, porque ela mora longe demais, mas ela insistiu muito.

Tudo parece tão inocente, tão espontâneo, não é? Perguntei a ele o que Edward sabia sobre o conteúdo do testamento antes de mamãe assinar.

— Não faço ideia. Ele nunca comentou nada comigo. Mas como eu disse, tinha acabado de voltar do exterior. A primeira vez que ouvi sobre o conteúdo do testamento foi pouco antes de você

chegar para o funeral. Ed recebeu uma carta dos advogados logo depois do café da manhã. Aparentemente, a carta dizia que ele tinha autorização para ficar aqui pelo tempo que quisesse e que a casa não seria vendida até que ele decidisse se mudar. Ele ficou feliz, mas sabia que você não ficaria contente. E falou alguma coisa sobre colocar lenha na fogueira.

— O que Ed comentou sobre o testamento desde então?

— Sinto muito, Susan, mas estou em uma posição um pouco complicada aqui. Quero ser sincero com você, mas não quero ser desleal com Ed. Tudo o que posso dizer é que ele sabe que você fez alguma coisa no tribunal para impedir que o advogado dê andamento à questão da propriedade. Ele diz que você não tem base legal para isso e que está desperdiçando o seu tempo. Diz que vai só esperar você se cansar. Não acho que estou dizendo nada de mais. Sou completamente neutro nessa situação. Afinal, como você está planejando contestar o testamento?

Outro discurso digno de um prêmio: fingir total ignorância da conspiração, enquanto fornecia informações suficientes sobre o que Edward achava, para dar a entender que o próprio Rob era franco e honesto. Não sou ingênua a esse ponto — ignorei a pergunta.

Àquela altura, as decorações e bugigangas já tinham sido embrulhadas em jornal e guardadas nas caixas. Eu estava me sentindo frustrada, porque até ali tinha conseguido desencavar pouquíssimas informações úteis. Desviei o foco do meu irmão e voltei o assunto para mamãe. Depois de fechar a tampa da última caixa e recolher os jornais que não foram usados, perguntei despretensiosamente a Rob como ela estava nas últimas semanas antes de falecer. Ele esfregou o queixo áspero com a barba por fazer

e ficou em silêncio por um momento, sem dúvida inventando alguma história.

— Acho que eu diria que sua mãe não estava cem por cento ela mesma — disse, por fim. — Ela parecia um pouco, não sei, distraída. Como se estivesse com a cabeça em outro lugar. Costumava interromper uma frase no meio, como se tivesse esquecido o que queria dizer. Mas todas as pessoas velhas acabam ficando assim. Não era nada fora do comum, nada que pudesse causar preocupação. Mas você falava com ela no telefone toda semana. O que achou?

— Achei que ela estava ficando cada vez mais confusa. Eu deveria ter seguido os meus instintos e antecipado a minha visita. Assim, poderia ter protegido mamãe das intrigas de Edward.

Assim que as palavras saíram da minha boca, percebi que não deveria ter dito aquilo na frente do aliado do meu irmão. Burra.

— Ed não estava armando nada. Ele não tiraria vantagem da sua mãe. Estava preocupado com ela, sempre checando como ela estava, se certificando de que a sua mãe estava bem antes de ele sair, vendo se ela tinha tudo de que precisava, resolvendo coisas na rua. Ele era ótimo com ela. Se você o visse no bar com os amigos, e depois o visse em casa com a sua mãe, pensaria que eram duas pessoas completamente diferentes. Ed era mesmo muito gentil e atencioso quando estava com a mãe. Ela trazia à tona o melhor lado dele.

Devo dizer que aquele era um aspecto da personalidade de Edward que ele tinha conseguido manter escondido de mim por mais de quatro décadas. Sinceramente, é um Edward que não acredito que exista. Era impossível acreditar nas afirmações de Rob.

— Mas se minha mãe não estava bem e Edward por acaso colocou na cabeça dela, mesmo inocentemente, que ele precisava ficar com a casa...

— Não tenho motivo para achar que isso aconteceu. Olha, isso não tem nada a ver comigo. Sei tanto sobre isso quanto você. Desculpe, mas essa conversa está me deixando um pouco desconfortável. Vamos falar de alguma outra coisa?

Não tenho ideia do que Rob achava que ele e eu teríamos para conversar um com o outro.



Mais tarde naquela noite, enquanto eu estava sentada sozinha assistindo a um episódio de uma série sombria qualquer de detetives escandinavos (Rob estava na festa de despedida de solteiro de um amigo), me perguntei se o meu interrogatório não teria sido muito intenso. Se tentasse uma abordagem mais suave, Rob talvez ainda pudesse ser persuadido a fornecer mais informações sobre as ações e intenções do meu irmão, ou sobre o estado mental de mamãe. Eu não queria assustá-lo. Decidi que, no dia seguinte, faria uso de toda a minha simpatia e charme inatos.

12

Estava presa entre dois trabalhadores braçais imundos no banco da frente de uma van branca Transit — aquela não era uma situação em que eu algum dia imaginara estar. Rob estava sentado à minha direita, com uma das mãos ao volante e a outra tamborilando no ritmo da música que cantarolava. Ele usava roupas de trabalho, que, como de costume, guardavam vestígios de cada vala que ele havia cavado e de cada saco de estrume que tinha espalhado. A criatura igualmente fedorenta, parecida com um duende, à minha esquerda era Billy, assistente e faz-tudo de Rob. Billy era pelo menos um palmo mais baixo do que eu, só ossos e tendões, com rugas profundas marcando o rosto. Ele tinha três brincos em cada orelha e tatuagens nos dedos. Quando não estava tagarelando de forma quase incompreensível, Billy se agitava, se coçava ou enrolava um cigarro. Às vezes tudo ao mesmo tempo. Eu não ficaria surpresa se descobrisse que ele era um detento em regime semiaberto.

Quando entrei na van de Rob, tive que ajeitar os pés entre jornais amarelados e copos de papel descartados no chão. Os assentos de vinil preto estavam rasgados em alguns lugares, revelando o enchimento, e tudo estava revestido com uma camada espessa de sujeira. Tive o cuidado de forrar o banco com um dos jornais antes de me sentar, para evitar que a minha calça de lã preta lavada a seco ficasse contaminada além de qualquer possibilidade de

salvação. A suspensão da van estava obviamente comprometida — cada solavanco na estrada era ampliado mil vezes e meus ossos foram chacoalhados de forma alarmante enquanto eu era jogada diversas vezes para cima e para baixo. Para ser justa, Rob pareceu um pouco envergonhado ao abrir a porta da van para mim.

— Não costumo ter passageiros, a não ser pelo Billy. Espero que não se importe com um meio de transporte tão rústico.

Claro que eu me importava. No entanto, era necessário que eu me certificasse de que os meus móveis e as minhas caixas seriam armazenados com segurança.

Estávamos indo para a casa recém-adquirida de Rob — “aqui do lado”, segundo ele. Enquanto passávamos por cima de um buraco particularmente fundo na rua, Billy sacou um de seus cigarros já enrolados. Não achei que o homem realmente tinha a intenção de acender aquela coisa, até que ele brandiu um isqueiro de plástico. Não tenho qualquer prazer em dizer às pessoas o que fazer, mas não tive alternativa senão orientá-lo, nos termos mais categóricos possíveis, para que desistisse imediatamente daquela ideia. Ele não pareceu aborrecido em demasia, e não pude deixar de pensar que era provável que estivesse acostumado a receber ordens de policiais, guardas penitenciários e similares. Rob, porém, estava balançando a cabeça.

— Acho que não foi a intenção da Susan falar de maneira tão grosseira, cara — falou, inclinando-se para perto de mim. — É só o jeito dela.

— Sem problemas. Desculpa, querida, esqueci que você está com um bebê no forno — disse Billy, apertando minha coxa em um ponto um pouco alto demais para que eu me sentisse confortável. — Mal

parece. Aos quatro meses, a patroa já estava do tamanho de uma casa. Mas a verdade é que ela é do tamanho de uma casa de qualquer jeito. — Ele riu para si mesmo, devolvendo o cigarro para a lata. — Parou enquanto está esperando o bebê?

— Eu não fumo. Nunca fumei — informei a ele.

— Achei que você já tinha fumado — comentou Rob. — Anos atrás, quando éramos estudantes. Todo mundo fumava naquela época.

— Você está enganado. Talvez esteja se lembrando de outra pessoa. Eu nem tenho recordação de ter conhecido você.

Se eu já *tivesse* feito alguma coisa tão contrária à lógica e ao bom senso — e não tinha —, certamente não admitiria para ele.

— É um péssimo hábito, de qualquer jeito — disse Billy. — Eu mesmo vou parar no ano-novo. Então, é menino ou menina?

Expliquei a ele que não fazia ideia. Eu faria outra ultrassonografia na semana seguinte, quando poderia escolher se queria saber. Ainda não havia decidido se seria algo apropriado ou desejável.

— Minha patroa ficou toda animada quando disseram que ela ia ter uma menina. Ficou louca para vesti-la como uma bonequinha e comprar pelúcias do “My Little Pony”. Então a nossa Amy chegou, e a menina só quer vestir uniforme de futebol e jogar bola. Nunca se sabe. Então, o que você quer? Um filho ou uma filha?

Aquelas duas palavras ressoaram na minha mente como um estalar de dedos para alguém em transe. Repeti para mim mesma: “filho”, “filha”. Eu seria uma mulher com um filho. Ou seria uma mulher com uma filha. Não só isso, mas o destino já havia tomado a decisão por mim. Não era algo sobre o que eu tivesse qualquer tipo de controle. Então outra palavra se insinuou pela minha cabeça. Se

o bebê seria um filho ou uma filha, aquilo me tornaria uma “mãe”. Uma criança olharia para mim e pensaria, não “irmã distante” ou “colega de trabalho” ou “mulher que eu vejo às vezes no metrô”, mas “mãe”. Isso era importante. Mais importante do que poderia ser explicado apenas por pura lógica. Era importante que eu não fosse uma decepção, não fosse uma fonte de insatisfação, frustração ou tristeza. Eu tinha confiança de que o meu filho ou a minha filha consideraria que eu estava cumprindo meu papel de mãe de forma exemplar. Fracasso é uma palavra que não faz parte do meu vocabulário. Mas e se...? Billy continuava a tagarelar que eu me sairia bem sem o pai do bebê na história, que os pais que ele conhecia raramente ficavam muito tempo por perto, mas eu mal o ouvia. “Mãe.”

— Susan, você ainda está com a gente? — perguntou Rob. — Parece que está no mundo da lua.

— Estou ótima, obrigada. Você estava dizendo alguma coisa?

— Eu só estava perguntando se você queria alguma coisa da cafeteria. Vou pegar café para Billy e para mim.

— Ah, um bule de Earl Grey, obrigada — respondi, automaticamente.



Naquela manhã, coloquei o meu alarme para as sete horas e terminei de trabalhar no meu antigo quarto antes de Rob me chamar para mais um café da manhã de caminhoneiros vegetarianos (se “caminhoneiro vegetariano” não for um paradoxo). Levei muito pouco tempo para limpar o quarto, já que mamãe tirara tudo de pessoal assim que saí de casa para a universidade. As únicas coisas

que decidi manter foram um volume de *Mulherzinhas* que tinha pertencido a ela, e outro de *Histórias assim*, que tinha sido do meu pai.

Rob estava bastante calado durante o café da manhã, sem dúvida sofrendo com uma ressaca da noite anterior. Já passava de uma da manhã quando ouvi a chave na fechadura. Eu não tinha conseguido pegar no sono até que ele voltasse, o que explicava a sensação incomum de falta de energia que eu experimentava. A campainha tocou quando Rob estava no jardim jogando os restos de comida na pilha de compostagem e eu folheava o jornal do dia anterior. Era Billy, que se colocou rapidamente à vontade — deixou o casaco jogado na ponta do corrimão, foi até a cozinha e se sentou em uma das cadeiras. Tive a nítida impressão de que aquela estava longe de ser a primeira visita dele ali.

— Então você está limpando algumas coisas da casa do seu irmão, não é? — perguntou Billy, assoando o nariz em um pedaço sujo de pano que pescou do bolso do jeans. — Conheço um pouco o Ed, do The Bull's Head. Cara de primeira.

— Esta casa não é do meu irmão — informei a ele. — Pertence a nós dois, igualmente, e em breve será vendida.

— Ah, desculpa, achei que sua mãe tinha deixado a casa para o Ed. Fiquei com a impressão de que ele tem planos para este lugar.

— Edward está tendo dificuldade em aceitar o fato de que terá que se mudar.

Rob voltou do jardim e Billy se levantou.

— Muito bem, chefe, por onde começamos? — perguntou, esfregando as mãos, provavelmente animado com as horas extras que ganharia.

Não havia nada para eu fazer a não ser supervisionar o serviço, enquanto Rob e Billy grunhiam e se dobravam sob o peso das caixas e dos móveis. Enquanto eles guardavam tudo na van, fiquei andando de um cômodo vazio para o outro. Todos cheios das sensações fantasma dos objetos que antes ocupavam aquele espaço. O carpete era mais escuro e mais bonito nas partes que ficavam embaixo de algum móvel, protegidas do sol e do desgaste, e os pés dos móveis tinham deixado marcas profundas. E no papel de parede desbotado havia formas mais escuras no lugar onde antes havia quadros e espelhos pendurados. Era possível ver até a silhueta tênue do crucifixo de madeira que, nos anos mais recentes, mamãe mantinha pendurado acima da cama. Apesar desses ecos das vidas anteriores dos aposentos, as lembranças que eles guardavam já estavam se dissipando, como fumaça depois que uma vela era apagada. Fui até o meu antigo quarto e fechei a minha mala de fim de semana, que estava abandonada no chão, dando uma última olhada pela janela. Então, peguei as minhas coisas, saí e fechei a porta. Aproveite a sua sala de música, Edward, pensei, porque não a terá por muito tempo.



Fiquei sentada em um caixote de madeira virado para cima e bebi meu chá forte enquanto os dois homens descarregavam a van e distribuía as várias mesas, guarda-roupas e cômodas pela sala da frente do andar de baixo e nos dois quartos da casa de Rob. Em seguida, surgiu um conjunto de escadas e as minhas caixas foram içadas até o sótão. Rob não tinha mentido quando disse que a sua casa “não estava em bom estado”. Admito que era uma casa

geminada antiga teoricamente decente, em uma área não de todo desprovida de atrativos, mas a cozinha, o banheiro e a decoração tinham sido claramente escolhidos por um lunático daltônico nos anos 1970. E, ao que parecia, a casa não tinha sido tocada por um pincel nem, aparentemente, por um aspirador de pó ou espanador desde então. Um local deprimente para deixar os preciosos bens de mamãe. Mas quem está necessitado não pode se dar ao luxo de escolher.

Quando o trabalho foi concluído, Rob entregou algumas notas dobradas a Billy.

— Tome uma cerveja por nossa conta — falou, enquanto voltava a guardar a carteira no bolso de trás da calça.

— Pode deixar, chefe. E boa sorte com o resto da sua gravidez, querida. Dá para ver que você vai ser uma mãe maravilhosa. Você e o pequenino deveriam voltar a morar aqui em Brum. É muito melhor do que lá em Londres. Tem muito parque por aqui e um monte de eventos para as crianças. Este lugar mudou muito desde que você era menina.

— Vou pensar nisso — garanti.



Aceitei a oferta de Rob de uma carona até a estação New Street, já que Kate havia tomado a decisão inconveniente de passar mais alguns dias na casa dos pais. Enquanto estávamos colocando os cintos de segurança, ele perguntou sobre o pai do meu bebê. A franqueza da pergunta me surpreendeu. Quase respondi que não era da conta dele, mas ainda estava me esforçando para bancar a simpática e cortês.

— Não estou em um relacionamento com o pai — expliquei. — Já avisei a ele que não preciso de ajuda.

— E ele aceitou bem?

— Ainda não, mas vai aceitar. Ele ainda está sob a falsa impressão de que deseja ter algum tipo de envolvimento.

— Por que você recusou, então? Ele te tratou mal?

— Não, muito pelo contrário. Se quer saber, tenho três razões para recusar: primeiro, não quero ficar em dívida moral ou financeira com ele; segundo, quero ser livre para tomar as minhas próprias decisões em relação à criança; e terceiro, ele realmente não quer a responsabilidade.

— Com certeza cabe a ele saber o que ele quer ou não. Você não pode simplesmente tomar a decisão por ele. Se o pai do seu bebê ajudar financeiramente ou de outra forma, isso não significa que você vai dever algo a ele. Vocês fizeram o bebê juntos, portanto são responsáveis na mesma medida. E esse negócio de decidir tudo sozinha, bem, isso simplesmente não é justo. Acho que talvez você seja um pouco controladora.

Eu não tinha certeza de quanto tempo mais conseguiria manter a fachada. Já começava a sentir a máscara escorregando.

— Qual é a sua intenção, Rob? É porta-voz de alguma organização que busca justiça para os pais ou algo assim? Caso contrário, não vejo como isso poderia ser da sua conta.

— Não tem organização nenhuma. Não estou fazendo disso uma questão política. É que tenho certa experiência pessoal, o que me dá uma perspectiva sobre esse tipo de situação que talvez você não tenha.

— Que tipo de experiência pessoal você poderia ter que seja relevante para o meu caso?

Seguiu-se um longo silêncio. Torci para que a minha pergunta retórica tivesse colocado um ponto-final no assunto.

— Quando eu estava na faculdade, era meio babaca, para ser sincero — começou a contar Rob. Eu me contive para não comentar que aquilo não era uma surpresa. — Tive algumas namoradas, nem sempre por muito tempo. Mas havia uma garota de quem eu gostava de verdade, a Alison, e ela também estava me levando a sério. O único problema era que ela ficava em cima de mim para que eu desse um jeito na vida. Eu estava fazendo todas aquelas coisas normais que universitários fazem, mas um pouco demais, se entende o que eu quero dizer.

— Na verdade, não.

— Nada sério, só bebendo e fumando, ficando chapado na maioria dos dias... pegava um pouco mais pesado nos fins de semana. Então, pouco antes das provas finais, Alison descobriu que estava grávida. Ela estava tomando pílula. Conversamos muito, avaliando as possibilidades. No final, eu disse que ela deveria fazer um aborto, que éramos jovens demais para sermos pais. Alison concordou, mas, no dia marcado na clínica, estava com um resfriado horrível. O pessoal da clínica disse que ela precisava voltar para casa, esperar ficar melhor, então reagendar o procedimento. Ela nunca remarcou. Continuei insistindo e ela disse que ia remarcar, mas o tempo passou. Depois de algumas semanas, Alison disse que era tarde demais e que iria ter o bebê. Fiquei apavorado. Não queria aquela responsabilidade. Queria continuar saindo com os meus

colegas, ficar chapado nos fins de semana, gastar meu dinheiro em lazer.

Estávamos parados há um tempo em uma encruzilhada movimentada. O semáforo ficou verde e o motorista atrás começou a buzinar. Rob engatou a marcha da van.

— Realmente não sei por que estou contando tudo isso. Mas *há* um motivo no final. — Ele ficou quieto por um instante, enquanto ultrapassava um ciclista, e continuou com a história. — Alison acabou me dizendo para tomar jeito, ou cair fora. Eu me agarrei àquela tábua de salvação. Disse a ela que, no fim das contas, a gravidez não era problema meu, que não era eu que tinha que lidar com ela. Tinha sido Alison quem se confundira com a pílula e que decidira ficar com o bebê, então ela não poderia esperar que eu simplesmente fizesse o que ela queria. Eu avisei que era um babaca na época.

Mais um carro buzinou conforme Rob dirigia cada vez mais devagar. Ele pisou fundo no acelerador e acenou com dois dedos no ar — um gesto desperdiçado, já que estávamos em uma van.

— Alison foi embora de Birmingham e voltou a morar com os pais em Edimburgo. Não pensei muito sobre o bebê no início, porque estava muito ocupado em me divertir, mas com o passar do tempo comecei a ficar curioso. Eu nem sabia se tinha um filho ou uma filha. Na época do que seria o quinto aniversário da criança, decidi entrar em contato com a Alison. Eu esperava que não fosse tarde demais para conhecer o meu filho. Consegui descobrir o número dos pais dela e liguei para eles, que não ficaram muito felizes. Imagino que Alison tenha contado a eles todo tipo de histórias terríveis a meu respeito, e a maioria provavelmente era verdade. Eles disseram que

eu tinha um filho, que o nome dele era James e que Alison estava feliz em um relacionamento com outra pessoa.

Rob fez uma pausa. Pensei que talvez tivesse terminado, mas depois de um suspiro ele continuou.

— Os pais dela me avisaram para não tentar entrar em contato, que Alison não queria nada comigo. Mas eu não podia simplesmente deixar as coisas daquele jeito. Continuei a ligar para eles, implorando para que me dessem o número dela. Expliquei que só queria ser um pai para o meu filho. Eles devem ter contado a ela, porque uma noite Alison me ligou. Estava muito tranquila, muito firme. Disse que eu tinha aberto mão de qualquer direito de ver o James quando a abandonei. Que ele era um menino feliz e confiante... que chamava o novo companheiro dela de "papai". Ela disse que eu não significava nada para o menino, que o meu nome nem estava na certidão de nascimento. Eu poderia ter entrado na justiça para ter acesso ao James. Quem sabe poderia até ter ganhado. Mas sabia que tinha errado feio abandonando a Alison quando ela estava grávida. E não queria errar de novo bagunçando a vida deles. Decidi deixar os três em paz. Mas penso no meu filho todos os dias... fico imaginando o que ele está fazendo, como ele é, como é a sua voz. James tem mais de vinte anos agora. Não faço ideia se ele pensa em mim. Pode nem saber que eu existo. Perdi a chance de ver o meu filho crescer. E a culpa é toda minha. Não tenho mais ninguém a quem culpar. Só estou dizendo, Susan, não faça isso com o pai do seu filho. Não a menos que você tenha um bom motivo para isso, não a menos que ele tenha maltratado você, ou que mereça isso.

Àquela altura, estávamos no estacionamento da estação. Rob deitou a cabeça no volante por alguns segundos, então se virou para mim. Eu ia dizer algo enfático para ele, mas Rob parecia prestes a chorar. Por favor, não, pensei. Não tenho o menor preparo para lidar com homens chorando. Ou qualquer pessoa, para ser honesta.

— Que merda, eu só queria que você soubesse da minha experiência pessoal — disse ele, fungando e rindo. — Vamos pegar a sua mala lá atrás.

Aceitei a oferta de Rob de carregar a minha bagagem até o trem, considerando que eu estava voltando a Londres com muito mais do que chegara. No caminho, Rob, mais calmo agora, continuou ao assunto.

— De qualquer maneira, como eu falei para você, a ficha caiu enquanto eu estava na Índia. Alison é a mulher da minha vida, é com ela que eu deveria ficar. Já perdi tempo demais. Encontrarei ela e meu filho, vou ver se conseguem me perdoar e, se Alison não estiver saindo com ninguém agora, fazer tudo que puder para reconquistá-la. Vou compensar todas as merdas que fiz quando era mais jovem.



No trem de volta para Londres, fiquei pensando no desabafo de Rob. Não conseguia evitar questionar se a intenção dele tinha sido só fazer um apelo sincero em favor dos pais excluídos da vida dos filhos, ou se também esperava me amolecer e fazer com que eu tivesse mais boa vontade em relação a ele. Fosse o que fosse, quase funcionou — por um instante, cheguei a sentir pena. No entanto, lembrei que os problemas de Rob eram inteiramente culpa dele, que

havia se comportado de forma terrível — e a namorada, sem dúvida, tinha sofrido muito mais do que ele, pelo menos no início. Também lembrei que, como Rob era cúmplice de Edward, era improvável que alguma coisa do que ele tenha dito realmente fosse verdade.

Com a presença constante de Billy na maior parte do dia e as “revelações” de Rob sobre o filho, não tive oportunidade de extrair qualquer informação adicional sobre Edward ou sobre o testamento de mamãe. Mas por sorte eu voltaria a encontrar Rob em duas semanas. Ele tinha dito que iria a um show em Londres com Edward e aproveitaria para deixar comigo as caixas das coisas que eu queria manter. Sem dúvida pensava que também seria fácil me fazer baixar a guarda. Estranhamente, quando fechei os olhos com a intenção de tirar um cochilo antes de chegarmos a Euston, veio à minha mente o tom de azul profundo tão incomum de seus olhos quando ele se virou para me encarar na van. Provavelmente fora um truque de luz.

Na cama naquela noite, recostada nos travesseiros, chequei as pastas de papelão que havia pegado na escrivaninha de mamãe. Eu esperava encontrar alguma indicação do estado de espírito dela, ou dos planos que tinha para a casa depois que morresse, mas, em sua maior parte, a correspondência era muito antiga para ser de qualquer relevância. Havia notas de agradecimento do tio Harold, da tia Julia e dos filhos deles pelos presentes que mamãe mandara ao longo dos anos; cartas de dois velhos amigos de escola que haviam se mudado para a Nova Zelândia e para o Canadá, em que relembavam as experiências compartilhadas na infância; cartões de aniversário anuais dados pelo meu pai que, reparei, haviam parado de surgir no ano em que eu fiz dez anos; cartões de Natal e de Páscoa feitos na escola, principalmente de Edward, mas alguns

meus, também; várias cartas de tia Sylvia, quase ilegíveis, incluindo uma que tinha sido rasgada em pedaços e depois colada de novo, na qual a minha tia expressava sua profunda gratidão por algo não mencionado; uma carta de referência datilografada, do chefe de mamãe na secretaria da universidade, dizendo que ela era uma funcionária confiável e dedicada; algumas cartas e alguns cartões de condolências pela morte do meu pai; e outras coisas nessa mesma linha. Cheguei a pensar se manteria algo, mas finalmente decidi que jogaria tudo no lixo. Nada daquilo me dizia coisas que eu já não soubesse e, de qualquer modo, eu simplesmente não tinha espaço para guardar.

Em seguida, abri o pesado álbum de fotos, que também havia trazido comigo de Birmingham. O álbum tinha início com o casamento dos meus pais e terminava logo depois que eu comecei a escola. A primeira fotografia era em preto e branco — uma foto formal, posada, de toda a família do lado de fora da igreja depois da cerimônia. Mamãe parecia tímida, envergonhada e desacostumada a ser o centro das atenções. O meu pai parecia distante, tolerando o que era necessário ser feito para se tornar um homem casado. Imagino que ele tenha tomado uma bebida forte para ajudá-lo a aguentar a provação. Em contraste, tia Sylvia, ao lado de mamãe e usando um vestido longo de dama de honra com acabamento em renda, estava claramente exultante. Mamãe tinha vinte e sete anos quando se casou, e tia Sylvia devia então estar com cerca de doze anos. Naquela idade, ela já havia aprendido com as estrelas nas revistas de cinema a posar para a câmera de uma maneira que demonstrava uma suprema (embora equivocada) confiança no próprio poder de atração. Uma habilidade que nunca a abandonara.

O restante da família de mamãe havia vestido com entusiasmo, mas sem grande habilidade, as roupas mais elegantes que conseguiram encontrar, para celebrar o fato de que alguém do clã estava subindo na vida. Mas, apesar do esforço, eles pareciam tensos, constrangidos e sem graça. A família do meu pai, no entanto, parecia bastante à vontade com o evento formal — ternos sob medida, vestidos e casacos de grife não eram fora do comum para eles. Apesar da tranquilidade, as expressões de aborrecimento contido deles, os biquinhos de desagrado e os sorrisinhos arrogantes traíam a forma como cada um se sentia em relação à união de meu pai com mamãe. Só a expressão de tio Harold, o irmão mais jovem do meu pai e padrinho de casamento, era tão inescrutável quanto a de meu pai; no caso do meu tio, um resultado do treinamento para os desfiles militares, e não da anestesia autoadministrada do noivo. Foi estranho ver os meus avós paternos na foto. Não tenho qualquer lembrança de tê-los conhecido. Aliás, nem sei se realmente cheguei a conhecê-los.

Folhee o álbum até chegar a uma fotografia já no meio, que provavelmente havia sido tirada alguns anos depois. Era o dia do meu batismo na mesma igreja, uma ocasião com muito menos convidados. Eu estava com apenas alguns meses. Ao contrário da fotografia do casamento, que obviamente tinha sido tirada por um fotógrafo profissional, aquela era um instantâneo meio torto. O único membro da família do meu pai presente era o tio Harold, que parecia cumprir o seu dever como sempre. A família de mamãe também estava em menor número — embora a minha avó materna estivesse ali, o meu avô parecia ter tido alguma coisa melhor para fazer no dia. Na foto, mamãe estava me segurando, e ela parecia

pouco à vontade com aquela trouxinha nos braços. Imagino que tivesse tido poucas semanas de prática até ali. Meu pai, sério e carrancudo, tinha o braço ao redor do ombro dela em um gesto tranquilizador. Tia Sylvia, que àquela altura devia ter dezessete ou dezoito anos, não olhava para a câmera, como se algo no chão à sua direita a tivesse distraído. Ela estava usando um vestido curto cor de pêssego com botas brancas de cano alto, um contraste gritante com o conjunto de vestido e casaquinho de um cinza sombrio usado por mamãe, com um chapeuzinho combinando. Aquela é a única fotografia que já vi em que minha tia não está sorrindo.

— Poxa, vocês todos poderiam ter se mostrado um pouco mais felizes com a minha chegada — comentei para a foto, antes de fechar o álbum, colocá-lo na minha mesa de cabeceira e apagar a luz.



Poucos dias depois, estava atravessando a ala da maternidade do hospital, na hora do almoço, para outra consulta pré-natal, daquela vez para a ultrassonografia de vinte semanas. Devo dizer, depois de quarenta e cinco anos passados em perfeito contentamento sendo a única dona do meu próprio corpo, é custoso e desagradável aceitar o fato de que tanto o meu corpo quanto a minha mente agora se tornaram propriedade pública. É inacreditável a quantidade de pessoas que precisam nos cutucar, apalpar, examinar e interrogar quando estamos grávidas. Ir às várias consultas necessárias, por si só, já parece ser um trabalho em tempo integral, e a minha barriga tem sido objeto de um escrutínio mais intenso do que a de uma hábil dançarina de dança do ventre. É como se eu tivesse deixado de

ser uma pessoa com meus próprios direitos para me tornar apenas um receptáculo para outro ser humano.

— Então, srta. Green, vamos descobrir o sexo do seu bebezinho?
— perguntou a responsável pela ultrassonografia naquele dia, uma escocesa de meia-idade, magra e de cabelos ruivos curtos e encaracolados.

Desde a conversa com Billy eu passara um bom tempo refletindo sobre aquela pergunta. Para mim, saber o sexo do bebê antes do parto parecia um pouco como abrir os presentes de Natal antes da hora ou pular para o fim de um romance quando ainda estamos na metade. Dava a impressão de trapaça, de uma incapacidade infantil de exercer paciência e autocontrole. No entanto, sou uma pessoa muito prática. Gosto de saber exatamente o que vai acontecer e quando isso vai acontecer com precisão. Dessa forma, podemos nos proteger contra surpresas desagradáveis e nos assegurarmos de que vai correr dentro do esperado. Se eu soubesse o sexo do bebê, poderia comprar as roupas e os acessórios adequados. Entenda, não que eu seja o tipo de pessoa que compra coisas cor-de-rosa com babados para uma menina e coisas azuis sem estampas para um menino, mas imagino que vá haver algumas pequenas diferenças entre os itens que eu selecionaria em cada caso. Pesando as duas opções, decidi permitir que a técnica me informasse o sexo do bebê. E foi o que ela fez.



De volta ao trabalho, Trudy me chamou em sua sala, com ares de uma espiã em uma missão secreta. Ela fechou a porta depois que eu entrei com uma risadinha abafada.

— Então, o que vai ser, Susan? Menino ou menina? — A expressão em seu rosto era de expectativa.

— Ah, eles não souberam dizer. O bebê estava virado para o outro lado. Vou ter que esperar até que dê para ver.

Trudy não teria parecido mais consternada se eu tivesse contado a ela que havia sido tudo um engano e eu não estava grávida, no fim das contas. Ela deu a volta ao redor da mesa e deixou o corpo afundar na cadeira.

— Ah, que pena, que pena — falou. — Que frustrante...

— Não é mesmo?

Ora, uma coisa é ir direto para a última página do livro. Outra bem diferente é ler em alto e bom som para todo mundo.

13

Nos dias que se seguiram ao retorno da minha viagem para esvaziar a casa em Birmingham, repensei a decisão de não permitir que Richard desempenhasse qualquer papel na vida do meu bebê. Com extrema relutância, cheguei à conclusão de que Rob talvez tivesse razão. Eu não tinha nenhum motivo para acreditar que Richard causaria qualquer dano à criança, física ou emocionalmente. Na verdade, pela insistência dele em se envolver em sua educação, talvez até se mostrasse um pai amoroso e atencioso, além de uma influência positiva. Considerando a minha própria experiência na infância, eu poderia negar isso ao meu filho? Se eu decidisse negar a presença do pai, seria possível que a criança se ressentisse de mim por isso quando crescesse, apesar da minha justificativa de que desejava preservar minha independência? Além disso, era certo ignorar o efeito que minha recusa de que ele tivesse contato com o bebê poderia ter sobre Richard? A julgar pelos anos de arrependimento que Rob (sendo sincero ou não) dizia ter sofrido como resultado do seu distanciamento do filho, pensei que fazer o mesmo com Richard poderia ser prejudicial à sua vida. Não sou o tipo de pessoa que recua de uma decisão já tomada, mas é preciso ser uma pessoa forte e segura para admitir quando uma decisão foi tomada de forma um pouco apressada.



O St. James's Park havia chegado ao auge do período outonal — as árvores ainda estavam com quase todas as folhas, mas a folhagem havia assumido tons de cobre, castanho-avermelhado e ocre. O sol de meados de novembro estava forte e a pesada névoa daquela manhã fora dissipada por completo. Aquele não era um parque com o qual eu estava familiarizada, tinha sido Richard quem sugerira que nos encontrássemos ali, um lugar relativamente calmo e agradável para um almoço sem interrupções. Quando me aproximei vindo da direção da The Mall, eu o vi sentado no banco à beira do lago onde sugerira o encontro. Richard estava vestido da mesma forma impecável de sempre, como se tivesse parado para respirar um ar puro antes de ir se encontrar com a rainha. No entanto, a roupa dele não foi a primeira coisa em que reparei. A minha atenção foi atraída de forma inevitável para o fato de que, ao lado dele no banco de madeira, com a cabeça erguida em um ângulo arrogante, estava um grande pelicano da cor da neve. Nem o pássaro nem o homem prestavam a menor atenção um no outro. Richard estava absorto em um livro de bolso que, quando me aproximei, vi que era *Madame Bovary*. Ao contrário do que se esperaria do seu jeito reservado, ele sempre se sentira atraído por heroínas trágicas cujas paixões as faziam perder a razão. Imagino que eu tenha sido uma surpresa e tanto para ele.

Eu já estava quase alcançando o banco quando Richard ergueu os olhos do livro e me ofereceu um dos seus sorrisos mais charmosos. Senti que ele ainda tinha esperanças de me conquistar.

— A encantadora Susan — disse ele, dobrando cuidadosamente o canto de uma página, um ato pouco característico que me fez

estremecer.

Depois de guardar o livro no bolso do sobretudo, ele se levantou. Eu permiti que me desse um beijo rápido em cada bochecha.

— Você está radiante.

Eu já estava ficando cansada desse adjetivo.

— Por que há um pelicano ao seu lado no banco? — perguntei.

— Ah, é um camarada muito simpático. Às vezes venho aqui para escapar da agitação e, com frequência, vejo que ele está ao meu lado quando tiro a atenção do livro. Ele parece ter se afeiçoado um pouco a mim.

— Mas o que um pelicano está fazendo em um parque no centro de Londres?

— Você não sabe? Há um bando deles. Ou é uma revoada? Não, na verdade acho que o termo correto é passaredo. Eles vivem aqui há mais de quatrocentos anos, foram originalmente um presente de algum embaixador russo. São criaturas peculiares. Sinto uma estranha afinidade com eles.

O pelicano me olhou com desdém, então ergueu as asas, pulou para o chão e foi na direção do lago. Era difícil acreditar que algo pudesse ao mesmo tempo parecer tão imperioso e tão absurdo.

— Vai se sentar ao meu lado? — perguntou Richard.

Ele pegou um lenço dobrado com cuidado no bolso interno do sobretudo, sacudiu-o para abrir e esfregou o assento com gestos delicados. Então, estendeu o lenço sobre o banco e deu uma batidinha nele, indicando que eu podia me sentar. Ficamos em silêncio por alguns momentos, assistindo ao pelicano mordiscar com o bico laranja comprido e impraticável uma provável coceira no peito inchado. Richard tossiu.

— Eu gostaria de me desculpar pelo meu comportamento imperdoável na última vez em que nos vimos. Eu não tinha dormido bem, e a situação em relação à criança estava me preocupando cada vez mais. Não deveria ter abordado você na porta do seu trabalho daquele jeito e definitivamente não deveria ter feito ameaças. Gostaria que esquecêssemos tudo o que se passou entre nós nas últimas semanas e que começássemos de novo, na base do respeito mútuo e da harmonia.

Um grupo de quatro adolescentes, que pareciam estudantes japonesas (meias acima do joelho, roupas excêntricas, bolsas de desenho animado), parou diante do nosso banco para admirar o pelicano, que agora estava balançando as asas. Uma delas começou a tirar fotos das outras, que faziam um V com os dedos atrás da cabeça do pássaro.

— Não tenho nenhuma objeção — falei para Richard. — Como eu disse ao telefone, tenho pensado melhor sobre o seu possível envolvimento na vida do nosso filho. Talvez tenha sido um pouco prematuro da minha parte dispensá-lo antes de analisar com mais atenção a questão. Mas era importante para mim deixar bem claro desde o início que não tenho a menor intenção de assumir o papel de mulher patética e carente.

— Susan, não acho que ninguém jamais pensaria em você como patética e carente.

— Ótimo. Agora, depois de considerar todas as variáveis, gostaria de dizer que cheguei à conclusão de que não seria correto da minha parte excluí-lo totalmente da vida do bebê. Então decidi...

Fui interrompida no meio da frase por uma das estudantes japonesas — uma garota sorridente com os cabelos presos por uma

fita. Ela se aproximou do nosso banco, se desculpando com educação por nos interromper e perguntou se poderíamos tirar uma foto do grupo todo com o pelicano. Richard concordou.

— Onde estávamos? — perguntou ele, juntando-se novamente a mim no banco.

— Eu estava dizendo que decidi que não seria inaceitável que você tivesse alguma participação na vida do bebê. Seu envolvimento deverá ser claramente definido e acordado entre nós antes do parto, mas não vejo por que isso não possa ser feito de maneira amigável.

— Fantástico. Você não sabe o alívio enorme que isso me traz. Sei que podemos fazer com que tudo saia da melhor maneira possível para todas as partes interessadas. Vou passar na Foyles mais tarde e comprar alguns livros sobre paternidade.

— Eu ia sugerir isso — falei. — É sempre melhor ler sobre um assunto com bastante antecedência.

Uma família falando de forma animada e com sotaque escocês sobre a proximidade de um Pokémon raro parou para olhar o pelicano alisando as penas. Enquanto a mãe continha os dois filhos para impedi-los de cutucar a criatura de carne e osso, o pai se aproximou de mim e de Richard para pedir, mais uma vez, que tirássemos uma foto do grupo. Richard concordou, mas desta vez a contragosto. Quando voltou a se juntar a mim no banco, ele pigarreou antes de falar:

— Então, uma das questões está encaminhada, o nível do meu envolvimento após o parto. É claro que há outro assunto. No calor do momento, foram ditas coisas que nem eu, nem você queríamos dizer. Nós dois precisávamos de tempo para assimilarmos a mudança na nossa situação, antes que pudéssemos considerar o nosso

relacionamento. O fato de agora estarmos em sintonia em relação ao bebê indica que conseguimos isso.

— Sim, suponho que sim.

— Você sabe, é claro, que nunca tive interesse de participar de um relacionamento convencional. Mas as circunstâncias agora são diferentes.

— Richard, eu realmente não acho...

— Por favor, me deixe terminar.

Outro grupo de turistas — agora australianos, pelo sotaque — cercou o pelicano. Uma mulher de meia-idade, de cabelos oxigenados, se virou para nós.

— Não, senhora. Sem fotos — disse Richard, em um tom um pouco alto demais.

O pássaro, acostumado apenas a murmúrios de admiração, se assustou com o som excessivo e inesperado e se lançou na água. Os australianos se afastaram, lançando olhares ressentidos por cima do ombro.

— Susan, nós dois gostamos de que as coisas sejam feitas da maneira correta. Suponho que seja tradicional ficar de joelhos neste ponto da conversa, mas os pelicanos têm andado ocupados e você está sentada em cima do meu lenço. Susan, nossas noites juntos significavam muito para mim. Acho que é possível que você seja a minha alma gêmea... você é a minha versão feminina. Me daria a honra de se tornar a minha esposa?

— Sua esposa? — perguntei, perplexa. — Está se referindo a firmar um contrato matrimonial, ou realmente compartilhar uma casa?

— Uma coisa costuma levar à outra.

Não gosto de ser pega desprevenida. O único propósito de me encontrar com Richard tinha sido conceder a ele a minha generosidade, garantir magnanimamente o que eu havia considerado o moralmente certo a ser feito. *Não* tinha sido para negociar qualquer tipo de arranjo mais pessoal. O meu impulso inicial foi dizer a Richard que poderia esquecer aquela ideia. Mas me contive e parei para pensar por um instante. A ideia estava *realmente* tão além de qualquer possibilidade? Não se podia negar que os aspectos práticos de cuidar de um bebê seriam ainda mais simples de gerenciar com dois adultos vivendo na casa; e não seria ainda melhor, em termos de estabilidade emocional, que uma criança morasse com ambos os pais, desde que eles conseguissem se dar bem? De modo geral, até as circunstâncias recentes, Richard e eu sempre estivemos de acordo.

Fiz uma lista mental de tudo que pesava a favor de Richard. Ele sem dúvida tinha sido uma boa companhia ao longo dos anos — nunca me decepcionava, não mentia para mim ou me magoava. Era um homem inteligente, extremamente bem-educado, de aparência agradável, bom gosto e renda estável. E nós dois compartilhávamos muitos interesses. Sempre tinha havido atração entre nós, e nossos encontros mais íntimos foram apazíveis. É claro que nunca havíamos feito nada “doméstico” juntos, mas nada sugeria que os bons momentos que tivemos dentro de nossos limites estritamente determinados não poderiam se traduzir na vida cotidiana. Em quase todos os aspectos, ele era o parceiro de vida ideal para mim. Mas, por outro lado, havia o fato de que eu nunca tivera a menor vontade de compartilhar a minha vida. Além disso, eu não tinha “sentimentos românticos” por Richard e, até onde eu sabia, nem ele os possuía

em relação a mim. Mas será que isso importava de verdade?, pensei. Eu o encarei com atenção, refletindo se seria capaz de ter sentimentos mais intensos por ele do que já tinha no momento. Se aquele tipo de emoção fosse se desenvolver entre nós, era de se imaginar que isso já tivesse acontecido. Não estava totalmente fora de questão, mas eu estava longe de ficar convencida.

— Compreendo a sua necessidade de fazer as coisas do jeito tradicional, Richard, mas não acho que seria uma boa ideia. Vamos nos dar muito melhor como pais do que como marido e mulher.

O pelicano emergiu da água novamente, me observando com uma expressão que lembrava muito o desprezo. Richard suspirou e recostou as costas no banco.

— Desconfiei que talvez fosse muito cedo para trazer à tona o assunto de casamento, afinal acabamos de reatar a nossa amizade. E eu a peguei de surpresa... você vai precisar de algum tempo para pensar a respeito. Podemos retomar o assunto mais adiante.

— Lamento, mas acho que não vai adiantar — falei, com mais convicção do que necessariamente sentia. — Tenho que voltar para o escritório. As pessoas vão se perguntar onde estou, já que em geral não tiro o horário de almoço.

— A minha mãe vai ficar muito feliz quando eu contar a ela que vou fazer parte da vida do nosso filho. Vou viajar a trabalho para Nova York no mês que vem, mas entrarei em contato para discutir os detalhes no ano-novo. E em relação ao outro assunto, podemos deixar no ar até lá.

— Não está no ar. Está flutuando suavemente no chão, que é onde vai ficar.

— Hum. Veremos. Tenho a sensação que você está disposta a ser persuadida.

Permiti que ele beijasse as minhas bochechas mais uma vez, então refiz meus passos ao longo do caminho até a The Mall. Quando olhei de relance para trás, vi que o pelicano havia saltado de volta para o banco e se empoleirado ao lado de Richard, que estava tentando tirar o lenço de seus pés chatos.

14

“Uma moça de ossos grandes”, era como a minha mãe costumava descrevê-la. Edward a chamava de “Brigid Roliça” — até na frente dela, nas poucas ocasiões em que os dois se cruzaram. Eu, pessoalmente, achava que Brigid parecia uma halterofilista olímpica. Mas é claro que jamais sonharia em dizer isso a ela. Entretanto, em várias ocasiões, sugeri que Brigid talvez quisesse considerar o controle de sua ingestão de calorias para o bem de sua saúde, aparência e autoestima. Ela simplesmente me dava um tapa amigável nas costas com força e dizia que era uma sorte que ela não se ofendesse com facilidade, caso contrário eu não teria nenhuma amiga.

Brigid e eu nos conhecemos no primeiro semestre na Universidade de Nottingham. Como nós duas gostávamos de nos sentar no meio da primeira fileira nas aulas, muitas vezes acabamos ficando uma ao lado da outra. Eu era bastante reservada naquela época e achava seu bom humor efusivo um tanto irritante (era como ser atingida por um tsunami de afabilidade) e estranhamente tranquilizador (eu não precisava tomar cuidado com tudo o que dizia... na verdade, não precisava nem dizer nada). No final do nosso primeiro ano, passado nos alojamentos, foi Brigid quem sugeriu que dividíssemos um apartamento e também foi ela que encontrou um lugar adequado, assim como cuidou de todos os detalhes práticos.

Eu não tive nenhum problema em permitir que ela fizesse tudo aquilo. Brigid era o tipo de pessoa assertiva e direta que nunca se deixaria enganar por acomodações abaixo do padrão ou por um contrato de aluguel desvantajoso. Nossa parceria doméstica funcionou bem, mesmo quando Brigid começou a sair com Dermot, um jogador de rúgbi ainda maior do que ela, e eu... Bem, chegaremos a isso.

E ali estava eu, mais de vinte anos depois, sentada diante da minha antiga colega de apartamento em um restaurante italiano barulhento perto da Chancery Lane. Desde que se formou na universidade, Brigid se casou com Dermot, conseguiu seu registro profissional como advogada, “deu cria”, como ela dizia, e passou os primeiros anos de maternidade trabalhando com causas de dano pessoal. Ela fizera uma nova especialização e agora trabalhava como advogada em um gabinete na respeitável Honorável Sociedade de Lincoln’s Inn, da Corte de Londres. Seus casos eram do tipo que frequentemente atraía a atenção da mídia. Na verdade, eu tinha visto Brigid na televisão fazia pouco tempo, sendo entrevistada no noticiário das dez horas (ainda bem que inventaram a televisão *widescreen*). Mesmo que nós duas vivêssemos em Londres, eu conseguira limitar os nossos encontros a uma vez a cada dois ou três anos, ajudada pela vida ocupada dela.

— Quem teria imaginado — disse Brigid, batendo com a mão enorme em cima da mesa e fazendo os talheres saltarem no ar. — A boa e velha Susan que vivia dizendo “Não sou do tipo que tem filhos” emprenhou. Eu me lembro de você dizendo que famílias eram como prisões, mas sem a perspectiva de uma data de soltura. Bem, demorou para mudar de ideia. Mais um pouco e o trem já teria

partido. — Brigid tomou um grande gole da taça de vinho tinto. — Eu já estou quase do outro lado agora. Rachel está com dezessete anos. Mais um ano e ela estará fora de minhas mãos. Já comecei a fazer as malas dela. — Ela tomou outro grande gole. — Sinceramente, a maternidade é moleza. Não sei por que falam tanto a respeito. Basta pegar a babá mais próxima e seus problemas estão resolvidos.

Talvez você consiga entender o motivo de eu ter me tornado amiga de Brigid tantos anos atrás e por que permiti que a nossa amizade continuasse. Apesar do seu senso de “humor” irritante, Brigid é uma mulher que enxerga o lado prático da vida. Foi por esse motivo, e em especial pela experiência jurídica dela, que sugeri aquele almoço. Alguns dias antes, minha suposição — talvez ingênua — de que eu não precisava me preocupar com tempo para investigar e preparar o meu caso para anular o testamento de mamãe havia sofrido um golpe. Recebi pelo correio um documento intitulado “No Tribunal Superior de Justiça, Divisão de Família”. O documento afirmava que eu tinha oito dias para “comparecer ao tribunal” e dar andamento ao caso. Caso contrário, o inventário seria encaminhado para o sr. Brinkworth, o que permitiria que ele desse andamento aos trâmites com os bens de mamãe. O advogado claramente queria forçar a minha mão: se eu desse aquele passo, a questão só poderia ser resolvida pelo tribunal, com todos os custos envolvidos nisso. Ele sem dúvida estava apostando que eu perderia a coragem.

— Então você finalmente abandonou a vida de solteirice, ou isso é um projeto solo? Quer dizer, estou presumindo que tenha sido inseminação artificial. Ou foi um caso de inseminação caseira?

— Não, Brigid — falei com um suspiro. — A inseminação foi feita da maneira habitual, e não, eu não desisti da minha independência. Isso é tudo o que pretendo dizer sobre o assunto.

— É justo, garota. Seu útero é problema seu. Assim como suas decisões sobre com quem você dorme. Então, o que fez você marcar este almoço? Não nos vemos há séculos.

Esperei enquanto os pratos eram colocados diante de nós: uma salada de muçarela para mim e uma montanha de linguine encharcado de molho branco para Brigid, que começou a enfiar a comida na boca como se o prato pudesse ser arrancado da mão dela.

— Quero um conselho legal — contei.

— A-rá, um motivo oculto. O que é? A polícia finalmente descobriu que você está administrando um cartel de tráfico de drogas do seu apartamento em Clapham?

Ah, as gracinhas incomparáveis daquela mulher. Como eu tinha sentido falta daquilo.

— Não, Brigid — respondi com outro suspiro. — Tem a ver com a herança da minha mãe. Ela deu a Edward o usufruto da casa, portanto não vou ter acesso à minha parte até ele decidir se mudar. O que provavelmente nunca vai acontecer.

— Como é? Seu irmão maconheiro ficou com a propriedade? — perguntou ela, entre garfadas enormes. — Você vai ter que fazer alguma coisa a respeito disso, Susan, minha cara. Não vai querer seu dinheirinho amarrado *ad infinitum*. Pode demorar muito até que coloque as mãos nele, se é que vai chegar a conseguir. No que a sua mãe estava pensando? Ela esqueceu todas as besteiras que ele fez ao longo dos anos? Como o que aconteceu com o Phil, pelo amor de

Deus. Embora, pensando bem, ela era a única pessoa que achava que o Ed não tinha culpa de nada.



Talvez a referência de Brigid a Phil exija alguma explicação. Você pode se surpreender ao saber que Richard não foi meu primeiro companheiro e também não foi a primeira pessoa a me pedir em casamento. Quando eu era mais jovem, não compartilhava nada do interesse pueril bobo por garotos que outras da minha classe possuíam. Sei que as pessoas gostam de procurar por razões psicológicas em todos os aspectos da nossa personalidade. Se você quiser seguir por esse caminho, basta olhar para os meus modelos mais próximos de masculinidade — a saber, meu pai (alcoólatra, não confiável) e meu irmão (preguiçoso, vingativo). No entanto, talvez eu apenas soubesse, desde cedo, que uma relação próxima com um garoto ou com um homem — ou com qualquer um — iria minar a minha liberdade, revogar o meu individualismo, ocupar um tempo precioso e causar um gasto desnecessário de carga emocional. Visto de forma lógica, é espantoso que qualquer pessoa racional tenha vontade de se envolver em relacionamentos íntimos.

Mas então conheci Phil, do fim da rua. Ele tinha frequentado a mesma creche que eu, embora eu não tenha recordações daquela época. E também a mesma escola do início do ensino fundamental, e eu me lembro dele daquela época, vagamente, como um garotinho com um corte de cabelo de cuia, que estava sempre à margem — discreto e fácil de ser esquecido. Acabamos estudando na mesma escola do segundo fundamental e do ensino local, e voltávamos para casa pelo mesmo caminho. Provavelmente devíamos ter uns treze ou

catorze anos quando Phil falou comigo pela primeira vez, depois da escola. A princípio foi sobre dever de casa, testes e notas; mais tarde, sobre o que líamos, ouvíamos e assistíamos na televisão. Eu não o teria descrito como um amigo naquela época. Não precisava de amigos nem os queria. Phil era só uma pessoa que por acaso fazia o mesmo caminho que eu e com quem eu compartilhava alguns interesses. Eu o tolerava, mas tomava cuidado para não deixar que ele se aproximasse demais, e deixei bem claro que ele não seria bem-vindo para aparecer na minha casa.

No final do ensino médio, descobri que Phil havia escolhido fazer as provas de qualificação para a universidade para as mesmas matérias que eu, então falávamos sobre temas acadêmicos. As pessoas começaram a achar que éramos namorados, mas não era o caso. Nas ocasiões em que ele tentou passar da linha da amizade, com a conversa se tornando muito pessoal ou íntima, eu propositalmente dizia ou fazia alguma coisa cruel para afastá-lo. No nosso primeiro semestre do ano do vestibular, Phil cometeu o erro de me convidar para ir ao cinema com ele. Expliquei que aquilo jamais aconteceria. Depois disso, fiquei duas semanas sem falar com ele.

Edward se ressentia profundamente por eu ter uma companhia. No caminho da escola para casa, ele e seu pequeno grupo de desajustados, rebeldes e imbecis ficavam seguindo Phil e eu, fazendo sons de beijo, cantarolando "Suze tem um namorado", ou, se não conseguissem me irritar com aquilo, tentavam nos fazer tropeçar ou sair da calçada, ou cuspiam em nós. Para crédito de Phil, ele simplesmente ignorava Edward e seus amigos, tratando-os como se fossem insetos incômodos, mas sem importância.

Venho tentando me lembrar de quando e por que Phil e eu nos tornamos mais próximos. Acho que deve ter sido logo depois da morte do meu pai. É possível que você pense, pelas minhas referências às diversas falhas e fraquezas do meu pai, que eu não gostava dele. Nesse caso, acabei levando você a uma interpretação errada. Eu gostava. Portanto, quando o meu pai morreu, não encarei a situação com a minha resiliência de sempre. Pela primeira vez na vida, precisei do apoio de outra pessoa. Mamãe estava concentrada demais no pobre Edward — “um menino precisa do pai” era o mantra que ela não parava de repetir. Phil pareceu entender como eu estava me sentindo — quando eu queria conversar, quando queria ficar em silêncio. Ele me convidou para ir ao cinema de novo, para ver algum filme legendado (*Verão assassino*, eu acho), e aceitei. Essa primeira vez levou a outras saídas e, eventualmente, pouco antes das nossas provas finais, permiti que ele passasse pela porta da frente da minha casa. Nos tornamos namorados no sentido tradicional. É difícil de acreditar agora, mas é verdade. Eu tinha um namorado.

Phil decidiu continuar em casa e ir para a Universidade de Birmingham, já que precisava oferecer apoio prático e emocional à mãe, que estava em uma cadeira de rodas. Ele perguntou se eu consideraria a possibilidade de transferir a minha matrícula da Nottingham para a Universidade de Birmingham, mas recusei. Se o nosso relacionamento fosse sólido, sobreviveria à distância geográfica. Se fosse fraco, não sobreviveria. Para testar ainda mais, insisti que não tivéssemos nenhum contato cara a cara durante o período letivo, uma regra que mantive até a metade do nosso

segundo ano. Acabamos descobrindo que o nosso relacionamento *era sólido*.

No fim daquele ano letivo, quando descíamos as escadas da Biblioteca Central de Birmingham, Phil colocou a mochila no chão, se virou para mim e perguntou se eu me casaria com ele assim que nos formássemos. Respondi que pensaria com cuidado na proposta e responderia no dia seguinte. Passei a noite listando os prós e os contras de um casamento com Phil. Pelo lado positivo havia o fato de ele ser sério, estudioso, tranquilo e agradável de conviver. Além disso, eu estava acostumada com Phil e certamente não gostaria de passar pelo incômodo e pelo esforço de conhecer e conviver com outros possíveis parceiros no futuro. Pelo lado negativo, eu poderia ter certeza de que ele não tentaria tolher a minha independência, ou que não se provaria pouco confiável e problemático? Além disso, eu teria que passar por todo o processo trabalhoso de um divórcio caso ele se revelasse uma decepção. Decidi não aceitar o pedido. No dia seguinte, me encontrei com Phil diante do cinema Odeon.

— Então, qual é a sua decisão? — perguntou ele, traçando as rachaduras nas pedras da calçada com a ponta do sapato. Suas mãos estavam enfiadas nos bolsos da calça de veludo cotelê e ele evitava cuidadosamente o contato visual comigo.

Então, aconteceu uma coisa estranha. Em vez das palavras “sinto muito, a resposta é não”, eu me peguei dizendo:

— Eu aceito.

Fiquei tão atordoada quanto ele. E ficamos os dois ali parados, olhando um para o outro por longos segundos antes que a sirene de um carro da polícia quebrasse o encanto. Nos abraçamos sem jeito, nenhum de nós sabendo exatamente como deveríamos nos

comportar em um momento tão significativo. Acabamos celebrando com duas Coca-Colas e um grande balde de pipoca. E foi assim que fiquei noiva aos vinte anos. Mamãe pareceu razoavelmente satisfeita por mim quando a informei do fato. Lembro que ela insistiu para que eu ligasse na mesma hora para tia Sylvia. A minha tia, com seu jeito excessivamente dramático e emocional de sempre, começou a chorar pelo que concluí ser de alegria, o que a deixou ainda menos coerente do que o normal. Quando contei a Edward, sua reação foi bem diferente.

— Que Deus ajude o pobre coitado — disse ele, o rosto se contorcendo em uma expressão que conseguiu abarcar inveja, maldade e zombaria. — Será que ele tem noção de que está se candidatando a uma vida inteira de críticas e desaprovação ininterruptas? Acho que vou dar uma palavrinha com o Phil.

Ele fez mais do que isso. Muito mais.



— Então, vamos ouvir a sua estratégia. Qual é a sua estratégia de ataque? Quais são suas armas e qual o tamanho do exército? — perguntou Brigid, limpando a boca com as costas da mão.

— Estou planejando um ataque em duas frentes — expliquei a ela, cedendo à metáfora bem aplicada. — Influência indevida de Edward e falta de capacidade mental por parte da minha mãe. Estou reunindo tropas em ambas as frentes neste exato momento.

Expliquei a ela a minha crença de que Edward havia pressionado mamãe para que fizesse algo que jamais consideraria em seu juízo perfeito.

— Hum. A influência indevida é difícil de provar. Você vai ter que conseguir alguma evidência bastante forte de que seu irmão estava tramando alguma coisa. O que descobriu sobre ele até agora?

Quando pensei a respeito, tive que admitir: não muito. Contei a Brigid o que havia conseguido apreender das minhas conversas com tia Sylvia e com Rob.

— Mas sei, categórica e inequivocamente, que Edward arquitetou tudo isso, mesmo que ninguém queira admitir abertamente. É muito gritante que as histórias das testemunhas demonstrem que ele sabia onde a minuta do testamento estava guardada e que tenha organizado tudo para a assinatura.

— Não é o bastante, garota. — Brigid cruzou os braços sobre os seios fartos e fixou um olhar matronal que sem dúvida costumava usar com seus clientes mais rebeldes. — Tenho certeza de que não preciso dizer a você que apenas a interferência insistente de Edward na ação legal da assinatura do testamento não vai persuadir um juiz. A não ser que você consiga algo realmente comprometedor da parte dele. Uma prova de que ele a coagiu fisicamente a ir ao escritório do advogado, ou que ameaçou desfazer o tricô dela, ou a acusação de influência indevida vai ser um fracasso. Na verdade, pode até virar o juiz contra você. Eles podem decidir que você é só uma irmã ressentida e invejosa, que não consegue aceitar o fato de que a sua mãe colocou as necessidades do seu irmão acima das suas. Não que eu esteja dizendo que você está agindo dessa maneira, a propósito. Mas é muito melhor se concentrar no que você pode provar, e não complicar as coisas com o que não pode.

— Mas abrir mão da alegação de influência indevida tira o foco de Edward e o coloca sobre a minha mãe — argumentei. — É como

eximi-lo da culpa e dizer que foi tudo responsabilidade dela. Não posso deixar que ele se safasse assim tão facilmente.

— Certo, mas escute, garota. Vou dizer a você o mesmo que eu digo a todos os meus clientes, algo de que você já deve estar ciente: não se trata de ter os melhores princípios ou conseguir vingança em prol das suas crenças, mas sim de ganhar um argumento legal. É simples assim. Deixe de lado tudo o que você sente em relação ao Edward e pense fria e clinicamente no que precisa fazer para colocar as mãos em metade do valor da venda da casa. Esqueça a ideia de tentar mostrar ao mundo que Edward é um babaca e você, uma santa. Se concentrar o seu ataque na incapacidade da sua mãe, você ainda pode dizer que o estado mental dela a deixou suscetível a sugestões egoístas por parte de Edward. Você só não vai estar afirmando que ele se dispôs, com intenção maldosa, a forçá-la a fazer algo contra a própria vontade.

— Não concordo, Brigid. Os fatos precisam ser levados ao tribunal. Quero ver um julgamento, preto no branco, afirmando que Edward é corrupto e imoral. Isso já deveria ter acontecido há muito tempo, e eu não vou fugir da raia agora.

Brigid se recostou na cadeira, que mal conseguiu resistir à força, e balançou a cabeça.

— Você está correndo o risco de soar como um dos meus clientes obsessivos. Olhe o caso com distanciamento por um momento e pense em como vai convencer o juiz. Não será levantando todo tipo de alegações hiperbólicas e sem evidências concretas contra um membro da família, por mais fundamentadas que você e eu possamos acreditar que elas sejam. Será através da produção de evidências incontestáveis e sólidas.

— Sim, estou ciente em absoluto disso, mas...

— Tudo bem, tudo bem, garota. O tempo está passando e sei que não estou convencendo você. Vamos passar para a questão da falta de capacidade mental. O que você tem sobre isso?

Contei a Brigid sobre os dois derrames que mamãe havia sofrido antes da elaboração do testamento.

— Para ser muito honesta, eu não estive muito presente nos últimos meses, mas, quando a vi, não achei que parecia totalmente *compos mentis*. Até mesmo Rob, o amigo de Edward, admitiu que ela estava confusa. Requisitei os registros médicos de minha mãe, mas a burocracia anda a passo de tartaruga. Fui informada de que em breve eu os terei.

— Bem, vamos torcer para que isso forneça a prova de que você precisa. O ideal é que haja um diagnóstico útil nos registros médicos, ou expressões de preocupação com o estado mental da sua mãe. Mas você não pode contar apenas com isso. Precisa de alguma testemunha que confirme como a condição clínica dela a afetou. De quem ela era próxima? Quem via diariamente?

Eu já havia pensado naquilo.

— O vigário da igreja St. Stephen's é uma pessoa em quem ela provavelmente confiava. Eu poderia visitá-lo e pegar uma declaração. E os antigos vizinhos da rua. Eles me disseram, no último dia em que eu a vi viva, que estavam preocupados com ela, mas não achei que valia a pena levá-los a sério.

— Muito bem, garota. Junte todas essas evidências e vá até o meu escritório. Vou dar uma olhada em tudo e fazer a minha avaliação. Isso não é oficial. Não vou me expor a uma alegação de negligência profissional se tudo der errado. E tenha em mente que

— você pode acabar com alguns custos legais bem desagradáveis se não ganhar. Provavelmente nem vale a pena perguntar, mas você tem certeza de que não prefere optar pelo caminho mais simples? Pode simplesmente deixar isso de lado, se concentrar na sua criação iminente e esperar que a herança chegue no devido tempo. — Ela me olhou interrogativamente. — Não, achei mesmo que não.

Dezembro



15

Fico surpresa em perceber que já se passaram seis meses desde que o espermatozóide inadvertidamente encontrou o óvulo e o processo inexorável de divisão celular começou — parece que foi há poucos dias que aquele teste de plástico deu o veredicto fulminante. Por outro lado, no entanto, parece que décadas se passaram. Quando fiz o teste, mamãe estava viva e bem (mais ou menos) e havia uma casa para onde eu poderia retornar sempre que quisesse. Agora estou órfã, sem raízes; à deriva e sem âncora. Não, retiro isso. Não sei por que fui tomada por esses pensamentos típicos de uma mente fraca. Como você sabe, sempre fui responsável pelo meu próprio destino. Podemos escolher como nos definir, e eu me defino como uma mulher independente e capaz. O que me falta em matéria de família e de outras relações pessoais íntimas é mais do que compensado pela minha rica vida interior, que é infinitamente mais constante e confiável.

Mas não consigo evitar sentir uma pontada de tristeza por mamãe nunca ter sabido da minha gravidez. O que será que ela teria achado disso? Teria ficado chocada, preocupada, contente? É difícil imaginá-la tendo qualquer uma dessas reações. Mamãe sempre tratou os meus feitos e conquistas com uma aprovação moderada e desinteressada, e as minhas decepções, com pesar igualmente moderado e desinteressado. Era claro que ela desejava o melhor

para mim, mas também desejava o melhor para o jornaleiro e para a garota da vendinha. Por outro lado, todos os pequenos sucessos de Edward eram uma fonte de profunda alegria e motivo de grande celebração da parte dela. Enquanto os fracassos dele (que eram regulares e previsíveis) suscitavam solidariedade ou aflição. Meu pai provavelmente teria ficado feliz com a minha gravidez, desde que não fosse esperado que ele viesse a ter alguma coisa a ver com a criança. A atitude dele em relação a Edward e a mim, nas ocasiões em que estava sóbrio, parecia uma mistura entre a satisfação por ter gerado uma prole e o aborrecimento com os aspectos práticos de interagir conosco. Quando estava bêbado, a satisfação se metamorfoseava em euforia e o aborrecimento em um ressentimento profundo, que reconhecidamente era dirigido mais a Edward do que a mim.



Enquanto eu fazia a minha pequena lista de cartões e presentes de Natal, Kate mais uma vez surgiu para perturbar minha paz. Ela pegou o hábito de bater na minha porta sempre que tem vontade, principalmente quando deseja compartilhar a frustração com sua contínua batalha conjugal. Pelo visto, às vezes Alex exige ver as crianças quando não é conveniente, outras vezes alega compromissos profissionais inadiáveis quando sua presença é necessária; às vezes trata Kate como se os dois fossem velhos amigos, outras, a trata como inimiga. Eu já disse em inúmeras ocasiões que ela deveria simplesmente trocar o número do telefone, as fechaduras da porta e esquecer que já teve um marido. Mas a resposta dela é sempre a mesma:

— Ah, Susan, a vida não é simples assim.

Fico muito grata por saber que as circunstâncias de Richard em relação ao bebê estarão bem definidas antes do nascimento. Pelo menos não terei que passar por negociações irritantes e demoradas como as que Kate vive.

Com as luzes da babá eletrônica piscando através do tecido do bolso do cardigã, Kate se acomodou no meu sofá, ofereceu a caixa de bombom que trouxera e me contou sobre o seu dilema mais recente: como dividir o Natal, dali a menos de três semanas. Kate queria visitar a família em Lichfield durante o período festivo, mas Alex considerou aquilo inaceitável, não estando disposto a passar o dia de Natal na viagem de ida e volta de Midlands só para ficar algumas horas com os filhos. Sugeri a Kate que, se ela se sentisse compelida a chegar a um acordo, em vez de simplesmente informar a Alex o que faria, eles poderiam ficar cada um com um filho. No entanto, mais uma vez, ela se mostrou relutante em seguir o meu conselho sensato.

Kate perguntou sobre os meus planos para o Natal, que até aquele ano eu sempre tinha passado com mamãe. Por coincidência, eu havia recebido um telefonema de tia Sylvia apenas uma hora antes.

— Ah, oi, Susan, querida — arrulhou ela. — Aqui é a tia Sylvia. Acabei de voltar da *villa* e queria saber como vão as coisas. Pensei em você o tempo todo enquanto estávamos fora, em como está indo a gravidez. Você já deve estar com um barrigão agora, não é? Não se esqueça de colocar os pés para cima. Você não quer ficar com os tornozelos inchados, ou com as pernas cheias de varizes. Eu sempre colocava os meus pés para cima por uma ou duas horas durante a

tarde, desde que tenho uns vinte e poucos anos, e tenho as pernas de uma mulher com metade da minha idade.

Eu estava sentada no sofá, com os pés apoiados na urna de carvalho, e garanti a ela que não poderia estar me sentindo em melhor forma. Para ser bem sincera, aquilo não era totalmente verdade. Embora eu tivesse uma energia ilimitada desde que o enjoo matinal cessara, me vi, em vários momentos nos últimos dias, dominada por uma sensação de exaustão que me abatia sem aviso. Até encontrei dificuldade em manter os olhos abertos durante o que deveria ter sido um dia de treinamento interno particularmente produtivo no trabalho. Tia Sylvia começou a tagarelar sobre como um “bronzeadinho” pode fazer você parecer mais magra, sobre os melhores lugares para comer em Estepona e que, se não fosse pelas filhas e pelos netos, ela nem voltaria para casa.

— Sou uma mulher que não suporta ficar longe dos seus entes mais próximos e queridos, você entende — disse ela. — Sou desse jeito, não tem o que fazer. A família vem acima de tudo, até mesmo da minha saúde e da minha felicidade. Falando em estar com a família, é por isso que estou ligando. Aposto que você não tem planos para o Natal, não é, querida? A sua mãe faleceu tão recentemente, que Deus guarde a alma dela.

— Bem...

— Então, está resolvido. Você vai passar o Natal conosco. Wendy e Chrissie virão com as crianças, então a casa vai estar cheia. Não que nos falte espaço, o seu tio Frank pensou em acomodações para hóspedes quando mandou construir a casa. As meninas estão loucas para ver você, então não se preocupe em se sentir uma estranha no ninho. Temos um quartinho que mais parece uma caixinha e que é

do tamanho ideal para uma pessoa sozinha. Vamos nos divertir muito, todos juntos, em família. Eu sempre convidava a sua mãe para passar o Natal com a gente, mas ela dizia que gostava que fossem só vocês três. E suponho que, quando o seu pai estava vivo, ela não queria que ele causasse uma cena e estragasse a ocasião para todo mundo. Venha na véspera de Natal e fique até o dia 27. Ah, mal posso esperar.

Portanto, aquilo estava, realmente, resolvido. Afinal, quais eram as minhas opções? Eu não tinha sido exatamente inundada com convites para as festas de fim de ano e, embora em geral prefira a minha própria companhia, há algo no Natal que leva uma pessoa a hesitar diante da ideia de passar a data sozinha. No próximo Natal, é claro, não estarei sozinha.



— Quer uma carona para as Midlands de novo? — sugeriu Kate quando a informei dos meus planos. — Dane-se o babaca do Alex. Se ele queria passar o Natal com as crianças, não deveria ter abandonado os dois, não é mesmo? Ele pode apodrecer no seu novo apartamento lindo, com sua nova namorada linda, e pensar no que resolveu abrir mão. Sabe, fico muito contente por você me deixar desabafar. Eu me sinto muito mais segura desde que nos tornamos amigas.

Ela estendeu a caixa de bombons mais uma vez. Peguei um de caramelo, e Kate deixou a caixa entre nós.

— Fico muito feliz em saber disso. Continue dizendo a si mesma para pensar mais como uma feminista, e você vai tirar de letra.

— O que você quer dizer? Eu *sou* feminista.

— Tenho certeza de que está tentando ser, mas precisa aprender a ser mais independente. Você se deixa afetar fácil demais pelas coisas que o Alex faz. A sua confiança foi destruída quando ele a deixou, e você ainda está permitindo que ele a atinja no que se refere às crianças.

— Qualquer um ficaria arrasado se o companheiro o trocasse por outra pessoa, deixando para trás um recém-nascido e uma criança pequena e que demanda atenção, fosse homem, mulher, feminista ou não.

— Eu não ficaria. Organizei a minha vida com muito cuidado para que ninguém possa causar esse tipo de devastação. Como não dependo de ninguém emocional ou financeiramente, não posso ser magoada. É assim que uma feminista é: obstinada, revestida por uma camada protetora, no total controle de todos os aspectos de sua vida.

Kate pegou um bombom de caramelo em formato de moeda e colocou na boca.

— Essa não é a *minha* definição de feminismo — falou, a voz saindo abafada. — No que me diz respeito, você não precisa ser todas essas coisas, ou até mesmo nenhuma delas, para se considerar feminista. Para mim, o feminismo se resume a saber que as mulheres estão em igualdade com os homens, e viver a partir dessa noção. É garantir que essa igualdade seja reconhecida em casa, no local de trabalho, na esfera pública. E é sobre reconhecer que todos nós, mulheres e homens, às vezes somos fortes, às vezes frágeis; às vezes estamos de cabeça fria, às vezes mais emotivos; às vezes certos, às vezes errados. Reprimir seus sentimentos e

vulnerabilidades não tem nada a ver com isso. É algo totalmente diferente.

Ela pegou a caixa e balançou convidativamente. Resistir teria sido inútil e fora de propósito.

— Não discordo por completo — falei, enquanto alisava o celofane roxo que envolvia o bombom e logo o acrescentava à pilha ao meu lado —, e não tenho nada contra os homens em geral, apenas contra ser tratada como uma cidadã de segunda categoria. Mas você precisa enxergar que uma feminista nunca se colocaria voluntariamente em uma posição onde um homem poderia magoá-la.

— Isso é como dizer que uma feminista nunca amaria, o que obviamente não é verdade. Sempre que você se abre para outra pessoa, do mesmo sexo ou do sexo oposto, corre o risco de se magoar. Essa é uma realidade natural da vida.

— Você não está levando em consideração os séculos de opressão que as mulheres sofreram nas mãos de homens, sendo às vezes inclusive coniventes com essa opressão. Temos sorte de poder escolher romper com esse círculo vicioso. Por que os bombons recheados com creme de laranja e de morango sempre são deixados por último? — acrescentei, olhando para a caixa.

— Não na minha casa, pode me passar um. Não estou ignorando a história. Mas as mulheres conquistaram muito nas últimas décadas. Ainda há um longo caminho a percorrer, mas talvez estejamos nos sentindo mais confiantes em reconhecer nossas inseguranças, assim como os nossos pontos fortes.

— Não tenho nenhuma insegurança.

— Todo mundo tem. Você só esconde as suas, provável que até de si mesma. Tente baixar a guarda de vez em quando. Você pode acabar se surpreendendo de maneira positiva com as consequências.

— Você precisa ler *A mulher eunuco* — falei para ela.

— Tudo bem. Mas você precisa ler algo mais atual. O discurso mudou, sabe. É como com os contos de fadas. Antigamente, a princesa sempre tinha que terminar ao lado do príncipe, ou não era considerado um final feliz. Então veio a primeira onda do feminismo, e essa de repente pareceu uma saída fácil... nenhuma princesa com o mínimo de respeito próprio venderia a alma se casando com um príncipe. (Me passa outro de creme de laranja, por favor?) Isso deve ter sido uma libertação em relação a como eram as coisas antes. Mas hoje em dia há finais de contos de fadas de todos os tipos e tamanhos. Não tem problema se a princesa acabar com o príncipe, não tem problema se ela acabar com o criado, e também não tem problema se ela acabar sozinha. Não tem problema se ela acabar com outra princesa, ou com seis gatos, ou se decidir que quer ser um príncipe. Nenhuma dessas alternativas vai torná-la mais ou menos feminista. O feminismo tem a ver com saber quem você é e o que você quer, e então ser fiel a isso.

— Talvez. Sabe, a gente pode nem sempre concordar uma com a outra, mas aprecio você ter opiniões sobre as coisas. Ao menos você se importa.

Antes de sair, Kate recolheu os celofanes alisados e guardou de volta na embalagem vazia, dizendo algo sobre fazer enfeites de Natal com Ava.



No dia seguinte, Rob passaria para entregar as coisas de mamãe que eu tinha decidido que ficariam na minha casa. Ele viria de Birmingham pela manhã com Edward, deixaria o meu irmão na casa de um amigo e seguiria para o meu apartamento. Segundo Rob, ele também não tinha dito a Edward que estava guardando mobília para mim em sua própria casa, ou que ia entregar as caixas — meu irmão achou que Rob ia visitar um parente idoso e ele não o corrigiu. Uma história suspeita. Por que diabo Rob estaria fazendo aquilo tudo se não fosse parte de um plano maior, elaborado pelos dois? Ele teria algum ressentimento inconsciente de Edward que o levava a decidir agir contra os desejos do meu irmão? Seria compreensível, mas não vi nenhuma evidência disso. Ou teria dupla personalidade? Se fosse o caso, não dava na cara. Ou Rob havia sido perceptivo o bastante para chegar à conclusão de que eu estava certa e Edward errado? Improvável. Ele teria motivos mais pessoais para querer me ajudar? Obviamente não. Rob mal me conhece, não temos nada em comum e ele está decidido a reconquistar a Alison. A única explicação lógica era que Edward, por meio de seu ajudante, estava determinado a manter os inimigos por perto.

— Ed está bem irritado com você no momento — dissera Rob ao telefone quando ligou para confirmar a entrega das caixas. — Se ele soubesse onde você mora, é possível que fosse aí derrubar a porta.

— E qual o motivo para o meu querido irmão estar sentindo ainda mais antipatia por mim do que o habitual?

— Ele ligou para a funerária alguns dias atrás para combinar de recolher as cinzas da sua mãe, e informaram que já tinham entregado a você. Ele está furioso. Quis ligar para você na mesma hora para dizer o que pensava. Estava acusando você de ser uma

ladra de túmulos, mas o convenci a respirar fundo e esperar um pouco.

— Se Edward se preocupa tanto com as cinzas da nossa mãe, por que levou três meses para pensar em pegá-las? Ele não tem mais direitos morais ou legais sobre as cinzas do que eu. E você sabe o que a lei diz sobre a posse. Ele pode dar o chique que quiser, mas não tenho a menor intenção de entregar as cinzas.

— Mas você não deveria ter pegado sem avisar ao Ed. Foi uma atitude um pouco dissimulada, se quer saber a minha opinião. Mas, enfim, essa briga não é minha. Só achei que era melhor avisar a você que ele está em pé de guerra. Ed diz que tem sido muito complacente nessa questão da disputa da herança porque estava com outras coisas na cabeça, mas que agora vai começar a revidar. E não para de falar sobre os objetos de valor que você tirou da casa depois do funeral, dizendo que vai reavê-los.

Tenho certeza de que Rob estava me dizendo tudo aquilo a mando de Edward. Imagino que o meu irmão pense que vou ficar tão intimidada pela sua ira a ponto de acabar dando a patinha como um cachorrinho obediente. À essa altura ele já deveria saber: sou de uma espécie muito diferente.



Como você sabe, me orgulho das minhas boas maneiras e da minha civilidade. Embora Rob seja cúmplice do meu irmão, decidi que seria no mínimo educado convidá-lo para almoçar comigo como agradecimento por ter trazido as caixas. A polidez, porém, não era a principal motivação para investir ainda mais em nos conhecermos melhor. Acordei cedo — ainda estava escuro lá fora — e peguei

alguns livros de receitas. Eu me perguntei de que tipo de comida Rob gostaria. Como ele era uma espécie de jardineiro, imaginei que pudesse ter um fraco por pastelões de porco e afins. Talvez eu pudesse preparar um bife Wellington ou um ensopado com bolinhos de carne. Então, lembrei que ele era vegetariano. Por fim, decidi preparar um almoço ao estilo espanhol. Fiz uma lista e saí assim que as lojas abriram. Passei a manhã preparando uma variedade de tapas espanhóis, depois limpei, arrumei, fiz minha maquiagem, pentei os cabelos e escolhi uma roupa que combinasse com a informalidade do fim de semana e que ainda fosse clássica. Logo, a refeição, o apartamento e eu estávamos o mais organizados e apresentáveis possível no que se pode conseguir em apenas meio dia.

À uma da tarde, a hora marcada, eu me sentei no sofá para esperar. Sempre que ouvia um veículo se aproximando, eu me levantava para olhar pela janela. Uma e cinco: nada de Rob. Uma e dez: ainda nada de Rob. Uma e quinze e eu já estava começando a achar que ele havia sofrido um acidente — certamente ninguém se atrasaria tanto sem telefonar com uma explicação e um pedido de desculpas.

Eu estava com o celular na mão para ligar para ele quando vi a van branca já familiar parar atrás do carro de Kate, que ela havia estacionado na frente do prédio segundos antes. Vi os dois se cumprimentarem e trocarem algumas palavras. Um instante depois, Rob estava carregando uma pilha de folhetos da mala do carro dela para a porta da frente que compartilhávamos (Kate havia começado recentemente uma campanha para se opor à retirada de financiamento de uma associação local de mães e bebês). Noah

estava no colo de Kate, e Ava caminhava ao seu lado. Não pude deixar de notar que Rob estava agindo de um jeito excessivamente simpático, fazendo com que mãe e filhos explodissem em gargalhadas. Ele me viu olhando pela janela e sorriu, assim como Kate. Abri a porta do prédio enquanto ela ainda procurava a chave na bolsa.

— Vejo que vocês se conheceram.

— Reconheci Rob de quando deixei você na casa da sua mãe, no mês passado. Ele está sendo gentil e me ajudando a carregar essas coisas do carro até em casa. É preciso de no mínimo quatro braços quando temos um bebê.

— Vou levar os folhetos até lá em cima para você — ofereceu Rob. — A propósito, oi, Susan.

— Não quero incomodá-lo. Você está aqui para visitar a Susan.

— Ah, não é incômodo nenhum — garantiu ele, passando direto pela minha barriga protuberante.

Fui deixada sozinha no corredor enquanto o grupo todo desaparecia escada acima. Quando Rob finalmente desceu, parecendo satisfeito consigo mesmo, eu estava mais do que um pouco irritada.

— Muito bem, posso pegar as caixas, então? — perguntou.

Ele pegou as caixas, uma por uma, e empilhou em um canto do corredor. Quando terminou, esfregou as mãos, esperando que eu dissesse algo.

— Antes que vá embora, gostaria apenas de deixar claro — falei — que sou uma pessoa muito ocupada e, se combino com alguém à uma hora, não espero que a pessoa chegue à uma e quinze.

— Relaxa, Susan, foram só alguns minutos. Teve um acidente na rodovia M6, então me atrasei para deixar o Ed na casa do amigo. Mas peço desculpas, eu deveria ter avisado. Que tal me deixar levar você para almoçar, para compensar o atraso?

— Já tenho um compromisso marcado — respondi.

— Ah, que pena. Tudo bem. Acho que é melhor deixar você em paz, então. Quem sabe outro dia.

Ora, eu não poderia permitir que ele presumisse que eu não tinha nada melhor para fazer com o meu tempo do que ficar esperando a sua chegada. Aquilo seria uma demonstração de fraqueza, e quem sabe *aonde* poderia levar? Depois que Rob saiu, eu me sentei diante da mesa da cozinha e fiquei encarando os pratos de tapas. Havia comida demais para uma pessoa só e provavelmente ela acabaria sendo jogada fora. Que desperdício lamentável. Naquele momento, eu não estava certa nem se eu mesma estava com vontade de comer. Quando voltei para a sala de estar, vi pela janela que a van de Rob ainda estava estacionada do lado de fora e consegui vê-lo dentro do carro, digitando uma mensagem no celular. Hesitei. Será que seria realmente fraqueza? Ou apenas uma solução sensata para o excesso de comida? Além disso, eu tinha que levar em conta o meu trabalho de detetive. Saí e bati na janela da van. Ele abaixou o vidro da janela e se inclinou para fora.

— Houve uma mudança de planos de última hora — falei para ele. — Você será bem-vindo se quiser almoçar comigo.

— Seria ótimo. Vou terminar de enviar essa mensagem para o Ed.

Sem dúvida a marionete estava atualizando o mestre. Quando o levei até a cozinha, Rob expressou surpresa ao ver a variedade de pratos.

- Nossa. Você come assim todos os dias?
- É importante seguir uma dieta variada quando se está grávida
- expliquei.



Quando voltei para a cozinha depois de uma ida rápida ao banheiro, descobri que Rob tinha se levantado da mesa e estava parado perto da bancada, examinando com interesse nada inocente as anotações que eu fizera sobre coação e capacidade mental na elaboração de testamentos. Quando viu que eu tinha voltado, ele começou a falar rápido sobre estar procurando um pano para limpar um pouco de azeite que tinha derramado. Virei os papéis para que não pudessem ser lidos, então joguei um pano para Rob. Não havia quase azeite derramado. Eu estava prestes a confrontá-lo por causa da espionagem, mas achei melhor não. Seria mais vantajoso para as minhas próprias intenções de contraespionagem que eu não revelasse, àquela altura, que estava de olho nele.

Para minha decepção, não consegui arrancar qualquer outra informação de Rob que fosse útil para o caso, apesar de sondá-lo sutil e repetidamente. Concluí que ele devia ser mais esperto do que parecia, ou estava acostumado a dar respostas evasivas sob interrogatório. Nem é preciso dizer que Rob falhou em sua tentativa de me fazer revelar algum detalhe sobre a minha ação legal. Quando terminamos de abordar de forma velada questões relacionadas a bens e propriedades, acabamos falando sobre banalidades (da parte dele, entre outras coisas: sua infância em uma cidade pequena na fronteira galesa, os pais hippies que estavam convertendo um velho palheiro na Itália em uma casa, as duas irmãs mais novas e suas

famílias que não paravam de crescer; e da minha parte: o que eu achava da vida em Londres, por que não fora trabalhar como advogada depois que me formei, a arrogância do lado da família do meu pai).

Rob também me atualizou sobre a sua missão, dizendo que havia feito um perfil no Facebook, mas não conseguira encontrar Alison — achava que ela poderia ter mudado de nome —, então, mandou pedidos de amizade para dois de seus antigos colegas de quarto, que esperava terem algumas informações sobre o paradeiro atual dela. Eu lhe desejei sucesso. Se houvesse mais alguém ali comigo e com Rob, pensaria que éramos dois amigos tendo um almoço de fim de semana agradável, em vez de membros de tribos opostas avaliando os pontos fortes e fracos um do outro.

Antes de Rob ir embora, mostrei a ele o peitoril da janela, que estava cheio de cactos. Eu sabia que ele era horticultor e imaginei que iria apreciá-los. Expliquei que aquela não era a minha coleção completa — a outra metade estava no escritório. A extensão e variedade da coleção o impressionou. Ele estendeu o dedo para um grande cacto orelha-de-coelho e falou sobre como a forma do cacto evoluiu para espinhos, em vez de folhas, a fim de reduzir a área de superfície através da qual ele poderia perder água, embora ainda continuasse a fornecer alguma sombra para o corpo principal da planta, que muitas vezes era pouco mais do que uma haste modificada. Rob disse que muitas pessoas presumiam de forma equivocada que os espinhos serviam apenas para afastar predadores. Ele também comentou sobre a pele cerosa espessa do cacto, seu sistema radicular bem desenvolvido e seu tronco amplo e

suculento, todos os quais facilitam o armazenamento de umidade ou a minimização de sua perda.

Rob tocou a terra com o dedo e perguntou com que frequência eu regava os cactos e se algum deles já tinha florescido. Pelo visto, para estimulá-los a produzir flores, devo regar com moderação durante o período de dormência (eu *sempre* rego com moderação), então encharcar bastante para imitar uma breve estação chuvosa. Ele pegou cada vaso e observou que vários cactos estavam com pouco espaço nos vasos e em breve deixariam de se desenvolver se não fossem replantados. Eles também precisavam de luz, disse Rob, e se beneficiariam de uma posição com mais luz solar direta, durante pelo menos seis horas por dia. Devo dizer que, embora tenha ficado impressionada com a experiência dele no cultivo de plantas, fiquei mais do que um pouco decepcionada. Eu conseguira cultivar alguns espécimes muito impressionantes sem a interferência de ninguém. Era verdade que nenhum deles jamais havia florescido, mas aquilo era um mero detalhe.



Mais tarde naquela noite, enquanto eu estava separando as caixas trazidas por Rob, ouvi a batida familiar de Kate na porta da frente. Ela estava passando para devolver a minha edição de *Primavera de uma solteirona*, que havia lhe emprestado algumas semanas antes.

— Gostei muito do livro — comentou ela —, mas a srta. Brodie não me conquistou. Não pareceu ser uma pessoa muito agradável. Não consigo amar totalmente um livro em que não me apegue ao personagem principal.

— Discordo. Prefiro ler sobre alguém interessante do que sobre alguém que é apenas legal.

— Falando sobre pessoas legais — disse Kate —, que homem encantador é o Rob. Muito prestativo. Muito engraçado. Tivemos um ótimo papo quando estávamos lá em cima.

— É mesmo? Mas devo avisá-la: se está interessada nele, não se esqueça de que Rob é amigo e aliado do meu irmão, ou seja, tão cheio de defeitos e totalmente indigno de confiança quanto Edward.

— Não estou interessada nele — retrucou ela, rindo. — Já tenho bastante com o que me preocupar no momento. De qualquer modo, ele parece gostar é de você.

— Não seja absurda. Para começar, Rob está decidido a voltar com a ex.

— Bem, tudo que sei é que, quando estava no meu apartamento, Rob comentou que nunca conheceu ninguém como você. Ele estava falando sobre o seu senso de humor seco e a sua maneira peculiar de ver o mundo.

— Kate, ele está jogando verde para conseguir informações sobre o caso — expliquei a ela. — Rob é mais ardiloso do que se pode imaginar vendo aquele seu jeito descontraído. Imagino que você andou lendo romances novamente... algo deve estar mexendo com a sua cabeça e afetando seu discernimento. Vou ter que separar mais alguns clássicos literários para você. Já leu alguma coisa da Virginia Woolf?

16

— É possível conhecer alguém por completo? Conhecer todos os seus pensamentos e sentimentos, esperanças, sonhos, tristezas e arrependimentos, as partes que a pessoa esconde do mundo? Só Deus pode realmente nos conhecer dessa forma. — O vigário sorriu o sorriso beatífico de alguém abençoado com a convicção de que tem a sabedoria e a virtude ao seu lado.

— Sim, fico realmente grata por você não ser capaz de me oferecer uma visão divina sobre o funcionamento da mente da minha mãe ou o estado da sua alma. No entanto, lembro que ela o considerava um amigo e que você a visitava regularmente em casa. Por isso, presumo que seja capaz de fornecer uma opinião terrena sobre se a minha mãe estava racional e lúcida nos últimos meses de vida.

O vigário — ele me disse para chamá-lo de Jeremy, mas só consigo pensar nele como “o vigário” — pousou na mesa os cotovelos cobertos pelos remendos de couro do paletó de tweed e alisou a barba grisalha de homem próximo do povo.

— Eu gostaria muito de ajudá-la com as suas inquietações. Vejo que ficou magoada com o conteúdo do testamento de Patricia. No entanto, preciso tomar cuidado com o que digo. Há coisas que ela me contou, conversas que tivemos, que foram em total confiança. Eu não me sentiria confortável em revelar tudo o que ela desabafou

comigo. Mas vou fazer o melhor possível para responder a qualquer pergunta que não interfira em assuntos que acredito que ela teria preferido levar para o túmulo.

Eu não fazia ideia do que o vigário estava falando. Mamãe não era o tipo de pessoa que guardava segredos, ainda mais de mim. Era uma mulher franca e direta. Algumas pessoas poderiam até achá-la tediosa, o exemplo do arquétipo da dona de casa e mãe comuns à geração dela. Eu só podia imaginar que ele estava se esforçando para conferir a si mesmo o status de confidente pessoal de mamãe. O que não me surpreendeu. Entendo que os vigários muitas vezes têm uma visão exagerada da própria importância, visto que suas congregações os tratam como pequenas celebridades, fontes de toda sabedoria ou porteiros para a vida após a morte. Aquele colarinho não estava tendo o efeito esperado em mim.



Era véspera de Natal. Kate e eu tínhamos saído de Londres na penumbra do início da manhã, ansiosas para evitar o pior do êxodo em massa que aumentaria sem trégua com o decorrer do dia. Ela me deixaria na igreja de St. Stephen's para que eu pudesse interrogar o vigário, e então eu seguiria para a casa de tia Sylvia de trem e táxi. Como de costume, a prole de Kate viajou espremida no banco de trás lotado de bagagens, apetrechos infantis e sacos de lixo pretos protuberantes.

— O Papai Noel vai nos visitar na casa dos meus pais este ano — explicou Kate com uma expressão conspiratória.

Ava e Noah usavam suéteres de boneco de neve, e Kate tinha enfiado um gorro de Papai Noel na cabeça. Pelo menos ela não

estava usando chifres de rena.

Estava mais desconfortável do que nunca dentro do carro minúsculo. O meu banco tinha sido empurrado para a frente para acomodar uma mala atrás, e tive que dobrar as pernas para um lado porque um pacote grande com pontas afiadas ocupava a maior parte da área dos pés do passageiro. Minha barriga me impedia de usar o cinto de segurança da maneira convencional e precisei acomodar a faixa inferior por baixo da barriga e a faixa diagonal acima dela. O bebê havia começado a pressionar minha bexiga, e assim que conseguimos sair lentamente de Londres eu já precisei usar um banheiro. Tive a impressão de que seria mais um longo caminho.

Quando enfim me icei para fora do carro de Kate diante da St. Stephen's, o céu estava escuro como o anoitecer e nevava. Kate correu até o porta-malas e pegou a minha mala pequena e a sacola grande de papel, cheia de presentes. Por menos disposta que eu me sentisse a perder meu tempo e meu dinheiro comprando presentes para pessoas a quem eu não tinha o menor interesse em agradar, obviamente teria sido de péssimos modos chegar na casa de tia Sylvia de mãos abanando.

— Você vai ficar bem? — perguntou Kate, enquanto eu manobrava a bagagem de forma precária. A chuva gelada batia no meu rosto e nas minhas mãos. — Quer que eu ajude a carregar suas coisas até a porta da igreja?

— Não, não, é um caminho curto. Não faz sentido duas pessoas se molharem.

Depois de nos despedirmos apressadamente e trocarmos votos de Feliz Natal, atravessei penosamente o caminho de pedra escorregadio, puxando atrás de mim a mala de rodinhas — em cima

da qual estava equilibrada a sacola de presentes. O guarda-chuva foi inútil para impedir que a neve encharcasse meu casaco, meus cabelos e minha bagagem. Quando comecei a subir os degraus gastos que levavam às portas da igreja, as alças de papel da sacola cederam, e meus pacotes cuidadosamente embrulhados tombaram para fora como doces de dentro de uma pinhata, aterrissando na poça rasa e lamacenta aos meus pés. Devo confessar que usei o nome do Senhor em vão. Abri uma das pesadas portas de carvalho e a mantive entreaberta com a mala, então me abaixei sem jeito para resgatar um por um os pacotes da poça — um feito mais complicado do que pode parecer quando se está com uma barriga comparável à do próprio Papai Noel. Coloquei os presentes encharcados em uma pilha no pequeno vestíbulo e fechei a porta com um baque forte.

Entendo por que as pessoas pensam nas igrejas como locais de refúgio. Já no vestíbulo, consegui sentir o aroma familiar e reconfortante de madeira antiga, lustra-móveis e cera de vela. Tudo isso misturado ao cheiro de pinhas, que imaginei vir de uma árvore de Natal decorada a um canto. Havia ainda arranjos de flores vermelhas e brancas, amarradas com fitas, e hera espalhada ao redor. As únicas luzes ficavam perto da frente da igreja, onde uma senhora de avental polia com carinho o suporte de metal em forma de águia, no qual se apoiava a Bíblia. Ela ergueu os olhos para mim e eu a reconheci de imediato: era Margaret, a vizinha de mamãe.

— Olá, Susan, querida. Que bom ver você. Ai, ai, ai, você está ensopada. Venha comigo, vou pegar algumas toalhas de papel no banheiro feminino para você se secar. Jeremy avisou que você viria vê-lo hoje. Você parece bem. A gravidez certamente combina com você. Para quando é o bebê?

Ela arrastou os pés em direção a uma porta escondida nas sombras, pouco antes da capela principal, e eu fui atrás.

— Para daqui a três meses — informei. — Estou feliz por termos nos encontrado, Margaret. Também queria conversar com você. Não sei se está ciente do testamento da minha mãe.

— Estou, sim, querida. Edward me contou que tem permissão para ficar na casa. Ele disse também que está havendo alguma espécie de disputa a respeito. Não que eu o veja com frequência. Ele parece dormir o dia todo e receber visitas por toda a noite. Costumávamos ver mais aquele Rob que estava ficando com ele, o rapaz sempre parava para bater um papo, mas agora ele se mudou para a própria casa. Testamentos são um grande problema. As pessoas nem sempre recebem o que deveriam.

Tínhamos chegado aos banheiros. Margaret pegou um punhado de toalhas de papel e começou a enxugar meus cabelos e meu rosto. Eu normalmente a teria afastado, mas estava exausta demais para me dar ao trabalho. Fiquei parada ali permitindo que ela tomasse conta de mim. Eu acrescentaria “de um jeito maternal”, mas não me lembro de mamãe algum dia ter cuidado de alguém daquele jeito. Pelo menos não de mim.

— Pronto. Vou avisar ao Jeremy que você chegou. Já terminei de limpar e polir por hoje, então estou indo para casa. Por que não dá uma passada por lá quando terminar aqui? Você sabe onde nos encontrar.



O vigário passou a me descrever, com os exageros religiosos de sempre, suas interações iniciais com mamãe e os eventos em torno

do segundo derrame dela. Eu já sabia de quase tudo. Mamãe começou a ir à igreja logo após seu primeiro miniderrame, cerca de três anos antes. O vigário imediatamente percebeu que ela era “uma mulher muito espiritualizada” — mamãe disse a ele que entrar na St. Stephen’s “era como voltar para casa”. Ela logo se envolveu com a rotina da igreja: participando de grupos de leitura da Bíblia, assando bolos para eventos de arrecadação de fundos, ajudando com as flores. O vigário não teve a impressão de que a mente dela havia sido prejudicada de alguma forma; mamãe pareceu a ele uma mulher inteligente, sensível e competente que “havia descoberto que a própria fé é uma grande fonte de conforto e segurança”.

O segundo derrame de mamãe, dois anos depois, tinha acontecido enquanto ela estava servindo o chá com o carrinho, depois da missa (e foi um derrame para valer, embora não catastrófico). O vigário percebeu que havia algo de errado quando o grande bule de alumínio que ela segurava caiu no chão com estrondo. Mamãe ficou parada, com uma expressão estranha e distorcida no rosto. O vigário e Margaret a ajudaram a chegar a uma cadeira, mas ela não conseguia falar e não reagia ao que eles lhe diziam. Alguém chamou uma ambulância, enquanto eles asseguravam a ela que tudo ficaria bem. O vigário encontrou a agenda de endereços de mamãe e ligou para Edward, para tia Sylvia e para mim. Como era domingo, pude ir direto para o hospital em Birmingham, onde encontrei com meu irmão e minha tia, que já estavam lá.

Não é difícil imaginar a minha angústia ao ver mamãe cheia de tubos e monitores ligados ao corpo e sem nenhuma noção de onde estava ou do motivo de estar ali. Mas os meus próprios sentimentos

são irrelevantes. O fato é que a recuperação de mamãe foi incrível. Ela saiu do hospital em menos de uma semana, e em dois meses, com medicação, fonoaudiologia e fisioterapia, parecia estar de volta ao seu estado normal. O vigário contou que, a princípio, visitava mamãe quase todos os dias, já que a nossa casa ficava a apenas alguns minutos a pé da igreja. Quando ela se recuperou, as visitas dele se tornaram menos regulares, até que ela pôde voltar a frequentar a igreja. Mesmo assim, o vigário continuou a visitá-la semanalmente para tomarem juntos o chá da tarde.

— Por que você fazia isso? Costuma visitar todos os seus paroquianos em casa? — perguntei.

— Adoraria ser capaz de fazer isso, se eu tivesse tempo infinito — respondeu ele. — Mas, infelizmente, isso não é possível. Receio ter que limitar as minhas visitas aos que não podem sair de casa ou aos que acho que se beneficiariam de um ministério individual no conforto da própria residência. Continuei a visitar a sua mãe porque ficou óbvio para mim que, após o derrame, ela se tornara ansiosa e deprimida. Sua mãe passou a ter mais noção da própria mortalidade, uma sensação de que não teria muito mais tempo neste mundo, e havia coisas em sua alma sobre as quais ela não se sentia inteiramente em paz.

— Que tipo de coisas?

— Isso, infelizmente, seria entrar em assuntos que sua mãe revelou em confissão, e já lhe expliquei que não posso revelar.

Mais uma vez, a informação misteriosa. Decidi deixar passar por ora.

— Você acha que a ansiedade e a depressão afetaram a capacidade dela de tomar decisões racionais? Elas afetaram seu

juízo? Minha mãe parecia confusa?

— Essas são perguntas difíceis de responder.

Seguiu-se um longo silêncio durante o qual o vigário juntou as mãos, como se em oração, levou-as até os lábios e fechou os olhos. Eu me perguntei se ele teria pegado no sono. Com o aquecedor trazendo calor para o pequeno escritório e a atmosfera de serenidade, tive a sensação de que eu mesma poderia adormecer. Por fim, ele abriu os olhos.

— Eu diria que, depois do segundo derrame, Patricia talvez tenha ficado um pouco confusa em relação às pequenas coisas. Estou me referindo a coisas como onde deveriam ficar os arranjos de flores, quais os horários das missas e das reuniões, se as pessoas queriam chá ou café. Às vezes, ela esquecia o nome das pessoas na congregação. De vez em quando, aparecia na igreja no inverno com um par de sandálias, ou no verão com um sobretudo pesado. No entanto, no que se referia a coisas importantes, eu diria que ela estava completamente racional e lúcida. Sua memória do passado mais distante era perfeita. Ela estava totalmente ciente de quem era, de onde veio, de quem eram seus amigos. E, devo dizer, tinha muita clareza sobre os relacionamentos familiares.

— Mas se ela estava confusa sobre os assuntos cotidianos do presente, poderia tomar uma decisão consciente sobre a disposição de seus bens? Teria conseguido dar instruções adequadas a um advogado, ou compreender o conteúdo de um testamento?

— Sinto muito, Susan, só posso contar os fatos conforme os observei na época. Não possuo os conhecimentos médicos necessários para lhe dar as respostas que você está procurando. Eu, por certo, não posso afirmar se a sua mãe sabia exatamente o que

estava fazendo quando assinou o testamento. Só o que *posso* afirmar é que as confidências que Patricia compartilhou comigo podem ter influenciado a decisão que ela tomou em relação à disposição dos bens.

Àquela altura, eu estava morrendo de fome e exausta depois da viagem e da conversa com o vigário. Também estava farta dele me atormentando com aquelas informações supostamente confidenciais que alegava ter recebido de mamãe — era como se quisesse que eu arrancasse aquilo dele.

— Escute, reverendo, quero deixar tudo às claras. Se você sabe de alguma coisa que seja relevante para o testamento da minha mãe e não me disser, simplesmente vou conseguir uma ordem judicial para obrigá-lo a depor. Por isso, acho que é do seu interesse revelar o que sabe ou deixar de insinuar que a minha mãe lhe confiou segredos.

O vigário retomou a posição das mãos em oração, olhos fechados, e a sala ficou em silêncio mais uma vez. Depois de dar um suspiro profundo, ele abriu os olhos e me fitou.

— Eu simpatizo com a situação em que você se encontra. Mas estou em uma situação delicada. As Diretrizes para a conduta profissional do clero afirmam que uma pessoa tem o direito de esperar que um vigário não revele a terceiros informações feitas em confissão sem o consentimento dela ou de outra autoridade legal. Acho que essa é uma situação em que terei que orar por orientação. Como você sabe, o Natal é a época mais ocupada do ano para a nossa igreja, e não poderei dar a atenção necessária à questão por vários dias. Entre em contato comigo depois do ano-novo e terei uma decisão para você. Nesse meio-tempo, eu lhe desejo um Natal

feliz e pacífico junto de sua família. Você gostaria que eu orasse com você antes que vá embora?

— Não, obrigada — falei.

Quando voltei ao saguão, encontrei um bilhete rabiscado à mão no lugar onde eu havia deixado a mala e os presentes encharcados.

Stan veio me buscar de carro, então levamos as suas coisas para casa conosco. Nos encontre lá para um sanduíche e uma xícara de chá. Com amor, Margaret.

Eu poderia tê-la beijado. Quase.



Quando saí da igreja, já não caía mais aquela mistura de neve com chuva e o céu abrira um pouco. Segurei o casaco com força junto ao corpo, para me proteger do vento cortante, e subi a Blackthorn Road, evitando as poças geladas. Era estranho subir pelo caminho que levava à porta da frente de Margaret e Stan, em vez de percorrer o que levava à nossa própria casa do outro lado da rua. Olhei para lá. Edward, ao que parecia, estava passando o Natal fora — não havia nenhum carro na entrada da casa, e as cortinas estavam fechadas. Eu me perguntei onde ele estaria. Não que eu me importasse.

A minha conversa com Margaret e Stan correu muito melhor do que a que eu tivera com o vigário. Depois de um prato de sanduíches de maionese de ovo, seguido por tortas de carne caseiras com creme de conhaque e uma tacinha de xerez (que mal pode fazer agora?), nos acomodamos em poltronas confortáveis na

sala de estar. Stan colocou um par de óculos de leitura e começou a examinar a *Radio Times*. Fiz a Margaret as mesmas perguntas que havia feito ao vigário, pouco antes. Ela precisou de pouco encorajamento para começar a falar.

— Eu diria que ela estava muito confusa, não é, Stan? — disse Margaret.

— Ah, sim, confusa. Sem dúvida — respondeu ele, sem tirar os olhos da revista.

— Eu vivia dizendo que ela não estava em seu normal.

— Não estava mesmo — acrescentou Stan.

— Eu tinha a impressão de que sua mãe não estava realmente escutando quando conversávamos. Sabe como é, como se ela estivesse presente apenas em corpo. Às vezes a gente percebe.

— Não, ela não prestava atenção. Apenas concordava com o que a gente dizia.

— E então esquecia o que combinávamos de fazer. Eu aparecia para pegá-la para visitarmos um palacete antigo e a encontrava de cardigã e chinelos, limpando o pó. Precisava ajudá-la a se arrumar.

— Isso mesmo. Ajudá-la a se arrumar. — Stan riu de alguma coisa que estava lendo.

— Se Edward não estivesse morando com ela, não acho que a sua mãe teria sido capaz de ficar em casa. Não que o próprio Edward seja assim muito organizado, mas acho que ele fazia as compras e esse tipo de coisa.

— Ele sempre fazia as compras — comentou Stan, virando uma página da revista.

— E a levava às consultas médicas. Mas, cá entre nós, e só estou dizendo isso porque sei que você não se dá bem com o Edward,

nunca confiei nele. Sempre achei que ele se aproveitava da sua mãe. Sabe como é, ganhando mesada dela quando deveria ter um trabalho, como qualquer homem normal.

— Não é normal, aquele homem — acrescentou Stan.

— E o engraçado é que, muitas vezes, quando eu aparecia para conversar, Edward dizia que ela estava ocupada, quando eu tinha certeza de que não estava, já que podia vê-la mexendo em coisas na cozinha. Ele devia estar aprontando alguma coisa.

— Definitivamente alguma coisa estava acontecendo ali. — Stan tirou os óculos, poliu-os e voltou a colocá-los.

— Se alguém me dissesse que Edward se aproveitou da confusão mental da sua mãe para fazê-la deixar a casa com ele, eu não ficaria nem um pouco surpresa. Se tem alguém que deveria ficar com a casa é você.

— Hum, deveria ser sua, aquela casa.

— Portanto, se você quiser que a gente assine alguma coisa dizendo que a sua mãe não estava em um estado mental adequado para escrever um testamento, querida, teremos prazer em fazer isso, não é mesmo, Stan?

— Ah, sim. Vai ser um prazer. Você viu o controle remoto, Peggy?



Já a bordo do trem que ia de Birmingham para Worcester, eu me sentia muito satisfeita com o que a tarde trouxera. Finalmente, depois de falar com Margaret, agora eu tinha alguém disposto a reconhecer o que estava acontecendo. O vigário, por outro lado, tinha sido uma decepção. Dito isso, parecia que ele talvez tivesse algumas informações pertinentes que Deus, ou o tribunal, o

orientariam a revelar. No entanto, quando entrei no táxi, na estação de Worcester, meu bom humor começou a se dissipar. Eu havia mesmo concordado em passar dois dias na casa de tia Sylvia? Celebrar o Natal sozinha poderia ter sido uma opção melhor.

— Não — disse a mim mesma. — Pensamento positivo.

Por dois dias, eu fazia um esforço para conter o meu lado crítico e para sucumbir a tudo o que aquela reunião familiar traria.

Enquanto meu táxi desaparecia na longa entrada de automóveis e eu caminhava em direção ao bangalô em estilo rancho, enfeitado com luzinhas de Natal mais extravagantes do que as do festival de luzes de Blackpool, a porta da frente de "Wendine" foi aberta. Lá, no amplo saguão iluminado por candelabros, estavam tia Sylvia, tio Frank, Wendy e Christine, todos usando enfeites de chifres de rena na cabeça. E tia Sylvia estendia um idêntico em minha direção.

17

— Vou fazer um tour da casa para você! As meninas podem levar a bagagem para o seu quarto — disse tia Sylvia, parada na ponta dos pés, endireitando o meu acessório de cabeça festivo.

Cerrei os dentes e tentei não pensar em como deveria estar minha aparência. Eu sabia que os próximos dias seriam uma provação, mas não esperava que o constrangimento começasse antes mesmo de eu tirar o casaco.

— Já se passaram mais de vinte anos desde a última vez em que você esteve aqui, e está tudo diferente — continuou tia Sylvia. — Devemos ter ampliado e redecorado esta casa pelo menos umas dez vezes desde então. Isso é o que dá se casar com um empreiteiro. Se ao menos eu tivesse me casado com um cirurgião plástico, hein?

Minhas primas gêmeas, depois de desempenharem seu papel na cerimônia de recepção, desapareceram por um dos corredores que saíam do hall de entrada. Tia Sylvia e eu nos deparamos com seus maridos barrigudos, Dean e Gary, na “sala de jogos”. Tio Frank tinha se juntado a eles, agora bem mais confortável e sem os chifres. Havia um alvo para dardos com a linha atrás de onde o lançador deveria ficar devidamente marcada, uma mesa de pingue-pongue e outra de bilhar. No entanto, a principal atração daquele cômodo para os três homens era o bar bem-abastecido com barris e chopeiras. Eles ergueram em saudação os copos de uísque para mim, em

seguida voltaram a conversar. Tia Sylvia e eu seguimos para a “sala de descanso”, que era equipada com uma televisão do tamanho de uma tela de cinema, instalada diante de um sofá macio de couro. Ali, estavam acomodados os quatro netos da minha tia, concentrados nos celulares, consoles de games e notebooks. Eles demonstraram o mesmo nível de interesse e entusiasmo pela minha chegada que seus pais.

Na sequência do grande tour fomos até o lounge, o escritório e uma sala íntima. Havia uma temática evidente na decoração: os tapetes e estofados eram creme; as lareiras, de mármore claro; os lustres e luminárias, de cristal; e as bases de abajur, as molduras das fotos e os espelhos eram dourados. Até mesmo as luzes, fitas e decorações na árvore de Natal eram brancos e dourados, assim como os arranjos e guirlandas enfeitando as paredes. Espalhados aqui e ali havia folhagens de amora branca em vasos de vidro e bicos-de-papagaio albinos em vasos dourados.

— O que você achou, querida? Quis ter uma pegada mais elegante dessa vez — explicou tia Sylvia. — Se dependesse de mim, eu teria muito mais cores e estampas, mas minha designer de interiores, a Faye, disse que o meu gosto era o de um bordel do Texas. Dá para acreditar? — Ela deu uma risadinha. — Mas não me ofendi. Eu a conheço há anos. Seu tio Frank costumava contratá-la para mostrar as casas. Concordamos em nos ater ao glamour de Hollywood. Você sabe, no estilo Jackie Collins.

— É muito... coordenado — falei, procurando por uma palavra diplomática. Estava disposta a bancar a convidada de Natal cortês e simpática, não importa o que custasse. Dois dias. Só dois dias. — Um contraste com o exterior da casa — acrescentei.

— Para ser honesta, querida, o exterior é mais a minha cara. Venha, vou levar você até a ala dos quartos.

No final de um largo corredor chegamos ao que tia Sylvia havia descrito como “um quartinho que mais parece uma caixinha”. Tudo o que posso dizer é que a caixinha em que ela estava pensando devia ter espaço e capacidade bastante amplos.

— Espero que não se incomode em ficar nesse quarto. Tentei fazer com que Wendy ou Chrissie trocassem com você, já que você é a convidada de honra, mas elas se recusaram. E lamento, mas você vai ter que usar o banheiro comum — disse tia Sylvia. — Este quarto não é uma suíte. Detesto ir a qualquer lugar que não tenha banheiro no quarto. A gente fica acostumado a ter uma suíte. Vou pedir ao seu tio Frank para fazer uma extensão, de modo que você ficará em uma suíte na próxima vez.

Depois de examinar seu reflexo na janela e ajeitar os cabelos cobertos por uma boa camada de fixador, tia Sylvia abaixou a cortina romana e se virou para mim.

— Não tenho palavras para dizer quanto estou feliz por você ter vindo, querida. Esse vai ser o melhor Natal de todos. Descanse um pouco, eu vou chamar você quando o chá estiver pronto. Você não vai levantar um dedo enquanto estiver aqui.

Poucos minutos depois que tia Sylvia saiu, ouvi um murmúrio de vozes e uma tosse do lado de fora do meu quarto. Minhas primas entraram — sem bater — trazendo a minha bagagem. Wendy fechou a porta com um clique sinistro e se postou em frente a ela, enquanto Christine se sentava na cama ao meu lado. Eu estava encurralada.

— Queremos saber tudo sobre a gravidez — disse Christine.

- Você está ignorando as nossas ligações — acusou Wendy.
- Estamos preocupadas com você. Queremos saber o que está acontecendo.
- Você sabe quem é o pai?
- Ele abandonou você?
- Como você vai se virar sozinha?
- Vai continuar trabalhando?
- Como vai fazer para ganhar dinheiro?
- Já soube sobre o risco terrível de síndrome de Down?
- Você poderia ter adotado.
- Não consigo nem imaginar como você deve estar se sentindo mal — comentou Christine, e em seguida pegou a minha mão. — Este é o seu primeiro Natal sem a sua mãe, e como se não bastasse, você ainda está grávida e sozinha. Não dá para imaginar nada muito pior do que isso, não é mesmo?

Como reagir? Em qualquer outro momento, eu teria dito que nada daquilo era da conta delas e ido embora. Já havia feito exatamente isso em várias ocasiões quando éramos mais novas. Na verdade, eu podia sentir minhas primas esperando que eu desse uma resposta hostil às provocações delas e ansiosas para se divertirem um pouco. Mas eu estava no território delas, presa ali por dois dias, e pretendia dar uma chance real àquela ideia de Natal em família. Decidi tentar uma tática diferente.

— Ah, Wendy, Christine, eu me meti em uma confusão tremenda. Não sei o que vou fazer. O pai não quer saber da criança, minha chefe diz que preciso tomar cuidado com meu emprego e estou apavorada com a ideia de ter um bebê para cuidar. Vou precisar de

toda a ajuda que puder quando ele chegar. Graças a Deus tenho vocês duas ao meu lado. Sei que não vão me deixar na mão.

Achei meu desempenho bastante convincente, mas parece não ter sido o suficiente. Christine soltou minha mão e se levantou.

— Não precisa ser sarcástica. Acha que somos estúpidas? Estamos só tentando ajudar.

— É verdade. Mamãe disse para sermos simpáticas, e nós fomos. Algumas pessoas não sabem ser gratas.

— Ah, mas *estou* grata — falei. — Agradeço de verdade a preocupação de vocês comigo. É ótimo saber quanto vocês duas se importam.

Elas ficaram me encarando, os chifres de rena nos cabelos inclinados em um ângulo idêntico, em dúvida sobre a minha sinceridade.

— Bem, nós nos importamos — bufou Christine. — Foi o que nos disseram para fazer.



A ceia consistiu em um banquete chinês que chegou em várias embalagens grandes de um restaurante local. Mamãe teria ficado horrorizada com a ausência de comida caseira.

— Quem quer ficar se matando de trabalhar em frente a um fogão na véspera de Natal? — perguntou tia Sylvia, usando as longas unhas pintadas com esmalte vermelho para retirar as tampas de papelão da infinidade de bandejas de alumínio espalhadas em cima da ilha da cozinha. — Já temos trabalho demais no dia de Natal. Como devia ser maravilhoso viver na época vitoriana e ter uma cozinheira e criados! Eu nasci na época errada, isso sim. Certo,

Wendy, pegue as travessas. Chrissie, você pega os talheres e as colheres de servir. Susan, não saia desse banquinho. Vamos jantar em estilo bufê. Basta encher os pratos e pegar uma faca e um garfo. Eu sirvo você, Susan. Posso colocar um pouco de tudo?

Foi um verdadeiro “salve-se quem puder” — até mesmo os netos, que tinham sido privados de seus aparelhos eletrônicos — com todos empilhando a maior quantidade possível de comida nos pratos com a maior rapidez possível. Em minutos, a cozinha estava vazia — os homens tinham levado seus pratos para a sala de jogos, as crianças para a sala de descanso, enquanto tia Sylvia, Wendy e Christine se encaminharam para a sala de estar.

— Venha, Susan, vamos comer com os pratos no colo — chamou tia Sylvia. — Não queremos perder nenhum programa de fim de ano na TV. Natal em família é isso. Quer que uma das meninas leve o seu prato para você?



Foi muito diferente de qualquer outra véspera de Natal. Quando meu pai estava vivo, o dia era dominado pela presença ou ausência dele na casa. Ele saía de casa antes das onze da manhã para conseguir ser a primeira pessoa no pub quando abrissem as portas. E voltava cambaleando e querendo discutir no início da tarde. Eu fazia o máximo que podia para evitá-lo e ficava trabalhando na cozinha com mamãe, cobrindo o bolo de Natal com glacê e preparando tortas de carne moída, molho de pão e o recheio da ave que iríamos assar. Colocávamos *O serviço de nove lições e cânticos de Natal*, do King's College, para tocar e tentávamos nos preparar para enfrentar a enxurrada de abuso verbal. Os pubs reabriam às cinco da tarde,

então sabíamos que, se conseguíssemos resistir ao ataque até as quinze para as cinco, ficaríamos bem. Eu me certificava de já estar na cama antes de o pub fechar. Não fazia ideia de onde Edward estava durante nossa maratona de preparações natalinas. Imagino que ele estivesse em algum lugar jogando pedras nos gatos da vizinhança ou pichando os muros das outras casas. Prefiro nem me lembrar dos dias de Natal em si. Os pubs não abriam, então meu pai bebia em casa mesmo. De alguma forma, conseguimos sobreviver.

Depois da morte do meu pai, o Natal passou a ser muito diferente — não tínhamos mais que ficar atentos ao som da chave dele na fechadura, tentar avaliar o seu humor ou nos escondermos. Mas Edward permaneceu distante do mesmo jeito. Talvez já tivesse entrado em uma idade em que preferia ir fazer as próprias coisas. O que me convinha. Se ele estivesse em casa, nós brigávamos. A única desvantagem era que mamãe se preocupava obsessivamente com onde ele estava e o que estava fazendo. Depois que eu me mudei, pegava de propósito o último trem disponível para Birmingham na véspera de Natal e o primeiro trem de volta a Londres no dia 27. Se passasse mais tempo do que aquilo na casa de mamãe — com o suplício adicional da companhia do meu irmão — eu teria surtado.



— Que delícia tomar um Buck's Fizz na manhã de Natal, não é mesmo? — perguntou tia Sylvia, abrindo uma garrafa quando entrei na cozinha. Ela estava vestida como se fosse para uma festa, de vestido, salto alto e maquiagem. — Feliz Natal, querida.

Eu achava que a cozinha estaria toda agitada com os preparativos para o almoço de Natal, mas minha tia era a única pessoa por perto. As crianças acordaram às seis da manhã para abrir os presentes e agora estavam na sala de descanso brincando com seus games e consoles de última geração. Todos os outros ainda estavam dormindo. Eu me ofereci para ajudar a picar legumes, mas tia Sylvia disse que já estava tudo pronto.

— A loja Marks and Spencer picou para nós — disse ela. — E também recheou o peru e fez o pudim de Natal e o molho de conhaque. Que Deus abençoe a seção de comida deles. Você se lembra daquele tempo deprimente, quando tínhamos que fazer tudo sozinhas?

Wendy e Christine entraram juntas na cozinha, meia hora depois, vestidas de forma idêntica, com roupões cor-de-rosa fofos e chinelos. Eu me perguntei como os maridos faziam para diferenciá-las, já que tinham aparências e personalidades iguais. Christine era um pouco mais cruel, mas essa era a única distinção que eu conseguia encontrar. Após a troca obrigatória de votos de feliz Natal, Wendy pegou duas taças de champanhe e encheu com espumante, que as duas beberam com uma rapidez impressionante.

— As crianças adoraram os presentes do Papai Noel — comentou tia Sylvia com Wendy e Christine.

— Ah, que bom — respondeu Wendy. — Vou falar com eles depois que acordar direito.

— Ainda bem que gostaram — disse Christine. — Gastamos bastante dinheiro naqueles presentes.



Depois do café da manhã, que também foi no estilo bufê, não havia absolutamente nada para fazer. Nada mesmo. Tia Sylvia colocou no forno a ave desmembrada e pré-pronta, abriu algumas embalagens e jogou o conteúdo nos recipientes apropriados. O único trabalho que restava era pôr a mesa, e minha tia disse a Wendy e a Christine para fazerem isso. Foi como se ela tivesse pedido as duas para construírem a mesa. Antes de finalmente cederem, houve uns bons dez minutos de “Por que *você* não pode fazer isso?” e “Não é justo”. Eu me ofereci para colocar a mesa sozinha, mas tia Sylvia foi inflexível e repetiu que eu não deveria fazer nada. Estava me sentindo profundamente entediada. Suponho que poderia ter ido conversar com os maridos, mas não estava tão desesperada assim.

Resolvi vestir o casaco e dar um passeio. Desci pela longa entrada de carros e segui por uma estrada rural, sem ter a menor ideia de para onde estava indo, mas aproveitando o ar frio. O dia estava claro e sem nuvens. Cheguei até o vilarejo, onde a congregação saía de uma pequena igreja de aparência medieval. Várias senhoras me desejaram “Feliz Natal” e trocamos amabilidades sobre a minha gravidez e maternidade iminente. Encontrei um banco no gramado e me sentei ao sol. Fechei os olhos por alguns segundos. Estava me sentindo plenamente calma e feliz. Em geral, na manhã de Natal, eu estaria envolvida no frenesi interminável de regar, picar e mexer. Talvez aquele Natal acabasse sendo bom no fim das contas. Talvez fosse dessa maneira que eu passaria as festas de fim de ano dali em diante, sem fazer nada, só relaxando. Abri os olhos e vi uma van branca suja se aproximando. Parecia exatamente com a de Rob. Mas não era possível. Por que Rob estaria no vilarejo de tia Sylvia?

Observei a van dar a seta para a esquerda e dobrar no caminho que levava para a casa. Tive uma sensação agourenta.



— Feliz Natal, Suze — disse Edward, soprando um beijo.

Ele estava acomodado em uma poltrona na sala, onde todos os adultos haviam se reunido, com os pés calçados só com meias apoiados em um banquinho. Parecia muito à vontade. Eu me virei para tia Sylvia, que deu de ombros, envergonhada.

— Foi ideia da Wendy e da Chrissie — disse ela. — Elas acharam que seria bom ter a família toda junta e deixar de lado qualquer mal-entendido do passado. Não contei nada a você, querida, porque elas queriam que fosse uma surpresa.

— E não poderíamos convidar um de vocês e não o outro — acrescentou Christine, em um tom inocente. — Seria favoritismo.

— Ele se desculpou pelo que disse no funeral, não foi, meu bem? — falou minha tia, dirigindo-se a Edward. — Foi tudo por causa do estresse, não é mesmo?

— Sim, tia — concordou Edward, com seu melhor sorriso de menino travesso. — Eu estava um pouco cansado e emocionado. Ah, e aqui está o meu chofer.

— Feliz Natal, Susan — desejou Rob, entrando na sala pela porta do solário. — A sua tia me convidou para vir com o Ed. Achei que seria divertido. Viemos só para o almoço.

— *Vai* ser divertido — afirmou tia Sylvia, o tom parecendo um pouco desesperado. — Todo mundo sempre fala: “Se você não consegue se divertir em um dos eventos da Sylvia, não consegue se divertir em lugar algum”. O único problema é que agora são treze

para o almoço. Bem, vamos ter que colocar o bebê na conta. Assim somamos catorze.

Eu estava furiosa. Minhas primas sabiam muito bem da disputa judicial entre Edward e eu, e também sabiam que há anos não nos dávamos bem. Só podiam ter feito aquilo para me provocar ainda mais. Tia Sylvia, que parecia muito interessada em que eu não levasse o caso ao tribunal, devia achar que eu ficaria sensibilizada se visse meu irmão cara a cara. Eu me perguntei por que Edward havia concordado com aquilo. Tenho certeza de que tinha tanto desejo de ficar perto de mim quanto eu dele. Mais uma vez, o motivo só podia ser pura provocação. Isto é, a menos que ele estivesse simplesmente se sentindo solitário no Natal. Pobre órfão Edward. E o que Rob estava fazendo ali? Teria ido dar força para o meu irmão? Eu podia sentir que todos estavam esperando a minha reação.

— Vocês me dão licença, por favor? — pedi.

Em desespero, me juntei às crianças na sala de descanso. Fingi interesse nos jogos de computador que haviam ganhado de Natal, torcendo para que não reparassem nas minhas mãos trêmulas e em como minha voz falhava. Eles ficaram muito contentes em demonstrar os jogos para mim. Fui até incentivada pela menina de dez anos (Leila) a jogar no antigo console dela. Era muito simples e repetitivo, mas achei estranhamente tranquilizador para os meus nervos em frangalhos. Alguns instantes depois, Rob se juntou a nós no sofá e ficou olhando por cima do meu ombro enquanto eu jogava. Eu me esqueci da presença dele, de tão concentrada que fiquei no jogo infantil. É fácil ver como alguém pode se viciar naquilo se não tiver uma força de vontade de ferro como a minha. E, daquela forma, passei uma hora com a mente entorpecida, até que

Wendy enfiou a cabeça pela porta para dizer que o almoço estava pronto. Eu preferiria muito mais ficar onde estava.



— Ah, não é maravilhoso ter a Susan aqui? — comentou tia Sylvia, olhando ao redor da mesa. — E Edward também, é claro. Toda a minha família reunida no Natal. Sou uma mulher de muita, muita sorte. Vamos brindar. À Susan. Obrigada por se juntar à nossa pequena reunião, e tudo de melhor no próximo ano. Vai ser um ano fantástico para você. Sei que é assustador. Sei exatamente como está se sentindo. Mas vai dar tudo certo no final. — Ela levantou a taça de champanhe em um brinde, então tomou um grande gole.

— À Susan — murmuraram os adultos à mesa, a maioria sem entusiasmo.

— Ah, e ao Edward também. — Ela ergueu a taça de champanhe novamente e tomou outro grande gole.

Não me juntei àquele brinde em particular. Tia Sylvia tinha me colocado na cabeceira da mesa (“Eu faço questão, você é a nossa convidada de honra”). Ela estava à minha esquerda, e Rob, à direita. Ao lado de tia Sylvia estava sentado Edward, e em frente a ele, do lado de Rob, estavam Wendy e Christine. Os maridos e filhos tinham sido acomodados na outra parte da mesa. A boa notícia foi que não precisamos colocar os chifres de rena. De qualquer modo, eu tinha jogado o meu no lixo na noite anterior. A má notícia era que tia Sylvia havia surgido com treze gorros de elfos do Papai Noel vindos do aparador. Edward ficou virando o dele na mão, tentando decidir o que fazer com aquilo. Christine tirou o gorro da mão do meu irmão e o enfiou por cima do cabelo oleoso dele. Edward olhou para mim

com um sorriso malicioso, esperando que eu reclamasse do meu gorro. Não fiz isso. Simplesmente coloquei o gorro na cabeça.

— Essa vai para o álbum de família — disse ele, sacando o celular do bolso e tirando uma foto minha.

Abri o meu sorriso mais radiante.



— Então — falou Christine, quando estávamos terminando o prato principal. — Qual é a situação em relação à casa da tia Pat? Vocês dois ainda estão brigando por causa disso?

— Quieta, Chrissie — brigou tia Sylvia. — Não queremos falar sobre isso hoje. Vamos ter um bom almoço em família. — Percebi que a voz dela agora estava meio enrolada.

— Mas você disse que esperava que eles resolvessem as diferenças. Precisamos deixar tudo às claras, para que os dois possam se entender.

— Eu não tenho nada a ver com isso — falou Edward. — Estou só fazendo o que o advogado me autorizou. Ele disse que eu posso ficar na casa, então é lá que eu estou. A disputa é entre a Suze e o testamenteiro. Embora tenha uma coisinha ou outra que eu gostaria de falar com minha querida irmã antes ir embora.

— Vamos deixar o assunto de lado por enquanto, sim? — pediu tia Sylvia. — Alguém quer se servir de mais um pouco, ou posso colocar a sobremesa no micro-ondas?

— Por que você está tão chateada com o testamento, Susan? — perguntou Wendy em uma voz doce. — Ed sempre foi o favorito da tia Pat, então faz sentido ela ter deixado a casa para ele no testamento.

— Isso não é verdade — comecei a dizer.

— Wendy, pare com isso — pediu tia Sylvia.

— Mas, mãe, você vivia falando que a tia Pat só se preocupava com o Edward. Você disse que a Susan já devia saber disso.

Tia Sylvia se inclinou e agarrou o meu braço.

— Sinto muito, Susan, querida. De verdade. — Seus olhos estavam marejados. Ela tirou o gorro de elfo e piscou para afastar as lágrimas.

— Sente muito pelo quê? — perguntei, confusa com o rumo que a conversa tomara.

— Por ela nunca ter amado você como deveria. Por você ter ficado sempre em segundo lugar. Eu gostaria de ter feito mais por você, mas estava fora do meu alcance. Ah, Susan...

— Ei, ei, Sylv — disse o geralmente silencioso tio Frank da outra ponta da mesa. — Cuidado com o que fala. Você sabe que não segura bem a bebida. Deixe as outras pessoas resolverem seus problemas sozinhas.

— Se eu pudesse voltar no tempo — voltou a falar tia Sylvia, fungando. — Eu teria...

Tio Frank se levantou da mesa, foi até onde a tia Sylvia estava sentada e quase levantou-a do assento.

— Vamos lá. É hora de se deitar um pouco. As meninas podem terminar de servir o almoço. — E com isso, ele a tirou da sala, e ela saiu cambaleando em cima dos saltos finos.

— O que foi tudo isso? — perguntou Christine a Wendy, que deu de ombros.

— Que insight interessante na situação toda — comentou Edward, sorrindo. — Você esperava que a tia Sylvia fosse testemunha no seu

caso, Suze? Eu adoraria ver como vai transformar *isso* em vantagem para você.

— Já estou satisfeita — falei, me levantando também e tirando o gorro de elfo. — Também vou para o meu quarto. Alguém poderia me avisar quando o Edward tiver ido embora?

— Antes que suma — disse Edward, também ficando de pé —, quero trocar uma palavrinha com você sobre as cinzas da mamãe e sobre a caixa de joias dela. Quero as duas coisas de volta. Você tem duas semanas, caso contrário irei à polícia. É roubo.

Pelo canto do olho, vi a expressão radiante no rosto de Wendy e Christine. Aquilo era exatamente o que elas estavam esperando.

— Vá para o inferno, Edward.



Mais ou menos uma hora depois, eu estava deitada na minha cama, tentando inutilmente ler uma página de um livro sobre *Reclamações de sucessões contenciosas* (talvez eu devesse ter levado algum material de leitura mais leve para o período de Natal), quando ouvi vozes no jardim. Fiquei parada à sombra, ao lado da janela, e olhei para fora. Se esticasse o pescoço, podia ver Edward encostado a uma parede saliente do bangalô próxima ao meu quarto. Ele estava fumando um cigarro que segurava entre o polegar e o indicador. Rob estava ao lado, com um copo de cerveja na mão. Abri com cuidado uma fresta da janela, com a intenção de escutar a conversa deles. Não sou bisbilhoteira por natureza, mas achei que, naquele momento em particular, era justificável — eu poderia muito bem descobrir algo que me ajudasse no meu caso. Vale tudo no amor etc. Precisei me esforçar para entender o que eles diziam.

— Você está ficando maluco, cara. — Era a voz de Edward.

— Não estou maluco. Só acho que você resolveu provocá-la de propósito. Não há motivo para isso. Por que não dá um tempo?

— Porque ela é uma mulherzinha perversa. Você viu como ela é. Ela faz exatamente o mesmo comigo e mais um pouco. Não sei por que está com tanta pena dela de repente.

— Ela está grávida de seis meses e sozinha, entre outras coisas. E, se quer saber, não acho que ela *seja* perversa. Acho que na maior parte do tempo ela está tentando fazer o que considera ser correto. Ela só entende as coisas um pouco errado às vezes. É o jeito dela.

— Não acredito que estou ouvindo isso. Estamos falando da mesma mulher? Por acaso está a fim da minha irmã? Sei que sempre teve uma queda por mulheres dominadoras. Mas ela comeria você vivo, Rob. Você é tranquilão demais para lidar com ela. Fique bem longe, se valoriza a sua sanidade.

— Não fale bobagens, você sabe que estou tentando voltar com a Alison. Só estou dizendo para você dar uma folga para ela. Você conseguiu a casa da sua mãe. Por que precisa ficar jogando isso na cara dela?

— Sim, estou com a casa e ela está tentando tirá-la de mim, caso não tenha percebido.

— Só porque ela desconfia que você estava por trás da redação do testamento da sua mãe.

— E você acha que eu estava?

— Não é da minha conta.

— Não é mesmo, cara.

Meu irmão deu uma última tragada profunda no cigarro, jogou a guimba no caminho de cascalho e amassou-a com o calcanhar da

bota de caubói que usava. Ele se virou e sumiu pela porta, seguido logo atrás por Rob.

Fechei a janela. Estava escurecendo do lado de fora, então acendi a luminária, fechei as persianas e me sentei na cama. Minha reação inicial à conversa tinha sido questionar se a coisa toda fora encenada pelo meu irmão e o amigo. Concluí que não. Se eles quisessem que eu escutasse, teriam ficado mais perto da minha janela e falado mais alto — eu mal tinha conseguido ouvir o que estavam dizendo. Além disso, eles teriam dito algo para me levar a acreditar que Edward era inocente no assunto. Então, que conclusão tirar de tudo aquilo? Por mais surpreendente que fosse, parecia que Rob não estava dentro do esquema e não sabia se Edward manipulara mamãe em relação ao testamento. Não apenas isso, mas ele tinha enfrentado o amigo. Havia apenas uma conclusão possível: no fim das contas, ele não era cúmplice do meu irmão. Ao que parecia, eu o havia julgado muito mal. É claro que não apreciara ouvi-lo dizer que, às vezes, eu entendia as coisas do jeito errado, mas mesmo assim me senti terrivelmente grata com o desenrolar dos acontecimentos. Encantada, até.

E havia também o fato de Edward ter acusado Rob de estar interessado em mim, o que Rob negou depressa, é claro. Só um tolo acharia que aquilo podia ser verdade — Rob estava totalmente concentrado na ex e, além disso, ele era mais jovem do que eu, tinha amigos, tinha experiência em relacionamentos normais. A ideia deve ter parecido terrível para Rob. Nem preciso dizer que não havia interesse nenhum da minha parte. Ele claramente não estava à minha altura intelectualmente. E era desleixado. E alto demais. O que mais? Eu estava tendo dificuldade para me lembrar de todos os

seus defeitos. A van dele com certeza se beneficiaria de uma boa limpeza.



Ouvi uma batida na porta do meu quarto. Abri e vi que era Rob.

— Já estamos indo — anunciou, se apoiando no batente da porta.
— Foi uma ideia péssima. Eu deveria ter dito não quando Ed me pediu para trazer ele aqui. Achei que seria bom ver você e que talvez vocês dois pudessem... sei lá. Mas o Ed simplesmente não consegue ser racional no que diz respeito a você. Com todo o resto ele é de verdade um cara decente. Odeio ver duas pessoas de quem eu gosto brigando desse jeito.

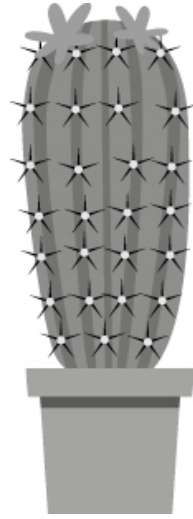
— Diga a ele para, no futuro, ficar longe de mim.

— Lamento que ele tenha estragado as coisas para você. De qualquer maneira, boas festas.

— Para você também.

Inesperadamente, Rob se adiantou na minha direção com os braços estendidos, e permiti que ele me segurasse no tipo de abraço festivo e constrangedor que é difícil evitar nessa época do ano. Não posso fingir que foi confortável. A minha barriga de grávida foi, é claro, um obstáculo.

Janeiro



18

Um novo ano e energias renovadas da minha parte. As etapas de apoio jurídico foram concluídas, e tinha chegado a hora da parte principal: entrar com a ação judicial na Seção da Chancelaria do Alto Tribunal de Justiça. Eu poderia ter esperado que o sr. Brinkworth entrasse com um recurso para a aprovação do testamento. Isso, no entanto, o teria colocado no assento do motorista, que é onde eu pretendo estar (embora, ironicamente, eu não dirija). Passei os primeiros dias de janeiro debruçada sobre livros de Direito, para preparar as alegações. O tribunal estaria atento para o fato de que um requerente geralmente está disposto a ferir, mas receoso de atacar. Eu não tinha receio algum. Expus meu ponto de vista em relação à capacidade mental de mamãe e à influência indevida sobre ela em termos contundentes, nomeando Edward e o sr. Brinkworth como réus. Fiquei satisfeita com meu trabalho; era digno de uma advogada especializada em Direito das Sucessões, concluí, depois de imprimir e revisar a versão final.

Na hora de almoço, uma semana depois do início do ano, caminhei cerca de um quilômetro a partir do meu escritório até o Rolls Building, em Fetter Lane — um prédio novinho em folha, com fachada de vidro, que era um posto avançado do Palácio Real da Justiça. Encontrei a Seção da Chancelaria no andar térreo, paguei a taxa e entreguei os documentos. O funcionário com ar entediado me

informou que o tribunal iria intimar meu irmão e o advogado, que por sua vez teriam vinte e oito dias para apresentar suas defesas. Eu adoraria poder ver a expressão no rosto dos dois quando abrissem os envelopes.

Quando cruzava de volta o átrio central, sob a abóbada de vidro no teto, já saindo do prédio, fui tomada por uma sensação de apreensão em vez de triunfo. Eu sabia que o meu caso era legítimo e sólido, mas teria ficado mais satisfeita se tivesse conseguido reunir mais provas antes de entregar por completo o caso nas mãos do sistema judiciário. Os registros médicos ainda não haviam chegado, apesar dos vários telefonemas que eu dera cobrando e da garantia dos funcionários medíocres; as minhas testemunhas eram frágeis, principalmente tia Sylvia, cujo comportamento bizarro no dia de Natal tinha sido perturbador; e eu ainda precisava encontrar uma prova conclusiva de corrupção da parte de Edward. O tempo agora era essencial — eu daria à luz em mais ou menos dois meses e queria que o assunto estivesse resolvido antes disso. Estava passando por circunstâncias fora de meu controle.

Desci correndo a rua de volta ao meu escritório e literalmente esbarrei em Brigid, que vinha andando apressada na direção oposta, carregando uma pasta transbordando de documentos.

— Duas vezes em dois meses deve ser um recorde. O que você está fazendo no meu território, garota?

— Acabei de sair do Falls Building. Os recursos contra Edward e o testamenteiro agora estão em andamento.

— Ótimo. Quem está representando você?

— Vou representar a mim mesma.

— Isso é imprudente, garota, muito imprudente. Você sabe o que dizem, “Quem advoga em causa própria tem um tolo como cliente”. Não esqueça que eu disse que daria uma olhada nos papéis para você. Ligue para o meu assistente. Agora preciso ir, tenho uma audiência *ex parte* marcada para as duas. Tchau, tchau.

E com isso ela se foi, abrindo caminho pelo tráfego de pedestres da hora do almoço com a pasta de documentos a reboque.



Foi um início de ano único. Na manhã anterior à véspera do ano-novo, recebi um telefonema de Rob. Eu não esperava ter mais qualquer contato com ele até estar em condições de recuperar meus pertences guardados em sua casa. Ele disse que tinha sido convidado para uma festa em Brixton, perto do meu apartamento, e perguntou se eu gostaria de acompanhá-lo. Rob garantiu que Edward não estaria lá — meu irmão ia comemorar a virada do ano em Birmingham, com um grupo de amigos do qual Rob não fazia parte. Recusei o convite. Por que diabo eu, uma mulher grávida, iria querer sair de casa na véspera de ano-novo, a noite mais agitada do ano, com um homem que mal conhecia, para ir a uma festa na casa de pessoas que nunca tinha visto? Disse a Rob que preferia ver o novo ano chegar tranquilamente, em casa. Ele tentou me convencer dos méritos de uma celebração social, mas informei a ele que estava gastando o fôlego à toa.

Quando desliguei o telefone, experimentei uma sensação de melancolia que não consegui definir. Não era desapontamento, exatamente — isso não faria sentido, já que a recusa partira de mim. Era mais como uma resignação triste, talvez diante da

inevitabilidade da decisão que eu havia tomado. Você pode achar difícil de acreditar, mas nunca comemorei o ano-novo. Não sou uma pessoa que tem amigos íntimos, e meus conhecidos nunca pensaram em me incluir em suas celebrações. Richard, durante os anos do nosso acordo, sempre tinha compromissos naquela noite em particular.

Quando subi as escadas do prédio para contar a Kate sobre o convite absurdo de Rob, ela reagiu com um entusiasmo inesperado.

— Susan, você *precisa* ir — falou, pressionando a fita adesiva da fralda de um Noah nada cooperativo, que mexia as pernas como se fossem os pistões de um motor.

O apartamento estava mais bagunçado do que nunca. Kate estava prestes a começar o mestrado e agora havia livros, canetas e blocos de notas misturados à bagunça doméstica de sempre.

— Ele é um cara ótimo. Você vai se divertir muito. O que mais você tem para fazer?

— Não tem como eu ir — disse a ela. — Eu teria que ficar conversando sobre banalidades com pessoas pelas quais não tenho interesse. E tenho certeza de que todo mundo vai dançar. Além do mais, não quero que ninguém tenha uma impressão errada. Se um homem e uma mulher vão juntos a um evento as pessoas assumem que são um casal.

— E o que teria de tão terrível nisso? — perguntou Kate, fechando o macacão de Noah e se agachando.

— Seria humilhante — expliquei. — Rob é obcecado por essa Alison, e eu vou dar à luz em algumas semanas. Ele morreria de vergonha se as pessoas presumissem que estamos em um relacionamento e que ele é o futuro pai, e eu ficaria igualmente

mortificada por vê-lo mortificado. Além disso, o mais importante é que não quero que as pessoas pensem que eu escolheria alguém como Rob como companheiro.

— Por quê?

— Porque ele não é como eu.

— De que maneira?

— Ele não é culto.

— Você tem certeza? Ele me parece bastante instruído. De qualquer forma, você não precisa compartilhar os gostos de um companheiro em tudo para que um relacionamento tenha sucesso. Veja só o Alex e eu. Sempre gostamos das mesmas coisas.

— Mas o Rob é um trabalhador braçal.

— Ele projeta e executa jardins. E se ele *fosse* um trabalhador braçal, que diferença isso faria?

— E ele é amigo do Edward.

— Isso só mostra como Rob pode tomar as próprias decisões, afinal, está disposto a ser amigo de alguém que é adversária do melhor amigo dele.

— Kate, preste atenção. *Não* quero um relacionamento, mesmo que fosse isso que estivesse sendo oferecido, o que definitivamente não é o caso.

— Justo. Então vá à festa com ele como amiga e se divirta. Faça algo diferente. Você é uma mulher incrível, Susan, mas fica muito presa no seu próprio jeito de ser. Está no mesmo emprego há anos, mora no mesmo apartamento há anos, nunca sai para conhecer gente nova. Você quase não saiu esses dias. Sei que posso não parecer a pessoa ideal para dar conselhos, porque tive algumas questões com inseguranças recentemente, mas estou voltando a

sair. Você não se sente um pouco claustrofóbica, às vezes? Com uma vontade de derrubar as paredes e fazer alguma coisa bem louca mesmo, diferente, fora do seu estilo?

— Eu vou ter um bebê, caso você não tenha notado, Kate. Acha que dá para ser muito mais louca e fora do estilo do que isso?

— Eu sei, e vejo como você já está mudando. Só quero o melhor para você, Susan... você é minha amiga. E parece que Rob quer ser seu amigo também. Pare de dizer “não” para tudo e comece a dizer “sim” de vez em quando. Qual é a pior coisa que pode acontecer? Um pouco de constrangimento, talvez. E o que de melhor pode acontecer? Você pode conhecer algumas pessoas interessantes, ter novas experiências, se divertir. Diga ao Rob que você vai. E pode jogar toda a culpa em mim e nunca mais falar comigo de novo se for horrível. Vamos, Susan, pegue o celular.

Kate pode ser um Rottweiler às vezes. Ficamos em silêncio, vendo Noah tentar empurrar o corpo para a frente, de bruços, para conseguir pegar alguma coisa que estava fora do seu alcance. Não demoraria para ele começar a engatinhar.

— E então? — insistiu Kate.

— O que você vai fazer na véspera do ano-novo? — perguntei.

— Ainda não decidi. Alex vai ficar com as crianças por alguns dias, já que não passou o Natal com eles. Por quê?

— Vou à festa se você também for — declarei. — Assim não dará a impressão de que Rob e eu somos um casal.

— Está certo, combinado. — Ela pareceu muito satisfeita consigo mesma.

Desci as escadas e liguei para Rob. Ele pareceu encantado pelo fato de eu ter mudado meus planos, e não fez qualquer objeção à

ida de Kate. Eu ia a uma festa. Uma festa de ano-novo. Com outras duas pessoas. Se você tivesse me dito isso há um ano, eu não teria acreditado.



Naquela noite, enquanto estava deitada, sentindo a nova vida dentro de mim se contorcer e se flexionar, me lembrei do que tia Sylvia tinha dito no dia de Natal. Eu havia tentado apagar aquela cena da memória, assim como, ao que parecia, todos os outros haviam feito na manhã seguinte — foi como se nada desagradável tivesse acontecido. No dia 27, minha tia estava efusiva e alegre como sempre: insistindo para que participássemos de brincadeiras; sacando do nada um novo conjunto de chapéus de festa constrangedores; fazendo planos para uma grande reunião familiar em Estepona quando o bebê nascesse. E permaneceu assim até eu ir embora. Quando eu estava entrando no táxi, tia Sylvia segurou a porta e se inclinou para dentro.

— Você sabe que estou sempre à sua disposição, não é, querida? Gostaria que você esquecesse essa briga boba com o Edward, mas, se estiver determinada a continuar com isso, vou apoiá-la. Basta escrever o que você quer que eu diga e eu assino.

— Mas tem que ser a verdade — falei. — Não estou pedindo para você mentir. Quero que dê a sua opinião honesta.

— Eu sei, querida, mas não passo de uma velha boba. Você conhece a verdade melhor do que eu. Talvez eu realmente não tenha percebido o que estava acontecendo com a sua mãe. Fico presa no meu mundinho às vezes. Basta você escrever para mim o que for necessário.

Apesar do seu comportamento errático e do egocentrismo agudo, tia Sylvia parecia estar sinceramente preocupada comigo. Fiquei feliz por ela apoiar o meu caso, mas preferia que fosse mais confiável em sua lembrança dos eventos. O fato de tia Sylvia afirmar que mamãe se importava mais com Edward do que comigo era preocupante, mesmo que fosse uma afirmação infundada. E se o caso fosse a tribunal e ela dissesse isso em juízo? Não, disse a mim mesma, aquilo não iria acontecer. Tia Sylvia estava embriagada e confusa no dia de Natal. Se chegássemos a uma audiência, eu me certificaria de que ela soubesse bem o que precisava falar.



Não tive alternativa a não ser usar um vestido trapézio preto no ano-novo. Era a única peça de roupa que eu tinha no meu guarda-roupa de maternidade que se assemelhava vagamente com algo que uma pessoa poderia usar em uma festa. Na última semana, comecei a sofrer com os pés e tornozelos inchados, por isso, junto com o vestido que mais parecia uma tenda ondulada, eu usava uma meia-calça de contenção e sapatos confortáveis, de salto baixo. Claro que sempre se pode valorizar uma roupa com bijuterias (que tenho em abundância da época das minhas noites com Richard) e cabelos e maquiagem caprichados.

Quando finalmente terminei de me arrumar e me olhei no espelho de corpo inteiro, achei o resultado geral digno. Isto é, até Kate bater na porta. Acho que nunca tinha visto as pernas dela antes, já que normalmente está vestindo jeans ou calças de moletom. Mas naquela noite ela certamente não teve problemas em revelá-las. Kate usava um vestido de veludo azul-escuro, sem mangas, com

sandálias prateadas de salto alto. Os cabelos compridos, que costumavam ficar presos em um rabo de cavalo, estavam soltos e brilhantes. *Jovem, animada e divertida* foram as palavras que me vieram à mente. E surgiu dentro de mim um desejo mesquinho de não a ter convidado a se juntar a nós na festa. Era um pensamento perverso e eu o reprimi.

Rob, que estava hospedado em um hotel barato perto dali, chegou dez minutos atrasado. Ele obviamente não aprendera a lição na última visita. Chamei sua atenção para a falta de pontualidade — mas ele só fez revirar os olhos. Lidar com membros do sexo oposto não é muito diferente de treinar um cachorro: é preciso ser firme e persistente.

— Vou ser motivo de inveja de todos os homens na festa, chegando com duas mulheres tão bonitas — comentou ele, enquanto Kate e eu vestíamos os casacos.

Hum. Rob também fizera certo esforço. As calças de combate cáqui, o moletom folgado e a jaqueta de sempre foram deixados de lado e, no lugar, ele usava jeans escuro, um suéter cinza-chumbo e um sobretudo no estilo dos da marca Crombie. E cheirava a sabonete e loção pós-barba em vez de a terra e esterco. Claro que ainda parecia desengonçado, e os cabelos rebeldes teriam se beneficiado de uma boa aparada.

Caminhamos quase um quilômetro até a festa, com Kate praguejando contra os sapatos de salto alto, que ela disse que havia recuperado do fundo do armário.

— Vou voltar para casa descalça — anunciou.

— Eu te dou uma carona nas costas — ofereceu Rob, rindo. Que bom que estavam se entendendo tão bem.

A festa era em uma casa geminada vitoriana perto da Acre Lane — palaciana para os padrões londrinos, já que não era subdividida. Uma das anfitriãs, Lizzie, tinha estudado com Rob e Edward na faculdade, no início dos anos 1990, e agora trabalhava em um centro de artes comunitário. Sua companheira, Liz (na minha opinião, era imprudente escolher uma parceira de vida com o mesmo nome), administrava uma pequena galeria. Quando entramos no hall, Rob abraçou as duas, então se virou para me apresentar.

— Essa é a irmã do Ed, a Susan, de quem eu estava falando ontem. E essa é a amiga dela, a Kate.

Havia uma aglomeração na cozinha, principalmente perto da bancada onde estavam as bebidas, mas um homem baixo, usando um suéter natalino, reparou na minha barriga e gritou:

— Abram espaço para a moça grávida passar!

Essas palavras mágicas abriram o caminho para mim. Kate avistou algumas mulheres da associação local de mães e bebês do outro lado da sala. Elas acenaram para ela e, depois de se servir de Prosecco em um copo de cerveja, Kate abandonou Rob e eu e foi gingando até onde estava o grupo. Que bela acompanhante eu tinha arrumado para derrubar qualquer presunção de que Rob e eu éramos um casal... Mas, no fim, acabou não sendo tão constrangedor quanto eu temia. Quando as apresentações eram necessárias, Rob se referia a mim como “minha amiga”; em resposta a perguntas que sugeriam que ele era meu companheiro ou o pai do meu filho, ele dizia sorrindo: “Lamento, mas não tenho essa honra.” E sempre que a conversa se encaminhava para o assunto da minha situação doméstica, ele habilmente o desviava em outra direção.

Surpreendentemente, os amigos do Rob não eram, em sua maioria, a ralé grosseira que imaginei. Comecei a relaxar um pouco e até a me divertir. Rob encontrou algumas cadeiras vagas na mesa de jantar, e ficamos conversando com uma mulher rechonchuda e um homem bem magro — uma oleira e um artesão de vitrais — que Rob não via desde a época da faculdade. A certa altura, Kate, corada e sem fôlego, tentou fazer com que nos juntássemos a ela na pista de dança. Fiquei satisfeita por ter a desculpa dos meus tornozelos inchados, e Rob disse que estava muito confortável ali. Depois do que pareceu apenas uma hora, Lizzie — ou poderia ter sido Liz — anunciou que faltavam cinco minutos para a meia-noite e que deveríamos encher os nossos copos.

— Você vai brindar ao ano-novo com champanhe, não é? — perguntou Rob.

— Sim, por que não? — respondi.

Ele abriu caminho através da multidão até a bancada de bebidas.

Posso nunca ter ido a uma festa de ano-novo antes, mas já vi filmes o suficiente para saber exatamente como tudo se desenrola: à meia-noite acontece uma torrente de beijos, abraços e contato físico de modo geral, uma ideia excruciante para mim. Aproveitando o fato de que estavam todos ocupados estourando rolhas e enchendo os copos, encontrei o banheiro e me tranquei lá dentro. Quando o som dos sinos do Big Ben subiu escada acima, seguido por aplausos, e por todos cantando “Auld Lang Syne”, eu me sentei na beira da banheira. Fiquei lá por alguns minutos, desfrutando da tranquilidade do momento. Pensei nos eventos do ano que estava acabando e no ano que estava por vir, como é tradicional fazer nesse momento. A

minha vida, que eu organizara com tanto cuidado, estava mudando, se ajustando. Talvez não totalmente para pior.

Quando enfim voltei para a festa, Rob olhava ao redor da sala com uma expressão ansiosa. Seu rosto relaxou quando me viu.

— Susan, onde você estava? Perdeu os sinos. Achei que tinha ido para casa.

— Não. Chamado da natureza. Ao novo ano — falei, aceitando o copo oferecido por Rob.

Eu já havia aceitado que a ocasião teria que ser marcada por algum tipo de abraço. Para evitar qualquer coisa mais demonstrativa, dei-lhe um rápido beijo na bochecha. Pareceu deixá-lo contente.



Rob segurou distraidamente a minha mão quando voltávamos a pé da casa de Liz e Lizzie. Não havia necessidade — não sou nem criança, nem inválida. Mas a noite estava gelada e eu estava sem luvas, por isso, não protestei. Depois de um ou dois minutos, ele pareceu perceber o que estava fazendo e soltou minha mão. Kate tinha decidido ficar na festa com as duas amigas. Elas estavam tendo uma noite de folga dos maridos e filhos e estavam ansiosas para esticá-la o máximo possível. Enquanto Rob e eu caminhávamos, ele descreveu as maravilhas de seu hotel barato, que lamentava ter reservado — o carpete estava manchado, havia rolos de poeira nos cantos do banheiro e o quarto era tão frio que ele podia ver a própria respiração quando exalava. Em um impulso, ao perceber o rumo que a conversa estava tomando, sentindo que devia um favor a ele pela ajuda que me dera com as coisas de mamãe, e agora

sabendo que ele não estava em conluio com Edward, informei que ele poderia passar a noite no meu sofá, se quisesse. Ele quis.

Quando chegamos em casa, descobri que estava mais desperta do que teria imaginado sendo quase uma da manhã — não tinha a menor vontade de que a noite terminasse e, ao que parecia, nem Rob.

— Você tem alguma coisa para beber? — perguntou ele, jogando o casaco sobre o braço de uma cadeira. — A noite ainda é uma criança e nós também. Bem...

Encontrei no fundo de um armário uma garrafa de conhaque que eu costumava usar para cozinhar e servi um copo a Rob. Perguntei o que ele gostaria de fazer.

— Não sei. Você tem Netflix? Ou, já sei, que tal um jogo de tabuleiro? Sou ótimo no War.

— Acho que devo ter o Scrabble de quando eu era criança.

— Vamos tirar a poeira dele, então.

A meu pedido, Rob rastejou para debaixo da minha cama — uma façanha que naquele momento estava bem além das minhas capacidades — e conseguiu localizar a caixa do Scrabble junto com outros jogos da minha infância. Ele montou o tabuleiro na mesa da cozinha, e eu servi húmus com torradas para nós, enquanto Rob me atualizava sobre a sua busca: um dos antigos colegas de apartamento de Alison tinha lhe informado que ela havia se casado e se divorciado, e ele agora sabia o sobrenome que ela usava no Facebook. Rob mandara um pedido de amizade para ela e estava aguardando uma resposta. Disse a ele que torcia para que tivesse um retorno em breve.

Jogamos duas partidas — ganhei as duas, mas, para ser justa, ele foi um excelente adversário. Pela conversa de Rob, eu nunca adivinharia que seu vocabulário era tão extenso.

— Vou querer uma revanche depois — disse ele, dobrando o tabuleiro e despejando as letras no saquinho. — Você teve vantagem porque está totalmente sóbria. Espere até o bebê nascer e eu poder embebedar você. Desculpe, isso soou um pouco esquisito.

Depois do Scrabble, jogamos algumas rodadas de gin rummy, usando um baralho surrado que pertencera ao meu pai. Rob terminou vencendo. Não me importei muito — tinha esquecido como jogos podem ser divertidos.

Eram quase três da manhã quando decidimos que era hora de parar. Eu não me lembrava de já ter ficado voluntariamente acordada até tão tarde antes. Entreguei um lençol, uma pilha de cobertores e um dos meus travesseiros a Rob, e coloquei a urna de carvalho com as cinzas de mamãe ao lado do sofá, para que servisse como mesa de cabeceira. Ele pareceu um pouco surpreso quando percebeu do que se tratava, então balançou a cabeça e riu.

— Só você mesmo — disse Rob.

Não faço ideia do que ele quis dizer.

19

Foi o sono mais reparador que tive em muitas semanas — sem acordar de madrugada com pensamentos perturbadores sobre a disputa legal ou sobre a maternidade iminente. Talvez tenha sido porque fui dormir muito tarde, ou por causa da pequena taça de champanhe que tomei pouco antes de sairmos da festa. Fui acordada pouco depois das onze por uma voz do lado de fora da porta do quarto.

— Só para saber se você está acordada.

— Agora estou.

Rob entrou e se sentou na beirada da cama. Um membro do sexo oposto no meu quarto, e eu de camisola — era inadequado, para dizer o mínimo. Mas devo admitir que, com Rob, não parecia estranho ou ameaçador — ele é como uma criança que ainda não aprendeu as sutilezas do convívio social. Aos quarenta e três anos. Mesmo assim, puxei a coberta até o pescoço.

— Parece que estou com um buraco no estômago — informou ele. — Mas você não tem muita coisa em casa. Que tal sairmos para um brunch? Conheço um lugar em Battersea que prepara um ótimo café da manhã vegetariano.

Era o dia de ano-novo, eu não tinha nada para fazer, nenhum lugar para ir e ninguém com quem me encontrar. Não vi nenhum problema em particular no convite de Rob. Sei que parece estranho,

mas descobri que estava me acostumando à sua companhia. Rob talvez não seja muito refinado, mas era inesperadamente fácil de conviver. Enquanto ele ia buscar a mala no hotel e eu estava me arrumando, Kate desceu, de olhos vermelhos e toda desgrenhada, à caça de paracetamol. Ela perguntou o que eu ia fazer naquele dia e contei sobre o brunch em Battersea.

— Ah, eu gosto daquele lugar. Posso ir junto? — perguntou.

— Talvez não dessa vez. Já combinamos tudo.

Kate ergueu as sobrancelhas e disse “Ah” de um jeito bem bobo.



O café estava cheio e tivemos que ficar perto do balcão, esperando por uma mesa. Rob pediu um Bloody Mary, e eu tomei a versão sem álcool. O lugar passava aquela sensação de manhã-pós-noitada: quente e abafado, cheirando a fritura e café fresco, com Miles Davis tocando baixinho ao fundo. Quando já era hora do almoço, finalmente nos sentamos e o nosso café da manhã foi servido (eu pedi um café da manhã inglês completo para satisfazer o que havia se tornado recentemente um apetite quase ilimitado, e Rob optou por uma versão semelhante, mas com “proteína vegetal texturizada”).

— Você não se lembra de mim nos velhos tempos, não é? — perguntou Rob, apoiando os cotovelos na mesinha.

Respondi que não.

— Eu estava no meu primeiro ano na faculdade com o Ed quando nos conhecemos, o que significa que você estava no terceiro ano. Você foi com Phil a algumas festas em que Ed e eu também estávamos. Fiquei impressionado com como você parecia adulta e

sofisticada comparada com o resto de nós, como se fosse um pouco superior a tudo aquilo. Tive vontade de falar com você, mas, para ser honesto, fiquei intimidado. E você não iria querer nada comigo, de qualquer jeito, já que eu era dois anos mais novo e você estava noiva. Imagino que o Phil tenha arrastado você para a festa, porque ele e o Ed tinham se tornado amigos enquanto você estava longe.



Sim, é difícil de acreditar. Phil, o meu noivo quieto, estudioso e sem muitos traquejos sociais, que estava lendo os clássicos na Universidade de Birmingham, tinha ficado amigo do meu irmão rebelde, anárquico e festeiro, que brincava de pintar na Escola de Arte local. Edward, que perseguia e irritava Phil quando voltávamos para casa juntos da escola, agora tinha decidido que valia a pena ser amigo dele. Era mesmo muita coincidência que aquele momento tenha coincidido com nosso noivado.

Enquanto eu estudava em Nottingham, Phil e eu escrevíamos um para o outro uma vez por semana. Na primeira carta que me mandou depois que voltei para a universidade, para o meu último ano, Phil mencionou que Edward tinha ligado para ele e o persuadido a acompanhá-lo até o pub. Isso me deixou desconfortável. Na carta que mandei em resposta, perguntei que motivo Edward tinha dado para convidá-lo. E o alertei para que tomasse cuidado. Phil disse que Edward só queria ser amigo do futuro cunhado, o que ele considerava justo. Disse para eu não me preocupar. Nas cartas seguintes, Phil voltou a repetir a mesma coisa quando descreveu em mais detalhes os convites de Edward para irem ao pub e a festas universitárias. Phil tinha decidido até se

juntar a meu irmão e aos amigos dele em uma viagem ao Lake District. Eles iam acampar em um vale próximo a uma pousada, para caminhar pelas montanhas durante o dia e beber à noite. Edward e seu grupinho artístico se viam como homens da natureza e andarilhos poéticos, seguindo os nobres passos de John Ruskin. A viagem foi, aparentemente, muito divertida.

Nas férias de Natal, fui com Phil a uma festa organizada por um dos amigos de Edward. Foi em uma casa georgiana de três andares de propriedade de um benfeitor local e alugada por um valor muito baixo para estudantes de arte. Observando Phil, ficou óbvio para mim que ele estava encantado com Edward e com os amigos dele, todos muito empenhados em parecer não convencionais. Também ficou claro que eles, por sua vez, o consideravam um bichinho de estimação exótico (no mundo deles, o tranquilo e estudioso Phil é que era a novidade). Não me diverti na festa. O estado de bobeira induzido pelo álcool — e pela cannabis — era incompreensível para mim. Além disso, achei humilhantes as brincadeiras que faziam com Phil. Eu não conseguia entender por que ele tolerava aquilo. Discutimos voltando para casa. Alguns dias mais tarde, Phil sugeriu que fôssemos a uma festa de ano-novo organizada por outro amigo de Edward. Eu me recusei. Passamos a noite assistindo à televisão com mamãe.

As cartas de Phil no semestre seguinte, embora tão amigáveis e afetuosas quanto antes, se tornaram menos regulares. Houve até uma semana em que ele não escreveu nada. Não havia mais referências a noitadas com Edward, mas acredito que tenha sido porque ele sabia que eu não aprovava, e não porque as saídas tivessem cessado. No feriado seguinte, Phil disse que aconteceria

outra festa no alojamento em que tínhamos ido no Natal. Ele disse que era uma festa à fantasia com tema de Páscoa e que seria um evento importante. Eu permiti que ele me convencesse a comparecer, muito contra a minha vontade. Phil decidiu ir como um coelhinho da Páscoa, em uma fantasia que Edward tinha comprado para ele. Eu me recusei a me fantasiar. O que acabou se mostrando sábio da minha parte, porque Phil era a única pessoa fantasiada. Tinha sido uma pegadinha do meu irmão e dos seus amigos. Na festa, Phil entrou na brincadeira, saltando de vez em quando e mexendo o nariz — me senti humilhada por ele.

No verão daquele ano, as cartas inconstantes de Phil se tornaram bilhetes inconstantes — só um ou dois parágrafos aleatórios, em que ele dizia que estava torcendo para que meus estudos estivessem indo bem e que eu também estivesse encontrando tempo para aproveitar um pouco o sol. Atribuí o laconismo da correspondência ao fato de que ele estava estudando muito para as provas finais — afinal, ainda estávamos noivos e planejávamos nos mudar juntos para Londres assim que encontrássemos emprego lá. Em julho daquele ano, convidei Phil para vir com mamãe à minha cerimônia de formatura em Nottingham. Não chamei o meu irmão. Phil disse que sentia muito, mas que já tinha combinado de ir para Lake District de novo com Edward e os amigos. Eles iriam ficar no mesmo acampamento ao lado da pousada e estavam planejando subir pela trilha de montanhismo da Striding Edge até a montanha Helvellyn. Disse que era uma despedida do ano letivo e do grupo de amigos — quando nos mudássemos para Londres, duvidava de que fosse voltar a vê-los. Fiquei furiosa com Phil, mas ele estava decidido. Desconfiei de que Edward estivesse por trás de tudo, falando através de Phil.

No fim, não tive escolha a não ser aceitar. De qualquer forma, ele estava certo, depois que nos mudássemos de Birmingham, ele realmente não teria mais contato com aquelas pessoas.

A mãe de Phil não tinha o meu contato em Nottingham, assim, só recebi a notícia quando voltei para casa, no dia seguinte à cerimônia de formatura. Ninguém sabia explicar direito o que tinha acontecido — o dia estava seco, ensolarado, sem vento e com visibilidade boa. “Morte acidental” foi o veredicto do legista. Formulei a minha versão da sequência de eventos a partir de evidências do inquérito e de fragmentos de informações recolhidos com os amigos de Edward. O grupo — seis rapazes no total, incluindo o meu irmão e o meu noivo — saiu do acampamento às nove da manhã, todos com fortes resacas. Fizeram várias pausas ao longo da trilha: para tirar fotos, fazer esboços da vista e para recuperar o fôlego depois de trechos particularmente íngremes. Com exceção de Phil, todos acharam a subida difícil — não era exatamente o grupo de universitários mais saudável.

Conforme o sol ficava mais alto no céu, eles tiraram os casacos e colocaram os óculos de sol. Nenhum deles tinha equipamento adequado para caminhadas — estavam de jeans, tênis e bolsas de lona, em vez de calças de caminhada, botas e mochilas. Tiveram sorte de estar fazendo um dia tão bom. Phil foi na frente algumas vezes e, cada vez que chegava a um pequeno pico, anunciava que estavam quase chegando ao cume. Quando os outros o alcançavam, viam outro pico — mais alto — assomando diante deles, mas não o cume da Helvellyn. O calor do dia aumentou, e as piadas incessantes de Phil passaram a irritar os outros. Por volta do meio-dia, ainda não haviam chegado à Helvellyn e decidiram parar e comer o almoço que

tiveram o bom senso de encomendar na pousada na noite anterior (o café da manhã consistira em barras de chocolate e batatas chips amanhecidas sabor queijo e cebola, regadas com Coca-Cola sem gás).

Em algum momento depois do almoço, Phil se afastou com a câmera e os binóculos pendurados no pescoço. Os cinco rapazes restantes fizeram as bolsas e casacos de travesseiro e se deitaram sob o sol forte. Por volta de uma da tarde, eles acordaram e decidiram partir novamente. Phil não havia retornado. Os outros presumiram que ele estava concentrado em tirar fotos ou observar a vista. Esperaram alguns minutos. Como ele não voltou, os outros começaram a chamar seu nome. Um dos cinco — Ian — desceu com dificuldade até uma plataforma de granito saliente para ter uma visão melhor de baixo. Quando olhou hesitante por cima da borda, viu Phil, inerte, em uma encosta de cascalho, centenas de metros abaixo. Aquilo foi antes da época dos celulares, por isso não puderam chamar ajuda imediatamente. Com uma crescente sensação de pânico, o grupo se separou. Edward e Ian desceram até onde estava Phil, enquanto os outros três voltaram por onde tinham vindo para alertar o serviço de resgate na montanha. O meu irmão incompetente e o amigo dele nunca conseguiram chegar até Phil. Em vez disso, acabaram totalmente perdidos e desorientados. Depois que recuperou o corpo, a tripulação do helicóptero precisou retornar à montanha para localizar e resgatar a dupla abominável.

Ao saber da notícia, a reação de mamãe — após secar os olhos com um lenço e comentar sobre a tragédia que era aquilo para Phil e para a sua mãe — passou a ser se preocupar com a maneira como a experiência traumática afetaria Edward. Meu estoque natural de

autodisciplina e de força de vontade me permitiu lidar com a situação, embora eu me visse sem vontade de deixar meu quarto ao longo dos dias que se seguiram. Acho que precisava de um bom descanso após ter estudado tanto para as provas finais.

O funeral foi minúsculo, apenas a mãe de Phil em sua cadeira de rodas; o pai ausente, que ele não via havia mais de dez anos; algumas pessoas da universidade; e o grupo que estivera na montanha. Edward apareceu na igreja depois que a cerimônia já havia começado e saiu na hora que terminou. O velório foi realizado na sala de estar apertada da mãe de Phil. Em uma voz enrolada e sussurrada, Ian admitiu para mim que, depois do almoço na Striding Edge, Edward havia enrolado dois baseados que o grupo tinha passado em círculo. Phil não estava acostumado com aquilo. Pobre e inocente Phil. Não estou dizendo que Edward o matou de propósito. Mas meu irmão atraiu meu noivo para seu grupo a fim de me atingir, apresentou Phil a um estilo de vida ao qual não estava habituado e em que não se encaixava, e forneceu a ele as drogas que afetariam seu julgamento. Está vendo que tipo de pessoa tenho como irmão?

Imediatamente após o funeral, fiz as malas e fui embora para Londres. Quando voltei para o inquérito, consegui encontrar Edward em um de seus pubs favoritos. Não é de surpreender que acabamos discutindo. Ele se recusou a assumir a responsabilidade pelas circunstâncias que levaram à morte de Phil. E disse que eu era paranoica e perversa, alegando que eu estava tentando desviar a atenção de mim mesma. Disse a Edward que, por tudo que fizera, era quase como se ele próprio tivesse empurrado Phil. Edward retrucou que Phil provavelmente se jogou do penhasco para não ter que se casar comigo. Mais tarde, mamãe pareceu aborrecida.

— Soube do que aconteceu no pub. Não quero que você diga coisas cruéis para o seu irmão, Susan. Você sabe que ele tem uma natureza sensível, assim como seu pai. E não quero que o Ted saia do caminho certo. Ele não é forte como você.

Demorei alguns meses até voltar em casa.



— Não, como eu já disse, não tenho nenhuma recordação de você — repeti, enquanto quebrava a gema do meu ovo frito com o garfo.

— Bem, eu não me esqueci de você. Ao longo dos anos, o Ed contava sobre o que você andava fazendo, mas eu não sabia se algum dia voltaríamos a nos encontrar. Engraçado como é a vida.

— Realmente. É uma sorte termos nos encontrado, caso contrário, eu teria gastado uma fortuna para guardar todas as coisas que tirei da casa da minha mãe.

— Imagino que essa seja uma maneira de ver as coisas.

— Então, você está conseguindo fazer as reformas na sua casa ao redor dos móveis dela?

— Sim, está tudo indo bem. Já terminei a cozinha e um dos banheiros, e fiz progressos com a decoração. Vou lixar o piso quando voltar. Sou grato ao Ed por me abrigar, mas precisamos ter a nossa própria casa. Não estamos mais nos vendo tanto agora que me mudei... estou ocupado demais trabalhando na casa.

— Isso deve ser um alívio para você.

Rob largou o garfo e a faca e tomou um gole do Bloody Mary.

— Ed ainda não sabe que somos amigos. Quer dizer, ele sabe que eu estava lá quando você tirou as coisas da sua mãe da casa, mas isso é tudo. Mas havia uma ou duas pessoas na festa na noite

passada que podem estar em contato com Ed, então eu provavelmente vou precisar confessar antes que ele descubra por outra pessoa. Ele vai ficar furioso, mas vai ter que aceitar. Sou neutro nessa história entre vocês dois.

— É provável que ele ache que estou fazendo amizade com você de propósito, para atingi-lo — falei, enquanto mergulhava um cogumelo na gema líquida.

— E você está?

— É claro.

Ele riu, sem saber se eu estava falando sério. Eu também não sabia.

— Sabe, ao longo dos anos, o Ed contou um pouco sobre a infância de vocês — disse Rob, com a boca cheia de torrada já fria. — Sobre os problemas do seu pai com a bebida. Se quer saber a minha opinião, os problemas de relacionamento entre você e o Ed devem ter começado aí.

Isso é o que acontece quando se baixa a guarda, as pessoas acham que podem falar sobre qualquer coisa. Meu território estava sendo invadido.

— *Não* quero saber a sua opinião.

— Tenho a impressão de que vocês dois lidaram com a situação de maneiras totalmente diferentes. Ed saindo o tempo todo e você se trancando. Ele me disse que queria sentir que vocês dois estavam do mesmo lado, mas que você foi sempre tão fria e distante que ele não sabia o que estava se passando na sua cabeça.

— Sinto muito, Rob, mas não quero discutir esse assunto com você. Você não sabe nada sobre a nossa família.

— Concordo. Só sei o que o Ed me contou e o que eu deduzi pelas entrelinhas. Mas é que seria ótimo se vocês dois resolvessem as diferenças. Talvez ajudasse se pudessem entender o lado um do outro. O Ed não é uma má pessoa.

— Rá.

— Vocês só têm personalidades muito diferentes. Ele não é bom em administrar a própria vida. Parece que a sua mãe era superprotetora em relação ao Ed, talvez por causa do seu pai. Não estou dizendo que ele não tenha tirado muito proveito disso, mas, como estava acostumado com ela fazendo tudo por ele, agora espera que as outras pessoas façam o mesmo. Acho que provavelmente o oposto é verdadeiro para você. Parece que você precisou lidar com tudo sozinha.

— Já chega, Rob. Não gosto desse tipo de psicanálise de botequim. Não tenho interesse no que Edward contou a você, ou no que você deduziu. Não é da sua conta.

Eu não tinha acabado o meu desjejum, mas estava achando a comida pesada e indigesta. Tinha cometido um erro de julgamento. Chamei o garçom e pedi a conta.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Rob, enquanto eu vestia o casaco, enrolava o cachecol ao redor do pescoço e pegava a bolsa.

— Não sei o que *você* vai fazer, mas eu vou para casa trabalhar em alguns documentos preliminares para o meu processo judicial contra o Edward. Aqui estão vinte libras. Isso deve cobrir a minha refeição e as bebidas. Espero que você faça uma boa viagem de volta a Birmingham.

Coloquei as notas em cima da mesa.

— Pelo amor de Deus, Susan, você está brava *de novo*? — falou ele, enquanto eu abria caminho através do café lotado. — Espere eu pagar a conta.

Não olhei para trás.



Cinco minutos depois, quando eu descia a rua, ofegante, em direção a Clapham, mexendo no celular para pedir um táxi, a van de Rob subiu no meio-fio um pouco à minha frente. Quando o alcancei, ele tinha aberto a janela do lado do passageiro.

— Ei, moça, está indo para o mesmo lado que eu? — perguntou ele.

Eu o ignorei e continuei andando. Ele me ultrapassou com a van e voltou a parar. Quando cheguei perto novamente, Rob se inclinou sobre o banco do carro.

— Vamos lá, Susan, seja razoável. Tudo bem, talvez eu não tenha tido muito tato, mas não precisa sair bufando.

Parei para encará-lo.

— Não saí “bufando”. Nunca me comportei de um modo que justificasse tal descrição. Estou só deixando claro que o seu tópico de conversa era inaceitável.

— Entendi: nada de falar sobre a sua infância e a do Ed. Tudo bem. Mas isso não significa que você tenha que sair batendo o pé.

— Não estou “batendo o pé”. Repito, nunca me comportei...

— Tudo bem, tudo bem. Então por que não entra na van e nós podemos aproveitar o dia? Vou distrair você. Vou te levar ao Kew Gardens.

— Por que eu iria querer fazer isso?

— Porque, como tenho certeza de que você sabe, eles têm uma coleção impressionante de cactos. Vamos, você sabe que quer ir.

Ele abriu a porta do passageiro. Após uma breve hesitação, entrei. Não podia negar que a proposta de Rob era mais do que tentadora — havia algumas espécies incomuns em exposição, e eu não tinha ido ao Kew desde os meus primeiros dias em Londres.



Rob e eu passamos a maior parte da tarde na Estufa da Princesa de Gales, que abriga os cactos e as suculentas. O ar estava cheio de aromas exóticos e o aquecimento garantido pelo controle de temperatura foi bem-vindo depois do frio intenso do lado de fora. Eu me senti descongelando lentamente enquanto caminhávamos ao longo dos corredores, com os casacos e cachecóis pendurados no braço. Rob explicou que havia dez setores dentro da estufa, sendo os principais os “trópicos secos” e os “trópicos úmidos”. Os oito microclimas restantes incluíam uma zona sazonalmente seca, que continha plantas do deserto e da savana, e áreas para plantas carnívoras, samambaias e orquídeas. Era como se ele tivesse engolido o guia inteiro do lugar e o estivesse regurgitando. Um feito bastante impressionante. Quando comentei isso, Rob explicou que o Kew era o lugar de peregrinação dele, ao qual retornava com regularidade — o cultivo da flora era como uma religião para ele. Eu admirava a sua paixão.

Enquanto o céu do lado de fora da estufa escurecia e a quantidade de visitantes diminuía até quase não sobrar mais ninguém, parecia que o lugar pertencia apenas a Rob e a mim. Em pé na zona seca, ao lado de um cacto barril-dourado particularmente

magnífico e espinhoso, fui vencida pela curiosidade. Não pude deixar de perguntar a ele o porquê de tudo aquilo. Por que ele havia escolhido passar aquele tempo comigo, quando poderia estar de volta a Birmingham, em um pub com Edward? Ou apreciando o cenário e os aromas de Kew Gardens com um de seus outros amigos de Londres? Rob deu de ombros.

— Bem, acho que é porque somos amigos. Eu fico entediado andando com homens o tempo todo. É bom ter amigas platônicas. Além disso, não conheço ninguém que saiba tanto de cactos quanto você. Descobri que é um interesse de nicho.

Ele riu. Ele ri bastante.

20

Estava um dia lúgubre no mês mais miserável do ano, e eu não ia trabalhar. Trudy me lembrou de que eu não havia tirado nenhum dos meus dias de férias anuais a que tinha direito naquele ano e sugeriu que eu os usasse para estender os meus fins de semana. Ela disse que eu me beneficiaria do descanso, agora que já estava tão grande por conta da gravidez. Eu não estava convencida — sem a minha rotina, me sinto como um bote à deriva. No entanto, a sugestão dela acabou se provando oportuna. Os registros médicos de mamãe finalmente chegaram em um pacote pesado na manhã anterior, e eu suspeitava de que levaria bastante tempo para estudá-los e interpretá-los.

Kate tinha passado pela minha casa bem cedo para dizer que as crianças iam passar a noite com Alex e para perguntar se eu gostaria de ver um filme no Brixton Ritzy naquela noite. Eu desconfiava de que o gosto cinematográfico dela talvez não fosse o mesmo que o meu, mas isso estranhamente não me desanimou. Talvez os hormônios da gravidez estivessem afetando o meu pensamento crítico; ou talvez fosse só porque eu não conseguia me lembrar da última vez em que tinha ido ao cinema com outra pessoa. Aceitei o convite. Depois que Kate voltou para o apartamento dela, chequei o celular e encontrei um e-mail do sr.

Brinkworth. Preparei uma xícara de chá e me sentei à mesa da cozinha para ler.

Recebi acesso ao seu recurso e hoje apresentei ao tribunal o reconhecimento do processo. Como está ciente, refuto a sua contestação, e atualmente estou redigindo uma defesa forte e a reconvenção.

Seu irmão esteve aqui ontem. Eu o aconselhei a instruir os seus próprios advogados — o conflito de interesses me impede, como testamenteiro, de representá-lo eu mesmo, já que ele é um dos dois beneficiários que estão em disputa. Durante a nossa breve reunião, o sr. Green disse que a havia denunciado pelo roubo das cinzas de sua mãe e da caixa de joias dela. O policial disse a ele que não gostaria de se envolver em uma disputa familiar e o aconselhou a levantar o assunto comigo. Em um esforço para resolver a questão, proponho que concordemos com uma terceira pessoa, neutra, para manter os itens em custódia até a resolução do processo judicial.

Gostaria também de salientar que, agora que o processo foi iniciado, os custos legais aumentarão. Para evitar o possível esgotamento dos bens de sua mãe, sugiro que seja feito um esforço para resolver esse assunto através de mediação. Por favor, confirme se está de acordo. Farei a mesma proposta ao seu irmão por meio dos advogados dele.

Mediação formal, então, sr. Brinkworth? O advogado não estaria propondo aquela medida se estivesse totalmente confiante em seu caso. Mas será que havia espaço para negociação? Ou o testamento

era incontestável e Edward tinha o direito de ficar na casa, ou não, e então a casa deveria ser vendida. Talvez o sr. Brinkworth achasse que o meu irmão poderia ser persuadido a desocupar a casa em uma data futura a ser especificada, agora que o processo havia começado. Mesmo se fosse esse o caso (o que eu duvidava), eu não desejava abrir mão do prazer de ver Edward no tribunal. No que dizia respeito à caixa de joias e às cinzas, não via qual seria a vantagem de entregá-las a uma terceira pessoa. Além disso, a urna era valiosa para mim. Decidi nem me dar ao trabalho de responder.

O telefone apitou. Era uma mensagem de Rob: *Só checando para ver como está sendo o dia de folga*. Desde o dia de ano-novo, ele criara o hábito de enviar mensagens ou ligar em horários aleatórios, principalmente tarde da noite. Eu mesma iniciei o contato, uma vez. O motivo foi eu estar tendo grande dificuldade para dormir nessas últimas semanas de gravidez, graças a uma combinação de dor nas costas, azia, cãibras nas pernas e idas urgentes ao banheiro, e Rob ficava acordado até tarde. Portanto, simplesmente fazia sentido nos ajudarmos a combater o tédio na madrugada. As nossas conversas tendiam a vagar de um assunto a outro, até eu não conseguir mais me lembrar de onde começamos. Suponho que seja melhor confessar tudo: realmente comecei a gostar de conversar com Rob e até mesmo a ansiar por isso. Nas noites em que ele não entrava em contato, parecia que algo estava faltando. Peculiar, eu sei.

Enquanto eu digitava uma resposta para Rob, me dei conta de um incômodo na parte inferior das costas. Mas havia coisas a fazer e ninguém iria fazê-las por mim. Por isso, mandei a mensagem para ele, peguei algumas sacolas e saí com a minha lista de compras. Quando voltei para o apartamento, estava me sentindo um pouco

mal, mas não era nada sério, só uma dor de cabeça e pontadas estranhas no abdômen. Achei que seria sensato descansar depois de desempacotar as compras — voltaria para a cama e leria um livro. Quando me despi, reparei em uma mancha vermelho-escura na calcinha, não muito diferente do que descia no início da menstruação. Corri para o banheiro. Mais sangue, fresco e vermelho dessa vez. Estava entrando em trabalho de parto. Mas ainda faltavam semanas para o parto, e não era assim que deveria começar. Peguei a pasta que tinham me dado na maternidade e encontrei o número do hospital. A enfermeira foi profissional, perguntou com quantas semanas de gravidez eu estava e que sintomas tinha. A minha voz saiu sem fôlego quando respondi.

— Acho que é melhor darmos uma olhada no bebê — disse ela. — Não há nada com que se preocupar. Só precisamos nos certificar de que está tudo bem. Você tem alguém que possa trazê-la para cá?

— Não. Espera, sim, acho que sim.

O que estava acontecendo? Eu tinha sido estúpida, estúpida, estúpida de achar que tudo ficaria bem. Desde o dia em que descobri que estava grávida, continuei com a minha vida quase normal, encarando minha condição como garantida, como algo que seguiria seu curso de quarenta semanas e terminaria com o parto de um bebê. Não conseguia acreditar que tinha sido tão ingênua. Eu tinha quarenta e cinco anos — uma grávida de primeira viagem idosa —, praticamente uma anciã, em termos de maternidade. Mil coisas poderiam dar errado: com o bebê, com a gravidez, comigo.

A culpa deve ser minha, pensei. Será que eu havia me esforçado demais naquela manhã? O carrinho de compras estava cheio e uma das rodas ficava agarrando no chão, então precisei empurrar com

mais força para que se movesse. E então as sacolas que eu tinha levado ficaram tão pesadas que precisei parar para descansar várias vezes no caminho de volta para casa. Eu deveria ter pedido as compras on-line. Ou talvez tivesse comido algo que não deveria — tinha lido em algum lugar que abacaxis podem induzir o trabalho de parto, e eu tinha comido uma salada de frutas no dia anterior; ou talvez tivesse comido algo já fora do prazo de validade — intoxicação alimentar pode ser perigosa na gravidez. Ou poderia ser consequência de um vírus ou infecção — alguns dos meus colegas ficaram doentes recentemente. Tentei me acalmar, para organizar as ideias, mas foi impossível. Subi as escadas cambaleando e bati na porta de Kate. Graças a Deus ela estava em casa, depois de deixar as crianças com Alex.

— O que houve? A casa está pegando fogo?

— Estou sangrando. Tenho que ir para o hospital. Acho que estou tendo um aborto. — Pronto. Eu havia colocado em palavras.

— Espere um segundo, vou pegar a chave do carro.

No caminho para o hospital, expressei minhas preocupações a Kate. E se algo tivesse acontecido com o bebê? E se eu saísse do hospital sozinha, sem estar mais grávida? E se tudo aquilo tivesse sido em vão? Por outro lado, e se eu estivesse prestes a dar à luz um bebê? Eu não estava pronta. Mal pensara naquilo, em termos práticos. Eu não tinha comprado nenhuma roupa, nenhuma das coisas para o bebê. Não tinha lido os manuais sobre como cuidar dele. Estava planejando fazer tudo isso no próximo mês. Kate me tranquilizou.

— Se você estiver em trabalho de parto, tenho certeza de que nada de ruim vai acontecer, afinal você já está com mais de trinta

semanas. E o bebê teria que ficar no hospital por um tempo. E tenho tudo de que você poderia precisar para um recém-nascido guardado no meu apartamento. Mas provavelmente é um alarme falso, então respire fundo.



— Vamos só escutar os batimentos cardíacos do bebê, querida — disse a rechonchuda parteira afro-caribenha, depois que me acomodaram na cama de um quarto pequeno no hospital. O meu próprio coração batia com força. Ela apertou o aparelho gelado contra a minha barriga e começou a movê-lo para cima, para baixo, para a esquerda e para a direita. — Ah, aqui está. Você gostaria de ouvir?

Assenti.

Ela se virou, aumentou o volume do dispositivo e ouvi um ruído profundo e regular. Que som delicioso.

— Vou fazer um rápido exame de toque, agora, se não se incomodar — avisou ela. — Tire a calcinha e se cubra com esse lençol.

Nunca imaginei me encontrar deitada nua da cintura para baixo, as pernas para o alto, com uma vizinha sentada ao meu lado. Suponho que poderia ter pedido que Kate saísse, mas descobri que realmente não me importava. É isso que a gravidez faz com a mulher.

— Bem, não consigo ver nenhum sinal de que você esteja entrando em trabalho de parto — disse a parteira, tirando as luvas de borracha depois de concluir o exame. — Mas vamos precisar deixar você e o bebê em observação por algum tempo.

Um monitor de frequência cardíaca fetal foi acoplado e conectado a uma máquina ao lado da cama. Enquanto ouvia o som hipnótico, pousei as mãos na barriga e senti uma pequena protuberância aparecer e desaparecer. Um punho, talvez, ou um pé. Por favor, pensei comigo mesma. Por favor, me ajude a manter o meu bebê seguro. Kate tinha saído para pegar um café e voltou logo em seguida com dois copos de papel com tampas de plástico. Não sou o tipo de pessoa que gosta de comer ou beber em recipientes descartáveis. Ou melhor, não costumava ser. No entanto, naquele momento, esses padrões estavam despencando na minha lista de prioridades. Ergui o corpo na cama e aceitei o copo.

— Eu estava para te perguntar, você já se decidiu sobre um acompanhante de parto? — perguntou Kate, tirando a tampa do copo e soprando a bebida.

— Não preciso de um acompanhante de parto.

— Não seja boba, ninguém deveria passar por isso sozinha. Já dei à luz duas vezes, portanto sei do que estou falando. Estou me candidatando ao cargo.

Como se para exibir as credenciais mencionadas, Kate passou a descrever, em detalhes horríveis e minuciosos, os partos dos filhos. Foi como ouvir um veterano de guerra contando a sua participação em uma batalha vencida com dificuldade. Eu sempre soube que seria perfeitamente capaz de suportar o trabalho de parto, e o nascimento, sem alguém por perto para segurar a minha mão, metaforicamente falando ou não, mas, para minha surpresa, percebi que era reconfortante a ideia de ter Kate comigo.

— Está bem — falei. — Você me impressionou com a sua experiência em primeira mão. O cargo é seu.

Algun tempo depois, a parteira voltou com uma médica jovem, de aparência cansada, que, após verificar o meu prontuário, me fez algumas perguntas breves.

— Certo — disse ela —, o bebê parece bem no momento. Não há nenhuma razão óbvia para o sangramento, mas não quero correr riscos, principalmente tendo em vista a sua idade. Vamos mantê-la aqui durante a noite, em observação, e ver como a situação se desenvolve.

É difícil para mim admitir isso, mas, quando a médica saiu, eu chorei. Lágrimas de verdade, que rolaram pelo meu rosto e aterrissaram nos lençóis engomados da cama hospitalar. Kate se inclinou e passou os braços ao meu redor. Enterrei o rosto em seus longos cabelos. Ela cheirava a leite quente e roupa limpa. Não consigo me lembrar da última vez que chorei. Na verdade, agora que estou pensando a respeito, não me lembro de jamais ter feito aquilo, embora imagine que deva ter feito, quando era pequena. É estranho como algo que a gente não planejou, nem desejou, pode ter tamanho efeito sobre nós. Como você sabe, nunca quis ser mãe. Mais do que isso: a ideia me era repulsiva. Se você tivesse me contado um ano atrás que em doze meses eu estaria nos estágios finais de gravidez, eu teria ficado horrorizada, teria feito tudo o que estivesse em meu poder para impedir que aquilo acontecesse. E como me sinto agora? Agora tenho a sensação de que o meu mundo mudou.

Se fosse apenas a minha própria saúde em questão, eu teria dito que os médicos estavam exagerando e eu mesma me daria alta. Mas minha vontade de ir embora tinha que ser balanceada com outras considerações, e essas considerações eram mais importantes. Eu

precisava passar a noite no hospital. Dei a Kate a chave de casa e uma lista de itens de que precisava: pijama, artigos de higiene, material de leitura, etc. E me perguntei como teria lidado com aqueles aspectos práticos sem ela.

A enfermaria para a qual fui transferida era pequena, com apenas seis camas. Jen, a mulher na cama à minha esquerda, era uma professora de quase quarenta anos, perspicaz e eloquente. Ela me ajudou a me distrair da minha situação contando a própria história. Como eu, Jen havia tomado a decisão consciente de nunca ter filhos. Alguns meses antes, ela havia colocado um DIU, mas, sem saber, já estava grávida. Jen continuou a menstruar e, só quando foi ao médico para reclamar de estar se sentindo muito inchada, foi que fizeram um teste de gravidez. Ela estava grávida de mais de seis meses. O DIU não pôde ser removido, e ela corria um sério risco de ter um aborto espontâneo, por isso teria que ficar no hospital até dar à luz. Considerando que descobrira a gravidez havia menos de uma semana, Jen estava lidando com a situação com notável tranquilidade.

Ela me apresentou às outras mulheres na enfermaria. A garota na cama à minha direita tinha quinze anos — obesa, pálida e inchada — e tinha acabado de ser diagnosticada com pré-eclâmpsia. O médico disse que teriam que fazer o parto dos bebês gêmeos dela o mais rápido possível, por meio de uma cesariana. A avó minúscula e enrugada da garota era uma presença constante ao lado da sua cama, a não ser quando saía para fumar. Nenhuma das duas parecia muito feliz. Duas das três mulheres do outro lado da enfermaria passavam por complicações nos estágios finais da gravidez e estavam sendo monitoradas de perto. Elas já estavam lá havia vários

dias e pareciam ter se tornado melhores amigas. A terceira mulher — o caso mais triste — tinha sido informada de que o bebê que esperava já não tinha mais batimentos cardíacos. Ela teria o parto induzido, sabendo que seu bebê seria natimorto. Essa mulher mantinha as cortinas ao redor da cama fechadas na maior parte do tempo, pois não queria conversar com as futuras mães.

Como era de se esperar, Jen perguntou sobre a minha situação. Havia algo na atmosfera de irmandade daquela enfermaria — mulheres diferentes passando por variados tipos de adversidades, mas tendo em comum o que os nossos corpos estavam fazendo conosco — que me deixou com a sensação de que eu não tinha nada a esconder. Conteí a história toda a ela. Jen comentou que eu era “uma mãe durona”. Uma maneira estranha de definir a situação.

— Mas, e pode me dizer para cuidar da minha própria vida, se quiser, porque sou mesmo intrometida, por que você relutou tanto, no início, em concordar que esse Richard tenha algum envolvimento depois que o bebê nascer? Isso vai te garantir um descanso de vez em quando. E por que está em dúvida sobre aceitar o dinheiro, se ele está oferecendo? A maioria das mães solteiras sofre demais para conseguir qualquer ajuda financeira dos pais das crianças.

— Porque eu nunca quis depender de ninguém — expliquei. — Se somos os únicos responsáveis pelo nosso próprio destino, ninguém pode nos decepcionar.

— Sim, mas estamos prestes a nos tornar mães, bata na madeira. Estamos embarcando em uma montanha-russa emocional. Nunca mais vamos voltar a ter controle total das nossas próprias vidas. Mas às vezes é preciso perder uma coisa para ganhar outra.



Kate voltou na hora da visita com os itens da minha lista. Finalmente, eu poderia tirar a horrenda camisola de hospital que tive que vestir quando fui transferida para a enfermaria. Jen apresentou o marido a Kate e a mim — apesar de ligeiramente atordoado, o homem parecia estar lidando com a notícia da paternidade iminente e não planejada com um bom humor igual ao da esposa. A verdade é que passei duas horas não de todo desagradáveis na presença daquelas três pessoas.

Quando as visitas foram embora, minhas colegas de enfermaria se acomodaram para ler, ouvir alguma coisa nos fones de ouvido ou foram dormir. Os pensamentos do início do dia voltaram à minha mente: e se o meu corpo não estivesse à altura? E se eu fosse velha demais para levar a gravidez até o fim? Embora ainda faltassem algumas semanas, talvez fosse melhor se o bebê nascesse agora. Uma incubadora faria um trabalho melhor para protegê-lo do que eu. Perguntei se aquilo era possível à enfermeira que apareceu para fazer a ronda final antes que as luzes se apagassem.

— Não fique pensando dessa maneira. Tudo indica que você vai ficar bem. Seu corpo sabe o que fazer.

Na manhã seguinte, acordei me sentindo muito melhor. O bebê tinha se mexido a noite toda, o que me tranquilizou, em vez de me irritar. Quando fui ao banheiro, descobri que o absorvente que me disseram para usar estava limpo — o sangramento havia parado. Talvez as coisas ficassem bem, afinal. Jen, por outro lado, tinha acordado com dores no abdômen. Ela havia sido medicada com analgésicos, e as cortinas estavam fechadas ao redor da sua cama para que pudesse descansar. Sem a minha companheira, o dia se arrastou. A mulher cujo bebê havia morrido dentro da barriga fora

levada da enfermaria mais cedo para ter o parto induzido. Uma enfermeira colocou os pertences dela em uma bolsa e a roupa de cama logo foi trocada. Pouco antes do almoço, a garota com pré-eclâmpsia também foi levada para fazer a cesariana. Após a cirurgia, ela iria para a enfermaria pós-natal, junto com seus bebês gêmeos. Era estranho pensar que dali a uma hora ela seria mãe, aos quinze anos. Desejei a ela tudo de melhor no futuro.

Quando já estava achando que teria que passar outra noite no hospital, sem saber o que acontecia com meu corpo, o médico apareceu no pé da minha cama. Era alto, magro e impositivo. Depois de examinar o meu prontuário, e de murmurar alguma coisa para a enfermeira, ele finalmente voltou sua atenção para mim.

— Muito bem, srta. Green, gostaria de ir para casa?

— É seguro? Para o bebê?

— Ah, sim. Parece que um pequeno vaso sanguíneo estourou, e foi isso que causou o sangramento, mas não estou preocupado. O bebê está obviamente feliz, e você é a saúde em pessoa, portanto não consigo ver motivo para não lhe dar alta. Vá para casa, pegue leve e aproveite o resto da sua gravidez.

Devo admitir que, quando ele passou para a cama ao lado, senti lágrimas brotando dos olhos mais uma vez. Limpei o rosto com a ponta do lençol.

Kate apareceu quando eu já estava terminando de me vestir e me ajudou a arrumar minhas coisas. Jen estava se sentindo um pouco melhor e abriu as cortinas para declarar a sua inveja pelo fato de eu já estar indo para casa — ela provavelmente ainda ficaria no hospital por semanas. Jen perguntou onde eu morava e, por coincidência, ela morava a apenas algumas ruas de distância.

— Podemos passear com os carrinhos pelo parque quando os bebês chegarem — disse ela, enquanto anotava o meu celular em um pedaço de papel. Eu gostava dela. Não era uma ideia tão terrível quanto eu teria imaginado alguns meses antes.

— A propósito — voltou a falar Jen, quando eu estava prestes a sair —, acabei não perguntando. É menino ou menina?

Hesitei. Por que não?

— É uma menina — falei. — Vou ter uma filha.

21

Já passava da meia-noite quando Rob ligou para o meu celular, em um estado de grande empolgação. Ele me contou que, para seu deleite e espanto, Alison tinha aceitado o seu pedido de amizade no Facebook, e os dois haviam trocado uma série de mensagens. Ela confirmou o divórcio recente e disse a ele que tinha três filhos adultos, e todos já haviam saído de casa para estudar e trabalhar. E a carreira dela, em gestão hoteleira, estava prosperando. Rob disse que, ao falar depois com ela por telefone, foi como se todos aqueles anos não tivessem se passado. Ao que parecia, James andava perguntando sobre ele, e Alison achava que era hora de considerar uma reconciliação entre pai e filho. Ela convidou Rob para ir a Edimburgo, para que ela e ele se encontrassem primeiro, sem dizer nada a James, e então decidiriam a melhor maneira de agir. Rob estava em êxtase. Ele iria para a Escócia naquele fim de semana.

Desde aquela ligação, há alguns dias, não tive mais notícias de Rob. É totalmente compreensível. Alison foi o primeiro e único amor dele, e Rob estava louco para reatar o relacionamento. As prioridades dele, no momento, estão em outro lugar. Fico entusiasmada por ele, é claro, e torço para que seja muito feliz com sua família reconstituída. Embora eu tenha me acostumado à nossa rotina diária — e noturna — de contatos por telefone e por mensagens, o fato é que Rob sempre foi apenas o guardião

temporário da minha mobília, nada mais e nada menos. Não há razão para que o relacionamento recentemente revivido dele devesse mudar isso. A menos, eu acho, que ele decida se mudar para Edimburgo — nesse caso, terei que fazer outros arranjos. Um pequeno inconveniente. Não há nada que justifique qualquer sentimento de tristeza ou desapontamento da minha parte.

De qualquer modo, eu tinha outros assuntos para me distrair: ia encontrar Richard em um bar movimentado em High Holborn. A localização tinha sido um acordo entre nós — eu queria um encontro mais profissional, por isso rejeitei a sugestão de Richard de irmos a um restaurante ou algum outro lugar que costumávamos frequentar antes. Pelo menos daquele jeito, eu poderia dar uma passada rápida no bar depois do trabalho, beber alguma coisa, resolver o que precisava ser resolvido e estar em casa na hora do jantar. Cheguei primeiro. As pessoas aglomeradas abriram espaço para eu passar quando entrei e, já no balcão, todos se afastaram para me dar lugar. Eu estava me acostumando com aquilo — não tinha mais que ficar de pé em vagões lotados do metrô, ou na fila na agência dos correios, nem esperar pela minha vez na lanchonete. Pedi uma água mineral com gás e limão para mim e uma gim-tônica para Richard, me esperei em uma mesa de canto, perto da porta que abria e fechava constantemente. Fiquei observando as pessoas saindo para a calçada do lado de fora do pub, bebendo, fumando e, de modo geral, se comportando da maneira ruidosa como os jovens profissionais se comportam em uma sexta-feira à noite, depois do expediente.

Aquele encontro tinha sido combinado alguns dias antes, quando Richard e eu nos esbarramos na filial da Marks and Spencer da

Oxford Street, de todos os lugares em que poderíamos ter nos encontrado. A loja estava cheia por conta da liquidação de janeiro, mas o departamento de lingerie permanecia relativamente tranquilo. Eu havia aumentado de tamanho até chegar a proporções imprevistas e precisava fazer compras extras com urgência. Quando estava analisando mentalmente os itens em oferta, tentando decidir quais eram esteticamente menos desagradáveis, desviei o olhar por acaso para a seção de pijamas, onde vi um homem que, de perfil, parecia idêntico a Richard: traços muito uniformes, cabelo bem-cortado e penteado, postura de desfile militar, roupa impecável. Ele estava com uma mulher pequena e idosa, ligeiramente corcunda, usando um gorro com pompom. A senhora segurava uma camisola floral rosa na frente do corpo e o homem que se parecia com Richard assentiu em aprovação. Era estranho que ele tivesse um sócio em Londres, embora digam que todos nós temos um vagando pela Terra em algum lugar. Não tenho certeza se gostaria de conhecer a minha, prefiro pensar em mim mesma como sendo única.

O homem que se parecia com Richard seguiu a senhora quando ela se afastou de onde estavam as camisolas. No meio do caminho, nosso olhar se cruzou. *Era Richard.* Nós dois desviamos. Eu, porque não queria conversar enquanto segurava um pacote duplo de sutiãs de maternidade; ele, provavelmente porque se sentia desconfortável em ser visto em uma situação tão banal. Coloquei o que pretendia comprar debaixo do braço e me dirigi ao caixa por um caminho alternativo. Ao que parecia, Richard teve a mesma ideia, e chegamos ao mesmo tempo no mesmo lugar, apenas por caminhos diferentes.

— Susan, que coincidência maravilhosa — disse ele, a expressão em seu rosto desmentindo as palavras. — Estava mesmo querendo ligar para você, para podermos combinar tudo, sabe como é, com bastante antecedência.

— Não vai me apresentar à sua amiga? — perguntou a mulher pequena, com um forte sotaque do nordeste da Inglaterra. Newcastle? Sunderland? Infelizmente nunca fui capaz de dizer a diferença.

— Mãe, essa é a Susan. Susan essa é a mamã... quer dizer, minha mãe... Norma.

— Ah, eu estava morrendo de vontade de conhecer você, querida. Tenho insistido, mas Richie disse que não até que tudo estivesse resolvido entre vocês. Ele deve ter achado que eu ia atrapalhar as coisas, mas não vou me intrometer. O que está acontecendo entre vocês não é assunto meu.

— Prazer em conhecê-la — falei, estendendo a mão, que ela apertou com ambas as mãos.

— Olhe só para você, Susan! É uma beleza. Percebi que a sua barriga está bem alta. Isso quer dizer que é uma menina.

— Ótimo palpite.

Richard sorriu.

— Ora, eu nunca imaginei.

— Ah, espere até eu contar para o restante da família — disse Norma. — Eles vão ficar tão animados! — Ela agarrou as roupas íntimas que eu estava me esforçando para esconder e as colocou nas mãos de Richard, que já estava segurando a camisola floral rosa. — Pague por isso, enquanto eu e Susan vamos dar uma

caminhada por aqui. Pode nos encontrar no departamento de cardigãs. — Ela me deu o braço e nos afastamos.

Eu não estava com pressa e também não fazia nenhuma objeção a passar alguns minutos na companhia daquela senhora que logo seria a avó da minha filha e que me lembrou um pouco a minha própria mãe. Além disso, admito que estava intrigada e ansiosa para saber mais sobre Richard e a família dele.

— Então, a senhora mora perto do Richard? — perguntei.

— Eu? Ah, não, moro em Gateshead, com uma das irmãs do Richie. Adoro as visitas ao meu filho, mas não conseguiria morar aqui, querida.

— Mas achei que Richard tinha nascido e sido criado em Sussex.

Norma deu uma risadinha.

— Não, ele nunca deixou Gateshead até completar dezoito anos. Foi muito bem nos exames finais do ensino médio e conseguiu uma vaga na Universidade de Cambridge. Ficamos todos muito orgulhosos dele. Então, Richard se mudou para o sul quando se formou. Entendo o motivo. Ele não conseguiria trabalho onde vivemos.

— Richard sem dúvida perdeu o sotaque com o tempo.

— Você está certa. Ele começou a falar desse jeito chique quando estava na universidade, para se enturmar, imagino, mas agora já faz isso há tanto tempo que se tornou natural para ele. Às vezes acho que ele fica um pouco envergonhado com o meu jeito de falar, mas, como ele ainda nos convida para visitá-lo, não posso reclamar.

Aquilo certamente lançava uma nova luz sobre Richard. Eu nunca teria adivinhado que ele era uma pessoa que se autoinventara, mas a verdade era que todos nós fazemos isso, em maior ou menor grau.

Tínhamos chegado ao departamento de malhas e Norma estava remexendo em uma prateleira de cardigãs cor de aveia. Ela pediu que eu encontrasse um do seu tamanho e foi o que fiz. Então, ela se virou para mim.

— Sabe, Susan, não sou uma velha tonta. As coisas mudaram muito desde que eu era jovem, e não culpo você por não correr para aceitar o pedido de casamento do Richie só porque vai ter um bebê. Essa pode ser uma receita para o desastre. Sei que meu filho pode ser um pouco... qual é a palavra mesmo?... *alheio* ao mundo real. Sempre foi assim, desde que era pequeno. Mas ele tem o coração no lugar certo, e posso ver que ele quer fazer tudo que puder. Assim como eu. Esse será o meu oitavo neto. Já aceitei que não vou ver essa neta com a frequência com que vejo os outros, já que a maior parte deles mora a apenas algumas ruas de distância, mas espero poder conhecê-la.

— Richard e eu vamos resolver as coisas.

— Sei que vão, querida. Ah, falando no diabo.

Richard apareceu ao meu lado e me entregou uma sacola de compras. Tentei reembolsá-lo pela compra, mas ele disse que era o mínimo que poderia fazer, levando tudo em consideração. Depois de combinarmos um encontro para dali a alguns dias, Richard e a mãe se afastaram, de braços dados, para continuar a sua ida às compras. Quando já desciam pelo corredor principal da loja, Norma se virou e me falou:

— Mal posso esperar para encontrá-la novamente e conhecer a minha nova neta. Venha nos visitar em Gateshead.



Depois que se cansou de segurar a porta para o fluxo constante de pessoas que entravam e saíam do bar, Richard finalmente se juntou a mim na mesa de canto, na penumbra. Entendi, então, por que aquela era a última mesa desocupada no pub — ela ficava diretamente abaixo do alto-falante que berrava uma música animada. Depois que passamos pelos cumprimentos e amabilidades de praxe (conduzidos, por necessidade, em vozes elevadas), peguei o meu bloco e uma caneta na minha pasta.

— Certo, como só tenho meia hora, vamos ao que interessa. Vou fazer anotações da nossa conversa, digitá-las e mandá-las para você para que diga se está de acordo.

— Ótima ideia. Dessa forma, não haverá mal-entendidos.

— Desculpe, não haverá o quê?

— Mal-entendidos.

— Exatamente. Número um: local de residência. Obviamente comigo. Assim que eu receber minha herança, o que será muito em breve, vou comprar um apartamento mais adequado para uma família de duas pessoas, por isso, pode ficar tranquilo que não haverá nenhum problema na parte doméstica.

— Desculpe, Susan, não ouvi nada — disse ele, invadindo meu espaço pessoal, mas logo recuando.

Repeti o que havia falado em volume máximo, articulando as palavras o mais distintamente possível.

— Ah, sim, claro. Sempre aceitei que a criança vai morar com você, Susan, e não tenho dúvidas de que você vai organizar tudo de forma apropriada.

— Ótimo. — Houve um momento de comemoração alto e prolongado de um grupo de homens no bar. Esperei que eles se

acalmassem antes de continuar. — Número dois: frequência do contato entre você e a criança. Estava pensando em uma vez por semana.

— Você disse uma vez por semana? — gritou Richard. — Se foi isso, é perfeito. Normalmente estou em Londres às quartas e quintas-feiras, como você bem sabe, e qualquer um desses dois dias seria bom. E ela poderia ficar comigo, no meu hotel, nas noites de quarta-feira. Presumo que ela poderia me acompanhar às reuniões e aos espetáculos sobre os quais vou fazer resenhas.

— Imagino que sim. Pelo que entendo, eles não causam muito problema quando são pequenos. Apenas dormem o tempo todo.

— Excelente. Vou comprar um desses slings para carregar o bebê junto ao corpo. É muito mais conveniente do que um carrinho de bebê em cinemas e galerias.

— E quando ela nascer, você pode passar no hospital para dar uma olhada nela, mesmo que não seja uma quarta ou quinta-feira.

— Muito gentil da sua parte, Susan.

— O que você disse?

— Gentil!

Assenti, dei um gole na minha água e anotei o que havíamos combinado até ali. Minha garganta já estava doendo de falar tão alto.

— Número três — gritei mais uma vez —, fins de semana. Imagino que você gostaria de levá-la para Sussex de vez em quando. Pensei em um fim de semana a cada quatro.

— Não tenho certeza se posso concordar com um fim de semana por ano.

— Ah, pelo amor de Deus! Você pode pedir a um dos funcionários do bar para abaixar essa música?

Richard demorou algum tempo, mas sua missão deve ter sido bem-sucedida, porque o volume logo foi reduzido a um nível tolerável. Quando ele voltou a se sentar, repeti o item número três da minha agenda.

— Era exatamente o que eu teria sugerido — concordou Richard. — Posso encontrar vocês na estação de Waterloo para buscá-la. Quando ela já estiver com idade o bastante para entender, você acha que seria aceitável colocá-la no trem em Londres e eu a encontraria na chegada?

— Não vejo por que não. Afinal, é importante incentivar a independência desde cedo. Seguindo. Número quatro: férias.

— Eu geralmente não tiro férias, de praxe.

— Nem eu, Richard, mas entendo que as crianças gostam delas.

— Bem, digamos duas vezes por ano, durante uma semana na primavera e uma semana no outono? Estou bastante ansioso para mostrar a ela as capitais europeias.

— Está combinado, então. Claro que em períodos que se encaixem nas férias escolares. O que me leva ao número cinco: decisões sobre a educação dela e outros aspectos práticos. Terei prazer em ouvir as suas opiniões sobre esses temas, mas, como cuidadora principal, as decisões finais devem ser sempre minhas.

— Se fosse outra pessoa que não você, Susan, eu poderia protestar, mas sei que a sua visão sobre essas questões provavelmente vai combinar com a minha, por isso estou satisfeito em concordar com isso.

— E, finalmente, número seis: o lado financeiro, que não tocamos até agora. Sou totalmente contra aceitar o seu dinheiro, mas sei que você deseja muito contribuir. Decidi por um meio-termo. Todo mês, vou listar tudo o que gastei com a nossa filha, como comida, roupas, livros etc. E permitirei que você pague cinquenta por cento do total, nem um centavo a mais. Gostaria de deixar claro que, sob nenhuma circunstância, aceitarei qualquer dinheiro para mim. Não ficarei moralmente em débito com você.

— Entendido e estou de acordo.

— No que me diz respeito — falei, tomando o resto da água com gás e limão —, cobrimos todas as bases.

— Devo dizer que podemos nos parabenizar por um acordo bem-feito e amigável. Algumas pessoas teriam feito uma confusão, mas somos sensatos e pragmáticos demais para nos enrolarmos com detalhes. Estou muito ansioso para colocar o nosso acordo em prática. Quanto falta agora, seis semanas?

— Cinco semanas e dois dias.

— Melhor ainda. Mas *há* algo a ser discutido, antes de nos despedirmos — acrescentou Richard. — O que deixamos em aberto na última vez em que nos encontramos: a questão do casamento.

— Richard, agradeço a sua oferta, mas, vamos encarar, não é o que qualquer um de nós deseja. Nosso relacionamento era como um caso extraconjugal, com as saídas noturnas, as noites passadas em hotéis, tudo que não comprometesse nosso dia a dia. E assim como em um caso extraconjugal, quando as partes geralmente não têm intenção de deixar seus cônjuges, tenho certeza de que nenhum de nós dois tinha a intenção de passar o resto da nossa vida juntos.

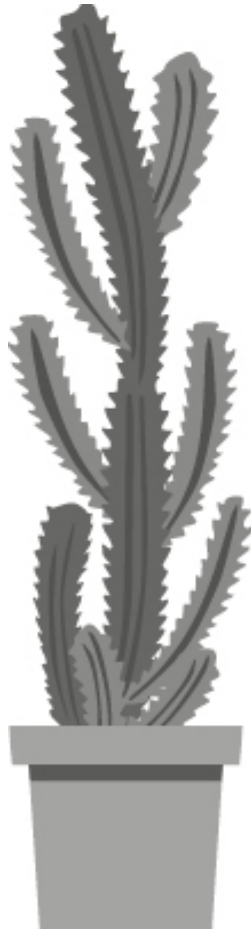
— Talvez a sua falta de entusiasmo seja justificada — concordou ele. — Pensei bastante sobre isso nas últimas semanas. O meu objetivo, o tempo todo, tem sido fazer a coisa certa, e se você tivesse mudado de ideia e achasse que casar era uma opção interessante, então faria com o maior prazer. Mas admito que não tenho certeza se eu seria muito bom em viver uma vida de casado a longo prazo. Tenho o meu jeito de fazer as coisas, como eu sei que também é o seu caso, e não consigo imaginar como me adaptaria aos hábitos e rotinas de outra pessoa. Meu pedido de casamento ainda está de pé, é claro, mas se você estiver decidida a recusá-lo, vou entender perfeitamente.

— Pode ficar tranquilo, Richard. Seria um desastre completo se nos casássemos. Não tenho intenção de aceitar o seu pedido.

— Bem, vamos encerrar toda essa história, então. Essa foi uma noite muito produtiva. Eu sabia, sem sombra de dúvida, que você se sentiria assim. Nenhum de nós dois jamais vai querer ficar vivendo com um companheiro. Estamos confortáveis demais com o nosso estilo de vida.

Imagino que seria difícil para mim discordar.

Fevereiro



22

— O que estamos procurando? — perguntou Kate, pegando o pacote de Post-it que deslizei para ela por cima da mesa da cozinha.

— Qualquer referência a questionamentos sobre a saúde mental da minha mãe, mesmo que passageira ou banal — falei. — Confusão, perda de memória, ansiedade, depressão. Destaque também os medicamentos prescritos. Use os Post-It rosa para sintomas, amarelo para diagnósticos e verde para medicação.

— Espere um instante, preciso anotar isso.

Torci para estar fazendo a coisa certa, permitindo que Kate me ajudasse. Ela estava estudando um assunto pseudocientífico na pós-graduação, por isso não podia ser totalmente destituída de lógica. O fato é que, desde a minha alta do hospital, os registros médicos de mamãe tinham ficado empilhados em cima da urna com as cinzas, esperando que eu tomasse alguma providência a respeito. Até mesmo esforço *mental* estava além das minhas forças. No início daquele mês, no entanto, fui impelida a agir. Recebi pelo correio as defesas à minha ação judicial: uma do sr. Brinkworth e outra de um escritório de advocacia que informou estar representando Edward. Os documentos legais não continham nada que eu já não soubesse — eram pouco mais do que negações das minhas alegações —, mas eu sabia que já estava passando da hora de reunir as provas. Quando comentei com Kate sobre minha tarefa para o fim de

semana, ela se ofereceu para ajudar — desconfio que sua motivação foi mais para escapar do trabalho que ela deveria estar fazendo para a pós-graduação do que um desejo verdadeiro de compartilhar do meu fardo.

— Nossa campanha contra o fechamento da associação de mães e bebês está indo bem — comentou Kate, examinando a primeira folha da sua pilha. — Recebemos bastante apoio da comunidade, especialmente de mães, pais e avós.

— Fascinante — falei —, mas acho que vamos nos concentrar mais se não nos distrairmos com conversa fiada.

— Tudo bem, chefe.

Kate estava examinando as anotações relativas à primeira internação de mamãe no hospital, dois anos antes do segundo AVC. Depois de virar mais algumas páginas, ela ergueu os olhos.

— Eles falam várias vezes sobre ela ter tido um AIT. O que significa isso?

Peguei o notebook e fiz uma busca.

— Quer dizer “Ataque isquêmico transitório” — falei. — É o termo médico para um mini derrame. Ela teve paralisia temporária em um dos lados do corpo, e a sua fala ficou enrolada. Durou apenas algumas horas. Nem me dei ao trabalho de ir até lá, porque, quando soube o que tinha acontecido, ela já tinha voltado ao normal. Ao menos segundo ela.

— Você não quis ir até lá para ver como ela estava?

— Não pareceu ser necessário. Acreditei no que ela me disse.

Na época, eu tive certeza de que estava fazendo a coisa certa. Se mamãe quisesse me ver depois do mini derrame, ela teria me dito, não é? No entanto, falando a respeito com Kate, me senti... não

exatamente culpada, mas um pouco envergonhada. Estava começando a suspeitar de que, talvez, a decisão racional nem sempre seja a mais correta. Voltamos à nossa leitura.

— Aqui diz que a ressonância magnética mostrou que ela tinha um pequeno coágulo que provocou uma interrupção temporária do fornecimento de oxigênio para o cérebro — falou Kate. — Prescreveram um medicamento chamado “clopidogrel” para ela.

Eu retornei ao notebook.

— É o que eles chamam de medicamento “antiplaquetário”, que impede a formação de coágulos sanguíneos. É uma precaução, já que, se uma pessoa teve um mini derrame, o risco de que tenha um problema mais sério aumenta.

Chequei os efeitos colaterais, mas não encontrei nada que pudesse afetar o raciocínio de mamãe.

— De qualquer modo, parece que ela só tomou o remédio por algumas semanas — comentou Kate. — Ela disse em uma consulta posterior que estava tendo dores de cabeça e que queria parar de tomar. No lugar, prescreveram uma baixa dosagem de aspirina.

— Algum outro medicamento? — perguntei.

— Parece que não. As anotações dizem que os médicos ficaram satisfeitos com a recuperação dela. Eles lhe deram alta e a deixaram sob os cuidados do clínico geral que já a acompanhava.

O maço de registros médicos que eu estava examinando era referente ao segundo derrame de mamãe, o mais sério. Ela foi admitida na emergência logo após o incidente na igreja. Havia páginas e mais páginas de dados: observações clínicas; pressão arterial, frequência cardíaca e gráficos de temperatura; resultados de hematologia e de citologia; e registros de administração de

medicamentos. Ali também estavam registrados os resultados dos exames de tomografia e de ressonância magnética. As anotações diziam que mamãe havia tido um “acidente vascular cerebral isquêmico no hemisfério esquerdo”, causado novamente por um coágulo — dessa vez maior. Ela tinha sido tratada com algo chamado de “ativador do plasminogênio tecidual”, um medicamento para romper o coágulo, e tinha voltado a tomar a medicação antiplaquetária, junto com varfarina para afinar o sangue e betabloqueadores para hipertensão. Havia uma enxurrada de terminologia médica, algumas das quais eu entendi, mas a maioria eu precisaria verificar mais tarde. Queria chegar logo na parte interessante.

Os médicos anotaram que mamãe estava respondendo bem ao tratamento, em poucos dias ela começou a recuperar o uso da mão direita paralisada e já tinha controle suficiente da voz para conseguir se fazer entender. Aquilo estava de acordo com o que eu me lembrava da época — na verdade, mamãe parecia estar se recuperando tão bem do derrame que voltei para Londres antes mesmo que ela tivesse alta do hospital. Afinal, tia Sylvia e Edward estavam lá, para visitá-la todos os dias, e eu sabia que o trabalho estava se acumulando na minha mesa. Lembro também que Richard tinha ingressos para um espetáculo no Barbican que eu estava particularmente interessada em assistir. Apesar dos inúmeros motivos que tornaram lógico o meu retorno a Londres, devo admitir que agora questiono se eu deveria ter esperado até que mamãe saísse do hospital — talvez eu não devesse simplesmente ter presumido que ela teria a mesma recuperação rápida e completa que havia tido no mini derrame.

Eu me voltei para as anotações dos atendimentos ambulatoriais, relacionadas às consultas regulares no hospital após a alta. As primeiras páginas tratavam de questões físicas: as verificações habituais de pressão arterial e frequência cardíaca, e debates sobre como ela estava reagindo à medicação. Então, cheguei a uma página com anotações muito mais detalhadas. Agora a coisa começava a ficar interessante. Mamãe havia contado ao médico que vinha ficando irritada com pequenos incidentes que nunca a incomodavam antes, como o gato do vizinho invadindo seu jardim para fazer suas necessidades, ou o leiteiro entregando o leite depois da hora do café da manhã. Embora ela soubesse que eram reações exageradas, esses acontecimentos eram quase insuportáveis para ela na época. Mamãe também disse ao médico que vivia perdendo as coisas — as chaves, a bolsa, a agenda de endereços — e que também se esquecia de que dia era e o que ela deveria estar fazendo. Aquilo a fazia se sentir tola e com raiva de si mesma. Estava determinada a não deixar ninguém perceber o que estava acontecendo, e tinha certeza de que vinha disfarçando bem — ela fazia listas detalhadas e escrevia lembretes para si mesma. No entanto, era exaustivo manter aquela fachada. Ela disse que estava se sentindo deprimida. As anotações do hospital registravam que mamãe foi encaminhada a um neurologista e a um psiquiatra para mais testes e avaliações. Como conclusão, recebeu um diagnóstico: demência vascular.

— Ah, não — falei. — Meu Deus...

— O que você encontrou? — perguntou Kate, surpresa, levantando os olhos da última folha de sua pilha.

— Demência. A minha mãe tinha uma coisa chamada “demência vascular”.

— Isso é bem mais sério do que confusão mental. Ela não te contou? Você não percebeu?

— Eu percebi que tinha alguma coisa errada, mas ela escondeu bem. Só visitei minha mãe algumas vezes depois do segundo derrame, então não notei todos os sinais. Mas acho que minha tia também não reparou, e ela via minha mãe regularmente. Pobrezinha...

Ficamos sentadas em silêncio por alguns momentos.

— Vendo pelo lado positivo, e eu não quero ser insensível — disse Kate —, isso é fantástico para o seu caso, não é? Quer dizer, não é fantástico que ela estivesse com demência. Claro que não. Mas não se pode mudar o que aconteceu, a sua mãe tinha demência e ponto final. Deve estar se sentindo bem por descobrir que estava certa o tempo todo.

— Acho que sim.

Kate estava certa. Aquilo era exatamente o que eu estava esperando encontrar. Estranhamente, porém, a satisfação não era a sensação predominante.

— Se ela tivesse me contado na época, eu poderia ter ido visitá-la com mais frequência. Poderia ter ajudado. Poderia tê-la protegido de Edward.

Kate não estava prestando atenção no que eu dizia — estava empolgada pela emoção do trabalho de detetive.

— Estou pesquisando sobre demência vascular — disse ela. — Aqui diz que os sintomas podem incluir lentidão de pensamento e

dificuldade de planejamento. Também diz que não há tratamento específico. Como o hospital estava tratando ela?

Voltei às anotações.

— Aqui diz que prescreveram antidepressivos, além de todos os outros medicamentos que ela já estava tomando. Minha mãe também recebeu recomendações sobre mudanças no estilo de vida e foi encaminhada à terapia ocupacional. Parece que a intenção disso era ajudá-la a administrar as atividades de rotina. Provavelmente a ajudou a disfarçar seus problemas.

Passei para outra folha. Ali falava sobre o plano de cuidados dela. As anotações registravam que houvera uma consulta na qual Edward estava presente. Meu irmão concordou em ser o cuidador principal dela e, por isso, não foi providenciado nenhum apoio domiciliar adicional. Mamãe foi informada de que tinha direito a reivindicar auxílios governamentais para pagar a Edward pelos cuidados que ele precisaria ter com ela. Ela disse que já havia preenchido um formulário para isso.

Examinei o restante dos papéis. Era mais do mesmo: revisões de medicamentos; históricos de conversas sobre os problemas de memória e de planejamento; mais testes e avaliações. Os médicos disseram a mamãe que sua condição parecia estável, por ora, mas que ela deveria continuar a tomar a medicação regularmente, já que qualquer novo coágulo poderia causar deterioração. Foi registrado, muitas vezes, que Edward estava presente durante as consultas. Então era isso. Eu agora tinha provas, não só de que mamãe estava sofrendo de uma condição médica que teria afetado a sua capacidade de redigir um testamento, mas também de que Edward estava ciente desse fato. Na verdade, ele estava se beneficiando

financeiramente da necessidade de assistência dela. Eu conseguia entender as razões de mamãe para não me contar sobre o seu diagnóstico. Ela era uma mulher orgulhosa, não iria querer que os outros sentissem pena dela. Mas por que Edward esconderia isso de mim, se não por motivos nefastos? Quanto mais eu pensava nisso, mais a minha tristeza com o diagnóstico de mamãe era substituída pela raiva em relação à dissimulação de Edward.

Agora eu tinha certeza de que um juiz declararia o testamento inválido e que seria determinado que a propriedade fosse tratada de acordo com as regras de intestado — ou seja, a casa seria vendida de imediato e o valor resultante dividido igualmente entre mim e Edward. Parecia que estávamos chegando ao final do jogo. Eu deveria estar me sentindo mais feliz.



Na semana seguinte, durante meu horário de almoço, fui visitar Brigid em seu gabinete na Lincoln's Inn. A sala dela, no sótão, era do tamanho de um armário de vassouras, e para chegar lá era preciso subir uma escada em caracol íngreme, uma atividade nada simples na condição de gravidez avançada e que não poderia ser muito mais agradável para a robusta Brigid. A mesa dela estava entulhada, não só com os esperados relatórios e arquivos, mas com plantas mortas, xícaras usadas de café, embalagens de sanduíches e uma miscelânea de recibos. Eu me lembrei de como era o quarto dela no apartamento que dividimos.

— Então, o que você tem para mim? — perguntou Brigid, abrindo um espaço no meio da mesa com um movimento forte do braço.

Passei a ela meu formulário de abertura do processo e as alegações, juntos com as duas defesas, que ela examinou por alguns momentos. Contei o que havia descoberto nos registros médicos, e mostrei a ela os trechos mais significativos. Finalmente, informei a Brigid que Margaret, minha tia e o vigário poderiam — em maior ou menor grau — atestar que mamãe estava sofrendo de esquecimento e confusão.

— Você perdeu uma vocação e tanto, garota. Eu sempre disse que deveria ter trabalhado como advogada.

— Lidar com a papelada teria sido tranquilo — falei. — O problema teria sido as pessoas.

— Nem me fale.

Ela olhou para os trechos que eu destacara nos registros médicos.

— Essa é exatamente a evidência de que você precisa em um caso como esse — falou Brigid. — Você já ouviu falar de um caso chamado Banks vs. Goodfellow?

Contei a ela que tinha lido a respeito durante a pesquisa jurídica. O caso estabeleceu que, quando um testamento é feito, a pessoa em questão deve compreender o ato que está realizando e suas consequências, a extensão da sua propriedade e as reivindicações que pode gerar.

— Isso mesmo. E a pessoa não pode estar sofrendo de nenhum distúrbio mental que, e cito aqui de memória, “distorça suas simpatias, perverta seu senso de direito, ou impeça o exercício de suas faculdades naturais”. Falando de um modo geral, se um testamento parecer racional e não contiver irregularidades, a capacidade mental é presumida. Mas o caso de Vaughan vs. Vaughan estabeleceu que, se houver evidência de confusão ou

perda de memória, caberá às pessoas que contam com o testamento, no caso o sr. Brinkworth e o seu irmão, estabelecerem a capacidade mental. E outro caso diz que uma disposição irracional em um testamento pode refutar a presunção de capacidade. Portanto, a evidência médica, combinada ao fato de que não há nenhuma razão lógica pela qual sua mãe daria preferência ao seu irmão acima de você, está a seu favor.

— Foi exatamente o que pensei.

— Apenas um breve aviso de cautela — continuou Brigid. — A questão não é se a pessoa *realmente* compreende o que está fazendo, é se ela tem *capacidade mental* para compreender. Quanto mais complexo o testamento, mais fácil se torna comprovar a falta de capacidade. O fato de ser um testamento muito simples, com apenas dois beneficiários, não é exatamente vantajoso para você.

— Mas com a demência vascular, ela provavelmente não era capaz de compreender todas as implicações de um usufruto.

— Esse seria o meu argumento.

— E também há a influência indevida.

— Ah, sim, as táticas de intimidação. Você sabe que eu sempre fui contra essa estratégia. Influência indevida requer coerção; o falecido deve ter sido pressionado a fazer um testamento que não desejava fazer. A seu favor: o que é encarado como coerção varia de acordo com a capacidade de resistir da pessoa; se essa capacidade está fraca devido à fragilidade mental, é necessário empregar menos “força” para dominá-la. O problema é que é possível ser influenciado a se fazer algo sem que esse ato seja contra a sua vontade. Então, se Edward simplesmente importunou sua mãe ou insistiu com ela para que o deixasse ter o usufruto a casa da família, isso não é

suficiente. O tribunal precisará ser convencido, no ônus da prova, que Edward foi além disso, que ele realmente a *forçou* a fazer o testamento *contra a vontade dela*. Nada que você me mostrou prova disso.

Um jovem advogado bateu na porta e enfiou a cabeça pela fresta. Brigid disse que falaria com ele em um instante.

— Então, Susan — disse ela, e se levantou —, o meu conselho é: esqueça a influência indevida e concentre-se na capacidade mental. Os registros médicos, apoiados pela evidência das testemunhas, garantem a você um caso justo sobre essa questão. Consiga o registro por escrito das declarações dessas testemunhas e faça com que assinem os depoimentos o mais rápido possível, e apresente suas evidências às outras partes. Com sorte, eles vão ceder sem que seja necessário uma audiência. Toda sorte do mundo para você, garota. Não se esqueça da minha parcela em qualquer ganho que tenha.



Alguns dias depois, recebi no trabalho um telefonema do vigário da St. Stephen's.

— Srta. Green, estou muito feliz por ter conseguido falar com a senhorita. Andei pensando cuidadosamente em relação ao assunto sobre o qual conversamos no Natal, e orei muito pedindo orientação. Cheguei à conclusão de que tenho o dever moral e ético de revelar o que a sua mãe me contou confidencialmente agora que ela não está mais conosco.

— Já não era sem tempo — falei. Na verdade, eu tinha esquecido completamente sobre a informação ultrassecreta do vigário.

— Sim, sinto muito pela demora, mas era uma decisão muito difícil de tomar. No final, fui influenciado pelo fato de ser algo que terá um impacto pessoal na vida da senhorita e, possivelmente, na forma como agirá no futuro. Além disso, antes de morrer, sua mãe estava questionando se ela mesma não deveria lhe contar. Acredito que, no fim, ela talvez teria se decidido a fazer isso. Sinto que essas considerações superam meu dever de confidencialidade para com sua falecida mãe.

— Ótimo. Tenho certeza de que Deus entenderá a sua lógica. Então, do que se trata?

— Ah, bem, não é o tipo de coisa que eu poderia divulgar por telefone. Venha me ver na sacristia e eu lhe explicarei tudo.

— Você sabe que moro a quase duzentos quilômetros de distância e estou grávida de oito meses?

— Sim, srta. Green, e sinto muito por lhe causar esse incômodo, especialmente na sua condição delicada. Mas tenho certeza de que, se sua mãe soubesse que eu iria lhe contar isso, ela gostaria que fosse feito pessoalmente.

No fim das contas, eu estava mesmo pensando em fazer outra viagem para as Midlands. Já tinha digitado os depoimentos para que o vigário, Margaret e tia Sylvia assinassem como testemunhas, e queria que fizessem isso na minha frente.

— Está certo. Que tal na próxima sexta à tarde? — perguntei.

— Ótimo. — Houve uma pausa. — A senhorita talvez queira trazer um amigo ou parente para lhe dar apoio.

23

Kate subiu até o sótão do apartamento dela enquanto eu segurava a escada para firmá-la e, ao mesmo tempo, continha os esforços de Ava e Noah para segui-la. Instantes depois, ela reapareceu com uma bolsa cheia de roupas de recém-nascido, que passou para mim.

— É só jogar tudo na máquina de lavar que as roupas vão ficar novinhas em folha — disse Kate enquanto desaparecia de novo dentro do sótão.

Em seguida ela surgiu com um moisés, além de uma sacola de lixo cheia de roupas de cama e um assento de carro para recém-nascidos.

— Você não vai precisar de muito mais do que isso no início, além de um porta fraldas.

— Mas onde vou colocar todas essas coisas?

— Você vai encontrar um lugar. Pense no seu apartamento como uma Tardis. Vai ficar surpresa com o quanto consegue enfiar nele.

Eu me ofereci para pagar, mas ela recusou.

— A gente coloca tudo de volta lá em cima quando você não precisar mais. Quem sabe? Talvez uma de nós venha a precisar de tudo isso novamente no futuro.

— Engraçadinha.

Naquela noite, abri a bolsa e espalhei o conteúdo no chão da sala de estar: macacões, coletes, cardigãs, casacos, bonés e luvas. Tudo

era incrivelmente pequeno — me fez lembrar das roupas que eu tinha para a minha boneca Tiny Tears quando era pequena. Eu levava aquela boneca para quase todos os lugares, desde o dia em que a ganhei de presente, no meu terceiro aniversário, até o dia — cinco anos depois — em que ela desapareceu misteriosamente do meu quarto quando eu estava fora de casa com mamãe, fazendo compras de Natal. Mamãe disse que eu devia ter levado a boneca comigo e esquecido onde deixei. Eu sabia que não tinha sido nada disso. Edward parecia muito satisfeito consigo mesmo quando voltamos para casa, exaustas de ter que lidar com a aglomeração no centro da cidade. Só mais tarde naquela noite entendi por quê. Mas eu não tinha nenhuma prova e mamãe ficou furiosa comigo por fazer uma acusação dessas.

— Eu não duvidaria que o fedelho seria capaz de fazer isso — balbuciou meu pai. — Ele é capaz de se safar até com um assassinato nesta casa.



Enquanto eu arrumava as roupinhas de bebê, o telefone tocou. Chequei a tela e vi que era o número de Rob. Não tinha tido notícias dele em quase um mês. Inexplicavelmente, senti uma sensação de apreensão enquanto minha mão pairava sobre o fone. Atendi um segundo antes da secretária eletrônica.

— Alô.

— Susan, que bom escutar sua voz. Parece que não nos falamos há séculos.

— Acho que já faz mesmo um bom tempo.

— O tempo simplesmente voou, tenho andado super ocupado.

— Entendo.

— Correu tudo da melhor maneira possível, Susan. Foi incrível, apesar de ter sido um pouco estranho com a Alison no início. Ela ficou me avaliando, se certificando de que eu realmente tinha mudado, de que não sou mais o babaca de vinte e tantos anos atrás. Parece que a convenci, porque ela decidiu tirar uma folga do trabalho, me mostrar os pontos turísticos de Edimburgo e me apresentar aos pais dela e aos outros dois filhos. Um está fazendo faculdade na cidade e o outro faz estágio em uma empresa de marcenaria local.

— Que ótimo.

— Foi mesmo. Todos foram muito simpáticos, o oposto completo de quando entrei em contato com a família anos atrás. O passado foi perdoado e esquecido. Provavelmente porque eles têm um novo vilão em cena agora: o ex-marido da Alison. Parece que, em comparação, eu não fui tão ruim.

— Imagino que você tenha conhecido seu filho.

— Sim, acabei conhecendo. James começou um doutorado na Universidade de Liverpool. Alison sugeriu que o visitássemos juntos para que ela pudesse nos apresentar. Assim, depois de cerca de uma semana em Edimburgo, fomos de carro até Liverpool. Não consigo explicar como foi, apenas dizer que foi o melhor dia da minha vida não faz justiça ao que eu senti. Mas eu não estava mentalmente preparado para conhecê-lo. Eu sabia, na minha cabeça, que James era um homem de vinte e três anos, mas inconscientemente ainda pensava nele como um menino. A verdade é que ele está tão alto quanto eu, talvez um pouco mais alto, e mais robusto. E usa uma

barba cheia. Meu filho é um cara incrível, Alison realmente fez um trabalho maravilhoso.

— Fico feliz por você ter se dado bem com ele.

— Nos demos bem demais. Eu não chamaria de um relacionamento pai e filho. Não acho que isso vá acontecer depois de todos esses anos. Mas definitivamente nos entendemos. Alison ficou conosco em Liverpool por alguns dias e depois voltou para Edimburgo, mas James quis que eu passasse mais tempo com ele. Havia um quarto vago na casa que ele aluga, e fiquei ali. Foi ótimo sair com ele. Nós visitamos a casa onde John Lennon passou a infância, fizemos um tour para ver tudo relacionado aos Beatles e pegamos uma balsa para atravessar o rio Mersey. Então sugeri mostrar Birmingham a ele, que aceitou o convite, veio até aqui e ficou na minha casa. Eu o levei aonde havia conhecido a mãe dele, e a alguns dos antigos lugares que frequentávamos. James voltou para casa hoje de manhã. Vamos fazer um esforço para nos vermos regularmente.

— Imagino que você também vá passar a ver Alison regularmente, agora que estão juntos de novo.

Ele riu.

— Na verdade, não estamos juntos.

Não estão juntos, pensei. Não estão juntos.

— Sinto muito por ouvir isso. Você deve estar muito desapontado.

— Nem um pouco. Quando finalmente nos encontramos, percebi na mesma hora como toda aquela ideia tinha sido ridícula. Eu construí uma imagem fantasiosa na minha cabeça de como Alison era quando estávamos juntos, mas essa imagem não correspondia à verdade naquela época e certamente não corresponde agora. Acho a

Alison ótima, me dou bem com ela, que sempre foi simpática e engraçada. Talvez, se eu quisesse investir na ideia de ficarmos juntos, ela poderia até ter se interessado, talvez não. Mas, no que me diz respeito, não houve nenhuma química. É muito louco que eu tenha passado todo esse tempo obcecado por uma pessoa que nunca existiu de verdade, a não ser na minha cabeça. Fui um idiota. Mas Alison e eu vamos continuar amigos. Temos um filho juntos e somos uma parte importante do passado um do outro. Mas ela não faz parte do meu futuro. Andei pensando muito nas últimas semanas. E lamento demais ter demorado tanto a voltar a falar com você. Foi como se eu estivesse dentro de uma pequena bolha, e a vida real do lado de fora foi suspensa. Mas pretendo compensar você.

— Não há necessidade.

— Há, sim, no que me diz respeito.

Uma pausa.

— Enfim — continuou ele —, me conte o que você tem feito.

— Andei ocupada com a documentação do processo judicial — falei, e percebi que estava relaxando.

Contei o que havia descoberto nos registros médicos de mamãe. Rob ficou surpreso — Edward nunca havia mencionado o diagnóstico de demência vascular. Aliás, Rob contou que os dois haviam brigado. Meu irmão descobriu que havíamos passado a véspera de ano-novo juntos e chamou Rob de agente duplo, de traidor, de um desgraçado que o apunhalara pelas costas. Não pude deixar de sorrir. Também contei a Rob sobre as complicações na gravidez e sobre o tempo que passei no hospital. Ele disse que gostaria que Kate tivesse avisado,

para que ele pudesse ter ido me visitar. E lamentou muito não estar por perto para me oferecer apoio.

Devemos ter conversado por mais de uma hora, embora eu não estivesse de olho no relógio. No fim, acabei mencionando por acaso que iria de trem para as Midlands na sexta-feira para encontrar o vigário e organizar a assinatura dos depoimentos das testemunhas.

— Perfeito. Vou encontrar você na estação e a levarei aonde quiser.

Recusei a oferta, talvez não tão firmemente quanto poderia ter sido, mas ele insistiu.

— Você precisa de alguém com você — disse Rob —, por causa do seu susto médico. Não vai querer estar sozinha se alguma coisa voltar a acontecer.

Admito que fiquei muito feliz por ele ter insistido — certamente economizaria tempo e o valor que pagaria em táxis.



Eu estava estranhamente inquieta e agitada durante a viagem para Birmingham. Não consegui identificar o motivo — talvez estivesse ansiosa em relação ao encontro com o vigário ou em ver Rob, mas nenhuma das alternativas fazia sentido. Tentei me concentrar no livro para treinamento de bebês que tinha comprado na semana anterior, mas percebi que estava lendo o mesmo parágrafo várias vezes. Kate tinha me aconselhado a deixar aquele livro de lado. Ela disse que bebês não podiam ser treinados como chimpanzés, que tínhamos só que “seguir nossos instintos”. Era ótimo para ela dizer aquilo, mas e se os instintos não aparecessem? Um pensamento infundado, afinal, é claro que vou saber o que fazer.

Enquanto eu me espremia para passar na catraca da estação New Street, vi Rob antes que ele me visse. Ele estava olhando para o quadro de chegadas e checando o relógio. Experimentei um choque que não tinha nada a ver com a aparência de Rob... era algo diferente. A sensação foi um pouco como chegar em casa depois de um longo período ausente; um sentimento de estar reencontrando alguma coisa familiar e olhando para aquilo com novos olhos. Rob me viu e caminhou na minha direção. Quando me alcançou, ele parou, hesitou, então pareceu se decidir. Eu me peguei retribuindo o abraço. Confesso que até pressionei o rosto na jaqueta dele, enquanto ele pressionava o rosto nos meus cabelos. Um limite havia sido cruzado. Eu sei que isso é um absurdo. Fico envergonhada até de contar isso. Não tenho ideia da imagem que deveríamos ter passado: uma mulher pequena, imensamente grávida, vestida à perfeição e um homem alto, de cabelos cheios, usando roupas de trabalho. Eu obviamente não estava raciocinando direito.

Fiquei surpresa ao descobrir que Rob havia limpado a van, por dentro e por fora. Ele até colocou um tapete sobre o assento imundo e pendurou um purificador de ar. Não era exatamente nível de limusine, mas sem dúvida uma melhora em relação às últimas vezes. No caminho, Rob contou que o trabalho andava devagar nos últimos tempos, que era sempre assim no inverno. Enquanto ele estava em Edimburgo e em Liverpool, Billy supervisionara a reforma da casa, que agora já estava quase terminada. Rob achava que poderia vendê-la com um bom lucro. Por coincidência, um amigo dele com uma empresa de paisagismo e jardinagem bem-sucedida em Londres tinha entrado em contato para dizer que estava com muito mais trabalho do que conseguiria dar conta. E perguntou se Rob

gostaria de unir forças. Rob achava a proposta tentadora — havia uma cartela de clientes potencial maior no sul, e ele não tinha nada que o prendesse a Birmingham. Ele parecia estar buscando a minha aprovação. Não sei por quê. Falei que seus arranjos comerciais e domésticos não eram da minha conta.

— Talvez. Mas ajudaria se eu soubesse o que você acha.

Rob continuou a esboçar seus planos embrionários e ainda estava no processo quando paramos perto das portas da igreja de St. Stephen's. Ele saltou da van e deu a volta até o lado do passageiro para me ajudar a descer.

— Quer que eu entre com você? — perguntou. — Para oferecer um pouco de apoio moral?

— Não, não acho que vá demorar muito. Pode esperar aqui.



Rob estava no cemitério examinando as lápides quando abri a porta da igreja e saí apressada, alguns minutos depois. Ele caminhou pela grama molhada e se juntou a mim no portãozinho de entrada do cemitério.

— Uma visita já resolvida, agora só faltam duas — disse ele, depois que eu subi de volta na van com dificuldade.

Não respondi. Apenas fiquei olhando para a frente.

— Susan, você está bem? Vamos para a casa de Margaret agora?

Uma pausa.

— Acho que vou deixar isso para outra hora.

— Você que sabe. Vamos direto para a casa da sua tia, então?

— Não, não, eu não quero ir para Worcester. Definitivamente não.

— Pensei que você fosse passar a noite lá. Ela não está esperando por você?

— Não escutou o que eu falei, Rob? — retruquei, irritada. — Você é surdo ou burro? Não quero ir para a casa da tia Sylvia. Não quero ir para a casa da Margaret. Não quero ir a lugar nenhum.

— Vem cá — disse Rob, se esforçando para me abraçar. — Eu não sei o que aquele maldito vigário disse, mas é visível que chateou você. Quer que eu vá até lá e acabe com ele? — Eu me afastei e encostei a testa no vidro da janela do passageiro. — Desculpe. Vamos para a minha casa, então — acrescentou ele, ligando o motor.



No caminho para a casa de Rob, pensei no que se passara no meu encontro com o vigário. Estava frio como gelo na sacristia dessa vez — o sistema de aquecimento estava com defeito e o aquecedor elétrico antiquado não servia de nada para ajudar com o frio de fevereiro. Nós nos sentamos de casaco e cachecóis, o vigário ainda com um gorro de tweed e luvas sem dedos. Comecei mostrando a ele o breve depoimento que havia redigido em seu nome, como testemunha, onde resumi os fatos que ele havia me contado da última vez que nos vimos. O vigário leu o depoimento e colocou-o na mesa diante dele. Então, pousou as mãos sobre o papel.

— Lamento, mas não posso assinar da forma como está.

— Por que não?

— Não é que eu discorde de qualquer coisa que você escreveu, mas há mais uma questão que precisa ser incluída se eu quiser ser uma testemunha neste caso.

— Que é...?

— É melhor eu contar logo. Susan, sua mãe estava se sentindo muito deprimida nos últimos meses de vida. Ela guardava um segredo. E desconfiava de que logo estaria junto ao seu Criador, por isso se sentia aflita se deveria ou não revelar tudo a você. Posso lhe perguntar... você já viu a sua certidão de nascimento?

— Não — respondi. — Minha mãe perdeu há anos. — Nunca me dei ao trabalho de conseguir uma cópia. Acho que teria feito isso se quisesse dar entrada em um passaporte ou tirar a carteira de motorista, mas nunca me senti inclinada a fazer nenhuma das duas coisas. — De qualquer modo, o que isso tem a ver com o assunto em questão?

— Sua mãe não perdeu sua certidão de nascimento. Ela a escondeu.

— Por que diabo minha mãe faria uma coisa dessas?

— Ela não queria que você esbarrasse na certidão, porque então descobriria que ela não era sua mãe biológica. Minha cara, lamento muito ter que lhe dizer isso, mas você foi adotada pelos seus pais quando tinha algumas semanas de idade.

— Rá. Ela realmente estava ficando mal da cabeça — comentei.
— Minha mãe achava mesmo que não tinha me dado à luz?

— Não foi um delírio. Tivemos muitas, muitas conversas sobre o assunto, sobre o dilema moral de guardar esse segredo de você e do sofrimento que isso causaria a você se descobrisse. A história que ela contou era por demais convincente e plausível para ser um produto da imaginação da sua mãe. Sei que deve ser um choque terrível para você.

— Isso não é verdade. É mentira. Eu saberia se tivesse sido adotada. Teria pressentido alguma coisa. Todo mundo sempre disse o quanto eu me pareço com meus pais. Onde está a prova? Tenho apenas a sua palavra sobre isso. Pelo amor de Deus, até onde eu sei, *você* pode estar inventando essa história.

— Se está achando difícil aceitar a ideia, e eu entendo que esteja, posso sugerir que você cheque sua certidão de nascimento? Sua mãe me contou onde a guardava. Acho que ela pode ter previsto um cenário assim.

— Então, onde ela disse que estava?

— Na caixa de joias dela. O forro da base está solto. Ela escondeu ali embaixo. Eu realmente sinto muito, muito mesmo.

— Deve sentir mesmo, por ficar espalhando histórias absurdas como essa sem verificar os fatos. É indigno de você e da posição que ocupa. Vou fazer uma reclamação formal ao bispo ou ao sínodo ou a quem quer que seja.

Peguei o depoimento não assinado, que ainda estava em cima da escrivaninha diante do vigário, e fui embora.



Assim que entrei na casa de Rob, fui atingida primeiro pelo calor, que foi particularmente bem-vindo depois da sacristia sem aquecedor e das correntes de ar na cabine da van. Em segundo lugar, veio o cheiro de tinta, verniz e cola de papel de parede. O lugar tinha sido transformado de uma casca vazia em algo quase semelhante a uma casa.

— Preciso fazer uma ligação — disse a Rob, enquanto entregava meu casaco a ele.

— Pode usar a sala de estar. Vou colocar a chaleira no fogo.

O celular de Kate tocou pelo menos meia dúzia de vezes. Finalmente, ela atendeu.

— Preciso de um favor seu — falei. — Pode usar a chave sobressalente para entrar no meu apartamento e pegar a caixa de joias da minha mãe na prateleira no alto da estante?

— Sem problema. Espera um segundo.

Ouvi o barulho de chaves, de passos na escada, o som de fechaduras sendo abertas e o alarme antirroubo sendo desativado.

— Pronto, estou com a caixa. O que você quer que eu faça?

— Tire o nível superior, esvazie a base e veja se o forro está solto. Sons de Kate mexendo na caixa.

— Sim, está. Tem um pedaço de papel dobrado dentro. Parece uma certidão de nascimento.

Meu coração batia forte e minhas mãos estavam úmidas. Achei que poderia terminar derrubando o celular.

— Você pode abrir e ler os nomes do bebê, da mãe e do pai?

— O bebê é Susan Mary Green. Ah, é a sua certidão de nascimento. O nome da mãe é Sylvia Grainger. E a parte do “nome do pai” está em branco. O que está acontecendo, Susan? Você está bem?

— Obrigada pela ajuda — falei. — Você pode colocar tudo de volta onde encontrou e trancar a porta ao sair?

Eu desliguei. Estava me sentindo mal — a sala começou a perder os contornos, como tintas de aquarela se infiltrando umas nas outras. Eu me sentei em uma poltrona e me inclinei para a frente, os cotovelos sobre os joelhos, a cabeça apoiada nas mãos.



As coisas estavam começando a voltar ao foco quando Rob entrou carregando uma bandeja com um bule de aço inoxidável, xícaras descombinadas e um pacote de biscoitos de chocolate.

— Isso vai fazer você se sentir melhor — disse ele, colocando a bandeja em cima de uma mesa baixa. Ele olhou para mim. E viu que não adiantaria.

— Quer conversar? — perguntou ele.

— Não estou me sentindo bem. Posso me deitar em algum lugar? Só um pouco.

— Não está entrando em trabalho de parto, está?

— Não, nada disso. Eu só preciso descansar.

Ele me levou para cima, dizendo que só tinha uma cama no momento, mas que eu ficasse à vontade para usá-la. O quarto era austero, tinha acabado de ser reformado e ainda não tinha personalidade. O único sinal de ocupação era uma pilha de livros sobre horticultura na mesa de cabeceira. Depois de puxar as cobertas, Rob me ajudou a tirar os sapatos.

— Vou ligar para a sua tia e dizer que você não vai para lá hoje. Tenho o número dela em algum lugar, de quando ela queria que eu fizesse o jardim. Durma o tempo que quiser. Estarei lá embaixo se precisar de mim.

Fechei os olhos, mas não havia possibilidade de descansar com a cabeça latejando da maneira que estava. Minha tia era minha mãe e minha mãe era minha tia; meu pai não era nada meu. Era quase impossível de aceitar. Tentei entender. Tia Sylvia era quinze anos mais nova do que mamãe, portanto, ela teria dezessete anos quando fui concebida. Isso foi alguns anos antes de ela se casar com tio Frank. Mamãe teria trinta e poucos anos, na época, e estava casada

com meu pai havia seis anos. Eu não conseguia compreender como tia Sylvia podia ter dado o bebê dela. Um bebê que ela carregara no ventre, assim como eu carregava minha filha. Também não conseguia entender por que meus pais desejariam adotar o filho de outra pessoa. E por que todos eles guardaram segredo? Nunca tive a impressão da parte de nenhum deles de que nosso relacionamento era diferente do que parecia ser. Tia Sylvia costumava visitar nossa casa com uma regularidade irritante, mas ela tinha um relacionamento muito próximo com a irmã. E ela sempre se interessou muito pelo que eu estava fazendo, mas presumi que fosse apenas por causa da sua natureza intrometida. Tia Sylvia: boba, vaidosa, obcecada por si mesma. A ideia de que eu era sua filha me deixava horrorizada. Minha infância — tudo o que disseram ou fizeram para mim, tudo o que eu experimentei ou senti — tinha sido baseada em uma mentira.



Mais ou menos uma hora depois, voltei para o andar de baixo. Estava escuro do lado de fora, as cortinas tinham sido fechadas, as lâmpadas, acesas, e a lareira a gás, ligada. Ouvi o som de um rádio vindo da cozinha, onde encontrei Rob sentado à mesa, lendo o jornal. Ele se levantou quando eu entrei e perguntou como eu estava me sentindo. Pedi desculpas pelo meu comportamento estranho. Expliquei que o vigário tinha me contado algo sobre minha mãe que me deixara chocada e perturbada. Rob voltou a perguntar se eu queria falar a respeito. Disse a ele que não.

— Há algum hotel por perto? — perguntei. — Preciso conversar sobre algumas coisas com minha tia Sylvia. Decidi que vou à casa

dela pela manhã, por isso não adianta pegar um trem de volta para Londres esta noite.

— Nem pensar — disse Rob. — Você vai ficar aqui.

Para ser honesta, eu precisava da companhia. Não estava em condições de ficar sozinha. Passamos uma noite quieta e bastante doméstica juntos. Ajudei Rob a cortar os legumes para a receita que ele ia preparar, então, fiquei olhando enquanto ele se ocupava com o fogão. Dividimos uma garrafa de vinho — eu precisava daquilo. Depois de comermos, Rob lavou a louça do jantar e eu sequei. Conversamos sobre nossos projetos profissionais recentes, sobre como Birmingham tinha mudado ao longo dos anos, sobre filmes que vimos ou que queríamos ver, o tempo todo evitando cuidadosamente o assunto do que eu descobrira na St. Stephen's. Mais para o fim da noite, percebi que havia algo na mente de Rob. Quando eu estava prestes a ir me deitar, ele abordou o assunto.

— Devo dormir no sofá ou dividimos a cama? É uma king-size, então há espaço de sobra para nós dois, quer dizer, para nós três.

A sugestão me pegou de surpresa. Obviamente, se eu tivesse tido tempo para pensar a respeito, ou estivesse um pouco mais dona de mim, não teria hesitado em instruí-lo, de forma inequívoca, a dormir no sofá.

— Não sei — respondi. — A casa é sua, você decide.

— Muito bem, então vamos dividir a cama.

Suponho que poderia ter dito a Rob que preferia dormir sozinha. Mas não fiz isso. Sempre fui uma pessoa que não perdoa a inconsistência.

Acordar na manhã seguinte e sentir o corpo quente dele aconchegado às minhas costas, o braço passado ao redor da minha

barriga, foi... bem, não foi totalmente desagradável.

24

— É uma pena você não ter podido vir ontem, acabou perdendo a Wendy e a Chrissie. Elas ficaram arrasadas por não ver você, mas tiveram que ir embora bem cedo. Foram esquiar. Não consigo me lembrar onde. Tinha o nome de um lugar no Leste Europeu, mas isso seria estranho. Seu tio Frank levou as duas ao aeroporto. Ele vai estar de volta antes do almoço. Rob ligou ontem para dizer que você estava se sentindo um pouco mal. Isso pode acontecer quando a gravidez já está assim, adiantada, se você não pega leve. Acontecia o mesmo comigo quando eu estava esperando as gêmeas. “Sylvia, pare de correr como se não houvesse amanhã”, seu tio Frank vivia dizendo. Mas você sabe como eu sou. Não consigo ficar parada nem um minuto. É por isso que estou tão em forma.

Ela parou por um instante ao ouvir o som de pneus no cascalho.

— Ah, Rob está indo embora. Ele não vai entrar? Estava ansiosa para falar com ele. Vi um Davi de Michelangelo que ficaria fantástico perto do gazebo, mas queria a opinião artística dele. Tchau, Rob, querido... vejo você mais tarde. Susan, você não imagina como estou contente por vocês dois estarem juntos. Ele é um partido e tanto. Sempre gostei de um homem que tem o próprio negócio. Você teria que disputá-lo comigo, se eu fosse vinte anos mais jovem.

Tudo isso foi dito antes de eu cruzar o limiar de “Wendine”, e até mesmo de dizer “oi”. Mais cedo naquela manhã, eu tinha explicado a

Rob que o papel dele naquele dia era apenas o de motorista, que a presença dele no meu encontro com minha tia seria um obstáculo. Rob afirmou que tudo bem por ele. Havia uma casa e um jardim projetados pelo paisagista e arquiteto Capability Brown nas proximidades, onde ele adoraria passar algumas horas. No entanto, enquanto observava a van dele desaparecendo pela longa entrada de carros, ao contrário do que eu esperava sentir, quase lamentei não ter permitido que me acompanhasse. O fardo do assunto que eu estava prestes a levantar com minha tia pesava nos meus ombros.

De pé na cozinha, enquanto esperávamos o café ficar pronto, fiz um esforço monumental para acompanhar a conversa de tia Sylvia sobre o importante tópico de se uma franja combinaria ou não com ela. No fim, depois que analisamos o assunto de todos os ângulos possíveis, ela empurrou o êmbolo da prensa francesa para baixo e inclinou o corpo para examinar o resultado final.

— Talvez eu tenha feito o café forte demais. Esse aqui vai acordar rapidinho a pequenina — disse ela, endireitando o corpo e dando um tapinha carinhoso na minha barriga.

Tia Sylvia pegou duas xícaras de porcelana com motivos florais no armário, serviu o café e adicionou três colheres de açúcar em uma delas. Então, fez uma pausa com a colher no ar.

— Açúcar para você, querida? Eu sei que não deveria, mas sempre fui uma formiguinha, desde que era menina. “Sylvia, você já é doce o bastante”, costumava dizer meu pai, mas um pouco do que gostamos só faz bem.

Recusei. Ela foi até a geladeira e voltou com uma vasilha e uma garrafa.

— Creme ou leite? — perguntou, e acrescentou uma camada espessa de creme em sua própria xícara.

— Preto, por favor.

— Nossa, como você é chique.

Estávamos sentadas em sofás de couro creme na sala, de frente uma para a outra, com uma mesa de centro estilo Luís XIV com tampo de vidro no meio, onde estava o depoimento redigido por mim. Tia Sylvia se inclinou para a frente, foi até a última página e assinou, sem nem sequer checar o conteúdo. Sugeri que ela talvez quisesse ler o documento primeiro, mas ela disse que não havia necessidade.

— Você é melhor com as palavras do que eu, querida. Sei que vai estar tudo certo.

Eu tinha ficado em dúvida se, com a mudança das circunstâncias, eu ainda deveria pedir a tia Sylvia que assinasse o documento. No final, decidi que sim — fosse qual fosse o resultado daquela conversa, eu ainda precisava de declarações de testemunhas para apoiar as evidências médicas no meu caso contra Edward.

— Agora que isso está resolvido, me conte o que você tem feito — pediu tia Sylvia, pegando a xícara e misturando com a colher o creme que estava em cima.

— Fui ver o vigário da St. Stephen's ontem.

— Que bom. Ele era um grande amigo de sua mãe. Está sempre elegante, embora tenha barba.

— Ele disse que mamãe tinha um segredo.

Tia Sylvia largou a caneca e a colher e começou a alisar a saia.

— É mesmo, querida? Por que será que ele disse uma coisa dessas? Mas imagino que todo mundo tenha alguns fantasmas no

passado. Tenho certeza de que não era nada de mais. Eu deveria ter trazido alguns biscoitos também. Tenho um biscoito escocês delicioso. Você aceitaria um? — Ela se levantou.

— Ao que parece, mamãe disse a ele que eu fui adotada.

Eu estava calma, muito mais calma do que achei que estaria. Minha tia voltou a se sentar. Seu rosto e seu pescoço estavam muito vermelhos.

— Mas ela *estava* confusa, você mesma disse. Todos achamos, não foi?

— Não em relação a isso. Eu sei quem consta como “mãe” na minha certidão de nascimento. Vim aqui hoje porque quero ouvir essa história de você.

— Não sei do que você está falando. Quer dizer... Ah, Susan, querida — disse tia Sylvia em um lamento. — Ah, não sei o que dizer.

— Que tal me contar a verdade? Já passou da hora de alguém fazer isso.

— Não deveria ter sido revelado assim. Não achei que Patricia ainda tinha aquela certidão de nascimento. Ela me disse que havia destruído depois que a adoção foi finalizada. Quando você a encontrou?

— Ontem. Estava escondida no forro da caixa de joias da mamãe.

— Não consigo nem imaginar o que deve estar passando pela sua cabeça.

Ela se levantou mais uma vez e deu a volta na mesa de centro, os passos não muito firmes, para se juntar a mim. Então, tentou segurar minhas mãos, mas eu me desvencilhei e afastei o corpo para a outra extremidade do sofá.

— Não — falei. — Por favor, não me toque. Só quero os fatos.

— Susan, eu queria te contar, desde que você era uma garotinha. Mas eu não podia, não é mesmo? Patricia era sua mãe. Ela estava criando você como filha dela. Não cabia a mim criar confusão. Isso teria aborrecido toda a família: sua mãe, seu pai, sua avó e seu avô, seu tio Frank. E teria atordoado você. Fiz o que achei ser melhor. Concordei com o que todos queriam.

— Então, por que não me contou assim que mamãe morreu?

— Pensei em fazer isso, sinceramente. Mas você estava de luto. Então descobri que você estava esperando um bebê. E achei que não seria justo que tivesse que lidar com isso também. E eu teria que contar para Wendy e Chrissie. Seu tio Frank sabe. Contei a ele antes de nos casarmos. Ele pensou em não prosseguir com o casamento, mas acabou ficando ao meu lado. Vou contar às meninas assim que elas voltarem de onde quer que tenham ido. Assim que se acostumarem com a ideia, vão ficar nas nuvens por você ser irmã delas.

— Não estou interessada em saber se você vai contar a elas ou não, isso é problema seu. Tudo que eu quero — acrescentei, falando devagar e com firmeza — é a verdade sobre o meu nascimento.

Do corredor veio o som de um telefone tocando. Minha tia fez menção de se levantar, mas mudou de ideia. Ficamos as duas ouvindo, em silêncio, esperando que, fosse quem fosse, desistisse, ou que a secretária eletrônica atendesse. Por fim, parou. Tia Sylvia pigarreou.

— Susan, querida, eu era tão jovem. — Assim começou a história do meu nascimento. — Eu tinha apenas dezessete anos quando descobri, e ainda morava na casa dos meus pais. Fazia menos de um

ano que eu tinha terminado o colégio e havia acabado de conseguir meu primeiro emprego... no departamento de gravatas da Rackhams. Todos os garotos viviam atrás de mim, mas eu sempre ia até certo ponto e parava. A não ser por uma única vez. Quando me dei conta de que estava grávida, fiquei apavorada. Tive a sensação de que minha vida estava arruinada. — Ela balançou a cabeça, como se quisesse afastar a lembrança.

— Você poderia ter feito um aborto, se eu era um erro tão terrível — falei, irritada. — Não *precisava* trazer uma criança indesejada ao mundo.

— Não diga “indesejada”. Não foi assim. Nunca pensei em interromper a gravidez. Não que eu desaprovasse. Conheci algumas garotas que fizeram isso e não tiveram qualquer arrependimento. Mas, por algum motivo, assim que soube decidi que não escolheria essa opção.

Meu bebê estava pressionando desconfortavelmente minha bexiga. Mudei de posição no sofá de couro escorregadio.

— Então, como acabou me abandonando?

Tia Sylvia se encolheu.

— Quando a barriga começou a aparecer, eu soube que não poderia mais guardar segredo. A única pessoa em quem consegui pensar em contar foi a sua mãe. Ela já estava casada com seu pai na época, e morava do outro lado da cidade, então não nos víamos muito. Eu me encontrei com ela no Café Kardomah em um sábado, durante o horário de almoço. Eu tremia como vara verde enquanto contava a ela. Achei que sua mãe fosse ficar furiosa. Lembre-se de que ela era quinze anos mais velha do que eu, por isso era mais do que só uma irmã mais velha. Mas a Patricia foi muito compreensiva.

Perguntou quem era o pai, e se ele estaria disposto a fazer a coisa certa. Eu disse que era um rapaz qualquer que eu tinha conhecido em um baile, que nunca o vira antes, nem voltei a ver. “Vai ficar tudo bem”, disse ela. “Vou explicar tudo para a mamãe e para o papai. E não importa o que eles digam, vou ficar do seu lado.”

Tia Sylvia se levantou para pegar o porta-lenços dourado no aparador, enquanto eu tentava assimilar o fato de que eu era apenas o produto de um caso de uma noite. Ela voltou a se acomodar no sofá e enxugou os cantos dos olhos, tomando cuidado para não borrar a maquiagem pesada.

— Eu me senti tão culpada por contar para sua mãe e colocar toda a preocupação no colo dela, mas Patricia se manteve fiel à sua palavra. Ela foi à nossa casa no dia seguinte, se sentou com sua avó e com seu avô diante da mesa da cozinha e contou tudo a eles sem rodeios. Como se não houvesse nada com o que se preocupar. Sua avó chorou, e seu avô olhava para mim como se fosse me espancar. Então eles começaram a dizer coisas como: “O que os vizinhos vão pensar?”, “Como você vai sustentar a criança?”, “Como vai conseguir um marido agora?”. Eu não tinha resposta para nenhuma dessas perguntas. Mas sua mãe tinha. Ela provavelmente já tinha pensado em tudo. “Tem certeza de que o pai não vai ajudar em nada?”, perguntou ela. “Tenho”, respondi. “E estou certa em presumir que você não quer que esse bebê destrua sua vida?” “Bem, sim”, respondi. “Então, existe apenas uma solução, Sylvia”, disse ela. Era óbvio o rumo que aquilo estava tomando. “Não posso simplesmente entregar a criança a um estranho”, falei. “Para um estranho, não. Para mim e para o Clive”, disse ela.

— Por que ela faria isso? A confusão era sua, não dela. É um grande sacrifício a fazer, mesmo por uma irmã.

— Não foi um sacrifício para ela. Entenda, sua mãe e seu pai vinham tentando ter um filho desde que se casaram. Ela havia engravidado três vezes e tivera três abortos espontâneos, um após o outro. Patricia sentia que estava ficando sem tempo, afinal, já tinha passado dos trinta, e achava que não seria capaz de levar uma gravidez até o fim. Acho que sua mãe chegou à conclusão de que aquilo tinha acontecido por um motivo. Lembro que ela já tinha tudo planejado. "Sylvia pode dizer ao chefe que vai passar algum tempo com parentes. Ela vai ter que pedir demissão, mas com sorte eles a aceitarão de volta. Então, ela pode ir para a casa da tia Gladys, em Rhyl, até a criança nascer, e depois vai poder voltar para casa como se nada tivesse acontecido. Ninguém vai ficar sabendo. E Clive e eu podemos adotar o bebê. Assim o manteremos na família, e todos saem ganhando." Seus avós se acalmaram um pouco depois disso. Dois problemas resolvidos de uma só vez, veja bem: a falta de filhos de sua mãe e a minha gravidez não planejada.

— Tudo muito certinho e organizado. Tudo varrido para debaixo do tapete.

— Ninguém nem se deu ao trabalho de perguntar o que eu achava, querida. Todos simplesmente presumiram que eu concordaria com a ideia. E foi o que eu fiz... não conseguia ver alternativa. Mas, uma semana depois que dei à luz, quando sua mãe e seu pai foram até Rhyl, achei que não conseguiria entregá-la. Você era tão linda. Seus olhos eram do azul mais azul que eu já vi, e o tufo de cabelo no topo da sua cabeça era o mais macio que eu já tinha sentido. Enquanto eles conversavam com tia Gladys, enrolei

você em um xale e aconcheguei seu coelhinho do lado. Era o coelhinho que eu tinha tricotado para você durante o último mês de gravidez... e fiquei só segurando você, e segurando, e segurando...

Meu coelhinho Bunnikins. Sempre foi meu favorito na hora de dormir e, agora, estava embrulhado em papel de seda, dentro de uma caixa de sapatos no fundo do armário. Sempre pensei que mamãe o tivesse tricotado para mim.

— Quando sua mãe e seu pai foram embora, eles levaram você. Nunca chorei tanto na minha vida. Eu ficava repetindo para mim mesma que você não tinha partido para sempre, que eu ainda poderia vê-la sempre que quisesse. Ainda poderia abraçar você, conversar e ver você crescer.

Tia Sylvia fungou, respirou fundo e sorriu para mim. Eu me virei em direção à lareira de mármore branco. O console estava abarrotado de fotos emolduradas de tia Sylvia, tio Frank, Wendy, Christine e os netos. Percebi que, na extremidade mais próxima a mim, havia um pequeno porta-retratos de prata, em forma de coração, com uma fotografia em preto e branco de um bebê recém-nascido. Se fosse Wendy ou Christine, haveria outra foto idêntica em uma moldura correspondente. Não havia.

— De qualquer forma, fiquei em Rhyl por algumas semanas, até me recuperar do parto e estar quase com a mesma aparência de antes. Tudo aconteceu exatamente como sua mãe havia planejado. Os vizinhos não souberam de nada a respeito e fui readmitida na Rackhams. Sua mãe costumava levar você para me visitar toda semana. No começo, foi difícil ver você no colo dela, e precisar me despedir de novo, toda vez. Mas acho que acabei me acostumando. Você se tornou a filha da Patricia, minha sobrinha.

— Muito conveniente, não é? — falei, e voltei a encarar minha tia. Ela estremeceu novamente, mas continuou a história.

— Todo mundo ficou surpreso quando sua mãe engravidou um ano depois, mas presumimos que terminaria em um aborto espontâneo, assim como os outros. Mas daquela vez ela conseguiu carregar o bebê a termo. Nunca a vi tão feliz como no dia em que Edward nasceu.

— Posso imaginar.

— Para ser honesta, fiquei verde de inveja quando vi Patricia com sua pequena família. Mais tarde, conheci seu tio Frank e tive as gêmeas, e o resto é história. Sinto muito, Susan. Sinto muito por sua mãe e seu pai nunca terem lhe contado a verdade. Mas você consegue ver, não consegue, que nada disso foi culpa minha? Apenas fiz o que mandaram. Eu gostaria que as coisas fossem diferentes, mas precisamos jogar com as cartas que temos na mão. Agora que você sabe a verdade, não vou mais precisar fingir. Você é a *minha* menina. E sempre será.

O delineador e o rímel estavam formando poças pretas nos cantos dos olhos de tia Sylvia. Ela os enxugou novamente com um lenço.

— E quanto ao meu pai biológico? Preciso saber tudo o que você lembra a respeito dele.

A expressão dela passou de triste para assustada.

— Vou precisar organizar um pouco as ideias, querida. Vou dar um pulinho no banheiro. Volto em um instante.

Estava começando a me sentir claustrofóbica; o teto da sala parecia muito baixo, o carpete muito espesso, o ar pesado demais com o aroma que saía do difusor em cima de uma mesa próxima. Levantei com esforço, atravessei a porta do conservatório e olhei

pela janela. O céu estava de um cinza-aço, e caía uma garoa fina, do tipo que parece pouco mais do que névoa, mas encharca você em segundos. Os galhos das árvores estavam nus, e não havia sinal de vida nos canteiros de flores encharcados. Vi uma pega solitária pousar no comedouro de pássaros, se dar conta de que não havia nada ali para ela, e voar para longe. Depois de um tempo, tia Sylvia apareceu na porta, parecendo conformada.

— Vou me servir de uma taça de xerez antes de continuar. Para dar coragem. Posso servir uma para você?

— Não, obrigada — respondi.

Quando ela voltou, trazendo uma taça de cristal, sugeri que nos acomodássemos na sala novamente.

— Prefiro ficar aqui.

— Mas está tão frio. Nunca dá para aquecer direito este cômodo no inverno.

— Não me importo.

Eu me sentei em uma poltrona de vime e tia Sylvia fez o mesmo com relutância.

— E então? E quanto ao meu pai?

— Susan, eu estava em dúvida sobre contar isso a você. Ninguém mais sabe além de mim, nem mesmo seu tio Frank. Eu poderia levar esse segredo comigo para o túmulo se quisesse... provavelmente seria mais fácil para todos se eu fizesse isso. Mas vou contar. Você merece saber toda a história. Sem mais segredos, certo?

Tia Sylvia olhou para as mãos e começou a mexer sem parar em um grande anel com o símbolo da eternidade incrustado de diamantes.

— Como já falei, eu tinha apenas dezessete anos na época, embora as pessoas costumassem dizer que parecia muito mais velha, por causa da maneira como me vestia. Você sabe, como uma estrela de cinema. Sempre admirei sua mãe. Ela tinha tudo: um marido, uma casa, um emprego e dinheiro suficiente para comprar coisas boas. É difícil lembrar, mas seu pai era um homem atraente naquela época. Ele tinha trinta e dois anos, era muito respeitado na área dele e muito charmoso. A verdade é que eu tinha uma queda por ele. Claro, ele já bebia muito. Todo mundo sabia.

— Ele era um alcoólatra.

— Eu sei, querida, mas naquela época ele só parecia exagerar um pouco na bebida, como Oliver Reed ou Richard Harris. O fato de ele beber demais parecia rebeldia, não fraqueza ou uma atitude autodestrutiva, como passou a ser depois. Ninguém imaginou a forma como o vício iria dominá-lo.

— Por que isso é relevante?

Houve uma longa pausa. Eu podia ouvir o tiquetaquear baixo do relógio de mesa através da porta da sala, e o zumbido de um trator a distância.

— Na noite em questão, tínhamos ido a um casamento de alguém da família. Da prima Shirley, você se lembra dela? Mora na Austrália agora.

Assenti.

— Era uma sexta-feira — continuou ela —, e eu tinha que acordar cedo para trabalhar no dia seguinte, por isso decidi ir embora antes. Shirley sugeriu que seu pai me desse uma carona para casa, e voltasse para a recepção. Ele não se animou muito com a ideia, porque estava se divertindo, mas tinha acabado de comprar um

carro novo, que acho que gostava de exibir, por isso acabou aceitando. Ele já tinha tomado alguns drinques, mas as pessoas não se preocupavam tanto com isso naquela época. No caminho, seu pai brincou comigo, dizendo que eu parecia a Brigitte Bardot de Birmingham. Quando chegamos na casa dos seus avós, ele resolveu entrar e tomar um drink antes de dirigir de volta. Clive sabia onde meu pai guardava o uísque.

— Não sei por que está me contando tudo isso. Quero saber sobre meu pai biológico, não sobre o adotivo.

— Estou chegando lá, querida. Estou me preparando para isso.

Ela pegou a taça de xerez, tomou um gole e continuou:

— Eu já estava meio alta. Não estava acostumada a beber, mas tinha tomado alguns Babychams naquela noite, era uma bebida que estava na moda na época. Coloquei um disco do Tom Jones para tocar e comecei a dançar. Seu pai se levantou e se juntou a mim. No início, ficamos apenas rindo, dançando desajeitados.

Ela tomou outro gole do xerez, e percebi que suas mãos tremiam. Tive uma intuição repentina de para onde aquilo estava caminhando. Torci intensamente para estar errada.

— Bem, não é preciso dizer muito mais — falou ela com um suspiro. — Foi apenas uma vez. Eu me arrependi imediatamente, e vi que ele também. Seu pai foi embora logo depois e eu não o vi novamente por semanas. Não contei a ele que tinha ficado grávida.

— Não!

— A única vez que ele falou comigo a respeito foi depois que sua mãe teve a ideia de adotar o bebê. Ele apareceu na Rackhams no final de uma tarde, pouco antes de eu me demitir. Tudo o que disse

foi: “É meu?” Eu respondi que sim, e ele disse: “Sinto muito”. Foi isso.

— Por favor, Deus, não. — Fechei os olhos com força.

— No dia seguinte, sua mãe ligou para dizer que seu pai tinha concordado com a adoção. Ela nunca soube que ele era o seu pai biológico. *Eu*, pelo menos, nunca disse nada. Ao longo dos anos, às vezes me perguntei se o seu pai teria contado a ela, quando estava bêbado, mas, se isso aconteceu, ela nunca deixou transparecer. Sua mãe proibiu qualquer pessoa da família, inclusive eu, de falar sobre a adoção. Todos agíamos como se você fosse dela. Você é a primeira pessoa a quem eu conto isso. — Ela bebeu o resto do xerez e pousou a taça na mesa. — Você precisa entender, Susan, que nada disso foi culpa minha, ou do seu pai. Ele nunca tinha demonstrado qualquer tipo de interesse em mim antes. Foram apenas alguns minutos de insanidade. Mas não me arrependo agora, porque olha só para você. É uma mulher maravilhosa, tão inteligente e tão bonita. Eu não poderia ter mais orgulho de você. E vai me dar outro neto. A única coisa que me entristece é pensar no que você teve que passar por causa do problema do seu pai com a bebida. Sei que foi difícil. Foi difícil para mim também, ficar parada, assistindo. Se eu pudesse ter pegado você de volta, teria feito isso. Mas não podia.

Tia Sylvia finalmente ficou em silêncio. Ela parecia estar esperando uma reação da minha parte, mas eu me sentia tão incapaz de responder a ela quanto estaria uma estátua esculpida em um bloco de gelo. A história que ela contara sobre minha concepção ressoava na minha cabeça como a borda de uma geleira cortando o oceano. Meu sangue parecia congelado; como se houvesse pingentes de gelo perfurando dolorosamente a minha cabeça,

espetando atrás dos meus olhos, nas raízes dos dentes. Havia um zumbido agudo nos meus ouvidos, e o ar da sala parecia estar queimando meus pulmões.

— Você entende, não é, Susan? Diga que sim, querida. Diga que você não me culpa. Estou feliz por você saber, de verdade. Esse pode ser um novo começo para todos nós, agora que está tudo às claras.

Ela estava tocando meu braço e me encarando com uma expressão suplicante.

— Você deixou tudo muito claro para mim. — Eu estremei. — Mas, por favor, não espere que eu diga que não tem nenhuma culpa.

— Susan, você não entende como eram as coisas naquela época. Ser mãe e solteira era malvisto. Talvez não tanto em Londres, ou entre o meio artístico, mas onde vivíamos, bem, meus pais não conseguiriam viver com uma coisa dessas.

— Eu sei como era, não sou idiota. Mas também sei como *você* é. Sempre gostou de flertar, não consegue nem dizer “oi” para um homem sem acionar seus encantos femininos. Todo mundo sabe disso. Você sentia inveja da sua irmã e queria o que ela tinha. Então, seduziu meu pai quando o autocontrole dele tinha sido comprometido pela bebida, e depois foi fraca demais para enfrentar as consequências dos seus atos. Sim, eu entendo. Entendo perfeitamente.

— Não foi nada disso, Susan.

Eu estava desesperada para fugir, para ir para longe daquela mulher que não parecia ter qualquer consciência, não ter a menor noção do que fizera. Ignorei seu lamento de autocomiseração e chequei o relógio. Estava no bangalô havia quase duas horas. No

timing perfeito, a campainha com o toque do Big-Ben ecoou pelo corredor. Eu me levantei com esforço da poltrona de vime, atravessei a sala e fui até o hall de entrada. Tia Sylvia me seguiu em um passo oscilante.

— Fique mais um pouco, querida. Vamos conversar.

— Já dissemos tudo o que tínhamos para dizer uma à outra — falei, enquanto vestia meu casaco pequeno demais.

— Não dissemos, nós mal começamos. Não vá embora assim. Peça a Rob que volte um pouco mais tarde. Posso preparar alguma coisa para comermos.

Balancei a cabeça e passei por ela para chegar à porta.

— Você fez o que fez. Toda ação tem uma reação, de igual intensidade. Você me deu as costas, e agora estou fazendo o mesmo.



No caminho da casa de tia Sylvia para a estação, Rob se esforçou para entender o motivo de eu o ter levado direto de volta para a van assim que abri a porta da frente, e por que a minha tia estava pálida como um fantasma. Disse a ele que estávamos relembrando histórias de família. Ele percebeu claramente que havia mais do que isso.

— Estou aqui quando você quiser se abrir — falou.

Talvez ele precise esperar por um longo tempo.

Para evitar quaisquer outras referências indesejáveis ao que havia acontecido na casa de tia Sylvia, perguntei a Rob sobre o jardim que ele visitara naquela manhã. Ele ainda estava descrevendo o jardim

em detalhes quase minuciosos demais quando chegamos aos arredores de Birmingham.



Rob desligou o motor da van no estacionamento de vários andares da estação de trem e se virou para mim na penumbra.

— Susan, antes de você ir, tenho uma proposta a fazer. Esse talvez não seja o momento ideal, mas “quem não arrisca, não petisca”, como dizem. E, depois do que aconteceu ontem à noite, sinto que estou em um terreno mais firme.

— Não aconteceu nada ontem à noite, além de termos dormido um ao lado do outro. Para ser mais precisa, você dormiu e eu fiquei me revirando.

— Tudo bem, mas escute. Você sabe que tenho pensado muito desde que me encontrei com a Alison. É como se eu estivesse com uma venda o tempo todo, e agora que finalmente a tirei consigo ver o cenário completo.

— Eu não tenho muito tempo, Rob. Você pode ir direto ao ponto, por favor?

— Tudo bem. — Ele respirou fundo. — Bem, você lembra que eu disse que estou considerando me mudar para Londres e fundir meu negócio com o do meu colega?

— Sim.

— Bem, o que você acha de morarmos juntos?

— De que diabo você está falando?

— Podemos alugar primeiro, se você estiver preocupada com um compromisso sério demais. Já deve ter percebido o que eu sinto por você, e tive a impressão de que você sente o mesmo. Ignore que só

nos conhecemos de verdade há alguns meses... quando uma coisa é certa, ela é certa. Somos muito diferentes, mas nos completamos. Sabe aquela história de “O todo é maior do que a soma de suas partes”? Isso somos nós. Você faria bem para mim e, ora, eu seria *fantástico* para você. E, na nossa idade, por que perder mais tempo?

Aquela era a última coisa de que eu precisava — já me sentia sitiada, bombardeada, quase esmagada por onda atrás de onda tomando de assalto a minha psique. Não tinha certeza de quanto mais eu poderia aguentar. Em vez de planejar uma vida compartilhada com alguém, tudo o que eu queria era chegar em casa, trancar a porta, desligar o telefone e me isolar do mundo. Os eventos recentes tinham provado o que eu já sabia o tempo todo — as outras pessoas não eram confiáveis.

— Que ideia absurda — falei, me atrapalhando na pressa de soltar o cinto de segurança.

— Eu sei, mas e daí?

— Por que você acha que eu gostaria de morar com você, se nunca tive qualquer desejo de ter outra pessoa na minha vida? Aprecio minha própria companhia, valorizo minha independência, gosto de fazer as coisas do meu jeito. Não quero um homem grande e desajeitado bagunçando a minha casa e atrapalhando tudo. E está errado em supor, só porque parece que nos damos bem, que tenho qualquer tipo de sentimento por você. Preciso pegar um trem em quinze minutos. Realmente não preciso disso agora, Rob.

Eu me inclinei com dificuldade e peguei a bolsa perto dos meus pés, abrindo em seguida a porta da van.

— Você não chegou a dizer “não”.

— Não. De jeito nenhum. Absolutamente não. Fui clara o suficiente para você?

Março



25

Eu deveria estar comemorando o início da minha licença-maternidade — nada mais de espremer a barriga colossal em trens lotados, nada mais de sofrer com as manias irritantes e a tagarelice fútil dos meus colegas; tenho tempo de sobra para me dedicar aos meus próprios interesses. Mas me encontro em um estado de limbo, incapaz de pensar em formas de preencher cada dia vazio e interminável. Nesse mês, se tudo correr bem, vou me tornar a mãe de uma menina. Acredito que o sentimento apropriado seria de uma ansiedade nervosa, mas mal estou pensando nisso. Como posso contemplar o que vem pela frente quando estou presa no passado?

Foi só nos últimos dias que cheguei ao fundo desse desânimo que me domina tão profundamente. Na manhã seguinte ao meu retorno de Birmingham, eu chegara a acordar com o espírito renovado. Estava furiosa, cheia de energia. Era hora de retomar o controle. Eu daria o golpe fatal no meu processo judicial, venderia a casa e tudo o que estivesse nela e seguiria em frente com a minha vida, livre de qualquer laço remanescente com minha família e com o passado. Limpo, clínico e rápido.

Enviei o depoimento de testemunha para Margaret, que assinou e devolveu em poucos dias, então enviei e-mails para o sr. Brinkworth e para os advogados do meu irmão, da firma Lawson, Lowe & Co. Anexei cópias das páginas mais contundentes dos registros médicos

(aquelas referentes ao diagnóstico de mamãe e aos seus sintomas debilitantes) e das declarações de tia Sylvia e de Margaret. Disse ao sr. Brinkworth que minhas evidências provavam que tinha sido negligência da pior espécie possível da parte dele seguir as instruções de mamãe sem pedir a confirmação de um médico de que ela sabia o que estava fazendo. Disse a ele que a validade não era mais uma questão — um testamento escrito por uma senhora idosa, com demência vascular, nunca sobreviveria ao escrutínio do tribunal.

Em meu outro e-mail, afirmei para Lawson, Lowe & Co. que os registros médicos mostravam que o cliente deles estava totalmente ciente do diagnóstico da minha mãe e, portanto, sabia que ela estava vulnerável à pressão. Que havia mantido essa informação em segredo. À luz das minhas evidências, o tribunal acharia profundamente suspeito um testamento que conferia a Edward um benefício maior do que o que havia sido conferido à irmã dele. Exigi que tanto o sr. Brinkworth quanto a Lawson, Lowe & Co. parassem com joguinhos e admitissem a derrota. E estava extremamente confiante de que fariam exatamente isso. Minhas evidências haviam demolido o caso deles. Eu me parabeneizei — tinha sido um trabalho bem executado da minha parte. Se alguém achava que eu ficaria sentada e deixaria os eventos se desenrolarem à revelia, que me permitiria ser uma vítima da negligência ou da traição de outras pessoas, essa pessoa tinha cometido um terrível engano.



Quase fiquei tentada a ligar para Trudy e perguntar se eu poderia voltar a trabalhar até a hora do parto. Não via razão de parar três semanas antes da data prevista para o nascimento — aquilo dava

uma liberdade perigosa à mente para entrar em terrenos indesejáveis. Mas seria humilhante voltar para o escritório depois do rebuliço desnecessário armado na minha saída. Trudy quis organizar uma despedida para mim no restaurante tailandês do outro lado da rua, mas informei a ela que aquele tipo de evento não era nada do meu feitio. Minha intenção era sair pelas portas giratórias no meu último dia de trabalho como se fosse uma noite de sexta-feira normal.

Fiquei desconfiada quando, às cinco da tarde no dia em questão, as mesas foram empurradas para o lado e surgiram garrafas de vinho das bolsas dos meus colegas. Trudy não atendera ao meu pedido e havia planejado uma festa surpresa. Sorri educadamente enquanto ela falava sem parar sobre como o escritório iria ficar uma bagunça sem mim, como eles sentiriam falta do meu senso de humor irônico, como o bebê teria a vida mais eficientemente organizada de qualquer criança de todos os tempos. Houve brindes e vários presentes, que fui persuadida a abrir na frente de todos. O presente de Trudy foi uma bomba de tirar leite e um pacote de protetores de seio (“Eu costumava vazar leite para todo lado nas primeiras semanas”, disse ela, para a óbvia repulsa de Tom). O presente do próprio Tom foi um macacãozinho com *Straight Outta Compton* — nome de um disco do grupo de hip-hop N.W.A e de um filme sobre o grupo — escrito na frente (“Achei a sua cara”, falou ele, com um sorrisinho debochado). O presente de Lydia, para incentivar a minha autoconfiança, foi um DVD com dicas de como colocar meu corpo em forma de novo em seis semanas (“Você tinha um corpo tão lindo”). Inevitavelmente, fui forçada a fazer um discurso. Consegui pensar em algumas palavras aparentemente

sinceras — já havia estado em chás de bebê de Trudy o suficiente para saber o que fazer.

Terminada a humilhação pública, escapei. Tenho certeza de que ninguém percebeu, assim como, apesar das declarações ao contrário, ninguém vai reparar na minha ausência pelos próximos seis meses. E, para minha irritação, ainda tive que arcar com a despesa nada insignificante de um táxi até Clapham — não só eu estava cheia de sacolas de presente decoradas com várias espécies de animais bebês, como também carregava uma grande caixa de papelão debaixo do braço com todos os meus cactos. Não confiava em nenhum dos meus colegas para cuidar deles, sem dúvida iriam encharcá-los, desconsiderando por completo o fato de que tais plantas evoluíram para prosperar em condições áridas.



Eu esperava que a rendição dos réus fosse imediata. No entanto, conforme os dias se passavam, comecei a me sentir um pouco menos otimista. Na primeira manhã da licença-maternidade, recebi os dois e-mails que estava esperando. Eu me sentei na poltrona com o notebook, coloquei meus pés inchados sobre a urna com as cinzas de mamãe e abri o primeiro, da Lawson, Lowe & Co.:

Seguimos as instruções do seu irmão em relação ao seu e-mail recente e documentos anexos. Nosso cliente admite que sempre esteve ciente do diagnóstico da sua mãe e que ela pediu a ele que não revelasse nada a quaisquer outras partes, incluindo membros da família. Conversamos recentemente com o sr. Shafiq, médico da sua mãe. Ele vai confirmar que, por

mais que a condição dela tenha afetado algumas de suas atividades cotidianas de forma secundária, não afetou sua capacidade de compreender a extensão de seus bens, o ato de fazer um testamento ou as reivindicações pelas quais ela deu efeito. Esse testemunho coloca os registros médicos em contexto e anula a sua alegação de falta de capacidade mental por parte da sua mãe.

Também estamos no processo de redigir um depoimento de testemunha do reverendo Jeremy Withers, que contatou nosso cliente para informar a ele que a senhorita não é filha biológica da sra. Green. Registro que a senhorita optou por não divulgar esse fato, apesar de ser de grande relevância para o motivo de a sua mãe decidir fazer o testamento. Além de dar evidências sobre o seu relacionamento com a sra. Green, o reverendo Withers vai testemunhar sobre o fato de que ela estava preocupada com nosso cliente e como ele lidaria com a vida depois que ela partisse, tendo em vista especialmente o forte vínculo entre os dois: mais uma razão para fazer o testamento.

Considerando todas as circunstâncias, informamos ao nosso cliente que ele tem um caso forte. Assim, ele continuará a resistir com convicção à sua reivindicação.

O segundo e-mail era do sr. Brinkworth:

O fato de os registros médicos mostrarem que sua mãe tinha demência vascular não altera minha posição: não era incumbência minha procurar aconselhamento médico antes de redigir o testamento da sua mãe, porque não havia nada em seu comportamento que sugerisse que ela não estava

totalmente ciente do que estava fazendo. Os advogados de seu irmão agora me informaram da nova evidência que veio à luz, a partir da qual fica claro que sua reivindicação irá fracassar. Fui pego no meio de uma disputa entre seu irmão e a senhorita sobre os verdadeiros desejos da sua mãe. Gostaria de exortá-la uma última vez a chegar a um acordo com ele para colocar um fim nesses procedimentos equivocados.

Reli os dois e-mails. Era como se eu tivesse jogado uma palavra de sete letras em um jogo de Scrabble, só para descobrir que meu oponente não apenas era capaz de fazer o mesmo, como ainda poderia usar um quadrado de pontuação tripla. Eu não tinha contado com o próprio médico de mamãe minimizando o impacto dos sintomas dela e atestando sua capacidade. Nem tinha contado que minha adoção — que achei que seria de conhecimento apenas do vigário, da tia Sylvia, do tio Frank e de mim — seria trazida à tona para o processo. Eu podia imaginar como Edward deve ter se sentido ao saber que eu era adotada, como deve ter rido de alegria e apreciado o momento. Tenho certeza de que se sentiu vingado, não apenas em relação ao testamento de mamãe, como em relação a tudo o que ele já tinha dito ou feito contra mim.

Aquele maldito vigário. Ele realmente achava que estava tendo um comportamento ético, contando a Edward, ou estava apenas querendo criar confusão? De qualquer forma, aquilo havia destruído meu caso. Pensei no que Brigid tinha me dito: “Uma disposição irracional em um testamento pode refutar a presunção de capacidade”. O fato de mamãe supostamente não ter nenhuma razão para favorecer Edward teria colocado dúvidas na mente do tribunal sobre a competência dela para fazer um testamento. Agora

havia um motivo possível. Pela primeira vez, me ocorreu que talvez mamãe ter dado a Edward o direito de permanecer na casa não tenha sido, na verdade, um ato de irracionalidade induzido pela demência. Ela tivera toda a intenção de beneficiá-lo.

Nem me dei ao trabalho de me vestir naquele dia. Fiquei deitada no sofá, assistindo a programas de televisão sem conteúdo, mudando de canal toda hora, em um esforço para encontrar algo que entorpecesse minha mente. Minha respiração estava ofegante, e o meu coração, acelerado. Eu me dei conta de que a concentração das minhas energias em ganhar a disputa judicial tinha servido como distração de pensamentos menos bem-vindos. Eles começaram a se aglomerar na minha mente.



“E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” Foi isso que o vigário falou enquanto eu saía correndo da sacristia. Algum versículo do Evangelho de João. Sinto ter de discordar do venerável santo. Sei a verdade agora. Sei que fui um erro embaraçoso, o resultado de um encontro passageiro e sem sentido entre duas pessoas que não tinham sentimentos uma pela outra. Sei que minha mãe biológica se importava tão pouco comigo que se dispôs a me entregar para outra pessoa; que, para a mulher que eu acreditava ser minha mãe, eu não passara de um prêmio de consolação, de um tapa-buraco, apenas para o caso de não surgir um filho ou filha de verdade; que fui enganada pela minha família por toda a infância, por toda a vida. E a verdade me faz sentir livre? Não mesmo. Eu me sinto aprisionada por ela, definida por ela. Nunca fui quem acreditei ser;

nunca fui a protagonista da minha própria história, fui nada mais do que um figurante na história de outra pessoa.



Não saí do apartamento por uma semana — o sol da primavera parecia forte demais, e o barulho das ruas, muito alto. Pedi para minhas compras serem entregues hoje, assim, não teria que me aventurar a sair. Não que eu esteja comendo muito. Kate não para de bater na porta perguntando se estou bem. Digo a ela que estou exausta, que esse último estágio da gravidez está sendo difícil e que preciso descansar. Ela se ofereceu para me fazer companhia, mas não a deixei passar da porta. Preferia que Kate não visse o apartamento, afinal, não me dei ao trabalho de arrumar nada, ou limpar — nem mesmo de tomar banho — por dias. Ela não sabe que fui o produto de um caso entre meu pai e minha tia, ou que fui derrotada no processo judicial. Também não quero falar sobre isso, mas é tudo em que consigo pensar ultimamente.

Rob também está me perturbando, telefonando todos os dias. Disse a ele para não perder tempo. Não tenho nada a dizer para ele. Só uma vez ele se referiu aos seus sentimentos por mim e à ideia estúpida de morarmos juntos. Garanti que se ele voltasse a mencionar aquilo, eu pararia de atender suas ligações. Ele diz que vai deixar o assunto de lado por enquanto. Mas não parece desistir. Tia Sylvia também tem telefonado, alternando entre o telefone fixo e o celular. Não atendo. Na verdade, estou tão farta de excluir as mensagens dela da secretária eletrônica que desliguei a máquina. Não preciso mais dela.

Não tenho ideia de por que tia Sylvia insiste em tentar contato comigo. Toda a história da gravidez e do bebê deve ter sido um grande inconveniente para ela. Sem dúvida, sua principal preocupação, quando estava grávida de mim, devia ser a possibilidade de que seu corpo nunca mais voltasse ao normal. Se ela tivesse ficado comigo, eu não seria nada além de um constrangimento, teria comprometido o seu estilo de vida e arruinado suas chances de conseguir um bom partido. Não imagino que ela tenha tido um único momento de arrependimento depois de me entregar para minha mãe e para meu pai. Deve ter sido um alívio voltar para a vida desimpedida de solteira, livre para flertar e se exhibir. Aposto que ela raramente pensou sobre a verdadeira natureza do nosso relacionamento desde então. Na verdade, sabendo como minha tia é fútil e egocêntrica, eu não ficaria nada surpresa se ela tivesse esquecido completamente que me deu à luz até eu lembrá-la do fato.

Tenho passado muito tempo revendo os álbuns de fotos que trouxe da casa de mamãe. A foto do meu batizado, onde mamãe parece deslocada, tia Sylvia parece distante e a maioria dos convidados está séria demais, agora faz sentido. Estavam todos representando seus papéis, seguindo com o combinado. Os álbuns não têm quase nenhuma outra foto minha quando bebê, só algumas de mamãe me segurando no colo em uma postura tensa, no que parece ser um banco de parque, e uma do meu pai me aninhando nos braços. Mamãe não está sorrindo em nenhuma das fotos. Por que não? Afinal, foi ideia dela me adotar. Talvez ela tenha achado as demandas da maternidade recente mais difíceis do que esperava, ou quem sabe tenha tido dificuldade em se afeiçoar a um bebê que não

era dela. Meu pai, por outro lado, parece quase feliz. Provavelmente porque escapou impune. Ele conseguira passar os genes para a próxima geração, e nenhuma culpa lhe foi atribuída. Na verdade, ele deve ter sido visto como um santo por assumir o filho de outra pessoa.

Não é surpresa alguma que haja inúmeras fotos do meu irmão quando bebê: Edward nu em um cobertor; Edward no colo da avó; Edward no carrinho, no berço e, mais tarde, no cadeirão, no triciclo, e segurando seu ursinho favorito. Às vezes, apareço ao fundo. De vez em quando, também faço parte da foto, mas espremida perto do canto como segunda opção. Mamãe era quem sempre tirava as fotos na família — e só havia ela conforme o problema do meu pai com a bebida piorava. A proporção de fotos de Edward em relação às minhas diz tudo o que precisa ser dito. Eu me pergunto como não percebi isso antes.



Comecei o processo judicial para lutar por justiça, por equidade; para garantir a mim mesma o que eu acreditava que mamãe desejaria que eu tivesse. Agora percebo que não era essa exatamente a minha intenção. O que eu queria era provar que Edward e eu éramos iguais aos olhos de mamãe. Queria que um juiz declarasse em um tribunal que, se estivesse em seu juízo perfeito, mamãe não teria favorecido meu irmão. É claro que eu sempre soube que ela era mais próxima de Edward do que de mim — a evidência estava lá para quem quisesse ver. Mas, às vezes, a autopreservação nos faz tapar os olhos.

Mamãe ficou preocupada que Edward tivesse herdado uma fraqueza de caráter genética do meu pai; que acabasse se entregando ao alcoolismo ou ao vício em drogas se ela não estivesse por perto para vigiar. Dizia que era nosso dever protegê-lo. Eu me pergunto se, caso mamãe soubesse que eu também compartilho os genes do meu pai, ela também teria se preocupado comigo. Duvido. Mamãe me considerava totalmente livre de qualquer tipo de fragilidade ou vulnerabilidade emocional. Ela nunca se preocupou em prestar a atenção necessária em mim. Hoje, desconfio de que o motivo pelo qual ela nunca revelou que eu era adotada foi porque achou que eu abandonaria Edward ao próprio destino se soubesse que ele não era meu irmão de sangue. Mamãe não me contou a verdade em uma tentativa desesperada de garantir que houvesse alguém para cuidar do filho dela após a sua morte.

Eu costumava pensar que o que distinguia a infância de Edward da minha era a maneira como havíamos reagido ao vício do meu pai. Tenho certeza de que um psicólogo amador alegaria que aquilo me levou a ser mais séria do que o normal para minha idade, a querer ter o controle total da minha vida, a me julgar — e aos outros — em alto grau. Da mesma forma, o mesmo psicólogo alegaria que isso fez Edward ser impulsivo, irresponsável e carente. Desconfio que uma análise dessas talvez seja mais certa do que estou preparada para admitir. Mas não tenho certeza, agora, se esse foi o único diferencial. Acho que o que tornou minha infância diferente da de Edward foi que eu nunca fui amada, e ele foi.



Chega. Eu tinha tomado uma decisão. Pego meu notebook e escrevo dois e-mails: um para o sr. Brinkworth e outro para os advogados de Edward. Sugiro uma reunião em território neutro. E deveria acontecer o mais rápido possível, tendo em vista meu parto iminente. Tomo banho, lavo os cabelos, me visto e saio para comprar pão e leite. Quando volto, encho a lava-louças e a máquina de lavar roupa, depois levo um tempo arrumando o apartamento. Finalmente, quando a ordem está restaurada, esvazio uma caixa de papelão que está no armário embaixo da escada e guardo a urna com as cinzas de mamãe dentro dela. Amasso folhas de jornal para preencher firmemente os espaços vazios. Lacro a caixa várias vezes, usando quase um rolo inteiro de fita adesiva, então, escrevo o nome de Edward e o endereço da casa de mamãe em cima, com caneta preta de ponta grossa. Contrato uma empresa de transporte, pela internet, para pegar a caixa e entregar em Birmingham. Não seria apropriado continuar com as cinzas de mamãe. Ela ia preferir que ficassem com seu o filho. É lamentável, mas não é uma grande perda. A urna jamais seria mais do que um banquinho para mim.

26

Encho um copo com água da jarra que foi colocada no meio da mesa de reunião, tomo um gole e abro o zíper da minha pasta. Estou começando a desejar não ter chegado tão cedo ao escritório do mediador. Achei que poderia obter vantagem tática fazendo isso, porque assim escolheria o melhor lugar para me sentar, e teria tempo de me organizar antes que Edward chegasse. Mas a espera só ajuda a aumentar meu nervosismo. Bobagem. Não há razão para estar ansiosa, sei exatamente o que vou dizer.

A azia está me atormentando desde que acordei. Decidi pular o café da manhã, mas estou lamentando a decisão. O som do meu estômago roncando é estrondoso. Além da fome e do mal-estar simultâneos, estou experimentando o incômodo desconfortável de um aperto na barriga. Começou antes de ontem. Li tudo a respeito: são contrações de Braxton Hicks — contrações de treinamento —, uma maneira de o corpo se preparar para o que terá que fazer nos próximos dias. Quero que essa reunião termine e estar segura de volta em casa.

Olho ao redor da sala de reunião estéril: a mesa de reunião comprida, de madeira clara, com uma dúzia de cadeiras combinando, distribuídas em intervalos regulares; o carpete verde espesso, que amortece o som e faz a sala parecer um casulo. Na mesa, além da jarra de água, estão copos, blocos de notas e

canetas dispostos na frente de cada cadeira. Um pouco excessivo. Seremos apenas quatro: o mediador, Edward, o advogado dele e eu. Foi o sr. Brinkworth que sugeriu essa firma de advocacia para atuarem como mediadores. Ele já conhecia o trabalho deles e gostara do que vira. Mas disse que não adiantaria nada ele mesmo estar presente. Se Edward e eu entrarmos em um acordo, ele estará, sem admitir negligência, pronto para lavrar o termo de consentimento e arcar com os próprios custos. Sua oferta de não ser ressarcido financeiramente me diz que, ao menos em parte, ele se sente responsável por aquela confusão.

Pouco depois das onze horas, a porta se abre e um homem asiático, elegante, com uma pasta de couro marrom cintilante entra. Ele é seguido por Edward, que carrega uma pasta de papelão manchada de chá, com a ponta amassada. Meu irmão parece constrangido, deslocado naquele ambiente profissional. Ele está usando mais uma vez a roupa que se tornou seu conjunto para ocasiões formais: jeans preto, camisa e blazer; o cordão de couro com pontas de metal no lugar da gravata; e botas de caubói pretas. Posso sentir a inconfundível fragrância de *eau de pub* que o precede por onde passa.

— Oi, maninha — diz ele, fingindo estar tranquilo enquanto segue o outro homem até o lado oposto da mesa. — Ah, espera, não posso mais chamar você assim. Como vai, Suze? Não falta muito, pelo que vejo.

Percebi que ele havia treinado o que diria no caminho até ali.

— É — digo. — Obrigada pela preocupação.

— Sou o advogado do sr. Green, Sajid Iqbal — diz o homem elegante. Ele se inclina sobre a mesa com a mão estendida. — Sei

que não tem uma representação legal, srta. Green, mas não se sinta em desvantagem. Estou aqui apenas para ouvir e fazer anotações, e para dar algum conselho ao meu cliente, caso ele deseje.

— Posso lhe garantir que não me sinto em desvantagem.

— Nossa, quanta elegância, não? — diz Edward, empurrando a cadeira para trás, esticando as pernas e entrelaçando os dedos atrás da cabeça.

Aquela expressão de indiferença costumava me irritar, mas agora a vejo pelo que realmente é — uma cena. Ele está tão desconfortável quanto eu. Reparo como Edward parece envelhecido sob a luz forte da sala, como o cabelo dele está ficando grisalho nas têmporas, como as linhas se acumulam no canto dos olhos. Ser boêmio em tempo integral cobra seu preço.

A porta se abre novamente e o mediador entra — uma mediadora, na verdade, uma mulher que parece ter quase sessenta anos, vestindo um terninho cinza, com uma camisa branca, engomada, por baixo. Seus cabelos loiros estão imaculadamente arrumados em uma trança embutida. Ela se senta à cabeceira da mesa, coloca os óculos bifocais que estão pendurados em uma corrente de ouro em volta do pescoço e abre o arquivo que trouxe.

— Bom dia a todos. Sou Marion Coombes. Vou atuar como mediadora para vocês hoje. Prefiro um ambiente informal, por isso sugiro que nos tratemos pelos primeiros nomes. Estão todos de acordo? Ótimo. Devo começar explicando que não é minha função julgar os erros e acertos do caso, mas simplesmente abrir canais de comunicação entre as partes com o objetivo de encontrar um meio-termo. Examinei os documentos e acredito que possamos chegar a um acordo antes do final do expediente. Gostaria de começar

resumindo brevemente os fatos do caso, então cada parte pode dizer o que desejar.

Ela checou as anotações à sua frente.

— Vejo que Susan e Edward são filha e filho da falecida Patricia Green. De acordo com o testamento, Edward tem o usufruto da casa da família. Susan afirma que o testamento é inválido; Edward e o testamenteiro refutam essa alegação. Provas e declarações de testemunhas foram recolhidas de ambos os lados e chegou-se a um impasse. A próxima etapa seria uma audiência em tribunal. Isso está correto?

Assinto. Edward e o sr. Iqbal trocam sussurros.

— Apenas para garantir que todos os fatos sejam conhecidos — diz Edward, correndo uma unha manchada de nicotina ao longo da madeira da mesa de conferência —, Susan não é filha da minha mãe, ela é adotada. Não tem nenhum vínculo biológico conosco.

— Ah, sim — confirma a sra. Coombes. — O reverendo Withers levanta essa questão no depoimento dele. Deseja replicar, Susan?

Posso sentir outra contração de treinamento chegando. É como se um cinto largo tivesse sido colocado ao redor do meu abdômen e estivesse sendo apertado cada vez mais. Tento respirar de forma constante e ritmada, para aguentar a contração, e ela se abrandava.

— Sim, eu sou adotada — digo —, mas não estava ciente do fato até muito recentemente. Gostaria de acrescentar, porém, também para que todos os fatos sejam conhecidos, que *tenho* vínculos biológicos com minha mãe, a sra. Green, e com meu irmão.

— De onde você tirou isso? — pergunta Edward.

— Tia Sylvia é minha mãe biológica. Portanto, mamãe era minha tia biológica, assim como minha mãe adotiva.

— Tia Sylvia é sua mãe? Você não pode estar falando sério.

— Pareço não estar?

— Bem, não posso dizer que vejo a semelhança de família, ou de personalidade, mas vou acreditar na sua palavra. Um dia você é minha irmã, no dia seguinte não é nem minha parente, e agora é minha prima. É uma verdadeira montanha-russa.

Ele dá um riso nervoso e olha ao redor da sala. Ninguém mais está rindo.

— Há outra curva nessa história. Ou talvez seja uma reviravolta. Eu sou sua irmã.

— Como assim?

— Temos o mesmo pai.

— O quê? Papai e tia Sylvia? Agora você realmente *surtou*. Ele sempre dizia que ela era uma cabeça de vento. Silvie Sonsa. Papai nunca teria transado com ela.

— Posso garantir a você que eu não inventaria uma coisa dessas. Se não acredita em mim, pode ligar para tia Sylvia.

A sra. Coombes e o sr. Iqbal estão fazendo anotações.

— Bem — diz a sra. Coombes, erguendo os olhos do papel. — Tivemos algumas revelações muito interessantes aqui, embora ainda tenhamos que ver aonde vão nos levar. Ao que parece, Edward, Susan é sua prima e meia-irmã natural, além de ser sua irmã adotiva. Você aceita o que ela contou?

— Acho que sim — Edward parece desconcertado. Noto que está com um tique no olho esquerdo. Ele o esfrega com o punho. — Sim, tudo bem. Não sei bem o que fazer com essa informação, mas tudo bem. Não que isso mude nada. Quer dizer, ela continua não sendo

filha biológica da minha mãe. Desculpa, Suze, mas é assim que as coisas são.

— Você está certo, Edward. Eu não era filha verdadeira dela. — Eu me viro para a sra. Coombes. — Tem algo que eu gostaria de dizer antes de perdermos mais tempo. Pode ser?

— Sim, claro. Não há regras de procedimento aqui. Continue.

Eu me dirijo novamente ao meu irmão.

— Edward, vou ser totalmente franca. É difícil para mim, e essa será a única vez que vou dizer isso a você, e provavelmente a qualquer outra pessoa, portanto, ouça bem. Quando eu descobri que era adotada, fiquei arrasada. Admito isso. Foi como se um martelo estilhaçasse a memória da nossa infância em pedaços. Eu me vi dominada pela incerteza. Mas, depois de um tempo, percebi que era algo que precisava acontecer, que deveria ter acontecido há muito tempo. Passei dias revirando pensamentos, sentimentos e eventos. Na tentativa de colar cada caco de novo, tive que examinar lembrança por lembrança para ver como se encaixava na nova imagem. Olhei com uma nova perspectiva para meu relacionamento com papai e com mamãe, e até mesmo com você. Há coisas sobre o comportamento do papai em relação a nós que tentei por anos evitar pensar. E não preciso te dizer o quê; você sabe. No que diz respeito à mamãe, vi claramente que ela nunca me amou da mesma forma que amava você.

Edward franze os lábios e balança a cabeça. Eu o ignoro e continuo:

— Isso me forçou a pensar de novo no que ela iria querer que acontecesse após sua morte. Ainda acho que estou certa quando digo que o sr. Brinkworth deveria ter pedido a opinião de um médico

antes de elaborar o testamento de alguém com demência, e que você pressionou, ou pelo menos influenciou, a mamãe a fazer um testamento. Se eu quisesse, poderia continuar com o caso no tribunal para tentar provar isso. Mas cheguei à conclusão de que, apesar da minha crença sobre a falta de validade do testamento, o conteúdo dele provavelmente não é inconsistente com o que ela desejava. Mamãe estava totalmente ciente de que você é incapaz de cuidar da própria vida...

— Obrigado, Suze.

— ... e ela gostaria que você tivesse um lugar seguro para viver depois que ela partisse, mesmo que isso significasse que eu nunca receberia minha parte da herança. Não vim aqui para negociar. Vim para informar você da minha decisão. Decidi que não vou mais levar o caso adiante. Você pode ficar na casa pelo tempo que quiser, pelo resto da vida se assim desejar. A minha única condição é que você pague pelos seus próprios custos legais. Não vou ficar falida por causa da conduta duvidosa de outras pessoas. Pode pedir ao sr. Brinkworth para redigir uma ordem de consentimento para eu assinar.

Meu irmão está em silêncio. Não consigo ler sua expressão. Esperava que ele pulasse de alegria.

— Isso significa que você ganhou, Edward, caso não tenha entendido o que eu falei. Conseguiu o que queria.

— Bem, essa é uma atitude muito significativa da parte da Susan — diz a sra. Coombes. — Eu não esperava uma concessão tão relevante de maneira tão rápida. Edward, você gostaria de discutir com seu advogado a oferta de acordo antes de responder?

Edward se inclina para a frente e coloca os cotovelos na mesa.

— Não há necessidade. Eu também não vim aqui para negociar. Mas vamos ao que importa, primeiro: quero repetir, Suze, que não pressionei de forma alguma a mamãe para que fizesse um testamento. Sei que você nunca vai acreditar em mim, porque sempre achou que eu fosse um trapaceiro, mas use o bom senso. Se eu fosse tentar forçá-la a fazer um testamento, você não acha que eu garantiria que ficaria com tudo, em vez de ter apenas o direito de morar na casa e receber metade do valor do imóvel quando eu me mudasse? Isso nunca te ocorreu? Mas a principal coisa que deveria saber, Suze, é que eu nunca quis ficar naquela casa depois que mamãe morreu. Antes de mais nada, eu só voltei a morar lá porque ela precisava de alguém que a ajudasse. Odeio a porra daquele lugar.

O sr. Iqbal tossiu educadamente.

— Desculpe o palavreado — disse Edward para a sra. Coombes. — Mas aquela casa só traz lembranças ruins. Quando estou lá, me sinto deprimido. E não é só isso, ela é grande demais para mim; e não aguento os vizinhos insuportáveis, sempre me pedindo para diminuir o volume da música à noite; e ainda tem um jardim enorme para cuidar. Odeio jardinagem. Além disso, mesmo se eu quisesse morar lá, não tenho como arcar com as despesas: o imposto municipal é altíssimo, e as contas de aquecimento são astronômicas. Eu encontrei um estúdio incrível no centro da cidade, onde se paga uma taxa de manutenção e não é preciso fazer nada. Estou planejando vender a casa e usar a minha metade do dinheiro para comprar esse apartamento, e então alugá-lo enquanto viajo por uns dois anos. Preciso sair daqui, preciso de um pouco de sol. Estou pensando em ir para o sudeste da Ásia. O aluguel do apartamento

vai pagar pelas despesas. Procurei agentes imobiliários há alguns dias, e eles já foram tirar fotos da casa. Dizem que é uma área muito procurada por famílias por causa das boas escolas locais. Devo estar no exterior antes do início do verão.

Ele se recosta na cadeira de novo.

— Então, na verdade, Suze, *você* ganhou.

Não era isso que eu estava esperando. Demoro alguns minutos para entender o que Edward disse. A espera está quase acabada. Vou ter minha herança. Mas aquilo não faz sentido nenhum.

— Se você odeia tanto a casa, por que falou que queria continuar morando lá? Por que não concordou em colocar à venda imediatamente? Por que tem lutado contra o processo judicial?

— Sei lá. Hábito, eu acho. Nós dois sempre brigamos. É o que nós fazemos. Quando vi como você estava furiosa comigo por causa do testamento, fiquei irritado. Você me magoou com suas acusações malucas. E quanto mais você me atacava, mais eu queria insistir. Eu queria esfregar o seu nariz no testamento. A culpa é sua. Se você tivesse sido legal desde o início, não estaríamos aqui hoje. Você teria conseguido o que queria meses atrás.

— Isso é muito absurdo. Nem mesmo eu teria acreditado que nem mesmo você seria capaz de ser infantil a esse ponto. Perdemos todo esse tempo, esforço e dinheiro só porque você queria sair por cima?

Edward ri.

— Mas nós nos divertimos, não foi, Suze?

— Ora, isso é bastante incomum — diz a sra. Coombes. — Acho que nunca estive envolvida em um caso como este antes, em que ambos os lados admitiram tão prontamente a derrota. Então, deixe-

me resumir a posição de vocês. Edward, você vai deixar a casa e colocá-la à venda. Sob os termos do testamento da sua mãe, isso significa que o resultado da venda será dividido entre vocês dois. O processo judicial será encerrado por um requerimento à Seção da Chancelaria. Todos vão arcar com os próprios custos. Vocês dois estão de acordo?

A mediadora passa os olhos pela mesa.

— Não acredito que Edward foi tão longe, mas, sim, por mim tudo bem — digo. O que é um eufemismo. Está mais do que bem.

— Por mim também está ótimo — confirma Edward.

— Obrigada a todos pela abordagem sensata e prática na reunião de hoje, que terminou com um resultado geral muito satisfatório. Bom dia a todos.

A sra. Coombes pega seu arquivo, se levanta e sai da sala, se despedindo com um aceno gracioso de cabeça.

— O trabalho mais fácil que ela já teve — comenta Edward, se levantando e se espreguiçando. Seu nervosismo sumiu. Ele parece relaxado, satisfeito.

— Obrigado, cara — acrescenta, virando-se para o sr. Iqbal e apertando a mão do advogado. — Desculpe se não teve muito o que fazer, mas eu precisava de você aqui no caso de ela tentar aprontar alguma. Com a minha irmã, nunca se sabe. — Ele lança um olhar travesso para mim.

O sr. Iqbal diz que se correr consegue pegar o trem de uma da tarde de volta para Birmingham. Depois de fechar a pasta, e polir rapidamente as marcas de dedo no couro com a manga do casaco, ele sai apressado. Edward continua por ali, observando enquanto eu guardo os papéis na minha pasta.

— Então... — diz ele.

— Então o quê?

— Para quando está previsto o nascimento do bebê?

— Para ontem.

— Cacete. Não admira que você esteja do tamanho de um elefante.

— Obrigada.

— Sem ofensas.

Sinto outro aperto na barriga, mais forte do que antes. Inspiro, faço uma pausa e expiro. Inspiro, faço uma pausa, expiro. Essa demora um pouco para passar.

— Está entalada? Consegue sair da cadeira sem problemas?

— É claro que consigo.

Eu me esforço para levantar, usando a borda da mesa como apoio. Saímos do escritório de advocacia e descemos juntos no elevador até o térreo. Um silêncio constrangido paira entre nós. Quando entramos no saguão com piso de mármore, Edward puxa a manga do meu casaco.

— Sabe, Suze, você está errada. Ela também amava você. Por que deixaria metade de tudo para você se não amasse? Você e a mãe só tinham um tipo diferente de relacionamento. Para ser franco, eu sentia ciúmes do jeito que ela tratava você. Como uma igual. Não é tão divertido quanto pode parecer, estar sempre na posição de filho irresponsável. A mãe sabia que você não precisava da ajuda dela, que você ia se dar bem na vida.

— Não é assim que eu vejo as coisas. Mas nunca saberemos. Nem sempre acho fácil entender as motivações das pessoas.

— Somos dois então.

Descemos os degraus até a calçada diante do prédio. Hesitamos.

— Bem, boa sorte com o parto e tudo o mais.

Parece artificial e forçado, mas digo assim mesmo:

— Obrigada. Boa sorte com a viagem.

É isso. Esse é o momento em que me despeço do meu irmão e seguimos caminhos separados, para nunca mais incomodarmos um ao outro. Mas parece que o destino tem outros planos.

— Ah, não — digo com um arquejo.

Começa como um gotejar quente, rapidamente se torna um fluxo contínuo, então um jorro que cai na calçada entre minhas pernas, molhando meus sapatos.

— Você está de sacanagem comigo. Isso é o que eu acho que é?

— Ah, inferno.

Tudo o que consigo fazer é ficar parada ali, olhando para a poça criada por mim.

— O que a gente faz?

— Não sei.

— Você está tendo o bebê?

— Não sei.

— Você tem que saber. Está tendo contrações?

— Já estou tendo há uns dois dias, bem leves. Mas estão ficando mais fortes.

— Tudo bem, não vamos entrar em pânico. As pessoas fazem isso o tempo todo. Meu carro está estacionado perto daqui. Vou te dar uma carona para o hospital.

Ele pega meu braço e passamos por cima da poça, que está começando a escorrer em direção ao meio-fio.

— Só uma coisa...

— O quê?

— Se você der à luz no meu carro, deduzirei o custo de uma limpeza completa da sua parte na venda da casa.

27

Enquanto tento falar com Kate ao telefone, Edward se diverte com seu papel no drama que se desenrola, encantado por ter uma desculpa para fechar outros veículos, furar todos os sinais e usar a buzina com gosto. Em determinado momento, ele se inclina para fora da janela e berra com uma senhora idosa que está cruzando a faixa de pedestres, dizendo para ela acelerar o passo porque a irmã dele está prestes a dar à luz dentro do carro. Em uma ocasião diferente eu teria ficado furiosa e me sentiria humilhada por me encontrar à mercê de Edward, mas — sinceramente — de que adiantava?

Minhas contrações ficaram diferentes desde que entramos no carro. A sensação é desagradável, em vez de agonizante; mais como uma dor forte nas costas, combinada com dor de estômago e cólicas menstruais. A cada contração, minha barriga fica dura como pedra. Consigo lidar com tranquilidade com aquilo, mantendo a respiração estável. Estou no controle.

Na minha terceira tentativa, Kate finalmente atende ao telefone. Ela diz que vai mandar as crianças para a casa de uma amiga e me encontrar no hospital com meus documentos para a maternidade e a bolsa com tudo de que preciso, que eu já tinha deixado preparada havia pelo menos um mês. Depois que desligamos, uso o celular

para cronometrar as contrações. Estão com cerca de cinco minutos e meio de intervalo e duram cerca de trinta segundos.

— Vá devagar — digo a Edward. — Ainda não cheguei no estágio que preciso ir correndo para o hospital. Ainda falta um tempo até o bebê chegar.

— Tem certeza? — Ele tira um pouco o pé do acelerador.

— acredite em mim, Edward, eu não mentiria. Não faz parte do meu plano de parto que você traga o meu bebê ao mundo.

— Ufa. Bem, podemos fazer um pequeno desvio, então. Há uma loja de discos aqui perto que estou querendo conhecer há tempos.

Digo a ele para esquecer a ideia. Não tenho a menor intenção de ficar sentada no carro, entediada e sentindo dor, enquanto ele passa horas babando em cima de vinis raros. Em resposta, Edward faz uma curva à direita rápido demais. Eu tombo na direção dele, agarrando as bordas do meu assento para me equilibrar. Edward fica emburrado pelo resto do caminho.



Quando conseguimos encontrar uma vaga no estacionamento para pacientes, estou achando o incômodo mais desafiador. Uma contração de intensidade inesperada me atinge enquanto cruzamos a área movimentada do saguão do hospital. Eu paro e agarro com força o braço de Edward.

— Ai, isso dói — diz ele.

— Digo o mesmo.

Quando a contração passa, entramos na fila do elevador, e estamos quase chegando ao fim do longo corredor que leva até a maternidade quando uma nova contração surge. Agarro o braço de

Edward de novo, enquanto ele explica a situação para a mulher atrás do balcão. Uma parteira de cabelos escuros, que se apresenta, com um sotaque espanhol, como Claudia, nos leva até um quarto pequeno e me diz para me acomodar na cama. Edward se deixa cair em uma cadeira no canto, aliviado por estar me entregando aos cuidados de outra pessoa. Depois que Claudia cronometra as contrações e mede minha pulsação, temperatura e pressão arterial, explico o meu plano de parto a ela. Completamente natural: sem interferência médica, sem alívio artificial da dor e sem medicamentos, em *nenhuma* circunstância. Sei como os médicos e as parteiras gostam de assumir o comando, e estou decidida a impedir uma cascata de intervenções. Ela sorri enquanto faz as anotações. Em seguida, pede que eu vista uma camisola do hospital, e diz que, depois disso, vai apalpar minha barriga e fazer um exame de toque. Digo a Edward para esperar do lado de fora.

— Não tem problema o seu acompanhante do parto ficar, se você quiser — diz ela.

— Ele não é meu acompanhante do parto, é meu irmão.

— Talvez seja melhor não, então. Mas é lindo ver um irmão apoiando a irmã.

Ela apalpa meu abdômen e, em seguida, checa a dilatação do colo do útero. Três centímetros, diz. Tenho um longo caminho pela frente. Claudia diz que vai voltar mais tarde para ver como está a progressão do parto. Edward retorna quando estou tendo outra contração. Eu seguro o braço dele mais uma vez e respiro pausadamente. À distância, posso ouvir uma mulher gritando e outra fazendo barulhos que parecem mugidos. Não tenho a menor intenção de me comportar dessa maneira. Sempre suportei muito

bem a dor. Toda vez que ralava o joelho quando criança, eu mesma pegava a caixa de primeiros socorros, limpava o machucado e fazia um curativo. Edward, na mesma situação, estaria gritando pela mamãe.

— É engraçado, eu estar aqui te ajudando quando você está em trabalho de parto, depois de tudo pelo que passamos — comenta meu irmão, quando solto seu braço.

— Nossa, estou achando hilário.

— Sabe, eu senti sua falta, de um jeito estranho, mas senti.

— É difícil acreditar nisso.

— Mas é verdade. Mamãe era o nosso ponto em comum. Nos últimos meses eu andei pensando que, agora que ela se foi, talvez a gente nunca mais se visse. E quando penso nisso acho meio, sabe, meio triste. Com quem eu vou discutir, se não com minha própria irmã?

— Tenho certeza de que você não terá problemas para encontrar alguém. E a propósito, nem todos os irmãos brigam. Não precisa ser assim.

— Eu sei, mas ficamos em desvantagem desde o início. Fomos pré-programados para brigar, com a mamãe o tempo todo preocupada comigo, e você sendo a filhinha amada do papai.

— Nunca fui a filhinha amada do papai. Ele nos tratava do mesmo jeito.

— Era óbvio que você era a menina dos olhos dele. Era estudiosa, como ele, e calma, atenciosa, bem-comportada. Eu não passava de um encrenqueiro, no que dizia respeito a ele. Jamais poderia competir com a senhorita perfeitinha.

— Ele não se importava com nenhum de nós dois, Edward. Só queria saber de onde viria o próximo drinque.

— Parece que, mais uma vez, nós nos lembramos das coisas de forma diferente. Mas a verdade é subjetiva, cada um tem a sua própria versão. Talvez tanto a minha quanto a sua sejam igualmente válidas.

Aquilo era atipicamente profundo para meu irmão.

— Talvez — concordo. — Mas a minha verdade é um pouco mais válida do que a sua.



Depois da próxima contração, digo a Edward que ele já tinha cumprido com o seu papel me levando até o hospital, não tinha motivo para continuar por ali. Ele diz que acha que deveria ficar, que eu preciso ter alguém comigo.

— Tudo bem, então — digo. — Mas só até a Kate chegar, não mais do que isso.

— Ótimo. Vou dar uma saidinha para fumar um cigarro rápido e volto antes da próxima contração.

Ele não volta a tempo. Eu me curvo, cerro os dentes e agarro o lençol. Não vou fazer barulho. *Não vou*. O corpo feminino é projetado para o parto, portanto a dor não pode ser mais do que conseguimos suportar. Concentração. Conforme a dor da contração volta a diminuir, percebo, através da janelinha do outro lado do quarto, que já está escuro. Eu me sinto sozinha. Edward tem razão, preciso de alguém para me ajudar. Não quero passar por tudo isso sozinha.

Nem é preciso dizer que quero a minha amiga Kate aqui comigo — ela vai ser uma presença calma, competente e tranquilizadora. Além disso, Kate já passou por essa situação, sabe o que está acontecendo. Mas não consigo parar de pensar em Rob. Sei que ele não seria muito útil em termos práticos, mas Rob me faz sorrir, apesar de mim mesma. Penso em tudo o que ele fez por mim nos últimos meses: ajudar com as coisas de mamãe, guardar os móveis na casa dele, me levar de um lado para outro, cuidar de mim quando fiquei arrasada com a notícia da minha adoção, telefonar e mandar mensagens de texto quando eu não conseguia dormir, continuar por perto, apesar da minha frieza e da desaprovação de Edward. Eu penso se algum dia já agradei a ele por alguma dessas coisas. Agora se tornou óbvio para mim: quero Rob ao meu lado neste momento, e depois também. Não é exatamente uma revelação. Acho que já sabia havia muito tempo, mas não queria admitir que eu, assim como todo mundo, posso estar sujeita a sentimentos tão irracionais, sentimentos que arrancam a nossa armadura e nos deixam expostos e vulneráveis. Posso mesmo permitir que isso aconteça?



Depois do que parecem horas, mas provavelmente foram apenas alguns minutos, Kate entra correndo e joga minha bolsa na cadeira. Ela parece tensa.

— Aqui estamos nós de novo. Como está indo? — pergunta, e se senta na beira da cama. — Você parece quente. Espera um instante.

Ela pega uma flanela na minha bolsa, molha na pia e coloca na minha testa. Outra contração — Kate me deixa segurar suas mãos,

com força. Eu me escuto soltar pequenos grunhidos estranhos, enquanto contenho os gritos. Quando a contração passa, eu relaxo.

— Achei que seu irmão estaria aqui. Por acaso ele abandonou você aqui e foi embora?

— Sem chance. Edward não é do tipo que perde um show de graça; ele vai querer ficar para ver o fim do espetáculo. Falando no diabo — acrescento, quando Edward se aproxima.

Meu irmão e minha amiga nunca se encontraram antes. Ele mira Kate de cima a baixo, avaliando; ela faz o mesmo, desaprovando. Uma expressão de resignação cruza o rosto de Edward quando ele percebe que Kate sabe muito sobre ele.

— Você pode ir, agora que Kate chegou — aviso a ele.

— Acabei de perguntar à parteira — diz Edward. — Ela disse que você pode ter duas pessoas com você.

— Se manda, Edward. A ideia de você me apoiando durante o parto é tão bizarra que chega a ser cômica.

— Bem, posso então esperar do lado de fora, para o caso de você mudar de ideia?

Recuso, e ele parece frustrado. Quando Edward já está saindo do quarto, eu o chamo e pergunto se ele se importaria de avisar a Rob que o bebê está a caminho. O rosto do meu irmão se contorce em uma careta instintiva de desaprovação, mas ele deve ter feito o que eu pedi, porque em poucos minutos o celular toca. Estou no meio de uma contração tenebrosa, então Kate pega o celular na minha bolsa e atende. Ela me diz que Rob está jogando algumas coisas dentro de uma mochila e correndo para a van. Peço para que diga que ele não precisa se dar ao trabalho, mas Rob não dá atenção. Para ser honesta, esse é um momento estranho para tomar uma decisão

crucial na vida, mas talvez tenha algo de verdadeiro sobre as escolhas baseadas no instinto, em vez de em uma organização meticulosa. Tenho a sensação de que não vou me arrepender.

— Diga a ele que sim — peço para Kate em um arquejo, quando ela está prestes a encerrar a ligação.

— Sim, o quê?

— Apenas sim.



Há uma mudança de parteira, já que o turno de uma termina e começa o de outra. Claudia me deseja muita sorte para o futuro. A nova parteira de lábios finos parece velha, cansada e entediada — não deve estar muito longe da aposentadoria. Ela se apresenta como Ann, enquanto checa meu prontuário, mal olhando para mim. As contrações continuam a se intensificar; agora chegam a cada três minutos e duram quase um minuto. Após um breve exame, Ann diz que ainda não dilatei o suficiente. Todo esse esforço para nada.

Kate se oferece para massagear meus ombros e minhas costas. Não ajuda em nada, e ser apalpada só me deixa irritada, por isso peço que pare. Tenho um aparelho de eletroestimulação nervosa na minha bolsa, que vai me distrair da dor. Kate pega o aparelhinho, prende os eletrodos adesivos na parte de baixo das minhas costas e me passa o controle. Ligo o aparelho e sinto uma leve sensação de formigamento. A próxima contração está chegando. Pressiono o botão “aumentar voltagem” na máquina. A contração me atinge e me pego fazendo ruídos estrangulados como os de um animal.

— Não funcionou — comento em um arquejo, enquanto a contração diminui. — Não adiantou droga nenhuma.

— Talvez você deva colocar no máximo. Passe para mim.

Ela gira um botão, e a sensação de formigamento se intensifica. É tão irritante quanto a massagem, mas resisto. Enquanto esperamos pela próxima contração, Kate dá uma olhada na minha bolsa para ver o que guardei ali.

— Ah, Bananagrams, o jogo de palavras. Que boa ideia.

— Não, não é — retruco com um gemido, enquanto a dor começa a aumentar de novo. — Jogue pela janela. Não quero brincar de jogos idiotas.

Aperto o botão “aumentar” do aparelhinho de eletroestimulação quando a contração atinge o auge. Comparado com a intensidade do que meu corpo está fazendo comigo, a estimulação tem tanto efeito quanto alguém me fazendo cócegas com uma pena. Minha respiração fica acelerada e ofegante.

— Lembra da técnica de respiração? — pergunta Kate. — Olhe para mim. Inspire pelo nariz, expire pela boca. Entra pelo nariz, sai pela boca.

Eu a ignoro. Sei que essa é a respiração de pânico, que eu deveria ouvir minha acompanhante de parto, mas não consigo. Estou me sentindo tonta. A contração passa e puxo os fios presos aos adesivos.

— Tire essas coisas idiotas de mim. Esse aparelho é completamente inútil. Quem produz esse negócio devia ser processado. Vou ter que aguentar sem nada mesmo.

— Você não precisa. Pode pedir um remédio de alívio para a dor.

— De jeito nenhum. O nascimento é um processo natural. As mulheres conseguiam passar por isso antigamente sem anestesia, e não há motivo para não fazermos o mesmo hoje em dia.

— Sim, mas algumas coisas melhoraram desde então. As pessoas também costumavam morrer no parto.

— Obrigada pela lembrança.

Quando a próxima contração começa a chegar, agarro Kate novamente. Estou começando a me sentir esgotada após todas essas ondas de dor, cada contração maior, mais longa e mais intensa do que a anterior.

Uma eternidade se passa, então Ann entra novamente, dessa vez acompanhada por um aprendiz de parteiro.

— Hum. Só quatro centímetros de dilatação ainda — diz ela ao rapaz, depois de me examinar. — Um progresso mínimo. Claro, mulheres mais velhas sofrem de um risco muito maior de um parto longo e difícil. Os músculos do útero já não funcionam tão bem.

— Está todo mundo tentando me colocar para baixo de propósito?! — pergunto com um grito. — Será que ninguém tem nem uma palavra de incentivo por aqui?

— Você está indo muito bem — diz Ann, sem sorrir.



Depois do que parece ser outra eternidade, há uma batida na porta e Rob entra. Fico feliz em vê-lo — muito mais do que feliz — mas, por algum motivo, esse sentimento se expressa na forma de lágrimas copiosas e catarro. Me ocorre, então, enquanto limpo o nariz na manga da camisola hospitalar, que não estou no meu estado mais atraente. Rob não parece notar; ele se aproxima da cama, se inclina e passa os braços ao meu redor. A pele do seu rosto com a barba por fazer parece fria em comparação com o quarto

abafado. Rob tira o cabelo do meu rosto, que, percebo, está encharcado de suor.

— Receio ser uma péssima companhia hoje — consigo dizer. — E estou prestes a ficar pior — acrescento, enquanto outra contração se aproxima. Agarro as mangas da jaqueta dele.

— Não se esqueça de respirar.

— Fica quieto. Você é tão irritante quanto a Kate — arquejo.

— Andei pesquisando no Google sobre parto — diz Rob, depois que a dor diminui e eu solto sua manga. — Poderia me candidatar a um emprego como médico obstetra, já sou um especialista. — Ele se vira para Kate. — Você quer fazer uma pausa?

— Até que seria bom. Preciso fazer algumas ligações e vou pegar um sanduíche para mim.

— Então, como você está? — pergunta Rob, depois que ela sai. Ele ajeita minha camisola, que está começando a escorregar por um ombro.

— Não muito bem. Já faz horas. Eu deveria estar com quase dez centímetros de dilatação, mas não estou nem perto. Vou acabar tendo que pedir algum remédio para a dor.

— E qual é o problema?

— Queria fazer tudo naturalmente.

— Isso é ótimo, mas se você precisa de um anestésico, então deve tomar. Quer que eu chame a parteira?

Hesito, então concordo. *Fracasso*, não posso deixar de pensar comigo mesma. Então penso, *mas e daí?* Em poucos minutos, o gás hilariante já foi preparado e recebo um bocal para segurar. Inspiro avidamente. E me sinto tonta, como se tivesse tomado alguns copos

a mais de vinho. A agonia não passa, mas agora me sinto mais distante dela. De tudo.

— Então, você recebeu o meu recado? — pergunto a Rob entre as contrações, sentindo a cabeça girar.

— Está se referindo ao “sim” minimalista? Um pouco enigmático.

— Nada enigmático, a menos que você prefira esquecer a pergunta que me fez na van.

— O que você acha? — Ele segura minhas mãos e as beija. — Mas acha mesmo que deveria tomar decisões tão importantes em um momento como esse? Quando você se decidir, quero que esteja totalmente dona de si. Não quero que acorde amanhã pensando “Que diabo eu fui fazer?”.

— Não foi uma decisão impulsiva, seu tonto. É que foi preciso uma situação extrema e assistência farmacêutica para que eu criasse coragem.

— Bem, está decidido então. Vamos ser uma família... você, eu e essa pequena, quando ela decidir aparecer.

Parece incrível: uma família.



Kate retorna em algum momento. O tempo está começando a passar sem que eu me dê conta. O gás hilariante, que ofereceu algum alívio, parou de anestesiar a dor e está apenas me deixando desorientada. As contrações são insuportáveis e desisti de tentar segurar os gritos. Rob se senta de um lado da cama e Kate do outro, os dois segurando minhas mãos. Eles me dizem o tempo todo como estou indo bem, para continuar, que não vai demorar muito agora. Ann aparece para me examinar novamente — quase nenhum

progresso ainda, apesar de todo o tempo que passou. Ela informa que precisamos fazer algo para acelerar as coisas, que vai me colocar em “ocitocina por gotejamento”, o que vai aumentar as contrações e, com sorte, fazer o colo do útero dilatar. Talvez agora seja a hora de mudar de gás hilariante para petidina, diz ela. Já passei da fase de me importar. Só quero que essa agonia acabe e que meu bebê saia em segurança do meu corpo.

Recebo uma injeção na coxa, um cateter é inserido no meu braço, e sou presa a um suporte que injeta o remédio na minha veia. Monitores são presos à minha barriga para medir as contrações e os batimentos cardíacos do bebê. Quando a petidina começa a fazer efeito, a dor ainda está lá, mas parece uma entidade separada do meu corpo. Eu me sinto exultante, voando nas nuvens. Perco o controle das coisas que falo e me pego dizendo a Rob, entre as contrações fortes, que ele é o homem mais gentil, engraçado e doce que já conheci. Que amo seus cabelos desarrumados, seu nariz reto, a verruga em sua bochecha e seus olhos tão azuis. Até me acostumei com a sua altura exagerada. Ele ri. E diz que me ama, que gostou da Susan drogada. E diz que talvez peça a Ann para levarmos um pouco de petidina para casa com a gente. Eu me viro para Kate.

— Lembro que achei Rob um cara muito legal quando nos conhecemos em uma festa universitária. Ele se parecia com o vocalista de uma banda grunge, todo descontraído e seguro de si. Para mim era como se fosse de outro planeta.

— Espere um pouco — diz Rob. — Você disse o tempo todo que não se lembrava de ter me conhecido.

— Ora, eu não posso chegar e admitir que você me deixou impressionada, não é? — digo em um arquejo, quando uma nova contração chega. — Você deveria saber que até *eu* conto mentiras inocentes.



A euforia inicial da droga opiácea diminui e me sinto entorpecida. Quando não estou sofrendo com a dor, fico escutando o batimento constante do monitor de frequência cardíaca do bebê e checando a tela ao lado da cama, onde os números mudam de forma aleatória e uma linha ondulada sobe e desce. Rob e Kate se revezam para falar com Ann e depois tentam me explicar o que está acontecendo. Estou tendo dificuldade em entender o que eles estão dizendo.

Há outra mudança de turno e Claudia está de volta. Ela fica surpresa ao ver que ainda estou ali. A dor está aumentando rapidamente, o efeito da petidina deve estar passando. Claudia diz que houve algum progresso com a dilatação, mas acho que está só tentando me animar. Na contração seguinte, grito que para mim já deu, que não aguento mais. Claudia fala que sabe que deixei claro no meu plano de parto que não queria uma anestesia epidural, mas que a opção ainda existe, e aquilo me deixaria muito mais confortável. Ela pergunta se eu gostaria de reconsiderar a ideia.

— Sim — digo. — Sim, por favor. Por favor, me dê a epidural.

A espera é interminável e perco qualquer autocontrole que me resta. Em algum momento, um anestesista chega. Pedem que eu me sente e curve o corpo para a frente, e recebo uma injeção na espinha. Funciona como mágica — a agonia começa a diminuir, até desaparecer completamente, embora eu fique com a sensação de

que meu corpo correu dez maratonas, ida e volta. Eu me sinto extremamente aliviada pela dor ter passado, mas estou assustada. As coisas saíram do meu controle, nada disso fazia parte do plano inicial. Minha bebê já deveria estar aqui, em segurança nos meus braços. Em vez disso, ela está no limbo, esperando que eu a empurre para fora. E não estou conseguindo. Simplesmente não estou conseguindo fazer isso. Claudia apalpa minha barriga e diz, com o cenho franzido de preocupação, que as minhas contrações estão ficando mais fracas em vez de mais fortes. O ritmo do batimento cardíaco do bebê está menos regular e há silêncios intermitentes. Cada vez que o som para, eu prendo a respiração até que ele recomece. A parteira sai da sala e volta quase na mesma hora com um médico. Eles olham para as impressões dos monitores e trocam sussurros urgentes sobre sofrimento fetal. Rob vai falar com eles, enquanto Kate dá um tapinha tranquilizador no meu braço. Percebo que ela parece exausta. Deve estar ali há quase uma noite e um dia inteiros.

Pessoas se aglomeram em volta da minha cama, e ouço alguém murmurar as palavras "falha de progressão". O médico me diz que o bebê não está feliz, que já se passou tempo demais. Eles precisam realizar uma cesariana de emergência. Eu estou entendendo? Sim, o meu corpo me deixou totalmente na mão dessa vez. Mas o mais importante é que o bebê saia. Entregam para mim uma prancheta com um formulário preso nela. Assino o meu nome sem ler. O médico diz que devemos ir para a sala de cirurgia, e Rob me pergunta se quero ele ou Kate comigo durante a operação. Não consigo responder. Só consigo pensar que quero que a bebê nasça com segurança, o mais rápido possível. Eles devem ter decidido

entre si, porque Rob está ao meu lado enquanto empurram a cama pelo corredor. Ele sussurra palavras de encorajamento, mas minha cabeça está em outro lugar. Meu bebê está preso dentro de mim. Correndo risco.

Uma tela de proteção é erguida acima do meu peito para esconder o que está acontecendo. Rob, que vestiu um uniforme azul como o da equipe médica, se senta em uma cadeira ao lado da minha cabeça. Há muita gente na sala: médicos, enfermeiras, parteiras, todos usando máscaras. Alguém explica para mim o que vai acontecer, mas eu não consigo entender. Estou apavorada. Minha filha está aguentando firme ou o meu corpo fracassou completamente com ela? Escuto murmúrios, ruídos metálicos, e um barulho de sucção, então, sinto um tranco e um puxão. Minha bebê é erguida acima da tela à minha frente, para eu ver. Seu corpinho parece flácido, pálido e arroxeadado ao mesmo tempo. Achei que a entregariam para mim imediatamente, mas ela é levada para outro lugar. Ninguém fala nada e não consigo ver o que está acontecendo. Rob agarra minha mão com força. Há lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Percebo que ele está tentando reprimi-las, tentando ser forte por mim. Isso não é bom. Rob abaixa a cabeça, cola o rosto ao meu e nossas lágrimas se misturam. Fecho os olhos. Então escuto um choro agudo, e logo outro. A parteira aparece por trás da tela com um pacote embrulhado em uma manta branca de algodão e o deposita em cima do meu peito. Vejo um rostinho rosado, e uma boca minúscula se abrindo e fechando, procurando algo para sugar. Minha bebê. Minha linda, linda bebê.

28

Depois que os médicos completam suas rondas matinais, e há uma pausa na agitação da enfermaria, abro o envelope manchado por causa da chuva, que Rob encontrou no capacho da porta da minha casa ontem. Dentro, encontro um cartão de felicitações mostrando uma mulher ao volante de um carro esporte vermelho, a capota conversível aberta, os cabelos loiros voando. Embaixo da imagem, as palavras "Parabéns por ter passado na prova de direção". Abro o cartão e vejo que é de Edward. Tenho dificuldade em decifrar seus garranchos.

Oi, Suze. Rob me contou que deu tudo certo (no fim) e que você me gerou uma sobrinha. Eu passaria no hospital para dar uma olhada nela e ver se ela se parece com o titio, mas um amigo meu acabou de me chamar para trabalhar como roadie da turnê dele, e partimos amanhã. Estou deixando a história da venda da casa nas mãos eficientes do sr. B. Estarei de volta a Brum daqui a uns dois meses, para uma parada rápida antes de partir em minha viagem. Talvez devêssemos fazer alguma coisa com aquelas cinzas quando eu estiver por aqui — espalhar/enterrar/seja o que for. Não consigo pensar onde a mamãe gostaria que fossem deixadas. Você tem alguma ideia? Tia Sylvia talvez saiba, mas ela provavelmente iria querer

construir uma réplica de uma tumba egípcia no quintal. Seja como for, tome uma cerveja por mim, para comemorar. Eu te parabeno melhor quando a gente se encontrar. Se eu lembrar. Bjs. Ed

Viro o verso da folha. Na parte de trás, há um P.S.:

Desculpe pelo cartão. Eu estava com pressa e só li a palavra "Parabéns" na banca de jornal. Mas você pode até ficar com ele — vai me poupar o trabalho de comprar outro se você passar na prova de direção algum dia. Afinal, quem sabe o que você vai inventar agora?

Deixo o cartão em cima de uma pequena pilha de lixo que se acumulou em cima do armário ao lado da minha cama, então mudo de ideia e coloco-o junto dos cartões mais tradicionais que recebi de Rob, Kate e dos meus colegas de trabalho. Cada átomo do meu corpo me diz que não devo deixar Edward chegar nem perto da minha filha — o comportamento dele em relação a mim o destituiu de qualquer direito de fazer parte da nossa vida. Não apenas isso, mas meu irmão seria uma péssima influência quando ela crescer. No entanto, há uma dúvida minúscula, tremeluzindo na minha mente: será que, ao cortar Edward por completo da vida da minha filha, não estarei privando-a de alguma coisa? E isso talvez provoque um vazio na vida dela, e quem sabe até na minha também. Preciso afastar esse pensamento — só pode ser fruto de uma manifestação dos altos níveis de ocitocina que ainda estão circulando no meu sistema. Fico aliviada em saber que Edward está indo para longe.



Richard veio nos visitar. Rob telefonou para ele para contar a boa notícia enquanto eu estava na sala de recuperação do pós-operatório, esperando para ser transferida para a enfermaria. Richard foi ao hospital no dia seguinte e deixou um pacote enorme no pé da minha cama. Como eu não estava em condições de abrir o pacote, ele me contou o que era: um conjunto de química. Disse que sempre quis ter um quando era criança, mas a família nunca teve condições de comprar — a filha dele não teria esse problema. Richard ficou parado ao lado do berço, olhando a bebê por um longo tempo, respondendo às minhas observações com palavras desconexas. Eu disse que ele poderia segurá-la no colo se ela acordasse e ele partiu logo depois. Está em estado de choque. Compreensível, mas com o tempo ele chega lá.



Rob tem andado ocupado navegando em sites de imobiliárias. No horário de visita do hospital, ele tira as botas, estica as longas pernas na cama de hospital, ao meu lado, e liga o iPad para me mostrar os detalhes de alguns imóveis para alugar. Está decidido a ter um jardim de tamanho decente. Na verdade, isso parece estar acima de todos os outros requisitos no que lhe diz respeito. Rob não parece se importar se vamos morar longe do centro de Londres, mas digo a ele que preciso estar a uma distância razoável do meu trabalho. Enquanto ele continua a descer a tela com os imóveis em oferta, repenso a sensatez do nosso plano. Rob precisa ser detido antes que perca mais tempo nessa busca. Digo a ele que cheguei à

conclusão de que aquilo na verdade não é uma boa ideia, que eu mudei de opinião. Rob abaixa o iPad e se vira para mim, o corpo apoiado em um dos cotovelos. Ele diz que sabe que está tudo indo rápido demais, que não quer me apressar, que vai esperar até eu estar pronta. Rob me entendeu mal. Explico: mudei de ideia sobre alugar. É essencial que eu não mude de nível no que se refere ao mercado imobiliário londrino — se descer um nível agora, talvez nunca mais consiga chegar novamente onde estava —, por isso acho que deveríamos comprar. A expressão dele muda rapidamente de séria para animada.

Para diminuir as expectativas de Rob, digo a ele que vamos comprar a propriedade como “inquilinos em comum” e não “inquilinos conjuntos”. Dessa forma, nossa participação no imóvel será definida por lei, o que tornará tudo muito mais fácil se por acaso decidirmos que cometemos um terrível engano. Além do mais, como inquilinos em comum, se um de nós dois morrer, a parte de cada um passa para o parente mais próximo, e não um para o outro. Rob ri quando explico isso a ele, e diz que o que eu quiser fazer está ótimo.

Nossa discussão é interrompida quando minha filha acorda. Seus punhos minúsculos estão erguidos no ar e ela solta barulhinhos de chiado e de choros. Rob a pega no colo e a aconchega, balançando-a e dando tapinhas em suas costas. Ele tem um talento natural e a bebê percebe isso — ele tem cinco sobrinhas, portanto tem prática. Ela se acalma, mas não por muito tempo. Rob só não é o suficiente quando ela está com fome. Ele a passa para mim. Desabotoo a camisola e ela ataca. Eu me inclino e encosto o rosto na penugem que cobre sua cabecinha. Preciso pensar em um nome para ela —

não posso continuar a chamá-la de “minha filha”, ou de “a bebê”. Obviamente, nomes da família estão fora de questão. Não quero dar a ela um nome comum como o meu, mas também não quero nada bobo ou extravagante. E não quero um nome que possa ser abreviado — *isso* pode levar a todo tipo de problemas. Penso em um nome abstrato, talvez, como Hope ou Joy, mas não sou do tipo que fica alardeando sentimentos, mesmo que sejam de esperança e alegria. A primeira sugestão de Rob é “Roberta”. Presumo que aquela fosse a ideia dele de piada. Ele sugere, então, dar a ela nomes já abreviados como Kate, Meg ou Nell. Nell. Pequena Nell. Rob procura o significado: “resplandecente”. Combina.



Nell adormece no meu seio enquanto está mamando. Lembro que o manual de treinamento do bebê diz que devemos acordar os bebês quando eles fazem isso, para que não achem que precisam mamar para conseguir dormir. Como se eu fosse fazer uma coisa dessas. Passo o dedo com todo cuidado pela boquinha dela, para soltá-la do meu seio, e a entrego a Rob, para que ele possa colocá-la no berço de plástico transparente ao lado da cama. Ela se mexe, faz uns barulhinhos, mas a missão é concluída com sucesso. Um instante depois, Kate entra pelas portas vaivém pesadas da enfermaria, trazendo Noah no colo junto ao quadril e Ava pela mão. Ava olha para Nell, o nariz colado na lateral do berço. Noah se senta no colo da mãe e brinca com um livro de pano enquanto conversamos. Kate diz que, quando estive no meu apartamento para pegar roupas de dormir limpas, tia Sylvia ligou. Ela ficou em êxtase quando soube que eu havia tido a bebê. E pediu a Kate que nos transmitisse todo o

seu amor. Também disse que contou às minhas primas que ela é minha mãe, e que as duas ficaram pasmas de alegria. E o mais importante, tia Sylvia insistiu para que Kate me contasse sobre a mudança do nome do bangalô de "Wendine", para "Swendine". Ela já tinha mandado fazer as placas para o portão de entrada e para a varanda, e já estava com os papéis de carta com novo cabeçalho e os cartões de visita. Estava muito ansiosa para que eu soubesse disso.

— Mudando de assunto — diz Kate. — Tenho uma sugestão.

Uma mãe divorciada que ela conhece da associação de mães e bebês contou que estava procurando outra família de mãe solo que quisesse comprar a parte do ex-marido dela da casa em que moravam. As duas mães morariam juntas, então, e poderiam se ajudar com os cuidados com as crianças e as tarefas domésticas. Kate diz que ela é uma mulher incrível e que a casa é boa e não fica muito longe de onde estamos moramos agora. Ela está se sentindo muito tentada. Se realmente resolver fazer isso, Rob e eu podemos comprar o apartamento dela e anexar ao meu imóvel. Não é má ideia. Na verdade, talvez seja uma ideia fantástica. Gosto de onde eu moro, e Rob também.

Kate também me coloca em dia com as últimas notícias sobre a campanha de que está participando contra a retirada de patrocínio para a associação local de mães e bebês. Ela recebeu um e-mail da câmara municipal naquela manhã — o patrocínio será retirado de vez. Aquilo é errado. Kate tinha me contado tudo sobre a associação — as famílias na comunidade contam com ela. Talvez eu mesma venha a precisar dela. Questiono em voz alta se seria possível processar as autoridades locais. Digo a Kate e Rob que, quando

estiver recuperada do parto, vou fazer algumas pesquisas legais e mandar alguns e-mails. E vou telefonar para a minha amiga Brigid, sempre muito útil, para convidá-la para visitar Nell. As pessoas sempre querem ver bebês recém-nascidos.

— Ah, não — lamenta Rob. — Outra maldita disputa legal, não.

— Vou ter muito tempo livre enquanto estiver de licença-maternidade, e posso muito bem usá-lo para uma boa causa. Além do mais, seria uma pena não fazer proveito de todas as habilidades que desenvolvi ao longo dos últimos meses.

— Não tenho certeza se você vai ter tanto tempo livre quanto pensa, Susan — comenta Kate. — Mas agradeço a oferta. — Ela se vira para Rob. — Não fique com essa cara. É diferente dessa vez, é para o bem da comunidade, não uma obsessão pessoal equivocada.

Rob deixa escapar um suspiro teatral.



A hora de visita passa rapidamente naquela noite. Kate, Ava e Noah vão embora, junto com os parentes e amigos dos outros pacientes. Rob deixa suas coisas perto da minha cama, enquanto vai ao banheiro. Ele diz que estará de volta em um minuto para nos desejar “boa noite”. A enfermaria fica silenciosa de novo, ou ao menos o mais silenciosa possível, já que abriga seis bebês recém-nascidos e suas mães.

Estou ansiosa para começar minha nova vida com Nell, mas fui informada de que precisarei passar mais uma noite ali antes de receber alta. Estou dolorida por causa da cesariana, mas será suportável em casa, com um pouco de assistência farmacêutica. Olho para o berço. Nell ainda dorme profundamente, deitada de

costas, o rostinho rosado voltado na minha direção. Seus braços estão dobrados para cima, na altura do cotovelo, e as mãozinhas estão com as palmas abertas, perto das bochechas rechonchudas. As perninhas estão dobradas na altura do joelho e abertas como as de um sapo. Ela tem uma pulseirinha de identificação ao redor do pulso delicado. Fui eu que fiz essa criança, ela pertence a mim. Se eu esticar a mão de onde estou deitada, na cama do hospital, posso acariciar seu rosto, sentir a pele suave e fofa, sendo pouco mais do que uma nuvem de ar quente. Reposiciono delicadamente o Bunnikins, meu velho coelhinho de tricô, que está sentado no canto do berço, tomando conta da Nell enquanto ela dorme.

De vez em quando, Nell se agita um pouco, ou funga. Acho que ela pensa ter voltado ao seu casulo dentro da barriga. Acho que não queria ter saído — já posso ver que somos parecidas nisso. É estranho — desde que ela nasceu, certezas e incertezas trocaram de lugar. Eu tinha certeza de que saberia exatamente como lidar com o lado prático de cuidar de um bebê: como trocar a fralda, como segurá-la quando eu estivesse amamentando, como dar banho, mas admito que me sinto inexperiente e desajeitada. Por outro lado, eu não estava muito convencida de que seria capaz de sentir amor pela minha filha de imediato. E agora acho impressionante que já tenha duvidado disso. Estou começando a compreender como mamãe deve ter se sentido quando segurou o filho no colo pela primeira vez. E como tia Sylvia deve ter se sentido quando me entregou para adoção.

Minha tia (ainda não consigo pensar nela de outra forma) disse que passou uma semana comigo em Rhyl antes que minha mãe e meu pai fossem me buscar. Não tinha como não se afeiçoar a mim

durante aqueles poucos dias. Sei que deve ter ficado surpresa quando sentiu pela primeira vez a corporalidade sólida da criatura viva que havia produzido, e então ficado espantada por seu próprio corpo ter conseguido fazer uma coisa tão impressionante, tão perfeita. Ela provavelmente passou a ver o mundo sob outra ótica e a se perguntar que magia era aquela que permitia que aquilo existisse. Posso ver com clareza na minha mente, tia Sylvia e sua bebê recém-nascida: ela deixa meus dedos se fecharem ao redor do dela, chocada com minha força, tanta que parece que nunca vou soltá-la. E me segura junto ao corpo enquanto me amamenta, me embala nos braços quando fico agitada, e escuta enquanto minha respiração se torna mais lenta e profunda. Tia Sylvia sussurra pensamentos secretos para mim, pensamentos que se sentiria embaraçada de compartilhar com qualquer outra pessoa, e observa o meu peito subir e descer enquanto eu durmo, as pálpebras quase translúcidas oscilando, e se pergunta se estou sonhando. Ela tem sonhos próprios, sobre quem eu serei quando crescer, como será minha aparência, como vou falar, andar. Serei parecida com ela? Ou com meu pai?

Ao me dar conta de tudo o que tia Sylvia deve ter sentido, é difícil entender como ela conseguiu me entregar para a adoção. Ela estava com apenas dezessete anos, vinte e oito a menos do que eu tenho agora. Mesmo com minha força e resiliência, com meus anos de experiência, mesmo sabendo que o tempo, no fim, cura quase tudo, eu não suportaria abrir mão da minha bebê. Como dever ter sido para alguém tão jovem? Posso vê-la beijando o topo da minha cabeça, me passando para minha mãe, então sentindo o peso negativo nos braços, a ausência. Minha tia não teria como voltar

tranquilamente para a vida que tinha antes do bebê — agora haveria um buraco em forma de criança dentro dela. Por que ela não disse “não” quando a ideia foi apresentada? Por que não se recusou a me entregar quando foram me pegar? Quando descobri a verdade, achei que era porque ela se importava mais consigo mesma e com seu próprio futuro do que com o meu, mas agora acho que eu estava errada. Acho que foi porque ela queria o melhor para a filha, mais do que acreditava que seria capaz de oferecer.

Agora que penso a respeito, está claro o motivo de tia Sylvia ir nos visitar com tanta frequência. Sei que ela gostava de passar algum tempo com mamãe, mas seu desejo de *me* ver — de me ver crescendo e mudando — deve ter sido tão importante quanto, se não mais. O fato é que não sou nada parecida com ela. Espero que tia Sylvia não tenha ficado desapontada, espero que compreenda e que perdoe essa minha falta de descontração em relação à vida. No fim, uma pessoa é mais do que apenas os seus genes. Imagino que tenha havido muitas vezes em que ela teve vontade de me contar que era minha mãe. Mas teria sido difícil fazer isso quando havia feito uma promessa à irmã. E como alguém conta à sobrinha que é mãe dela? Por onde começar? Eu me pergunto: serei eu capaz de perdoar tia Sylvia por desistir de mim, por guardar o segredo? Talvez. Não estou eliminando nenhuma possibilidade... vou esperar para ver. O mundo parece maior, de volume mais alto e mais colorido do que há algumas semanas, há alguns dias. No momento, não estou totalmente certa de quem eu sou em relação a isso. Mas tudo bem.



Rob volta do banheiro, guarda o iPad na bolsa de lona, veste a jaqueta e pega suas coisas. Então, tira o celular do bolso de trás da calça e checa a hora.

— Eu queria poder ficar mais — diz —, mas acho que é melhor ir embora antes que a enfermeira responsável me pegue aqui. Já se passaram dez minutos do horário de visita.

Ele se inclina e me beija nos lábios.

— Quem se importa com a hora? — pergunto. — Fique um pouco mais. Puxe as cortinas ao redor da cama e se deite comigo. Ninguém vai saber que você está aqui. Deixe de lado essas regras idiotas.

— O quê? Susan Green dizendo “deixe de lado essas regras”? Quando a gente acha que já viu de tudo na vida...

— Cala a boca e vem.

— “Cala a boca e vem”?

— Cala a boca e vem, por favor?

— Como posso recusar quando você está pedindo com tanto jeitinho?

Ele coloca a bolsa no chão, tira a jaqueta e joga nas costas da cadeira. Observo da cama, recostada nos travesseiros, enquanto as cortinas se fecham lentamente ao nosso redor.

Agradecimentos

A semente que germinou *Susan não quer saber do amor* foi plantada durante meu mestrado em escrita criativa na Universidade Metropolitana de Manchester. Agradeço muito aos meus colegas “Bebedores de Uísque”: Angie Williams, Bryn Fazakerley, Paul Forrester-O’Neill, Saiqa Khushnood e Steven Mephram. Sua amizade, encorajamento e fantásticas habilidades literárias permitiram que esta semente germinasse e encontrasse a luz.

Plantas vicejam mais quando são bem cuidadas. Sou imensamente grata a Jane Finigan por ser tão dedicada a este livro; seu apoio e orientação habilidosa foram indispensáveis. Agradeço também a Juliet Mahony e a todos da Lutyens & Rubinstein por cuidarem dele, especialmente enquanto Jane estava em sua própria jornada na maternidade recente. David Forrer, da agência literária Inkwell Management, também foi outro pilar de apoio pelo qual sou muito grata.

Agradeço do fundo do coração a Lisa Highton, da Two Roads, e a Erika Imranyi, da Park Row Books, por adicionarem *Susan não quer saber do amor* a suas coleções e também por sua confiança, entusiasmo e maravilhosa consultoria editorial — todas as plantas se beneficiam de estar no ambiente ideal, assim como de uma leve poda. Agradeço também a Sarah Christie, Alice Herbet, Jess Kim, Diana Talyanina e o restante da equipe da Two Roads e da John

Murray Press por seu trabalho impecável, que permitiu que este livro florescesse em sua nova casa.

Nada disso teria sido possível sem o apoio da minha família e dos meus amigos, que são solo, água e luz. Agradecimentos especiais a minha querida amiga Beth Roberts — minha inspiração diária —, que me deu a coragem para dar o primeiro passo em um novo terreno, e a determinação para continuar ao longo dos trechos mais difíceis. Por fim, muito amor e gratidão a Simon — meu primeiro leitor — e a Gabriel e Felix, por sua infinita paciência e compreensão enquanto eu estava ocupada cultivando *Susan não quer saber do amor*.

Sobre a autora



© Rachel Ryan

SARAH HAYWOOD estudou Direito e trabalhou como advogada e consultora. Vive na Inglaterra com o marido e os dois filhos. Seu primeiro romance, *Susan não quer saber do amor*, foi publicado após um mestrado em escrita criativa pela Universidade Metropolitana de Manchester e se tornou um best-seller do *The New York Times*. O livro será adaptado para a TV pela Netflix, com Reese Witherspoon no papel principal.